

UNEMAT – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TANGARÁ DA SERRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

LILIANE LENZ DOS SANTOS

***DESCULPE A NOSSA FALHA, DE RICARDO RAMOS, E A FUGA DE EDGAR, DE
EDGAR J. HYDE: UM OLHAR SOBRE CERTAS OBRAS E CERTOS LEITORES
DA LITERATURA JUVENIL CONTEMPORÂNEA***

Tangará da Serra
2015

LILIANE LENZ DOS SANTOS

***DESCULPE A NOSSA FALHA, DE RICARDO RAMOS, E A FUGA DE EDGAR, DE
EDGAR J. HYDE: UM OLHAR SOBRE CERTAS OBRAS E CERTOS LEITORES
DA LITERATURA JUVENIL CONTEMPORÂNEA***

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em Estudos
Literários da Universidade do Estado do
Mato Grosso, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de Mestre
em Estudos Literários.

Orientador: Doutor Aroldo José Abreu Pinto

Tangará da Serra
2015

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Aroldo José Abreu Pinto
Orientador – PPGE/UNEMAT

Prof. Dr. Rosemar Eurico Coenga
Membro – UNIRONDON

Prof.^a Dr.^a Adriana Lins Precioso
Membro – UNEMAT

APROVADA EM: 15/12/2015

Para...

Rogério e Yan

AGRADECIMENTOS

Uma história para lembrar...

Lisy era uma linda borboleta que nasceu em um belo jardim e estava sempre rodeada da família e borboletas amigas. Ela era uma borboletinha especial, a caçula de sua casa, tinha cores vibrantes de verde, vermelho e amarelo nas asas, vivia sempre alegre e passeando pelas flores daquele lugar.

Certo dia o céu ficou escuro, as nuvens mais densas e então veio uma grande tempestade, trovões e relâmpagos assustaram todos os moradores do jardim e cada um se ocupou em proteger e cuidar do lugar onde vivia. A tempestade chegou, durou algum tempo e quando se foi deixou o jardim devastado, as flores quase sumiram, ficou um grande vazio, mas mesmo diante de tanta tristeza alguns insetos maldosos se aproveitaram para tirar daquele jardim tudo o que podiam, deixando seus moradores ainda mais desamparados.

Quando a turbulência passou, as borboletas chefes foram verificar o que restava do local e perceberam que era possível reconstruí-lo. Andando por ali, viram uma certa borboletinha caída no chão; era uma borboleta de asas vermelhas, verdes e amarelas, porém a parte verde da sua asinha estava machucada e ela não conseguia voar. As borboletas chefes correram e pegaram a borboletinha no colo e a entregaram à sua mãe, que a procurava desesperadamente. A mamãe borboleta a acolheu em suas asas e dela cuidou com muito carinho e dedicação.

Lisy estava melhorando, mas tinha medo de voar novamente, seu irmão borboleta a incentivava e cuidava dela para que a mamãe borboleta pudesse trabalhar. A irmã borboleta a ensinava a cuidar do lar e assim os dias foram se passando até que a família de borboletas pudesse ter um lugar seguro pra morar outra vez.

A borboletinha da asa quebrada foi crescendo e sua asa melhorando, ela gostava de visitar as flores por perto, sonhava com o dia que pudesse voar mais alto e mais longe, mas tinha medo de que sua asa não fosse suportar tamanho esforço e, assim, de sua flor preferida, uma margarida amarela e branca, observava a vida passar.

Seu irmão Boby foi caçado pelos colecionadores de borboletas, eles o perseguiram durante meses, pois era uma borboleta rara, mas ele conseguiu escapar. Luly, a irmã borboleta se borboleteou para outro jardim e teve uma linda borboletinha pra cuidar.

O tempo passou. Lisy cresceu e o medo de conhecer novos jardins ainda estava presente em sua vida, tão grande quanto sua vontade de sair e explorar a natureza, até o dia em que conheceu uma bela borboleta azul com detalhes pretos, conhecida cientificamente como *libytheana carinenta*, mas chamada pelos íntimos de Romeu. Ele percebeu as cicatrizes na asa da sua nova amiga e quis saber sua história; ela contou da tragédia na infância e ele mais do que depressa se pôs a ajudar. Procurou todos os tipos de remédio, pois era enfermeiro, mas o que funcionou de verdade foi o amor que dedicou a Lisy e o incentivo de que ela poderia ir para onde quisesse, nas mais altas colinas, pois ele sempre estaria por perto para protegê-la. Mesmo que viessem outras tempestades, ele estaria junto para cuidar dela. Lisy e Romeu se apaixonaram perdidamente e se casaram tempos depois.

Lisy e Romeu formaram um belo casal, cada um lutava pela felicidade do outro e assim viviam felizes, juntos conheceram novos jardins e flores que ficavam em lugares espetaculares, até que certo dia, pousada em uma rosa vermelha, Lisy avistou um belo jardim, Umapá, mas ele estava longe e ela imaginou que ali nunca conseguiria chegar.

Todos os dias Lisy e Romeu iam até aquela roseira para admirar o jardim que causava tanto desejo na borboleta, mas o medo da incapacidade não a deixava avançar, até que um dia Romeu lhe disse:

– Lisy, meu amor, você sabe que sempre fiz e farei tudo para você ser feliz. Se você quer mesmo conhecer esse lugar, vá! Não tenha medo, eu estarei aqui torcendo e fazendo de tudo pra dar certo! Tenha coragem, minha princesa!

– E quanto à nossa borboletinha? Ela é tão pequena ainda, acabou de sair do casulo!

– Ela ficará bem! Temos amigos queridos que nos auxiliarão enquanto você estiver viajando, e sua mãe é maravilhosa. Foi ela que cuidou de você naquela tempestade e cuidará do Yan com o mesmo carinho e dedicação. Ela mesma disse que pode nos ajudar.

– Mas... e minha asa, será que aguenta?

– Olhe para ela, a parte verde já cicatrizou. Há esperança! Vá e trace uma nova história!

Ela se empolgou e começou a se preparar para a viagem de seus sonhos, começou a arrumar sua mala, mas esta ficou muito pesada e Lisy viu que era muito longe e com aquele peso não conseguiria chegar. Nesse momento Ely, uma borboleta amiga que já havia andado pelo jardim Umapá, falou a Lisy:

— Vamos reorganizar sua mala, ela ficará mais leve e assim você vai conseguir chegar ao belo jardim.

As duas refizeram a mala, a arrumação ficou joia e Lisy partiu enquanto Romeu organizava tudo para que ela ficasse protegida, mesmo estando em um lugar distante.

Lisy usou todas as suas forças e chegou ao tão sonhado jardim Umapá. Lá ela olhou, cheirou as flores, se encantou com todas as novidades e conheceu Ary, uma abelha muito poderosa e experiente, que sabia tudo daquele lugar e que se propôs a ajudar Lisy a conhecer e a explorar todas as maravilhas que um jardim pode oferecer. Lisy gostou muito da companhia do Sr. Ary, alguns ali o chamavam de guia, outros de chefe, mas Lisy preferia chamá-lo de orientador, pois ele a orientava em todos os caminhos que devia andar. Porém Ary e Lisy eram de espécies diferentes, ela uma sensível borboleta e ele uma abelha com muita experiência e um afiado ferrão.

Ary levou Lisy por todos os lugares daquele jardim, muitas vezes ela tinha vontade de desistir do passeio porque Ary lhe dava fortes ferroadas, chamava a sua atenção, mas com o tempo ela entendeu que todas aquelas ferroadas a tornaram mais forte e compreendeu que ele fazia aquilo porque queria o seu bem, queria que ela aprendesse a voar sozinha e com segurança por aquele lugar, assim, com a ajuda dele, ela conseguiu explorar o máximo do jardim encantador.

Durante seu passeio Lisy conheceu várias outras borboletas que também estavam viajando por ali e se divertiu muito com elas, mas sua grande amiga foi Lina, ela era amarelinha e vivia em bando, sempre bem arrumadinha e superchamosa. Conheceu também algumas joaninhas, 22 no total, a quem ajudou a compreender algumas coisas sobre a vida e por quem desenvolveu grande apreço.

Um dia o passeio chegou ao fim, Lisy não via a hora de voltar pra casa, sabia que Romeu e Yan a estavam esperando com as asas abertas, doidos de saudade.

Antes de partir, Ary lhe deu os últimos conselhos, se abraçaram e se despediram com a certeza de que construiriam uma forte amizade. Ela bateu suas asinhas e voou alto, feliz por ter conseguido realizar tantos sonhos naquele lugar. Ao chegar ao seu lar, teve uma grande surpresa: não só Romeu e Yan a esperavam, mas todos os amigos e familiares a esperavam com uma bela festa de boas-vindas, com faixa e tudo.

Lisy abraçou e beijou a cada um que estava ali e fez um agradecimento em público dizendo assim:

“Os sonhos devem ser vividos. Eu sonhei em voar alto e longe, mas sozinha nunca seria capaz, por isso agradeço primeiramente a Deus porque Ele me criou e me salvou. Agradeço aos meus familiares, minha mãe que se dedicou tanto à minha pequena família, minha irmã que por algum tempo até assumiu meu filho e meu emprego, ao meu amado

marido que suportou a distância e mesmo de longe me protegeu, cuidou do nosso filho e ainda me deu forças quando eu estava precisando. Agradeço ao meu orientador, o melhor daquele jardim, às joaninhas que fizeram parte da minha pesquisa, aos meus amigos que me auxiliaram de várias formas... todos vocês fizeram o meu sonho se tornar realidade. EU AMO VOCÊS!!!”

Todos se abraçaram e se emocionaram e assim viveram felizes para sempre.

Ou até Lisy querer viajar para um lugar ainda mais distante...

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.

Antonio Candido (2011)

RESUMO

A presente dissertação objetivou ponderar sobre duas obras ficcionais e sobre o horizonte de expectativas de um grupo de alunos com idade entre 13 e 15 anos, pertencentes ao oitavo ano de uma escola de periferia, na cidade de Juara, estado de Mato Grosso. Para atingir tal fim, oferecemos a obra que disseram lhes agradar, *A fuga de Edgar* (2012), de Edgar J. Hyde, e, posteriormente, apresentamos uma obra reputada como literatura esteticamente elaborada pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, *Desculpe a nossa falha* (2013), de Ricardo Ramos, visando perceber se tais textos ficcionais quebrariam e/ou ampliariam o horizonte de expectativas desses estudantes, como também perceber se esses perceberiam a estrutura ausente e os vazios do texto e, por fim, se esses educandos conseguiriam discernir aspectos de uma obra mercadológica ou de uma obra emancipatória. Para isso, nos utilizamos do Método Receptional, que está embasado na Estética da Recepção, e, como suporte teórico, nos fundamentamos em autores como: Jauss (2003); Iser (1996); Lima (2001); Eco (1932); Candido (2011); Bordini (1993), entre outros. Nos utilizamos ainda de questionários, leitura e debate dos livros supracitados. A partir da análise dos materiais colhidos junto aos sujeitos da pesquisa e do estudo da teoria, pudemos encontrar respostas para os questionamentos que deram vida a essa pesquisa, nos permitindo assim ter algumas respostas e muitas outras perguntas a serem respondidas dentro do ambiente escolar em relação à leitura.

Palavras-chave: Literatura juvenil; Estética da Recepção; A fuga de Edgar; Desculpe a nossa falha.

ABSTRACT

This work aimed to ponder two fictional works and the horizon of expectations of a group of students aged 13 and 15, belonging to the eighth year of a school of suburbs in the city of Juara, Mato Grosso. To reach that end, we offer the work they said they please, *The Edgar's scape*, Edgar J. Hyde, and subsequently we offer a reputable work as literature esthetically prepared by the National Fund for Educational Development - FNDE, sorry our fault about Ricardo Ramos pretending to understand if such fictional text would break and / or broaden the horizon expectations of those students, as well as notice if they perceive the missing frame and the empty text, and finally, if these students would be able to discern aspects of a marketing or contract an emancipatory project. For this, we use the Receptcional method, which is based in the Aesthetics of Reception, and as theoretical support, we base ourselves in authors such as Jauss (2003); Iser (1996); Lima (2001); Eco (1932); Candido (2011); Bordini (1993), among others. In still we use questionnaires, reading and discussion of the above books. From the analysis of the materials collected from the research subjects and the study of theory, we realize that students do not know how to evaluate what they like because it does not distinguish even the literary genres and are unaware of the variety of existing works in the library. Therefore, the observation of its real horizon of expectations, is harmed because coming up in primary issues, ie they have shown not appreciate what they have chosen and liked the work that found no interest. Also, empty the text were not always completed and students do not realize what is a marketing or emancipatory text. Faced with this situation, it seems that the school has not fulfilled its role as a promoter of reading in society.

Keywords: Juvenile Literature; Aesthetics of reception; humanization; esteticidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E APONTAMENTOS NECESSÁRIOS PARA COMPREENSÃO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO E RECEPÇÃO DOS TEXTOS.....	19
1.1. A estética da recepção	19
1.2. Os "vazios" do texto e o leitor implícito	24
1.3. Obra aberta: por uma literatura esteticamente elaborada	27
1.4. O caráter "humanizador" da literatura	30
1.5. A produção para crianças e jovens: a mediação da escola e o mercado consumidor	34
1.6. A literatura de massa	36
1.7. A literatura voltada para crianças e jovens e o seu caráter paradidático	39
2. ANÁLISE DE <i>A FUGA DE EDGAR</i> , DE EDGAR J. HYDE	43
2.1. Elementos constitutivos da configuração textual em <i>A Fuga de Edgar</i>	43
2.1.1. A literatura fantástica: explicação necessária	45
2.1.2. A dinâmica dramática intrínseca de <i>A Fuga de Edgar</i> : em busca de um leitor	49
2.1.3. Personagens e o espaço em função de uma premissa inicial .	55
2.1.4. O tempo da narrativa	58
2.1.5. Um narrador e seu ponto de vista a serviço de...?	60
2.1.6. Linguagem e estilo	61
2.1.7. Sobre o autor e a obra	62
2.1.8. Fundamentos histórico-culturais-estéticos do período em que foi criada a narrativa	63
2.1.9. O período da escrita da narrativa	67
3. ANÁLISE DE <i>DESCULPE A NOSSA FALHA</i> , DE RICARDO RAMOS	69

3.1. Elementos constitutivos da configuração textual de <i>Desculpe a nossa falha</i>	69
3.1.1 Uma série em questão	69
3.1.2. A capa: um convite à leitura	80
3.1.3. Recado ao leitor	81
3.1.4. Contracapa e dedicatória	82
3.1.5. O autor explica	83
3.2. Um mergulho na obra de Ricardo Ramos: <i>Desculpe a nossa falha</i> ...	84
3.3. Quem faz a história	94
3.4. O espaço	100
3.5. O tempo	102
3.6. O ponto de vista	103
3.7. Linguagem e estilo do autor	106
3.8. Autor e obra	108
3.9. Fundamentos histórico-culturais do contexto de escrita da obra	109
3.10. Principais autores e obras do período de escrita da narrativa	114
3.11. A crítica social contida na obra	119
3.12. <i>Desculpe a nossa falha</i> e a proposta do FNDE	120
4. PELAS VEREDAS DA RECEPÇÃO: UM ESTUDO DE CASO	122
4.1. A recepção de <i>A Fuga de Edgar</i> e <i>Desculpe a nossa falha</i> pelos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Iara Maria Minotto Gomes	122
4.1.1. Determinação do horizonte de expectativas	124
4.1.2. Atendimento do horizonte de expectativas	129
4.1.3. Ruptura do horizonte de expectativa	134
4.1.4. Questionamento do horizonte de expectativas	136
4.1.5. Ampliação do horizonte de expectativas	137
4.2. <i>Desculpe a nossa falha</i> : em direção à emancipação	146
4.3. <i>A fuga de Edgar</i> : em direção ao mercado	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	155
ANEXOS	158

INTRODUÇÃO

A literatura (...) não corrompe nem edifica, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver.

Antonio Candido (1972)

Todo ser humano tem necessidade de ficção e fantasia. Antonio Candido (1972) afirma que essa é uma necessidade universal e que, de certo modo, é coextensiva ao ser humano, pois aparece de maneira invariável na nossa vida, de forma individual ou coletiva, e traz satisfação das necessidades mais elementares. Essa satisfação está diretamente ligada à leitura, pois ela permite que o ser humano sonhe com aquilo que nem sempre é possível viver e isso está conectado ao horizonte de expectativas do leitor.

Tomamos aqui a expressão "horizonte de expectativas" da Estética da Recepção (1964), que traça uma relação dialética entre autor, obra e leitor. O estudo da Estética da Recepção (1964) teve como precursores Hans Robert Jauss (1921-1997) e Wolfgang Iser (1926-2007). Ela procura manifestar a importância do leitor na coprodução do significado do texto, destacando o ativo envolvimento do indivíduo que lê na atribuição de sentido durante a leitura:

O leitor está colocado em um horizonte de expectativa duplo e ultrapassante do texto, na medida em que, para ele, o texto, como meio, remete para o papel do sujeito constitutivo do texto e ainda para o papel do próprio leitor, que situa em seu próprio campo de ação a possibilidade de ação que o texto lhe sugere. (LIMA, 2001, p. 144)

De acordo com estudiosos do assunto, o leitor tem papel ativo na obra literária, pois através de seu horizonte de expectativas, ou seja, daquilo que conhece e o que já leu, da sua história de vida e do mundo que o circunda é promovida a compreensão do texto lido, visto que ler não é somente decodificar palavras, mas atribuir sentido, essas questões também delimitam que tipo de obra lhes interessa. A expectativa faz com que o indivíduo busque aquilo que lhe é conhecido e que lhe dê prazer, para assim suprir sua necessidade de fantasia. Segundo Jauss,

A obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e não antes disso – colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camada de leitores. (2003, p. 28)

Sendo assim, este estudo busca no seu conjunto observar o horizonte de expectativas de alguns alunos da rede pública de ensino do Estado de Mato Grosso que farão parte deste trabalho, procurando entender o mundo da leitura que os circunda e qual tipo de obra lhes dá prazer. Para tanto, foram selecionados 21 alunos, na faixa etária dos 13 aos 15 anos, que cursavam o 8º ano do Ensino Fundamental, ou seja, 2ª fase do 3º ciclo, no ano de 2014. Esses estudantes fazem parte da Escola Estadual Iara Maria Minotto Gomes, que está situada no bairro Jardim América, na cidade de Juara, interior do Mato Grosso. A escola fica na periferia de uma cidade de 33 mil habitantes, sendo que a violência e as drogas já fazem parte do cotidiano desses jovens.

Diante da observação *in loco* e questionário socioeconômico, percebemos que são alunos de baixa renda, cujos pais, em geral, são trabalhadores rurais, funcionários de um frigorífico da região, muitos estão desempregados e outros detidos por algum delito. Percebemos ainda, através de diálogos informais, que os alunos nem sempre demonstram ter sonhos e devaneios, pelo contrário, se mostram muitas vezes agressivos e não se preocupam com o outro, expondo seus sentimentos de maneira negativa.

O PPP (Projeto Político Pedagógico) traça o marco situacional da escola, descrevendo seu público como pertencente a uma comunidade carente, cujos pais são trabalhadores braçais que muitas vezes se ausentam para trabalhos na zona rural, assim as mães assumem a responsabilidade da educação e cuidado dos filhos, mas essas também precisam trabalhar fora e para isso deixam a responsabilidade dos filhos menores com os filhos maiores e, dessa forma, procuram transferir para a escola a responsabilidade de educar. O PPP relata que ainda há situações em que a família toda vai para a zona rural, local sem acesso a escola, voltando tempos depois com as dificuldades ainda mais acentuadas.

O prédio escolar passou recentemente por uma reforma geral, tornando-se um local aprazível e gostoso de estudar. É uma escola ampla e arejada. O PPP apresenta a estrutura física da instituição, mostrando que esta tem laboratório de informática, banheiros

diferenciados para os profissionais da educação e para os alunos, biblioteca, sala de vídeo, cozinha, almoxarifado, sala da coordenação, sala dos professores, refeitório, pátio coberto, sala do diretor, secretaria, sala de disciplina optativa, sala para recursos multifuncionais, sala de articulação, descrevendo o bom estado de todos os ambientes descritos. O objetivo da escola, ainda segundo o PPP (2013, p. 5), é “construir uma sociedade justa e que todos os cidadãos possam conhecer e exercer seus direitos e contribuir na formação do ser humano digno, cumpridor dos seus deveres, tendo como base fundamental a família”. E afirma, posteriormente, que com esses pressupostos os alunos poderão apresentar maior interesse pelo ensino.

Em termos de estrutura física, para a biblioteca foi disponibilizada uma sala grande e confortável, bem equipada, com ar condicionado, mesas de estudo, cadeiras almofadadas, estantes, tapete, um bom número de livros e uma bibliotecária que fica à disposição dos estudantes. Sobre esse ambiente, o PPP (2013, p. 7) expõe que “deve estar sempre limpa e silenciosa, com um acervo considerável, proporcionando o bom estudo”, porém nenhum projeto de leitura ou algo do gênero é mencionado em relação à biblioteca.

Na primeira visita à escola, a funcionária que exercia a função de bibliotecária não tinha formação em nível superior, também não tinha o hábito de ler, tampouco conhecia o conteúdo dos livros oferecidos e desconhecia ainda o número e gênero dos livros presentes no acervo. A catalogação desse material estava em um livro ata, seguindo uma sequência numérica desde o surgimento da biblioteca, o registro de empréstimo dos livros estava sendo feito em seis livros atas e não mantinham uma sequência de datas. Para cada professor que levava os alunos à biblioteca, era aberta uma página com o nome do professor, seguido dos nomes dos livros e alunos. Os que iam individualmente tinham seus nomes anotados em outra folha e assim, segundo ela, perderam-se muitos títulos, pois nem sempre conseguia saber se o aluno devolvia as obras de literatura no dia certo, ou até mesmo se havia devolução.

Algumas semanas depois, a bibliotecária foi substituída por uma pessoa que estava assumindo o concurso como efetiva. Em parceria com a professora efetiva de Língua Portuguesa, foi feita uma reorganização dos livros e na forma de anotação dos empréstimos. A nova bibliotecária se mostrou interessada na organização da biblioteca, como também na produção de projetos de leitura com toda a escola, pois diz ser pedagoga e sabedora da importância do ato de ler.

A partir de então as estantes foram separadas por letras do alfabeto e com o nome do gênero que nela ficaria exposto. O acervo foi dividido em gêneros como romance juvenil, aventura, suspense, poesia, biografia, teoria, drama, contos, literatura brasileira e literatura

estrangeira. Todos os livros, já separados, receberam um adesivo de cor diferente, letra da estante da qual fazia parte, como o número do livro, que acompanhou uma sequência. Foram confeccionadas fichas para cada aluno e profissionais, sendo divididos por turma e em ordem alfabética, para assim melhor atender aos frequentadores daquele ambiente.

Dessa forma, é possível dizer que no momento da pesquisa, dentro dos gêneros procurados pela faixa etária pesquisada, a escola tem um acervo de 1.206 livros, sendo 103 de romance juvenil, 357 de aventura, 110 de suspense, 57 de poesia, 31 de biografia, 82 de drama, 110 de contos, 151 de literatura brasileira e 205 de literatura estrangeira. Vale lembrar que os livros de literatura brasileira e estrangeira são adaptações com o número de páginas bastante reduzido.

O PPP 2013 não apresentou nenhum projeto de leitura, como já foi dito acima, mas, segundo a Coordenação, o PPP 2014 estava sendo montado e projetos assim já fariam parte do próximo ano. Dentre os docentes, diante da análise do livro de empréstimo e observação, somente uma professora de Língua Portuguesa levava os alunos à biblioteca para empréstimo e sugeria leituras que ela achava interessantes e necessárias para a aprendizagem dos estudantes, tentando aguçar neles a curiosidade, como também trabalhava gêneros variados e pedia aos discentes que pegassem livros desses gêneros.

Depois da organização estrutural no ambiente da biblioteca, foi feito por nós um levantamento, através dos livros de registros, da obra mais lida durante o ano de 2014 pelos alunos da faixa etária pesquisada e foi diagnosticado não apenas um livro, mas uma coleção, intitulada “A Hora do Espanto”, de Edgar J. Hyde. Tal coleção é composta por onze títulos, que são *O Piano*, *O Espantalho*, *O Doutor Morte*, *A Fuga de Edgar*, *O Soldado Fantasma*, *Feliz Dia das Bruxas*, *Espelho Meu*, *Garoto Pobre*, *O Escritor Fantasma*, *Poços dos Desejos* e *Sangue na Torneira*, porém os últimos cinco títulos não faziam parte do acervo escolar.

Segundo o catálogo dos livros da biblioteca, tal coleção foi adquirida com os recursos do PDE (Plano de Desenvolvimento da Escola), sendo os exemplares *A Fuga de Edgar* e *Feliz Dia das Bruxas* recebidos em 20 de fevereiro de 2013 e os demais títulos em 30 de julho do mesmo ano. Esses livros foram escolhidos pela então diretora da escola e a bibliotecária. Segundo a primeira, sem a opinião dos professores, pois estes estavam em sala de aula e não podiam deixar as turmas sozinhas.

Dentre todos os livros da coleção, o exemplar *A Fuga de Edgar* foi destacado como o mais procurado pelos alunos, em especial pelos meninos.

Uma questão que nos chamou a atenção quando da pesquisa *in loco* foi o fato de que, de tempos em tempos, o Governo do Estado do Mato Grosso "agracia" as instituições

escolares com livros reputados como de boa qualidade e necessários para o conhecimento e desenvolvimento intelectual dos alunos. No início do ano de 2013, a Escola Estadual Iara Maria Minotto Gomes recebeu uma remessa desse tipo de literatura e dentre vários títulos havia o livro *Desculpe a nossa falha*, de Ricardo Ramos. Essa literatura foi encontrada somente no início do ano de 2014 pela então professora de Língua Portuguesa, estando no meio de vários outros livros amontoados na estante, sem nenhum destaque. O livro apresentava bom estado, pois até aquele momento, pelo estado físico e registro de empréstimo, não havia sido manuseado.

Assim, percebendo a preferência dos alunos por um determinado tipo de literatura e não outro e entendendo que a literatura deve ter um cunho humanizador e não mercadológico, surgiram alguns questionamentos que acreditamos que deveriam ser respondidos por meio desta pesquisa. Dentre eles:

- Qual é o tipo de literatura que atenderia ao horizonte de expectativas de um leitor entre 13 e 15 anos da escola Estadual Iara Maria Minotto Gomes?

- Essa literatura quebraria e ampliaria o horizonte de expectativas dos educandos ou os deixariam no seu "lugar comum"?

- Os alunos daquela escola percebem o caráter mercadológico ou o caráter estético das obras que leem?

- Os alunos percebem a estrutura ausente e preenchem os "vazios" do texto, dando sentido à obra?

- A leitura na escola tem cumprido a sua função estético-humanizadora de que nos fala Antonio Cândido (1972)?

Acreditamos que as respostas a tais questionamentos nos permitiriam o cumprimento do objetivo principal desta pesquisa, que é saber se os alunos preenchem os vazios do texto, refletindo sobre aquilo que leem e se essa leitura faz alguma diferença na vida cotidiana deles.

Para esse fim, optamos pelo método recepcional, que tem como base a Estética da Recepção, em que a leitura e o leitor recebem um lugar de destaque para a compreensão do fenômeno literário e passam a ser concebidos como uma das dimensões constitutivas do texto. Como suporte teórico, serão utilizados os autores Jauss (2003), Iser (1996), Lima (2001), Eco (1932), Candido (2011) e Bordini (1993), entre outros.

A pesquisa foi dividida em quatro capítulos. No capítulo I foi feita a apresentação da teoria da Estética da Recepção, teoria essa que orientará toda a pesquisa, desde a motivação inicial até a análise dos dados, complementada pelos conceitos de "humanização", "obra

aberta" e "estrutura ausente" do texto, com seus "vazios" a serem preenchidos pelo leitor, participante ativo do processo de construção do sentido.

Os capítulos II e III trataram da importância de se compreender o que é e como se dá uma obra esteticamente elaborada dentro da literatura e o que leva a obra a ser considerada assim. Para tanto, analisamos as obras *A Fuga de Edgar* (2012) e *Desculpe a nossa falha* (2013), buscando demonstrar o que faz da obra literária um objeto apenas mercadológico ou esteticamente elaborado, colocando os dois conceitos de forma clara para a posterior observação da recepção dos leitores envolvidos na pesquisa.

Com a sustentação das análises e a reflexão sobre os conceitos, o capítulo IV se prendeu à análise dos depoimentos colhidos sobre o livro escolhido como o mais lido durante o ano de 2014 pelos alunos da Escola Estadual Iara Maria Minotto Gomes, *A Fuga de Edgar* (2012), de Edgar Hyde, para, em seguida, analisarmos a obra *Desculpe a nossa falha* (2013), de Ricardo Ramos, reputada pela crítica como uma produção de caráter estético e emancipador do leitor. O capítulo também apresentará, além da confluência de análise do livro considerado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) como literatura indicada para ser lida dentro das escolas estaduais, em contraste com a outra obra tida por nós como de "consumo rápido", a história do paradidático no Brasil, visando explicar o porquê desse tipo de literatura ainda fazer parte de nossas bibliotecas, bem como a compreensão dos princípios que norteiam o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, programa vigente do governo atual, de oferecer outras possibilidades de leitura.

Na parte final deste trabalho de pesquisa, foi feita a análise e a interpretação dos dados a partir das informações obtidas através do questionário sobre os dois livros lidos, como também da discussão oral dos alunos sobre essas mesmas obras, procurando responder às perguntas que deram vida e movimento à pesquisa inicial. É bem possível que tais questionamentos não sejam respondidos de forma absoluta e definitiva, porém a presente pesquisa poderá servir como mais uma contribuição na compreensão do ato de ler, considerando o leitor um agente construtor do texto e de sua significação.

1. ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E APONTAMENTOS NECESSÁRIOS PARA COMPREENSÃO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO E RECEPÇÃO DOS TEXTOS FICCIONAIS VOLTADOS À CRIANÇA E AO JOVEM

A arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana e que a relação entre a obra, o autor e o público é indissolúvel: o público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador.

Antonio Candido (2011)

O intuito deste capítulo é apresentar os pressupostos teóricos que permeiarão o trabalho, iniciando com a Estética da Recepção, mostrando o quanto ela é de suma importância para o esclarecimento dos conceitos a serem vistos e aplicados. Posteriormente, discorreremos sobre os vazios do texto e a obra aberta, que estão diretamente ligados à Estética da Recepção, pois o receptor deve encontrar uma obra susceptível a preenchimentos oriundos do leitor, de forma que este venha a tomar suas próprias decisões diante do que está lendo, respeitando sempre os limites impostos pelo autor. Logo após a explicação desses três itens, vamos discorrer sobre o caráter humanizador do texto, pois se o texto permite que o leitor enverede por suas entranhas, é importante perceber o quanto, ao final da leitura, esse texto permite a humanização, a reflexão e a mudança de comportamento do ser.

1.1 . A Estética da Recepção

A Estética da Recepção surgiu a partir das considerações teóricas feitas por Hans Robert Jauss (1921-1997), em 1967, numa aula inaugural na Universidade de Constança, na Alemanha. Nessa aula, ele situou toda a história universal da literatura e sua desvalorização: “No nosso tempo a História da literatura tem vindo a cair num descrédito crescente, mas de modo algum imerecido” (JAUSS, 2003, p. 19). Sua aula ficou conhecida como uma “provocação”, pois Jauss se recusava a aceitar os métodos tradicionais de ensino da história da literatura, percebendo nela lacunas que deveriam ser sanadas e isso, segundo ele, tornava a

disciplina desinteressante e maçante, fazendo com que a literatura entrasse no esquecimento, já que os teóricos literários não entravam em acordo e se contradiziam constantemente.

Jauss denunciou a calcificação da história da literatura, que estava presa a padrões herdados do positivismo e do idealismo do século XX, não permitindo que esta desenvolvesse o ser humano de forma completa, como tinha capacidade para fazê-lo, e somente através da superação desse estilo de ensino é que seria possível surgir uma nova teoria literária, fundada no “inesgotável reconhecimento da historicidade” (In: ZILBERMAN, 2004, p. 9) da arte. Para Jauss a literatura era um elemento fundamental para a compreensão da vida social.

Algumas das vertentes questionadas foram o Estruturalismo, que teve o Formalismo Russo como precursor e o Marxismo.

O Marxismo foi elaborado por Karl Marx (1818-1883) com o auxílio ideológico e financeiro de Friedrich Engels (1820-1895). A teoria marxista utilizava elementos externos para a sua análise, pois lutava contra a grande divisão que havia na sociedade, em que o proletariado e a burguesia capitalista se confrontavam, cada um dentro da sua esfera e defendendo os seus interesses. Havia uma visão sociológica que procurava demonstrar uma ligação entre a literatura e a realidade social, aceitando como obra literária apenas aquela que refletia situações relacionadas aos conflitos sociais de poder. Eles não observavam a natureza como arte, somente a realidade que os circundava.

Jauss, referindo-se ao Marxismo, considera:

... no seu conceito de arte, a "natureza" era substituída pela "realidade", mas a esta realidade dada à arte eram atribuídas as qualidades da natureza pretensamente transcendida, o carácter de modelo obrigatório e uma completude essencial. (2003, p. 38)

Vemos então, nesse conceito, que as qualidades da natureza eram transcendidas à arte, e que de maneira obrigatória era a representação da realidade que se vivia. Dessa forma, o leitor devia sempre igualar suas experiências aos interesses materialistas de tal teoria. O autor conclui que:

Deste modo, ficaria precisamente vedada à estética marxista a possibilidade de compreender o carácter revolucionário da arte: o poder que ela tem de libertar o homem de preconceitos e representações arraigadas na sua situação histórica e de lhe abrir a uma percepção nova do mundo, à antecipação de uma realidade nova. (2003, p. 8)

Outra vertente questionada foi o Formalismo Russo, que foi caracterizado pela recusa a abordagens extrínsecas ao texto, sendo a filosofia, a psicologia, a sociologia etc. excluídas como instrumentos de análise e entendimento das obras literárias. Defendiam que a literatura deveria ser compreendida através de seus elementos intrínsecos, não podendo ser compreendida como a expressão do pensamento do autor, mostrando que ela era formada por palavras e não por sentimentos, devendo então ser estudada por si só, surgindo aí a necessidade da contextualização da literariedade, que seriam propriedades presentes nas obras literárias que as caracterizariam como pertencentes à literatura, sendo características que diferenciavam a linguagem poética da cotidiana.

Essa vertente desvinculou a literatura de qualquer condicionante histórico, privilegiando apenas a estrutura textual. Criou estratégias interessantes para o leitor, pois compunha uma linguagem literária que era capaz de desautomatizar a percepção daquele que entrava em contato com o texto, causando o efeito de “estranhamento”, pois o leitor se deparava com situações do seu cotidiano descritas de formas singulares e muitas vezes inusitadas.

Porém, o que determinava o valor de uma obra para os formalistas era a soma de seus componentes artísticos e a possibilidade de o texto romper com a visão enfadonha dos fatos. Por isso Zilberman afirma que:

Neste sentido, o formalismo representa uma mudança importante na concepção vigente de valor estético. Este deixa de ser visto na perspectiva substancialista, enquanto transfiguração de uma ideia universal; torna-se elemento móvel, porque a arte precisa manter-se em permanente renovação para alcançar o desejado efeito de estranhamento. (2004, p. 20)

Os formalistas respeitavam as transformações pelas quais a arte passava, percebendo sua constante renovação, mas não consideravam o leitor como parte do processo.

Além dessas duas, outras teorias também foram conhecidas, tais como a Teoria Crítica que se recusava a analisar o impacto da obra, pois a considerava um objeto independente das reações sociais, dizendo que “o recebedor é sempre uma construção ideal que, assim, não pode violar o texto” (idem, 2004, p. 14). Outra teoria foi o New Criticism que postulava a obra de arte como autônoma, considerando para análise somente os elementos internos do texto e, por fim, a Fenomenologia, criada por Roman Ingarden, assegurando que o leitor e o autor são elementos exteriores ao texto e não interferem na natureza do mesmo. Mas vale lembrar que, segundo Zilberman,

Ingarden utiliza o conceito de concretização, referindo-se à atividade do leitor, responsável pelo preenchimento dos pontos de indeterminação próprios ao estrato dos objetos apresentados. Segundo ele, essa circunstância não confere maior relevância ao destinatário, nem restringe a autonomia da obra. (2004, p. 14-15)

Ingarden vê o leitor como ponto necessário para o preenchimento dos vazios que o texto deixa, mas da mesma forma que as outras vertentes não o considera parte do processo.

Dentre essas várias teorias sobre a história da literatura e da arte, surge a Estética da Recepção, que não procurava anular as teorias anteriores, mas acrescentar e chegar a um ponto em que a história de fato fosse vista como completa e assim podendo ser valorizada. Seus fundadores foram Hans Robert Jauss, já citado aqui, e Wolfgang Iser (1926-2007), que desenvolveram uma noção dinâmica do leitor como fator essencial à constituição da obra de arte.

As teorias anteriores se preocupavam com as obras e seus autores, deixando à margem um terceiro elemento que dá vida à trama literária, o leitor, porém a Estética da Recepção muda o foco, como afirma Zilberman:

a estética da recepção apresenta-se como uma teoria em que a investigação muda o foco: do texto enquanto estrutura imutável, ele passa para o leitor, o “Terceiro Estado”, conforme Jauss o designa, seguidamente marginalizado, porém não menos importante, já que é condição da vitalidade da literatura enquanto instituição social (2004, p. 10-11).

O estudo da recepção mudou o foco porque colocou o leitor como coprodutor do texto, pois ao ler, ao receber o texto, pode dar significado a ele, mostrando que ler não é somente decodificar palavras, mas construir sentidos. Lima afirma que:

Em Jauss, a recepção é sempre o momento de um processo de recepção, que se inicia pelo “horizonte de expectativa” de um primeiro público e que, a partir daí, prossegue no movimento de uma “lógica hermenêutica de pergunta e resposta”, que relaciona a posição do primeiro receptor com os seguintes e assim resgata o potencial de significado da obra, na continuação do diálogo com ela (2001, p. 134).

Dessa maneira, o leitor passou a fazer parte intrínseca da análise do texto, pois este foi escrito para um receptor e a obra só passa a fazer sentido quando este receptor dá significado a ela. Nessa perspectiva, é importante reconhecer o *horizonte de expectativas* do leitor, pois esse horizonte é que vai, a princípio, motivar a leitura de determinado texto.

O horizonte de expectativa é de origem alemã, provém da fenomenologia de Husserl e da hermenêutica de Gadamer. Nessa perspectiva, é a forma como o indivíduo vê o mundo, é a leitura que faz de tudo que o rodeia desde o seu nascimento, é sua história, seus conceitos e desejos diante de uma realidade, portanto se faz importante porque o leitor traz consigo sua história, suas crenças, seus princípios ideológicos, seu horizonte de expectativa diante da obra selecionada para leitura, em outras palavras, o horizonte de expectativa é a lembrança de todas as outras obras lidas e momentos vividos e a Estética da Recepção respeita esse horizonte, porque é diante desses pressupostos que o leitor dará novos significados à obra, pois sabemos que a cada leitura surge uma nova obra, porque se tece uma relação dialética entre autor, obra e leitor, mostrando a importância do ato da leitura. Como afirma Jauss,

Uma obra não se apresenta nunca, nem mesmo no momento em que aparece, como uma absoluta novidade, num vácuo de informação predispondo antes o seu público para uma forma bem determinada de recepção, através de informações, sinais mais ou menos manifestos, indícios familiares ou referências implícitas. Ela evoca obras já lidas, coloca o leitor numa determinada situação emocional, cria, logo desde o início, expectativas a respeito do "meio e do fim" da obra que, com o decorrer da leitura, podem ser conservadas ou alteradas, reorientadas ou ainda ironicamente desrespeitadas, segundo determinadas regras de jogo relativamente ao gênero ou ao tipo de texto. (2003, p. 66-67)

Quando o leitor entra em contato com o texto, acontece uma fusão de horizontes de expectativas, a do leitor com a do autor, pois este também colocou em sua escrita todas as suas ideologias e conhecimentos anteriores. Sendo assim, a obra será completamente recriada pela recepção do leitor, pois, como já foi dito, é ele quem dá significado e sentido a ela.

A obra pode satisfazer o leitor ou não, quebrando ou até mesmo ampliando seu horizonte de expectativas, mas esse assunto será discutido em outro capítulo mais adiante.

A reflexão sobre a obra dentro da recepção feita pelo leitor contribui para o esclarecimento do fenômeno comunicativo que ocorre entre leitor, obra e autor, pois ao percorrer o texto o leitor se comunica com o autor trazendo antigos conhecimentos e aprimorando-os, assim vai se preparando para interagir com outros textos num processo espiral de construção de sentidos, e isso se dá pelo "prazer estético".

O prazer estético é o prazer da escrita e da leitura, do deleite no uso dos sentidos, no descobrir o fato e sanar a curiosidade, como sugere Lima (2001) é o prazer pelo belo, pelo gostoso, pelo sensível, pela satisfação dos cinco sentidos ou pelo prazer oposto, como a fascinação pelo grotesco, pela morte ou pelo simples fato da caça de uma lagartixa a uma

mosca. A literatura permitiu o lado sensível da língua, “ela é capaz de afugentar o temor e de banir o sofrimento, de provocar alegria e de suscitar a compaixão” (LIMA, 2001, p. 66).

Para que haja o prazer estético é necessário haver o uso de três categorias, que são a *poiésis*, a *aisthesis* e a *katharsis*, que também fazem parte da teoria da Estética da Recepção. Em primeiro lugar vem a *poiésis*, que é o prazer que o indivíduo sente ante a obra que ele produziu diante do que leu, em suma, é o prazer de sentir-se coautor da obra. De acordo com Lima,

a *poiésis* corresponde à caracterização de Hegel sobre a arte, segundo a qual o indivíduo, pela criação artística, pode satisfazer a sua necessidade geral de “sentir-se em casa, no mundo”, ao “retirar do mundo exterior a sua dura estranheza” e convertê-la em sua própria obra. (2001, p. 80)

A segunda categoria é a *aisthesis*, que demonstra o efeito de renovação da percepção do mundo que circunda o leitor. A obra passa a lhe causar uma nova visão sobre tudo que o rodeia, permitindo-lhe a ampliação do seu horizonte de expectativas. E, em terceiro lugar, como parte do prazer estético, vem a *katharsis*, que é definida “como a concretização de um processo de identificação que leva o espectador a assumir novas normas de comportamento social, numa retomada de ideias expostas anteriormente” (ZILBERMAN, 2004, p. 57). Isto é, o espectador não apenas sente prazer diante da obra e do novo conhecimento, mas é mobilizado à ação.

Essas três categorias, para Jauss, não devem ser vistas de forma hierárquica, mas sim como cooperadoras entre si, podendo se auxiliar em momentos diversos.

A Estética da Recepção procura manter um olhar no todo, conservando sempre a comunicação entre a tríade leitor, texto, autor, ficando claro que ler é abrir-se a novos horizontes, a novos textos oriundos de outros textos e assim ampliando a visão que se tem do mundo pessoal.

1.2. Os “vazios” do texto e o leitor implícito

Continuando com os conceitos aplicados pela Estética da Recepção, é importante lembrar que ela surgiu com os autores Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser e cada um deles se prendeu a pontos específicos dessa teoria, dando-lhe maior amplitude dentro da história da literatura.

Jauss se prendeu ao fato da inserção do terceiro elemento à interpretação, que era o leitor, mostrando que este deve fazer parte intrínseca do processo. Iser priorizou os aspectos estéticos do texto literário e se preocupou mais com o efeito que essa obra causava sobre o leitor.

Sendo assim, fica evidente a importância da leitura, que é uma atividade de reflexão, pois é ela que promove a relação texto-leitor. É durante a leitura que o leitor resgata seus conhecimentos, suas vivências, seu mundo, projetando suas ideologias para aquele texto, indo ao encontro ou mesmo se distanciando das ideologias, crenças e visão de mundo do autor, construindo, assim, um novo texto. Para Iser (1996), o texto literário é resultado de uma seleção feita pelo autor dentro de tudo aquilo que ele vivenciou e essa seleção representa um “rompimento” com o real, pois permite várias inferências e interpretações, tornando o texto plural, pois diante de cada leitor haverá uma nova leitura. Flory afirma que

o texto é plural, pode ter vários sentidos, é uma passagem que pode ser concretizada de diversas maneiras. Solicita do leitor uma colaboração prática abolindo-se, ou pelo menos diminuindo-se, a distância entre escritura e leitura. (1997, p. 29)

Essa pluralidade só acontece quando o texto de fato solicita uma colaboração do leitor, quando ele convida o receptor a fazer parte do seu processo de interpretação e concretização, haja vista a necessidade então de um leitor implícito dentro do contexto em que o autor escreve.

Quando Flory declara que o texto solicita do leitor uma colaboração prática, ela deixa subentendido que há um leitor específico e que este só pode participar do texto se ele permitir. No texto deve haver lacunas a serem preenchidas e são essas lacunas que proporcionam diferentes colaborações, pois cada leitor tem a sua própria história e preenche esses espaços de formas variadas.

Segundo Iser (1996), os textos não são figuras plenas e completas, e sim discursos marcados por indeterminações chamadas de “vazios”, que exigem do leitor uma atividade imaginativa, pois não faz sentido pensar no que o texto ou o autor quis dizer com tal obra, mas sim “o que sucede com o leitor quando com sua leitura dá vida aos textos ficcionais” (ISER, 1996, p. 53). Então o que importa não é somente a compreensão da obra, mas o que ela foi capaz de mudar no leitor, isto é, o que ela lhe proporcionou de amplitude do conhecimento ou jeito de pensar. Em suma, qual foi a recepção da obra pelo leitor e qual efeito lhe causou.

Dentro desses pressupostos, o leitor tem a oportunidade de adentrar ao texto, preenchendo essas lacunas e dando vida à obra e a partir disso dar novo significado a ela, pois há a junção do seu conhecimento ou horizonte com o horizonte do autor, e por esse motivo Iser vê a leitura como um acontecimento, pois é o momento em que o horizonte de expectativas do leitor enfrenta o do autor, estando o primeiro buscando aquilo que lhe é familiar e depois descobrindo a novidade trazida por aquele que escreveu e formando suas novas ideologias.

Iser enfatiza a teoria do efeito na relação entre texto e leitor, mas isso não acontece quando o leitor somente projeta sobre o texto os seus devaneios e desejos, sem observar os vazios que o autor deixa para ser preenchidos; se o leitor não se apercebe desses vazios; a comunicação estética não funciona, porque não há, de certa forma, uma recepção, apenas compreensão textual.

Os textos esteticamente elaborados estimulam o leitor a atualizá-los através do preenchimento de seus vazios e dessa forma o texto mantém os seus limites, pois o leitor tem liberdade interpretativa, mas deve respeitar os limites que o texto impõe, sendo assim, são os vazios e as negações do texto que realizam o controle, permitindo o processo de comunicação entre esses. Lima destaca que:

Os vazios possibilitam as relações entre as perspectivas de representação do texto e incitam o leitor a coordenar estas perspectivas. Os vários tipos de negação invocam elementos conhecidos ou determinados para suprimi-los; o que é suprimido, contudo, permanece à vista e assim provoca modificações na atitude do leitor a situar-se perante o texto. (2001, p. 91)

Os vazios levam o leitor a resgatar o seu conhecimento e adquirir novos a partir do que se lê e se pensa, pois através do pensamento reflexivo acaba se situando no texto, concordando ou não com ele, e quando chega a alguma conclusão diante do que foi dialogado, os vazios deixam de existir, como afirma Lima (2001, p. 106), “à medida que os vazios indicam uma relação potencial, liberam o espaço das posições denotadas pelo texto para os atos de projeção (...) do leitor. Assim, quando tal relação se realiza, os vazios desaparecem”.

Diante do exposto, podemos perceber a grande necessidade do leitor dentro da Estética da Recepção e da teoria do efeito, pois sem este tal teoria perde o sentido, tendo em vista que os textos só adquirem sentido depois de lidos. Esse leitor em questão não pode ser visto de qualquer forma, pois resulta da perspectiva interna do texto. O texto não busca um leitor ideal, mas sim um leitor implícito, que faça parte dele. Segundo Iser (1996, p. 73), “o leitor

implícito não tem existência real; pois ele materializa o conjunto das preorientações que um texto ficcional oferece, como condições de recepção, a seus leitores possíveis”.

O leitor implícito, na verdade, seria aquele capaz de resgatar o significado da obra de acordo com exigências e o horizonte de expectativas históricas vinculadas à obra, embora uma obra nunca seja revelada de forma completa, pois a arte não está revelada no texto ou na leitura, mas na união dos dois e o leitor implícito é capaz de se aperceber disto, porque também faz parte do produto.

Como vimos, a construção de um novo texto é orientada pelo texto atual, não foge por completo do real, pois tira dele e de suas próprias experiências os elementos necessários para o preenchimento dos vazios do texto e a elaboração de novos conceitos, e isso acontece somente quando há um diálogo entre o leitor implícito e o texto, pois há um envolvimento e uma concretização textual.

1.3. Obra aberta: por uma literatura esteticamente elaborada

Os conceitos de “vazios” do texto estudados há pouco vêm ao encontro dos conceitos de “obra aberta” a serem explanados nesse momento, pois todos esses estão interligados e fazem parte de um mesmo processo para então compreendermos como se dá uma obra esteticamente elaborada.

A discussão da obra aberta aconteceu primeiramente na questão musical, só depois se expandiu para a literatura e mostrou que a obra de arte é fundamentalmente ambígua e com várias possibilidades de significado, em que os artistas se voltam para a informalidade, casualidade, indeterminação dos resultados, procurando definir os limites em que uma obra pode usufruir da ambiguidade e depender da intervenção do consumidor sem deixar de ser obra. Eco (2013, p. 22) expõe que “a obra de arte é uma mensagem fundamentalmente ambígua, uma pluralidade de significados que convivem num só significante”.

Sendo ela uma obra ambígua, quer dizer que está propícia a vários tipos de interpretação que se darão através de seus diferentes leitores, porém cada leitura de uma obra representa execução de forma particular, impondo o autor limites e dialogando com o fruidor de forma que a interpretação não fuja da forma original imaginada pelo autor. Quando a obra é lida, cada leitor/fruidor traz uma situação existencial, sendo assim, a obra é compreendida sob múltiplas perspectivas, mas nunca deve deixar de ser ela mesma. A obra, por ser aberta, é

passível de mil interpretações diferentes, mas essas não devem alterar sua singularidade. Dentro dessa perspectiva, Eco ressalta que:

“abertura” não significa absolutamente “indefinição” da comunicação, “infinitas” possibilidades da forma, liberdade da fruição; há somente um feixe de resultados fruitivos rigidamente prefixados e condicionados, de maneira que a reação interpretativa do leitor não escape jamais ao controle do autor. (2013, p. 43)

Ainda que o autor permita a abertura, a presença dos vazios do texto, jamais perde o controle do que escreveu, e se isso acontecer é porque o leitor não respeitou os limites impostos pelo criador da obra.

Entende-se por obra o objeto significante que tenha propriedades estruturais definidas, que permitem variadas interpretações. Uma obra é o resultado da criação artística de um autor que pretende despertar no receptor ou fruidor (nomenclatura dada por Umberto Eco no livro *Obra Aberta*, escrita inicialmente em 1932) um conjunto de efeitos que devem ser vistos como estímulos para levá-lo à compreensão daquele texto imaginado pelo autor. No entanto, o processo de leitura e interpretação não pode ter um fim definido, pois, como já se sabe, existe a liberdade do leitor em transitar pelo texto e fazer uma análise pessoal dentro dos seus conhecimentos, uma vez que o texto esteticamente elaborado tem seus vazios para serem preenchidos pelo leitor.

A expressão “obra aberta” vem da necessidade cada vez mais abrangente de se compreender e valorizar a capacidade criativa e interpretativa que causa uma reestruturação do pensamento. Isto é, dentro dos limites que o autor impõe, o receptor tem o direito de ler e preencher os espaços vazios com os seus próprios conhecimentos, por isso a obra é aberta, pois quem deve fechá-la, finalizá-la de acordo com aquilo que conhece e passa a conhecer através do texto, é o leitor. Segundo Eco:

A arte moderna, contestando os valores “clássicos” de “acabado” e “definido”, propõe uma obra indefinida e plurívoca, aberta, verdadeira rosa de resultados possíveis, regida e governada pelas leis que regem e governam o mundo físico no qual estamos inseridos. Propõe e procura uma alternativa “aberta”, que se vem configurando como um feixe de possibilidades móveis e intercambiáveis mais adaptadas às condições nas quais o homem moderno desenvolve suas ações. (2013, p. 12)

Essa teoria vem corroborar com a Estética da Recepção, pois traz uma obra plurívoca, permitindo a variação das interpretações. Lembrando que ao produzir um texto o autor se coloca nele, ainda que de forma implícita e o leitor ao entrar em contato com esse texto

também leva consigo sua situação existencial concreta, sua cultura, seus gostos, desejos, prazeres, tendências, seus preconceitos, de forma que a interpretação acontece segundo sua perspectiva individual. Sendo assim, cada leitor carrega consigo uma história diferente e é por esse motivo que há ambiguidade nas interpretações.

Como podemos perceber no decorrer da escrita, uma obra esteticamente elaborada é aquela que permite a inserção do leitor, é uma obra aberta, com vazios em seu texto a serem preenchidos, que admite que o leitor a permeie e dê a ela a sua significação. Como afirma Eco (2013, p. 40), “a forma torna-se esteticamente válida na medida em que pode ser vista e compreendida segundo múltiplas perspectivas, manifestando riqueza de aspectos e ressonâncias, sem jamais deixar de ser ela própria”.

A obra quando é aberta propõe ao receptor atos de liberdade consciente, pois ele se torna o centro de uma rede de interpretações inesgotáveis, podendo dar vida àquele texto de forma que jamais fuja do que foi proposto pelo autor. Segundo Candido (2011, p. 47), “o público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador”. A obra aberta permite ao leitor um ato de reflexão, não lhe entrega um produto pronto e acabado, simplesmente a ser aceito, mas o faz pensar, o faz refletir e tirar suas próprias conclusões daquilo que está lendo, tira o receptor do senso comum e permite que seus horizontes de expectativas sejam ampliados, como também seu nível de conhecimento.

A obra aberta sempre está em movimento, pois o autor proporciona um jogo de relações entre o leitor e o texto que permite esse vaivém, essa “dança textual”, em que o ritmo é ditado pelo escritor, mas é o leitor quem promove a ação. A obra sempre fica por acabar e sempre cuidada de perto pelo seu criador. Como destaca Eco:

O autor oferece, em suma, ao fruidor uma obra *a acabar*: não sabe exatamente de que maneira a obra poderá ser levada a termo, mas sabe que a obra levada a termo será, sempre e apesar de tudo, a *sua* obra, não outra, e que ao terminar o diálogo interpretativo ter-se-á concretizado uma forma que é a *sua* forma, ainda que organizada por outra de um modo que não podia prever completamente: pois ele, substancialmente, havia proposto algumas possibilidades já racionalmente organizadas, orientadas e dotadas de exigências orgânicas de desenvolvimento. (2013, p. 62, grifos do autor)

Existem obras abertas de várias formas, aquelas que o autor convida o leitor a construir o texto junto com ele, aquelas que o texto aparece fisicamente pronto, mas permanece aberto através de seus vazios para que o receptor possa preenchê-los e se tornar assim coautor da obra, seguindo os estímulos deixados pelo autor e aquela que promove

diferentes visões, diferentes tipos de leitura, levando a obra a ser revivida a cada leitura feita. De qualquer modo, a obra aberta permite um movimento que não deixa o mundo estático, mas o faz mergulhar em um infinito de possibilidades, de grande euforia e forte contentamento. Ainda segundo Eco (2013, p. 64), “todas as interpretações são definitivas, no sentido de que cada uma delas é, para o intérprete, a própria obra, e provisórias, no sentido de que cada intérprete sabe da necessidade de aprofundar continuamente a própria interpretação”.

É interessante perceber como Eco amplia a discussão sobre a função da literatura, pois ela demonstra uma relação intrínseca entre autor e público. Uma obra deve ser orientada por sua relação entre a arte e o mundo e a função estética amplia os sentidos do leitor permitindo uma contemplação artística da obra. Quanto mais aberta for a obra, mais caminhos múltiplos serão oferecidos ao receptor.

O texto para ser esteticamente elaborado deve causar perplexidade, tirar o leitor do estado de nostalgia, de acomodação, este deve buscar novos questionamentos, novos caminhos, sejam eles de negação ou afirmação, de aflição, questionamentos de perda ou de ganho, derrubar velhos preconceitos e verdades absolutas e buscar novos conceitos para, assim, acomodar novas ideologias, pois a obra estética permite a reflexão crítica, o pensamento e vocabulário mais elaborados e reflexivos. A literatura como função estética, segundo Culler (1999), não permite ao leitor um pensamento único, mas provoca uma reflexão desinteressada, fazendo-o perceber a sutileza e a sensibilidade presentes no texto, oferecendo uma fruição completa daquela obra. A literatura estética promove a comunicação do leitor com o autor e sua obra, permitindo que ele a conheça melhor, como também conheça ainda mais a si próprio.

Em suma, uma obra esteticamente elaborada é aquela que concede ao leitor o direito de adentrar nela, pois é aberta, faz com que ele preencha os vazios deixados e se torne seu coautor, permitindo assim uma reflexão e mudança diante de novos conhecimentos.

1.4. O caráter "humanizador" da literatura

Nesse momento da pesquisa, acreditamos que também seria importante mostrar como as teorias apresentadas se entrelaçam, pois a Estética da Recepção valoriza o leitor como parte do processo e demonstra o efeito estético no mesmo, tendo esse um texto com vazios no seu interior a serem preenchidos e isso se dá através de uma obra aberta, onde existe a possibilidade de várias interpretações, dentro do limite imposto pelo autor. Dessa forma,

quando a obra permite a presença do leitor, permite também que este utilize o texto como uma forma de prazer, de reflexão e até mesmo de aprendizado, quando a obra muda sua ação diante do que leu, esse leitor passa a ser humanizado pelo texto ficcional, pela literatura.

A literatura cria no homem a fantasia, a capacidade de sonhar, de ter devaneios e isso muitas vezes é retratado diante do cotidiano, do mundo que circunda o indivíduo, querendo ou não reflete o momento histórico em que está vivendo, sendo assim se torna próxima, pois o coloca num ambiente já familiar e seguro. Segundo Candido (1972, p.83), num artigo publicado na revista *Ciência e Cultura*,

A fantasia quase nunca é *pura*. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos etc. Eis porque surge a indagação sobre o vínculo entre a fantasia e a realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura.

Observando a última frase do autor, passamos a pensar que a função da literatura é libertar o ser humano, fazê-lo ir mais além, permitir que se torne um ser humano reflexivo, pensante, dono de suas próprias decisões e acima de tudo mais humano, mais compreensivo, melhor.

Tendo a literatura essa função, ela também proporciona ao homem a oportunidade de rever a sua condição enquanto ser humano e diante dela refletir sobre sua existência e alterar seu destino, lutando por seus ideais, pois através da obra estética ele pode compreender o mundo a sua volta e assim denunciar, negar, aceitar, enfim, pode ir além do que foi até aquele momento.

Como foi dito na introdução, segundo Candido (1972), todo ser humano tem necessidade de ficção e fantasia. A ficção e a poesia estão intrínsecas dentro de cada um de nós e são a mola mestra da literatura, pois todos conhecem e se utilizam de uma anedota ou noticiário policial, uma música popular, uma história em quadrinhos etc. Ela impulsiona a imaginação e a fantasia através das histórias narradas ou através da leitura de algum livro. De acordo com Candido (2011), a literatura “é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente”.

Cada sociedade cria suas próprias manifestações ficcionais dentro de suas crenças e costumes, dentro daquilo que acredita, para assim se fortalecer enquanto grupo e na nossa sociedade atual a literatura, em especial os textos ficcionais, tem sido muito utilizada como instrumento de ensino-aprendizagem, em que os professores procuram inculcar nos alunos os

valores que a sociedade preconiza e desmerecem aqueles que consideram prejudiciais. Porém, a literatura é dinâmica e nem sempre vai ao encontro dos anseios da escola, pois

confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. (CANDIDO, 2011, p. 177-178)

A literatura não é estática, trazendo somente conceitos que vêm de encontro a determinada ideologia, “ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais” (CANDIDO, 2011, p. 178). Isto significa que ela tem o papel formador de personalidade, tem a capacidade de incitar opiniões, de fazer pensar, não só segundo as convenções, mas diante da própria realidade.

A arte literária é vista então como uma poderosa “janela” da vida, pois através dela pode-se enxergar diferentes mundos, fugindo muitas vezes da pequenez de um mundo fechado pela ausência de leitura e, assim, através do ato de ler, abrem-se as portas para novos horizontes, novos conhecimentos, novas formas de prazer, novas reflexões e pensamentos diferenciados, abrem-se, portanto, as portas para a humanização do ser.

Para Candido (2011, p. 182), humanização é

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Diante de tal afirmação, fica claro como a literatura, o texto ficcional tem o poder de tornar o homem mais humano, pois passa a pensar, a refletir e ver o outro como alguém importante que merece respeito e afeto, passa então a pensar no outro como pensa em si mesmo.

O texto ficcional desenvolve no leitor a capacidade imaginativa e essa penetra em seu ser de modo a fazer parte da sua vida, a influenciar os seus pensamentos e ações, pois já faz parte do seu inconsciente. Dessa forma, a literatura pode humanizar, mas pode também alienar o indivíduo; isso dependerá da qualidade dos textos com que entrar em contato.

Como sabemos, existe a literatura esteticamente elaborada, que permite ao leitor ser coautor do texto e passe a refletir sobre o mesmo, porém existe também a literatura de massa, na qual vamos nos aprofundar mais adiante, que permite uma leitura rápida, mas sem reflexões, somente com ideologias prontas, uma obra fechada. Porém, as produções literárias, sejam elas esteticamente elaboradas ou não, satisfazem a necessidade de fantasia, as necessidades básicas do indivíduo e podem ampliar a sua visão de mundo.

Muitas vezes o texto tem um intuito direcionado, levando o leitor a entender aquilo que ele gostaria, de modo que passe a refletir sobre a causa que defende o autor. Temos como exemplo o escritor José de Alencar, que escreveu muitas das suas narrativas colocando o índio como personagem principal. Na verdade, ele queria que o leitor tomasse uma posição referente a uma questão premente na sociedade de então. O autor se utiliza das palavras, organiza-as, possibilitando ao leitor um modo fechado de ver as coisas, não permitindo muitas vezes que este reflita sobre o que leu, tendo um modelo de pensamento a seguir, mas, como sabemos, a partir da obra literária, o leitor pode se tornar capaz de organizar também os seus pensamentos, seus sentimentos e assim organizar também a sua forma de ver o mundo. Como afirma Candido (2011, p. 179), “a organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo”.

Por esse motivo, todo ser humano deve ter contato com a literatura, não só com os causos, as telenovelas ou a literatura de massa, isto é, a cultura popular, mas também com a cultura denominada erudita, com autores renomados como Machado de Assis, Eça de Queirós, de forma que todos possam ter oportunidades igualitárias. “É certo que quanto mais igualitária for a sociedade, e quanto mais lazer proporcionar, maior deverá ser a difusão humanizadora das obras literárias, e, portanto, a possibilidade de contribuírem para o amadurecimento de cada um” (CANDIDO, 2011, p. 189).

É interessante pensar o quanto a literatura tem o poder de humanizar o ser, de o fazer sentir, refletir e mudar sua atitude diante da sua própria realidade. Nesse ponto, podemos destacar o conceito da *katharsis*, visto acima, em que o leitor se depara com a obra e ela o faz assumir novas formas de comportamento social, permitindo uma transformação no seu jeito de agir.

Enfim, diante dessas discussões é importante reiterar o caráter humanizador da literatura, pois somente esta pode causar tamanha transformação no ser humano, auxiliando-o em seu aprimoramento pela via da reflexão e da sensibilidade.

1.5. A produção para crianças e jovens: a mediação da escola e o mercado consumidor

Tendo em vista todos os conceitos teóricos da Estética da Recepção, como também os vazios do texto e a humanização do homem através da literatura estudados até o momento, é necessário conhecer um pouco da história da literatura e como ocorreu o processo de inserção do objeto livro no mercado consumidor brasileiro para continuarmos nosso estudo sobre a leitura, como também entendermos qual o conceito de literatura de massa, pois, como pudemos observar acima, existe a literatura que liberta, que leva à reflexão, mas também precisamos verificar a literatura que induz, que fecha os pensamentos e leva o leitor a simplesmente repetir o que já foi dito, uma obra fechada.

Revendo a história da literatura infantil (e juvenil), Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1991) mostram sua íntima ligação tanto com o aspecto pedagógico quanto com o mercado consumidor, pois a escola é a principal responsável pelo desenvolvimento da leitura e o leitor, comprador assíduo dessa mercadoria.

Já na década de 1930 o então presidente Getúlio Vargas faz uma reforma no ensino, possibilitando o acesso das pessoas menos favorecidas economicamente à educação, aumentando assim as vendas para o mercado consumidor, o que continua acontecendo até os dias de hoje. No entanto, naquela época, segundo Lajolo e Zilberman, para fazer parte dessa fatia do mercado, as editoras e seus autores tinham que se submeter às normas e assuntos que fossem ao encontro dos ideais do governo. As personagens das histórias tinham que ser dóceis, frágeis, dependentes e obedientes. O humor e a irreverência foram deixados muitas vezes de lado de modo a domesticar também os leitores.

Os autores que não aceitavam esse "cabresto" eram repelidos, com raras exceções, como foi o caso de Monteiro Lobato, pois sua criação não tão exemplar, com personagens falantes e críticas, poderia atrapalhar a pedagogia da escola conservadora, porque para ela não importava o espaço do prazer e da diversão, tampouco o questionamento do sistema estabelecido. Quem quisesse usufruir o prazer da leitura, podia fazê-lo somente fora dos portões escolares e, nesse sentido, apenas quem pudesse adquirir seus próprios exemplares, ou seja, a classe dominante.

Vários autores aceitaram se submeter às exigências solicitadas e acabaram por incorporar em suas obras expedientes característicos da cultura de massa, pois assim alcançavam as expectativas dos leitores e agradavam a escola e o governo. E é por esse motivo também que esta literatura foi considerada por alguns como literatura de massa, uma literatura pouco elaborada, de qualidade inferior e produzida em grande escala, porque o

interesse do mercado era o lucro da quantidade e não a qualidade. Como explica Sodré (1985, p. 6),

É importante ter em mente o seguinte: o circuito ideológico de uma obra não se perfaz apenas em sua produção, mas inclui necessariamente o consumo. Em outras palavras, para ser “artística”, ou “cult”, ou “elevada”, uma obra deve também ser reconhecida como tal. Os textos que estamos habituados a considerar como cultos ou de grande alcance simbólico assim são institucionalmente reconhecidos (...), e os efeitos desse reconhecimento realimentam a produção. A literatura de massa, ao contrário, não tem nenhum suporte escolar ou acadêmico: seus estímulos de produção e consumo partem do jogo econômico da oferta e procura, isto é, do próprio mercado. A diferença das regras de produção e consumo faz com que cada uma dessas literaturas gere efeitos ideológicos diferentes.

O que se pode perceber hoje em dia é que as coisas não sofreram grandes mudanças, as obras voltadas para o público infantil ou juvenil continuam sendo produzidas a partir das necessidades do mercado e de acordo com as ideologias que a escola quer pregar, sendo assim produzidas para um consumidor mediano. Para isso são utilizados fórmulas e moldes prontos em que todos seguem o mesmo estilo. Para Caldas (2000), o livro para ser bem consumido deve agradar, atrair, comover e sensibilizar. Percebe-se que o item "levar a pensar" não faz parte de tal lista.

No mercado há a presença de livros de péssima qualidade, tanto em estrutura física quanto na forma e conteúdo, apresentando temas simplórios e apelativos, com textos pobres e linguagem comum, tudo isso para buscar o consumo descomedido de um público que não prima pela qualidade, mas pelo modismo, aquela obra que está na moda e é barata.

Sobre esse assunto, Lajolo e Zilberman se posicionam da seguinte forma:

A simbiose entre a literatura e a cultura de massa não afeta apenas suas formas de produção e circulação, como, no caso da literatura infantil, sugere a regularidade de lançamentos, a redundância de temas, a proliferação de séries que trabalham sempre no mesmo horizonte de expectativa dos leitores, a destinação prévia de cada texto a esta ou àquela faixa-etária ou à discussão deste ou daquele tema. Além disso, a literatura infantil manifesta alguns procedimentos de composição que, diluindo e rebaixando o padrão culto no qual eventualmente se espelham, acabam por configurar os riscos de massificação dos livros para crianças: os ganchos narrativos ingênuos, a menção a personagens divulgadas por best-sellers e revistas, a alusão a fatos verídicos e contemporâneos veiculados pelo noticiário de jornal. (1986, p. 84)

Porém, nem tudo está perdido, atualmente a indústria de livros tem crescido bastante, contando com uma infraestrutura melhorada, podendo aperfeiçoar e produzir livros mais interessantes e de melhor qualidade. Isso só é possível porque na década de 1970 começaram a aparecer autores preocupados em representar de forma crítica a realidade vivida no país, pois o leitor passou a ser visto não mais como um ser passivo, mas sim como “alguém profundamente enraizado em um tempo e um espaço, alguém que interage com essas categorias, que influencia o mundo onde vive e é influenciado por ele” (PERROTTI, 1982, p 139), e isso possibilitou a entrada de obras de boa qualidade no mercado.

Isto não significa que todas as obras agora são bem elaboradas, há sim muitos bons exemplares no mercado, porém a grande maioria continua tendo um teor alienante, que procura passar valores e ideologias diferentes de forma pronta e acabada, através de uma linguagem simplista. Isso acontece porque esse tipo de literatura vende mais, já que ela não exige do leitor nenhuma reflexão, somente uma interpretação literal.

Como pudemos observar, a literatura voltada para crianças e jovens está diretamente ligada à escola e ao mercado consumidor. A primeira nem sempre tem se utilizado do livro da melhor maneira, desenvolvendo no aluno o senso crítico, e o segundo tem sido o grande vilão da literatura, pois não se preocupa com seu valor estético, somente com o saldo bancário no final de tudo, e os grandes prejudicados são os leitores, que estão em contato direto com diversas obras desse nível. Como já foi dito, há no mercado livros esteticamente elaborados, mas nem sempre o aluno tem maturidade e conhecimento suficientes para escolhê-los, ficando assim à mercê de quem nem sempre quer ajudar.

1.6. A literatura de massa

Para entendermos melhor o teor do livro a ser analisado a seguir e considerando o que já foi visto sobre livros paradidáticos e mercado consumidor, vamos procurar compreender o conceito de “literatura de massa”, que já foi mencionada nos tópicos acima, de forma que estudaremos primeiro a cultura para depois nos aprofundarmos na literatura em questão.

A expressão “cultura” tem várias definições, uma delas são os costumes, a dança, a comida etc., isto é, o modo de vida de um povo. Segundo Linton (apud CALDAS, 2000, p. 18) a “cultura é a configuração da conduta cujos componentes são partilhados e transmitidos pelos membros de uma sociedade particular”. Esse tipo de cultura é passada de geração em geração, não se aprende nos bancos escolares. Cada região tem a sua própria cultura, não

importando se é simples ou não e cada ser humano é culto no sentido de participar de uma ou de outra cultura e essa é conhecida como cultura popular.

A segunda definição se refere à erudição de uma pessoa, ao conhecimento intelectual que ela alcançou com o passar dos anos, sendo essa a definição mais comum entre as pessoas. Segundo Caldas (2000, p. 19), “o uso popular do termo cultura está mais ligado à concepção de erudição, no campo das letras, ou de virtuosismo, no âmbito das artes, e assim por diante”. As pessoas que fazem parte desse grupo geralmente se interessam por obras de arte, exposições em museus, apresentações teatrais e obras literárias mais bem elaboradas, isto é, atividades que exigem também maior recurso financeiro.

Outra definição se refere à cultura de massa, sendo considerada por muitos sem valor na cultural real, em referência à cultura erudita. Os conceitos ideológicos dessa cultura são difundidos pela mídia e apreciados pela massa, isto é, a maioria da população. Essa maioria é composta por trabalhadores que geralmente têm como lazer somente a oportunidade de ouvir os meios de comunicação de massa, sem ter acesso a centros culturais, a obras clássicas e sem interesse nisso também. Essa cultura é produto da indústria cultural mercadológica.

A indústria cultural se preocupa em produzir produtos para consumo, não se importando com a técnica ou qualidade deste, se importando apenas com a aceitação do mercado, o que ela gera é um produto capitalista feito para ser comercializado. Adorno (S/D) defende a ideia de que a cultura de massa é imposta pelos meios de comunicação de massa à população, que apenas absorve aquilo.

De acordo com Caldas (2000), foi no século XX que as comunicações de massa surgiram e tomaram grande proporção e através delas as pessoas que faziam parte da massa foram homogeneizadas em relação aos padrões culturais. O produto oferecido pela indústria cultural é um produto definido, padronizado, pronto para o consumo; em se tratando da esfera publicitária, esse produto passa a ser hipnotizante, entorpecente, indutivo, apelativo ao sensacionalismo, e isso passa a mexer com a alma humana. Dessa forma, a indústria, que já criou um padrão dos gostos e desejos humanos, passa a levar o cidadão ao consumismo exasperado e à alienação.

A então Revolução Industrial, que também trouxe consigo complexas mudanças políticas, econômicas e especialmente culturais, marcou o início da modernidade. Com essa modernização, aumenta o acesso das pessoas ao mundo letrado e consequentemente o número de leitores-consumidores, que escolhiam suas obras pelo número de exemplares vendidos, e esse adjetivo toma forma de indicadores de qualidade. A elaboração e a reflexão que a arte

trazia deixaram de ser quesitos para aquisição do produto. Caldas (2000, p. 63) argumenta que:

A obra de arte é inquestionável quanto à sua grandeza. Entre outras coisas, ela exige do observador a reflexão, o “parar para pensar”, que um produto da indústria cultural, por exemplo, não exigiria. Isso, aliás, estabelece com clareza a diferença entre a obra de arte e um produto da indústria cultural.

A partir de então começou uma divisão na literatura feita por muitos críticos, a literatura dita culta, em que suas obras passavam pelo reconhecimento da academia e a literatura de massa, considerada por muitos uma literatura inferior. Sodré (1985) afirma ter dois tipos de literatura: a culta e a de massa. Segundo ele, na segunda, o discurso literário não é utilizado de forma medíocre, mas é a manifestação do discurso pronto e ela jamais poderia ser reconhecida pela academia, pois não tem os subsídios necessários, não tem suporte, a sua produção e seu consumo são apenas pensados no jogo da oferta e da procura, ou seja, são concebidos com o pensamento no mercado consumidor. Para esse estudioso, na literatura de massa “o que importa mesmo são os conteúdos fabulativos (...), destinados a mobilizar a consciência do leitor, exasperando a sua sensibilidade” (SODRÉ, 1985, p. 16).

O texto de massa sempre mostra as mesmas características, na sua estrutura tem a presença de personagens muito bem caracterizadas, uma sequência grande de diálogos, uma exploração sistemática da curiosidade do leitor e a sua presença no universo do autor. A intriga mantém uma estrutura clássica de princípio: tensão, clímax e desfecho. Os assuntos são elaborados de acordo com o que o público espera, de acordo com o que supostamente lhe dá prazer imediato. Segundo Bosi (2002, p. 249), o autor quando escreve,

o faz com vistas ao destinatário, que é o leitor-massa, faminto de uma literatura que seja *especular* e *espetacular*. Autor e leitor perseguem a representação do *show* da vida, incrementando e amplificando. Autor-massa e leitor-massa buscam a projeção direta do prazer e do terror, do paraíso do consumo ou do inferno do crime – uma literatura transparente, no limite, sem mediações, uma literatura de efeitos imediatos e especiais, que se equipara ao cinema documentário, ao jornal televisivo, à reportagem ao vivo (grifos do autor).

Sabemos que por detrás dessas obras há uma relação muito intrínseca com as editoras, que no passado recebiam dos governos a ordem de escrever o que os agradavam, agora escrevem aquilo que o leitor quer ler. Daí surgem os grandes *best-sellers*, que são livros lidos por milhões de pessoas, enriquecendo autores e editores.

Esse tipo de literatura teve e até hoje tem grande aceitação pela massa, que continua não se importando com a qualidade ou ideologias trazidas pela obra, muitas vezes esse livro não tem só o teor ruim, mas também o material de péssima qualidade, mas ainda assim não deixa de ser consumido, pois o enredo simples é que tem agradado o leitor, leitor esse que também não se preocupa com o nível intelectual ou desenvolvimento de raciocínio, conformando-se apenas com o conhecimento de mais uma história envolvente.

1.7. A literatura voltada para crianças e jovens e o seu caráter paradidático

Nos tópicos acima, compreendemos que a literatura pode ser libertadora e reflexiva, como também fechada e manipuladora, vimos como o mercado consumidor tem interesse nesse nicho de atividades de leitura, não se preocupando com o bem-estar e a aprendizagem do leitor, apenas com o aspecto financeiro. Agora vamos nos prender a como o livro, desde sua concepção, teve um caráter paradidático e pedagógico e como isso pode atingir o público leitor juvenil para, posteriormente, podermos entender a recepção feita pelos alunos do 8º ano da Escola Estadual Iara Maria M. Gomes.

O livro voltado para o público infantil e juvenil nem sempre existiu. Para sabermos como ele passou a fazer parte da literatura, há a necessidade de conhecermos um pouco da história do seu leitor, a criança e assim a história da literatura infantil.

Segundo Lajolo e Zilberman (1999) até o século XVII, a criança era considerada um adulto em miniatura, se vestia, trabalhava, participava da vida social como este; em suma, não tinha infância. Sendo assim, não havia literatura direcionada especificamente a ela e nem mesmo as histórias narradas oralmente consideravam, como hoje em dia, sua suposta inocência e infantilidade. Mas a partir do século XVIII essa realidade começou a mudar, a criança passou a ser percebida como um ser diferente do adulto, tendo fases diferenciadas, e então suas peculiaridades foram notadas, como também suas características e necessidades próprias passaram a ser supridas.

O núcleo familiar também passou por mudanças. As famílias começaram a privilegiar o centro familiar formado pelos pais e filhos. Enfim, passou-se a estimular o afeto dentro dos lares. Segundo Zilberman (1985, p. 13),

a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade

Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros.

Diante de tal transformação familiar, a criança passou a ser vista como um indivíduo único, que precisava de atenção diferenciada dentro de cada fase que vivia. Então, o adulto passa a se dedicar a ela de forma a vê-la como um ser inocente, sem defesa e necessitada de seu auxílio. Isso se deu também no campo da educação. A partir de então, livros começaram a ser escritos com o objetivo de ajudar, educar e ensinar o menor, preparando-o para a vida adulta.

Devido a tantas mudanças ideológicas, ainda de acordo com Zilberman (1985), a escola fez-se necessária, sendo usada como instrumento de preparação dessa criança para os enfrentamentos que teria que passar no meio social. A instituição escolar tornou-se então legalmente aberta e a literatura voltada a crianças e jovens passou a fazer parte intrínseca da vida dos pequenos estudantes, validando o processo de escolarização, porque como esta instituição “trabalha sobre a língua escrita, ela depende da capacidade de leitura das crianças, ou seja, supõe terem esta passado pelo crivo da escola” (LAJOLO E ZILBERMAN, 1991, p. 18).

A escola estava montada e os alunos ávidos a aprenderem, segundo Bosi (2002), mas as histórias geralmente ganham nessa época um cunho maniqueísta, em que o mal sempre perdia e devia ser desprezado e o bem sempre vencia e devia servir de exemplo a ser seguido. A literatura tinha o papel lúdico-pedagógico de contribuir na preparação daqueles indivíduos e isso foi feito através dos clássicos, que foram adaptados do folclore, de onde surgiram os contos de fadas. Nessas obras a linguagem, os assuntos, o estilo etc. foram pensados de forma que transmitissem valores éticos, religiosos e morais de forma divertida.

Prestando mais atenção na criança, percebeu-se que ela tinha seus medos, dúvidas, conflitos internos e suas contradições de maneira diferente dos adultos e a superação desses sentimentos foi feita através da introdução da magia, do maravilhoso, do estranho, do fantástico. E assim foi estimulada a reagir na maneira conformada dos sonhos, não permitindo uma atitude de desacordo às normas sociais ou familiares.

Coelho (1991) nos afirma que os primeiros livros infantis surgiram na França com Perrault, que reescreveu as narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, retirando delas as partes obscenas e de canibalismo. Posteriormente, editou histórias mais moralizadoras e

mais adequadas aos ambientes sociais de então. Depois surgiram outros autores como Hans Christian Andersen e os irmãos Grimm.

No Brasil, a literatura infantil inicialmente foi adaptada das obras portuguesas, mas poderíamos dizer que a literatura infantil brasileira começou mesmo com Monteiro Lobato, com um universo que se centralizava em algumas personagens apenas, porém não tão convencionais.

O livro brasileiro já surgiu com marcas de cunho didático e paradidático. De acordo com Coelho, (1991), era visto como subsidiário da educação, ou seja, servia somente para auxiliar, se necessário fosse. O livro paradidático ou a literatura voltada às crianças e jovens era visto por muitos como uma literatura inferior, quando esta devia ser olhada como uma das manifestações do fazer estético da arte humana.

Zilberman (1985) mostra que mais recentemente surgiu uma nova visão da literatura voltada às crianças, passando a ser tida também como literatura juvenil, tendo portanto seus públicos diferenciados. Mesmo ainda havendo muitos autores que produzem somente com intuito pedagógico, há aqueles que se preocupam em instigar o leitor e questionar a tradição, procurando respostas adequadas às suas indagações, sendo obras que permitem ao leitor ampliar o seu horizonte de expectativas, causando estranhamento e surpresa, o que lhes garante uma leitura renovadora, porém esses não são a maioria.

Como visto, desde sempre, a literatura voltada às crianças e jovens foi permeada pelo caráter pedagógico e, atualmente, pelo mercadológico. Talvez por sua trajetória com perfil educativo, foi inculcada a ideia de que esse tipo de literatura não é arte e sim uma produção de valor inferior, como afirma Zilberman (1985, p. 13-14):

Os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo. E, até hoje a literatura infantil permanece como uma colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos: não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática; e a presença deste objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança.

Essa visão pedagógica dos livros paradidáticos deve ser mudada, pois diante do desenvolvimento educacional é necessário que os professores revejam sua prática e passem a tratar a literatura voltada à criança e ao jovem de acordo com a sua importância. Esta literatura deve ser vista como um instrumento de libertação que promove o pensamento crítico e a reflexão, dando oportunidade ao aluno de usufruir do prazer da leitura, de desenvolver a

imaginação e o conhecimento, a ponto de ele saber discernir o que o mercado oferece de melhor e não aceitar qualquer obra sem restrição.

Nos dois próximos capítulos vamos nos prender à análise dos livros *A fuga de Edgar* e *Desculpe a nossa falha* de forma que, ao final da dissertação, o leitor compreenda o que poderia ser visto dentro de cada obra e consiga mensurar o que os alunos conseguiram alcançar com suas leituras. Nesse momento, há a apresentação e mostra de uma das possibilidades de leituras completas que podem ser feitas de tais livros e assim compreendermos o porquê da afirmação de uma obra ser tida como literatura de massa e outra considerada esteticamente elaborada. Posteriormente vamos mostrar a recepção feita pelos estudantes da Escola Estadual Iara Maria Minotto Gomes.

2.- ANÁLISE DE *A FUGA DE EDGAR*, DE EDGAR J. HYDE

A produção e a fruição [...] se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e fantasia, que de certo modo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo ou como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares.

Antonio Candido (1972)

2.1. Elementos constitutivos da configuração textual em *A Fuga de Edgar*

O livro *A Fuga de Edgar* foi lançado originalmente em 23 de novembro de 1998 pela *Children's Choice Publications Ltda*, tendo como título original *Edgar Escapes*. Esse livro faz parte de uma coleção chamada *Hora do Espanto*. Foram traduzidos para o português, a princípio, apenas seis volumes: *Feliz dia das bruxas*, *Doutor Morte*, *O espantalho*, *Espelho meu*, *O fantasma escritor* e *O poço dos desejos*. Somente depois veio a tradução dos outros cinco livros: *O piano*, *A colheita das almas*, *Garoto pobre*, *O soldado fantasma* e *A fuga de Edgar*. Foi nessa segunda remessa então que foi publicado o livro objeto da atual análise. A versão a ser analisada foi publicada em 2012 pela Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda., tendo Silvio Antunha como tradutor.

O livro se divide em 17 pequenos capítulos que são distribuídos nas suas 98 páginas. É um livro de formato pequeno, com páginas amareladas e de material inferior, como papel de jornal. A capa é revestida por uma película de plástico, trazendo um tom azulado com estilo furta-cor, promovendo a difração da luz branca, mostrando assim as cores do espectro visível, dando mobilidade à imagem no momento em que o livro é manuseado.



O título da coleção está em destaque na parte superior e em letras garrafais de cor vermelha, tendo na palavra *HORA* o “O” em forma de caveira, na *DO*, também o “O” mostra-se escorrendo como se fosse sangue, e *ESPANTO*, novamente o “O” mostra dentes sobressaltados, como de vampiros, e da mesma forma que o anterior, pingando sangue. Os desenhos no título são preâmbulos das histórias de toda a coleção, que se mostram macabras, com a presença de fantasmas, vampiros, bruxos etc.

Na sequência do nome da coleção, vem o nome do livro *A FUGA DE EDGAR* com letras maiúsculas, em tamanho inferior às do título, na cor branca. Abaixo e ao fundo do nome vem a imagem de um castelo, com nuvens escuras e morcegos voando. Em primeiro plano tem um cavalo de cor clara, empinando, com um cavaleiro sobre ele, porém não deixa visível a parte superior do homem, somente as pernas presas ao animal, com uma árvore seca logo abaixo. Todas essas imagens se mostram presas em uma quase imperceptível teia de aranha e esta aparece em destaque, em tamanho grande, na parte inferior esquerda do livro, como se estivesse esperando a hora certa para dar o golpe final.

A capa demonstra exatamente o momento em que o garoto Edgar foi morto, quando estava sobre um cavalo, na frente do castelo do barão de Montford e os garotos a quem deveria servir de preceptor assustaram o cavalo com um galho seco e esse empinou lançando Edgar ao chão. A capa não mostra a cabeça do cavaleiro, parte essa que bateu no chão e foi a

causa da morte. A teia de aranha está sobre o livro todo, mostrando o lugar onde Edgar ficaria preso após a morte, pois não foi nem para o céu nem para o inferno e o aracnídeo pode representar o bruxo Edwin, que montou a teia e ficou cuidando para que a personagem principal não se livrasse dela. Dentro dos segredos da bruxaria a teia de aranha representa a própria bruxaria, pois é um movimento em que se entra e não se sai tão facilmente.

O livro *A Fuga de Edgar* propõe a temática do sobrenatural, do ser que já morreu e voltou à Terra para cumprir alguma missão, colocando o leitor numa situação de incerteza sobre sua própria realidade. É um livro pertencente à literatura fantástica, pois traz a presença de fantasmas e bruxos e outros quesitos mais. É, segundo o autor Edgar Joshua Hyde, uma autobiografia explicativa sobre o que o motivou a escrever e seus objetivos a serem alcançados com a coleção *Hora do Espanto*.

2.1.1. A literatura fantástica: explicação necessária

Para a análise do livro *A fuga de Edgar* é importante termos um conhecimento mais aprofundado da literatura fantástica para compreendermos os efeitos estranhos e sobrenaturais que o livro oferece. Para tanto, faremos um estudo sobre essa literatura explicitando termos e concepções sobre a literatura maravilhosa, estranha e fantástica, compreendendo, assim, o nível em que a obra se desenvolve dentro do real e do imaginário.

A literatura fantástica pertence ao mundo da ficção, do imaginário, sendo de certa forma mágica, surpreendente e até assustadora. Todorov (2004) define o fantástico como sendo "a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, em face de um acontecimento aparentemente sobrenatural". O texto pode ser incluído no fantástico quando cria no leitor o sentimento de ambiguidade entre o real e o imaginário.

O fantástico teve origem em meados do século XVIII para o século XIX, nasceu daquilo que não pode ser explicado pelas leis naturais através da racionalidade e do pensamento crítico e é caracterizado pela hesitação. “A *hesitação do leitor* é pois a primeira condição do fantástico” (TODOROV, 2012, p. 37, grifos do autor).

A literatura fantástica é um gênero da literatura e não se relaciona com a verdade, aliás a literatura não faz referência ao mundo, nem o representa, ela representa apenas a si mesma. Segundo Todorov (2012, p. 14), “o discurso literário não pode ser verdadeiro ou falso, só pode ser válido com relação às suas próprias premissas”.

Segundo esse mesmo autor, que vem dando base teórica para as afirmações aqui feitas, o gênero fantástico é interessante por ter uma linha muito tênue com o maravilhoso e o estranho, porém nele o herói e o leitor mantêm a hesitação entre a explicação natural e sobrenatural dos fenômenos ao longo da narrativa. O fantástico não permanece na obra toda, dura apenas o momento da hesitação, a hesitação é comum tanto ao leitor quanto à personagem e esses devem decidir se o que está acontecendo na narrativa é “realidade ou não”, assim permanecendo ou saindo do fantástico. Se as leis da natureza permanecerem intactas e o sobrenatural for explicado, dizemos que a obra se liga ao gênero estranho. Se o narrador decide admitir as novas leis da natureza, reconhecendo o irreal, entrará no gênero do maravilhoso. A ser explicado mais detalhadamente abaixo.

Segundo Todorov, o fantástico

exige que três condições sejam preenchidas. Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem; desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com a personagem. Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação “poética”. (2012, p. 38-39)

Então o fantástico não aceita o sobrenatural como verdade absoluta e não permite uma explicação óbvia para ele, por isso permanece na hesitação, na ambiguidade, pois o leitor nunca tem certeza de que o narrador está falando da vida real ou da vida com a presença de fantasmas, vampiros, bruxos etc., por esse motivo a hesitação.

Como já foi dito, esse gênero se aproxima muito do gênero maravilhoso e do estranho. O gênero maravilhoso admite novas leis da natureza pelas quais o fenômeno sobrenatural pode ser explicado e este não é visto como incomum, pelo contrário, o leitor não vê problemas em se ter animais falando ou pessoas do tamanho das plantas, ou uma bruxa que envenena uma maçã para matar uma pessoa que volta à vida pela magia de um beijo. Para o leitor, isso é completamente normal. O maravilhoso sempre se remete a um fenômeno nunca visto na vida real, isto é, um fenômeno futuro, mas que diante da atual leitura faz sentido.

O gênero estranho permite que as leis da natureza se mantenham intactas e sempre existe uma explicação natural para os fenômenos sobrenaturais. O fato sobrenatural se faz presente no gênero estranho, mas em algum momento o narrador dá uma explicação lógica

para o episódio ocorrido, mostrando que não há nada de sobrenatural, apenas coincidências e imaginação fértil, o que causa o medo, o pavor e outros sentimentos assim.

O estranho realiza, como se vê, uma só das condições do fantástico: a descrição de certas reações, em particular do medo; está ligado unicamente aos sentimentos das personagens e não a um acontecimento material que desafie a razão. (TODOROV, 2012, p. 53)

Os fatos narrados pelo gênero estranho são reduzidos a episódios explicados dentro de uma experiência lógica da vida real, completamente possível, sendo assim esse gênero sempre remete ao passado, às lembranças de algo que já foi presenciado e resolvido, dando a certeza ao leitor de que não se trata do sobrenatural, mas de uma situação com uma pitada de ilusão. Aqui o leitor não se permite convencer pelo sobrenatural, permanecendo no mundo real.

Os gêneros se definem em passado/estranho, presente/fantástico e futuro/maravilhoso, porém esses limites nem sempre são respeitados e um gênero acaba adentrando ao limite do outro. Observando esses vizinhos, é possível notar que em cada um dos casos é presumível um subgênero transitório. Esses subgêneros podem ser o fantástico-estranho e o fantástico-maravilhoso.

De acordo com Todorov (2012, p. 51) o fantástico-estranho ocorre quando

acontecimentos que parecem sobrenaturais ao longo de toda a história, no fim recebem uma explicação racional. Se esses acontecimentos por muito tempo levaram a personagem e o leitor a acreditar na intervenção do sobrenatural, é porque tinham um caráter insólito. A crítica tem descrito (e frequentemente condenado) esta variedade pela designação de “sobrenatural explicado”. (destaque do autor).

Essa explicação pode ser aceita ou não pela personagem ou pelo leitor, fato é que existe uma possibilidade de ser real ou sobrenatural. Pode servir como exemplo um trecho da obra “O gato preto” de Edgar Allan Poe, em que o gato da família é enforcado pelo próprio dono sob o efeito do álcool, no quintal da casa e quando esta pega fogo durante a noite, a escultura perfeita do animal é encontrada na parede da cabeceira da cama onde dormia o seu assassino, únicos tijolos que ficaram em pé. Parece ser algo sobrenatural, porém o narrador mostra o que possivelmente teria acontecido.

Quando me deparei pela primeira vez com essa aparição – pois não podia considerar aquilo de outra forma – minha surpresa e terror foram extremos. Mas aos poucos a ponderação veio em meu auxílio. O gato, eu me lembrava, tinha sido enforcado num jardim ao lado da casa. Com o alarma do fogo,

esse jardim tinha sido imediatamente tomado pela multidão – alguém dessa turba deve ter retirado o animal da árvore, jogando-o, pela janela aberta, para dentro de meu quarto. Isso foi feito, provavelmente, com a intenção de me despertar do sono. A queda das outras paredes comprimiu a vítima de minha crueldade no reboco aplicado havia pouco, cuja cal, junto com as chamas e o amoníaco da carcaça produziu o retrato que eu enxergava. (POE, 1993, p. 94)

O narrador dá a explicação do que poderia ter acontecido, porém isso não é comprovado no decorrer da história, podendo o leitor permanecer no fantástico, isto é, acreditando no sobrenatural, ou migrar para o estranho, acreditando nos fatos naturais. Deve-se tomar muito cuidado porque esse subgênero é muito próximo do gênero estranho, permitindo ao leitor comum a confusão entre ambos.

O mesmo ocorre com o gênero maravilhoso e fantástico-maravilhoso. O maravilhoso, assim como o estranho, não tem limites bem definidos, nele o sobrenatural não causa qualquer tipo de reação na personagem ou no leitor implícito, não causa medo, pânico, pavor, “não é uma atitude para com os acontecimentos narrados que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos.” (TODOROV, 2012, p. 60).

O subgênero fantástico-maravilhoso se apresenta também nas narrativas fantásticas, há nele uma aceitação do sobrenatural, este fica muito próximo do fantástico puro porque o sobrenatural não é explicado, apenas aceito. Todorov explica que estando

no fantástico-maravilhoso, ou em outros termos, na classe das narrativas que se apresentam como fantásticas e que terminam por uma aceitação do sobrenatural. Estas são as narrativas mais próximas do fantástico puro, pois este, pelo próprio fato de permanecer sem explicação, não racionalizado, sugere-nos realmente a existência do sobrenatural. (2012, p. 58)

O que difere o fantástico puro do fantástico maravilhoso são os tipos de personagens que cada um aborda, tendo no primeiro personagens horripilantes, que causam medo e desconforto e no fantástico-maravilhoso personagens amáveis que levam o leitor ao delicioso mundo da fantasia, mas ambos não explicam e dão o sobrenatural como existente.

Tendo feito essa explicação sobre tal gênero, podemos constatar que o primeiro capítulo do livro *A fuga de Edgar* deixa claro que essa obra está dentro da literatura fantástica, pois segundo Todorov (2012, p. 37), “a hesitação do leitor é pois a primeira condição do fantástico”.

O narrador de *A fuga de Edgar* já no primeiro capítulo expõe a situação em que se encontrava o ajudante da personagem principal, o fantasma Edgar, dizendo: “a princípio Hugo não tinha noção do que faria [...] com aquilo que eu dizia a ele. Ele achava que eram apenas

indícios de que estava perdendo a razão” (HYDE, 2009, p. 7). A personagem é colocada como alguém que pode estar tendo distúrbios emocionais e psicológicos, e sabe-se que delírio, alucinações que envolvem o ver e ouvir coisas, sendo o ouvir vozes a alucinação mais comum, pensamentos desorganizados, isolamento social etc. são sintomas da esquizofrenia, da loucura. Então a personagem Hugo pode estar imaginando toda aquela situação ou pode de fato estar passando por ela, portanto, diante da hesitação do leitor em poder aceitar o real, a loucura de Hugo, ou o sobrenatural, a presença da alma de um morto ditando o que Hugo escreveria, podemos concluir que a obra *A fuga de Edgar*, de Edgar J. Hyde, pode ser incluída na literatura fantástica.

2.1.2. A dinâmica dramática intrínseca de *A Fuga de Edgar*: em busca de um leitor

O livro inicia com o narrador/personagem, que se apresenta como autor, conversando com o leitor, explicando que o livro será uma autobiografia. Conta que vivia em além-túmulo e conheceu um homem chamado Hugo, que o ajudou com a escrita de toda a coleção e, assim, convida o leitor a se deleitar com a sua literatura, se tiver coragem. Então a história começa.

Edgar J. Hyde teria nascido no Dia das Bruxas. Era uma criança que vivia num castelo imenso, cheio de salas e segredos obscuros, com uma masmorra viva, pois os gritos de horror eram ouvidos a distância. Gostava de estudar porque seu pai tinha a nobre profissão de preceptor dos filhos do barão de La Rochelle, motivo esse de morar no castelo.

Como convivia muito com seu pai, desenvolveu suas habilidades intelectuais, gostava da presença dos adultos e odiava a das crianças. Porém, como herdou a profissão do pai, foi convidado para ser preceptor dos filhos do barão de Montford, a três dias de distância de onde morava, e assim ia morar num lugar desconhecido, com pessoas desconhecidas e lidar com o objeto de seu desprezo: as crianças. Sua mãe ficou um tanto apreensiva, mas permitiu a partida do único filho.

Edgar sempre esteve protegido dentro do castelo do barão de La Rochelle. Sua viagem ao castelo do barão de Montford foi bastante difícil e ele teve que superar seus próprios medos e desafios. No caminho, encontrou uma estalagem, onde passou a primeira noite; a segunda, teve que passar ao relento, susceptível aos ataques de predadores e assaltantes, chegando no terceiro dia à tarde no seu destino.

Ao olhar seu novo lar, sentiu um arrepio, pois parecia o castelo dos horrores com cabeças espetadas em estacas e foi nesse ambiente sombrio que teve contato pela primeira vez

com os garotos que seriam seus pupilos e responsáveis por sua morte. As crianças eram as representantes de toda a maldade daquele lugar, eram sarcásticas, fingidas e dissimuladas, pois já no primeiro encontro derrubaram Edgar ao chão e riram da sua face, depois posavam de educados perante o barão, que lhes dava todo apoio.

No primeiro dia de aula, já ficou claro que os meninos não queriam aprender nada e Edgar não podia nem reclamar com o pai deles, que achava graça nas traquinagens feitas.

Um dia depois de uma aula malfadada pediu um cavalo do barão emprestado para espairer, quando subiu no cavalo e estava se ajeitando para sair, Edgar foi vítima da maldade de Thomas e Richard, que instigaram o cavalo a empinar fazendo com que seu cavalheiro caísse de cabeça no chão e se ferisse gravemente.

Quando ele acordou alguns dias depois, descobriu que estava prestes a morrer, então rogou uma praga sobre os filhos do barão e todas as crianças do mundo, mas qual não foi a sua surpresa quando um bruxo chamado Edwin lhe apareceu tentando convencê-lo a retirar a praga, mas ele não quis, então o bruxo colocou uma condição para que seu feitiço acontecesse. Essa condição era que para as crianças serem condenadas todas tinham que se tornar más.

Edgar deu o último suspiro minutos depois da conversa com Edwin, mas não foi para o céu ou para o inferno, ficou preso no limbo e ficaria lá até conseguir efetuar seu feitiço.

O tempo fez com que Edgar planejasse uma forma de voltar ao mundo dos vivos e descobriu que poderia propagar a maldade através de livros. Foi na virada do milênio que encontrou duas crianças que gostavam muito de livros diabólicos e isso o fortaleceu. Diante de tantos pensamentos ruins daquelas crianças, voltou ao seu corpo e conversou com elas, pedindo para que escrevessem as histórias que ele iria ditar. Bobby e Ruth se assustaram no início, mas depois se acostumaram com a presença de Edgar e se alegraram com a ideia da produção do livro, porque pensaram no dinheiro que ganhariam, mas não sabiam que essa ideia era para destruir todas as crianças do mundo e até elas mesmas.

Escreveram seis livros e mandaram para uma editora cujo dono e editor se chamava Tolstoy. Este amou a ideia e já fechou contrato com Edgar para um lançamento no mundo todo o mais rápido possível, mas no dia em que Edgar foi chamado à editora para ver o vídeo da propaganda, tudo começou a dar errado. O bruxo Edwin apareceu e destruiu novamente os sonhos dele e isso só foi possível porque as crianças começaram a gostar de Edgar. E assim ele voltou ao limbo, mas deixou a promessa de que voltaria para se vingar.

A trama começa com a explicação do narrador sobre que tipo de leitura o leitor encontrará. Ele já inicia o livro dizendo que não é do mundo natural e encontrou uma pessoa à

beira da loucura que se dispôs a ajudá-lo a escrever a sua própria história. Essa pessoa se chama Hugo, que é um homem frustrado e que está na mais profunda depressão. O leitor é como que preparado para o que vai ler. O narrador coloca a obra como se fosse de terror, com a intenção de atemorizar o leitor, pois procura criar uma atmosfera de suspense, procurando explorar a curiosidade de quem lê, sendo o primeiro elemento de terror a afirmação de que o autor é um fantasma.

A obra é dividida em duas partes, cada uma com seus elementos próprios: apresentação, desenvolvimento, ápice e desfecho. Na primeira parte é narrada a história da vida do protagonista, encerrando com a sua morte; a segunda parte se mostra de maneira mais sobrenatural, narrando sobre como foi sua trajetória depois de morto.

A partir do segundo capítulo a narrativa acontece de modo linear, começa com o nascimento do protagonista e, junto com seu nascimento, começam os clichês de obras de terror, com estrutura simples e pouco elaboradas. Ele nasceu numa noite de tempestade e Dia de Halloween, nasceu no dia em que a maldade era comemorada, e continua narrando sobre suas primeiras lembranças num gélido castelo assustador, onde o escuro e o uivado dos cães o paralisavam de medo. Ao descrever o dia do seu nascimento e o local onde vivia, busca impor ao leitor o medo que este deve sentir no desenrolar da história.

No mesmo capítulo conta como foi sua infância, o prazer que sentia em estar na companhia dos adultos e o quanto já odiava a presença de crianças. Foi com seu pai que aprendeu a ler e escrever e se coloca como sendo muito inteligente, que poderia ter sido alguém importante na sociedade daquela época.

Acho que eu poderia ter trabalhado na casa real ou no governo da região, negociando tratados ou redigindo as novas leis. O meu pai me garantiu que as pessoas que sabiam ler e escrever eram sempre solicitadas. Porém, segui o caminho mais fácil e apenas me baseei no meu pai. (HYDE, 2012, p. 14-15)

O narrador procura passar a ideia de que as pessoas podem ser mais do que foram seus pais, que não devem se acomodar, mas ir além. Edgar, nesse trecho da história, se mostra arrependido por ter escolhido o caminho mais fácil e que essa facilidade pode levar à morte. Apresenta então um cunho didático, procurando convencer o leitor a fazer mais do que os pais fizeram e não o que é mais fácil.

No capítulo 3 o protagonista já tinha 18 anos, então tinha que sair de casa para trabalhar e, se necessário, afastar-se da família; decisão essa pensada por ele e pelo pai, pois alcançara a maioridade. Essa é uma questão levantada para levar o leitor a pensar da mesma

forma e sair para trabalhar com essa idade e não ficar dependendo dos pais mais que o tempo necessário.

Na continuação, o capítulo mostra como realmente foi fácil para conseguir um emprego como o do pai, retomando o que disse no capítulo anterior e como desculpa, não querendo assumir a própria decisão, coloca a culpa de suas escolhas na predestinação, argumentando que seu destino já havia sido traçado. Ao mesmo tempo em que o narrador procura estimular o leitor a fazer mais do que os pais fizeram, a trabalhar quando forem maior, os desestimula dizendo que de nada adianta, pois o futuro de cada um já foi traçado, uns para a vitória e outros para a derrota, não deixando chance para as consequências das próprias escolhas, isto é, o livro apresenta discurso contraditório.

O capítulo 4 começa narrando a saída de Edgar do castelo do barão de La Rochelle em direção ao castelo do barão de Montford, onde serviria como preceptor dos filhos do barão, como seu pai. Embora o castelo tenha sido descrito no início do segundo capítulo como assustador e frio, representa agora o seu lar, local onde tinha proteção, mostrando assim outro ponto de contradição. O caminho perigoso que teve que percorrer pode representar a chegada da maturidade, pois estava sozinho, sem a proteção dos pais e dos muros do castelo. Na primeira noite ficou em uma pensão, local seguro onde pôde dormir tranquilamente, lembrando o seu antigo lar; a segunda noite dormiu ao relento, somente com o amparo de uma fogueira. Foi onde se percebeu sozinho, uma presa fácil, pois não havia sido preparado para aquele mundo. Sentiu muito medo diante dos uivados de lobos e outros medos da sua imaginação. A segunda noite representava então seu novo lar e os sentimentos e desafios que o esperavam lá. Esse capítulo poderia então ser chamado de capítulo da transição, momento em que o protagonista começou a deixar de ser menino para se tornar homem.

O quinto, sexto e sétimo capítulos apresentam o novo lar de Edgar. Um castelo ainda mais sombrio e horripilante, e apresenta também os garotos que seriam responsáveis por sua morte. Logo no primeiro dia naquele lugar, no primeiro contato que teve com as crianças, estas lhe passaram uma rasteira que ele se esbarrachou no chão e depois ouviu gargalhadas ao fundo e soube que vinha dos garotos Richard e Thomas, os filhos do barão de Montford. Este era permissivo com os filhos, não impunha limites e os deixava fazer o que queriam. Isso pode lembrar que os pais devem educar e impor limites aos próprios filhos, pois mais tarde são os próprios pais quem sofrem, como o barão, que acabou sendo morto pelos filhos para ficarem com a herança.

Edgar foi avisado das maldades dos meninos e como acabaram com os outros preceptores. Nesse momento, ele teve a opção de desistir e fugir, mas preferiu ficar e acreditar

que seria capaz de educar tais garotos. As aulas começaram e ele percebeu que foi um erro ter ficado, pois não conseguia o respeito nem o medo dos meninos e não poderia recorrer ao barão, pois este os apoiava. Esses capítulos mostram que uma decisão mal pensada pode acarretar em drásticas consequências e muito sofrimento.

Até o capítulo 7 a história não tem muito suspense, o narrador procura aumentar esse sentimento a partir do capítulo 8 e neste capítulo há o ápice da primeira parte do livro, que foi o momento em que Edgar montou o cavalo para passear e os garotos, que o espreitavam de longe, pegaram um pedaço de madeira fina e pontuda e enfiaram na traseira do animal, que empinou e jogou Edgar para o alto. Essa parte da história aguça a curiosidade do leitor, pois o narrador mostra vários detalhes dos sentimentos e da visão que Edgar estava tendo ao ser lançado ao ar até chegar ao chão. A narrativa consegue dar a impressão de que isso acontecia em câmera lenta, possibilitando ao leitor ser espectador próximo daquela cena. O capítulo termina dizendo que as últimas coisas que Edgar ouviu antes de bater a cabeça no chão foram as risadas de Richard e Thomas e os viu sendo levados para longe da cena do crime, o que o fez pensar que jamais seriam responsabilizados por essa atitude.

Essa cena pode causar um sentimento de revolta no leitor diante da desvalorização do ser humano, fazendo-os agir de maneira mais educada e dócil com o próximo, ou dar ideia de tipos de maldades que podem ser executadas para machucar outras pessoas.

O capítulo 9 dá início à segunda parte do livro, o tempo continua sendo linear, transcorrendo a partir da queda do protagonista. Começa dizendo que Edgar acordou um dia depois, muito mal, à beira da morte e viu Thomas e Richard rindo dele, ficou enfurecido e nesse momento jogou uma maldição sobre aqueles garotos, mas Edgar achava que todas as crianças eram iguais e ampliou a maldição a todas as crianças do mundo. O barão novamente defendeu os filhos e mandou buscar o bruxo Edwin, o melhor da região, que não conseguiu fazê-lo retirar a maldição dos meninos, mas ele jogou uma maldição sobre o moribundo para combater a que havia sido jogada sobre os menores. Edgar ficaria preso ao limbo e sua maldição só seria concluída quando todas as crianças do mundo fossem maldosas e sem amor no coração.

Esse capítulo explica ao leitor o porquê da revolta de Edgar e quais foram os acontecimentos que o levaram a ficar preso no limbo, como se o leitor precisasse de maiores explicações para compreender as suas ações futuras e tomassem partido a seu favor.

A partir do capítulo 10, Edgar relata seu sofrimento enquanto morto, descrevendo para o leitor como é o cotidiano de quem não vai nem para o céu nem para o inferno. Narra como acompanhou a morte do barão e posteriormente de seus filhos, dizendo que um matou o outro

porque não conseguiram dividir a herança. O narrador busca as crenças que geralmente falam no contexto popular sobre o céu e em especial sobre as chamas do inferno, inculcadas na mente dos leitores, para que esses consigam construir uma imagem e continuar a entender a história e de certa forma aconselha o leitor a ser bom ou ruim para seguir para o céu ou o inferno, porque o meio termo era o pior de todos.

Os capítulos 11 e 12 narram a solução que Edgar encontrou para tornar as crianças más e voltar à vida, que são os livros. Conta a trajetória da imprensa até o século XX, citando nomes de autores conhecidos que criaram livros de terror como Mary Shelley, que escreveu *Frankenstein*, Edgar Allan Poe, com a história, segundo Edgar fantasmagórica, *A queda da casa de Usher* e Bram Stoker, que criou *Drácula*. Assim o autor tenta colocar as suas narrativas em pé de igualdade com essas obras, o que seria impossível por se tratar de uma história simplista e pouco elaborada.

Edgar encontrou suporte para voltar à vida através de duas crianças, Bobby e Ruth Harrison que devoravam livros diabólicos, conseguindo assim se corporificar, assustando-os a princípio, mas depois se tornando grandes companheiros. Isso aconteceu no capítulo 13. A partir dos capítulos 14 e 15 eles começam a elaborar uma coleção de histórias horripilantes, que Edgar ditava e as crianças escreviam. Esse plano deu certo e conseguiram vender a ideia a uma editora, cujo editor se chamava Tolstoy, que queria publicar imediatamente os livros. Aqui o narrador fala do ganancioso editor de livros chamado Tolstoy, que lembra o famoso escritor russo Liev Tolstói, porém a semelhança fica apenas no som do nome porque Tolstói foi um bem-sucedido escritor que se preocupava com o verdadeiro sentido da vida e, cansado de procurar respostas na filosofia, teologia ou na ciência, preferiu levar a vida sem luxo, como os camponeses, o que não foi muito fácil por causa das exigências financeiras de sua família, mas ao final abandonou-a pelas suas ideologias.

No capítulo 16 o livro chega ao seu segundo ápice, em que está tudo pronto para se assinar o contrato e nesse exato momento aparece novamente o bruxo Edwin para impedir Edgar de consumir sua vingança. O livro é finalizado com o capítulo 17 contando que Edgar foi obrigado a voltar para o limbo, mas prometeu voltar, deixando como frase final uma ameaça ao leitor dizendo: CUIDADO COMIGO!

O livro é encerrado, portanto, de uma forma pronta e acabada e até mesmo sem sentido, não levando o leitor à reflexão, de forma que o mal novamente perde e o bem vence, pois as crianças ficam livres da maldição. A história segue uma trajetória comum e um enredo previsível, dialoga muitas vezes com o leitor, mas não permite que ele tome decisões dentro

do texto, os conceitos já estão prontos, de forma que o leitor somente tem oportunidade de conhecer o enredo, mas não de pensar sobre ele.

2.1.3. Personagens e o espaço em função de uma premissa inicial

A força dramática de uma história está na busca da realização dos desejos da personagem protagonista e as personagens antagonistas surgem para ajudar ou atrapalhar, dando assim movimento à obra.

Edgar é o protagonista do livro *A fuga de Edgar* e também o vilão, pois é ele que desperta no leitor toda a ansiedade e excitação. Ele envolve o leitor tanto por suas ações quanto por suas emoções e procura prender a atenção do leitor pela curiosidade.

O narrador presentifica o protagonista do começo ao fim da história e todo o enredo gira em torno de suas ações e desejos. Ele não compartilha essa posição em nenhum momento, colocando as personagens antagonistas sempre em segundo plano. O protagonista é apresentado ao leitor a princípio como um bom rapaz, bom filho, obediente aos pais, estudioso e inteligente, mas individualista, impaciente e sem amor para com as crianças. O narrador deixa claro desde o início sua aversão aos menores. Isso é demonstrado na seguinte fala:

Na verdade, comecei a não gostar mais das outras crianças por causa dos modos e da falta de educação delas. Eu detestava jogos bobos e risadinhas tolas. As crianças podiam ser muito cruéis e grosseiras umas com as outras sem motivo algum. (HYDE, 2009, p. 14)

Na segunda parte, porém, quando é narrado o cotidiano da sua morte, ele é apresentado de maneira diferente, muito mudado, se tornou um ser vingativo, malvado e obsessivo, porém reprimido, ignorado e entediado. As personagens antagonistas circundam toda a narrativa de forma alternada, nenhuma delas acompanha o protagonista no decorrer de toda a história.

A primeira personagem antagonista que aparece no livro é Hugo. Ele é descrito como um homem cheio de pensamentos perturbadores e maldosos que começou a ver e falar com gente morta. O narrador relata que Hugo estava no seu limite de sanidade e, por isso, permitiu que Edgar entrasse na sua mente e fizesse com que ele obedecesse a tudo o que Edgar

mandava. Então, podemos dizer que Hugo era um ser confuso e que toda a história de Edgar pode ser fruto da sua imaginação.

Começando a descrição propriamente dita, temos a mãe e o pai de Edgar. À mãe, o narrador não deu muito destaque, evidenciando o costume da época de não levar em conta os pensamentos femininos. Somente no momento da sua partida mostra um diálogo em que a mãe se mostra amorosa e temerosa pelo futuro do filho. O pai, por sua vez, é exaltado pelo narrador, mostrando suas qualidades como preceptor, como pai e como conselheiro: “para nós, é a educação que faz a diferença, filho” (HYDE, 2009, p. 12). O pai é descrito como um homem severo mas justo, que ensinava francês, latim, matemática, história e a Bíblia. Não é citado o nome dele, mas fica claro que foi ele o responsável por educar o filho, que o admirava e também por isso seguiu seus passos na profissão. Reúne, portanto, todas as boas qualidades que supostamente um pai deve ter para com os filhos, marcando ainda mais um discurso que parece querer pregar os “bons costumes”.

Outro antagonista da primeira parte é o barão de La Rochelle. Sobre ele sabemos apenas que era um homem temido, muito rico e patrão do pai de Edgar, com quem este só teve contato quando foi falar da sua partida para o castelo do barão de Montford, mesmo morando por 18 anos na sua propriedade. Podemos imaginá-lo então como um homem rude, severo e pouco acessível.

Depois da viagem de três dias para o novo emprego, surgem novas personagens secundárias no enredo, como Gertrude, com pouco destaque na trama, que é a empregada que se simpatiza com Edgar e o avisa sobre a maldade dos filhos do barão e o sumiço dos outros preceptores. Ela parece representar a voz da consciência benfazeja. Richard e Thomas eram os filhos do barão de Montford, garotos que foram descritos como mal educados, maldosos, sem limites e protegidos pelo pai. Esses garotos se destacam na narrativa por causarem a morte do protagonista e mais tarde por matarem o pai a sangue frio, assinalando toda a maldade que existia em seus corações.

Outra personagem secundária é o próprio barão de Montford, descrito também como um homem muito temido por seus inimigos, mas com um índice de maldade mais elevado que o barão de La Rochelle, pois não era justo. Isso é representado pelos corpos pendurados em estacas e uma masmorra ainda mais cheia de gritos de horror e desespero. Era um homem gigantesco, com cabelos negros e cheios e uma longa cicatriz no queixo, o que mostrava sua história de lutas e vitórias.

Havia também Godfrey, um bisbilhoteiro e “puxa-saco” do barão, encarregado de encobrir as barbaridades de Richard e Thomas, inclusive responsável pela retirada dos

meninos da cena do crime contra Edgar. Este é o único que desconfia do assassinato do barão pelos filhos, mas nunca fala nada e passa a servi-los. Como se vê, os embates entre o bem e o mal vão se acumulando com a nítida necessidade de demonstrar até onde a crueldade humana pode chegar e o quanto ela é reprovável.

Outra personagem é o bruxo Edwin. Ele é tido como um “bom” bruxo, pois protege as crianças, mesmo as más, do feitiço de Edgar, por duas vezes, não permitindo que ele se vingasse. Esse bruxo tem as características comuns a todos os bruxos de histórias fantasmagóricas: a barba branca e se vestia com uma capa roxa, cheia de símbolos, possivelmente referentes à bruxaria.

Mais uma personagem interessante é o editor Tolstoy, descrito a princípio como ganancioso e espertalhão, que no final se assusta com as coisas sobrenaturais que estavam acontecendo em sua editora e protege Ruth e Bobby, que acompanhavam Edgar. Mostra-se corajoso ao dar um murro no rosto do outro e depois mandar os guardas colocarem Edgar para fora. E as últimas personagens secundárias da trama são as crianças Bobby e Ruth. O menino tem 13 anos e a menina 11. Ambos têm cabelos pretos na altura dos ombros e usam óculos de aros pretos, lembrando o estilo gótico ou do bruxinho Harry Potter. São descritos como “fissurados” por livros de terror e têm a cabeça cheia de pensamentos nefastos o tempo todo. São eles os primeiros responsáveis a auxiliar Edgar a voltar à vida e também a escrever cinco livros para Edgar.

As personagens de *A fuga de Edgar* são portanto muito previsíveis, cheias de clichês e com ideias que demonstram o senso comum desse tipo de narrativa, além de carregadas de ensinamentos gratuitos.

O espaço na narrativa é também dividido em duas partes. O primeiro capítulo não define o espaço dos acontecimentos, pelas características das personagens: imagina-se um quarto sombrio e gélido. Quando a narração da vida de Edgar é iniciada, já acontece a descrição do espaço em que ocorria, um castelo escuro e amedrontador, típico das narrativas de horror. De uma maneira geral, o espaço da primeira parte se configura da mesma forma: castelo com estilo assombroso e com masmorras e empregados nem sempre tão bons. Demonstra sempre ser um ambiente frio e hostil, dando a entender que a história toda seria nesse tom, ou seja, uma história acinzentada.

Outro ambiente rapidamente mencionado é uma floresta por onde Edgar viajou, apresentando um ambiente aberto, devido ao entrecruzamento das árvores, úmido e cheio de perigos iminentes, mantendo o sentimento de medo e susto, de maneira a assegurar a atenção do leitor.

Depois da morte do protagonista surge um novo espaço que não faz parte da realidade humana, mas da imaginação através de outros textos apresentados com a mesma temática como filmes, novelas etc. O limbo se apresenta como um lugar também sombrio, triste, isolado, sem nada de concreto, apenas o vago. Desse ambiente ele visitava toda a história da humanidade, desde a Idade Média até o século XX. Ao final da narrativa surge um ambiente comum aos olhos da atualidade. Primeiramente o quarto de Ruth e Bobby, que é um quarto escuro, com apenas uma lâmpada verde clareando o ambiente, luz necessária apenas para enxergar as letras dos livros que liam e com essa penumbra criaram uma atmosfera propícia para o tipo de literatura que gostavam. Porém, mesmo sendo um quarto diferente, tinha a presença de camas, computador, abajur, símbolos prontos na imaginação do leitor.

Ao final da trama é mostrado um ambiente diferenciado de todo o contexto da história, uma editora, lugar refinado, limpo, claro e bem aconchegante, mas este ambiente é a porta de entrada para o novo fim de Edgar. Para um leitor mais atencioso, esse ambiente pode representar um pequeno refúgio e alegria que o protagonista teria, mas que seria rápido e passageiro, pois logo voltaria para seu ambiente de origem.

A história é encerrada num ambiente aberto, uma avenida com um grande *outdoor*, lugar onde deveria estar exposta a foto de Edgar acompanhada da capa dos seus livros, local onde Edgar estava se desfazendo. Esse apelo parece representar o sonho do autor em querer fazer parte dos livros mais vendidos na contemporaneidade e fazer parte da lista das pessoas mais conhecidas e importantes do mundo da escrita.

2.1.4. O tempo da narrativa

Em *A fuga de Edgar* o tempo é bem elaborado e contribui para que o leitor não tenha grandes dificuldades de imaginar a história, ainda que ela fora iniciada, de certa forma, pelo final. O primeiro capítulo demonstra que Edgar e seu servo e escriba Hugo viviam na contemporaneidade, pois há a presença de computadores com internet e e-mails, dando a ideia de que Edgar ainda estava preso ao mundo dos mortos, mas seu amigo fazia parte da realidade humana. O primeiro capítulo deixa o leitor meio confuso, precisando prestar atenção aos acontecimentos, mas a partir do segundo a história fica fácil de compreender.

Depois do primeiro capítulo, a narrativa mostra um tempo linear, enquanto a personagem se mantinha viva o tempo era respeitado para cada atividade, como por exemplo o tempo de crescimento da personagem, da viagem de três dias, dos avisos recebidos por

Edgar para tomar cuidado com os filhos do barão até os dias em que ficou moribundo em uma cama e, depois da sua morte o tempo continua a ser registrado de forma linear, porém com grandes espaçamentos e com um equívoco a princípio.

Ele narra os fatos que ocorreram logo depois da sua morte, na Idade Média, no século XV, quando aconteceu o assassinato do barão e a morte dos seus dois filhos traidores. O narrador se equivoca na linearidade do tempo quando fala sobre Shakespeare, autor das obras *Hamlet*, *Macbeth* e *Otelo*, segundo ele diabólicas e maléficas, afirmando que o vira no século XVI e depois volta a relatar acontecimentos que ocorreram no século XV, como a invenção da página impressa por “tipos”, por Johann Gutemberg.

Depois desse fato a narrativa continua de forma linear e correta, passando a narrativas de acontecimentos ocorridos no século XIX, falando sobre a energia a vapor, sobre Mary Shelley, a autora de *Frankenstein* e sobre Bram Stoker que, segundo Edgar, é autor de uma das obras mais demoníacas da história, *Drácula*. O narrador coloca-se como espectador e admirador desses escritores, pois através deles a maldade começou a entrar na cabeça e nos corações das crianças. Todos os acontecimentos tirados da realidade ocorreram de fato na data impressa, com a única alteração do século XVI antes do século XV.

Ele se utiliza das seguintes indicações para marcar o tempo, "há muitos séculos", "na Idade Média", "1396", "naqueles tempos antigos", "completei 18 anos", "ao anoitecer", "dia seguinte", "manhã de primavera", "três ou quatro dias", "o primeiro dia de viagem", "a claridade começou a enfraquecer no fim do dia", "era tarde", "segunda etapa da minha jornada", "próxima noite", "a noite começou a cair", "horas de escuridão", "o dia passou", "no instante seguinte", "naquela noite", "calor da manhã", "naquela manhã", "na tarde", "terceiro dia de viagem", "por um segundo", "houve uma pausa", "alguns segundos depois", "acabado de chegar", "naquela mesma tarde", "estava ficando tarde", "passei a noite inteira", "os dias se seguiram", "tarde agradável", "despertei quase um dia depois", "pelo tempo que o poder do meu feitiço perdurar", "1º de maio de 1414", "no decorrer dos anos", "fatídica noite de inverno", "os contos de fada eram repulsivos e assustadores na minha época", "com o passar do tempo", "século XVI", "século XV", "durante séculos", "1450", "1455", "1470", "uns poucos séculos", "século XIX", "1818", "final do século XIX", "decorrer dos anos", "perto da virada do século XX", "passamos o milênio", "mais de 500 anos", "uma noite", "agora mesmo", "imediatamente", "num instante", "depois de 500 anos", "nas semanas seguintes", "quase imediatamente", "as semanas que antecediam", "cada minuto de cada dia", "31 de outubro", "os dias se arrastaram", "30 de outubro", "amanhã", "muitos séculos antes", "no momento seguinte", "decorrer de longos e tortuosos séculos".

Através das expressões que demonstram o tempo da narrativa é possível perceber que no começo ele fala de horas, dias, referindo-se à época da sua vida, depois passa a falar em séculos, tempo que passou no limbo, depois voltou a falar de semanas, dias, minutos, foi quando voltou à vida para se vingar e por fim voltou a falar em séculos, quando de sua volta ao mundo dos mortos, permitindo ao leitor acompanhá-lo no vaivém da sua narrativa.

2.1.5. Um narrador e seu ponto de vista a serviço de...?

O livro é narrado em primeira pessoa, tendo então um narrador personagem. O narrador em primeira pessoa dá maior veracidade ao drama, conduzindo uma teia de acontecimentos que sugere mais verossimilhança diante do leitor. Todorov (2012, p. 91) afirma que “enquanto narrador, seu discurso não tem que se submeter à prova de verdade; mas enquanto personagem, ele pode mentir”.

A história é iniciada pelo final, em que Edgar, a personagem, diz encontrar a pessoa ideal para escrever seus livros fantasmagóricos e demoníacos. Essa pessoa é Hugo, um homem alto, feio, desajeitado, rejeitado por todos e que está sofrendo de profunda depressão, estando assim à beira da loucura e do suicídio. Essa depressão fora motivada pelo seu desejo de escrever e ter seus manuscritos sempre devolvidos pelas editoras. Nesse momento, o narrador dá ao leitor a oportunidade de duvidar dos fatos vindouros, pois a loucura de Hugo pode comprometer todo o enredo, tendo em vista que ele pode estar criando em sua cabeça toda a história de vingança, coisa que ele mesmo gostaria de fazer com as pessoas que o desprezaram e pode sugerir então de que nada do que foi escrito é verídico, tendo aí a hesitação do leitor, que pode acreditar no sobrenatural ou acreditar que Hugo de fato estava louco e inventou a história. O narrador conta sobre a noite em que se conheceram e deixa a questão da loucura implícita.

Foi uma noite longa e escura para Hugo quando me aproximei dele, cheio de pensamentos perturbadores e maldosos. Era como se o encontro de nossas mentes estivesse predestinado. Se eu não tivesse aparecido nos pensamentos dele, acho que ele teria enlouquecido e se matado naquela noite. Hugo estava muito perto do limite. (HYDE, 2009, p. 6)

Hugo estava à beira de um colapso e pode ter tido alucinações a partir desse momento, sendo assim, a hesitação e o fantástico permanecem na obra toda, pois não se sabe se o

sobrenatural é real ou imaginário. O narrador dialoga constantemente com o leitor, sempre em primeira pessoa, pois,

a primeira pessoa “que conta” é a que permite mais facilmente a identificação do leitor com a personagem, já que, como se sabe, o pronome “eu” pertence a todos. (...). Penetra-se assim da maneira mais direta possível no universo fantástico. (TODOROV, 2012, p. 92)

E assim provoca o leitor não só para continuar a leitura mas para se sentir parte dela, como se fosse um cúmplice, penetrando então na história e vivenciando cada passo, cada atitude da personagem e se deixando envolver pela trama.

Esse envolvimento proporciona o sentimento de medo, medo do desconhecido, do sobrenatural, elemento presente na literatura fantástica, mas não obrigatório, pois segundo Todorov (2012, p. 41) “o medo está frequentemente ligado ao fantástico, mas não como condição necessária”. Mas esse é o sentimento que muitas vezes move o leitor a continuar ou desistir do que está lendo.

No último parágrafo o narrador imprime no leitor a ideia de que este faz parte do plano mirabolante de ampliação da maldade e o ameaça com as palavras “CUIDADO COMIGO!”. Isso leva o leitor a desafiá-lo, pois geralmente quem se interessa por esse tipo de literatura são crianças com uma idade mais avançada, na passagem para a adolescência, que se sentem poderosas e indestrutíveis e assim passam a ler as outras obras da coleção, dando maior credibilidade ao autor.

2.1.6. Linguagem e estilo

O estilo do autor Edgar J. Hyde é simplista, ou seja, ele parece querer imitar autores que estavam na moda na época da produção da coleção *Hora do Espanto*. Tem conteúdo “pobre”, usando apenas os aspectos comuns das obras de terror, utilizando-se do sentimento de medo com o sobrenatural e o não sobrenatural, produzindo em ambos os momentos uma atmosfera artificiosa de aversão e pavor. Em outras palavras, apesar de o autor procurar criar um ambiente de suspense e de inovação quando começa a história com a presença de Hugo e Edgar escrevendo sua história e quando propõe dois momentos como ápice, a história transcorre de maneira natural até a morte do protagonista e depois é como se tivesse novamente começo, meio, ápice e fim, sem grandes novidades e carregada de clichês.

Desde o primeiro momento os clichês fazem parte da história, pois Edgar nasceu numa noite de tempestade, num castelo horrível (mal assombrado) no Dia do “Halloween”, o Dia das Bruxas e véspera do Dia de Todos os Santos. Isto é, ele nasceu no dia do mal e não do bem. Os clichês permanecem com cabeças espetadas, castelo assustador e corvos comendo as cabeças penduradas, montando de fato uma cena de terror, mexendo assim com a imaginação do leitor e até mesmo criando-lhe asco. Os clichês ainda estão presentes no bruxo Edwin, que segue o padrão de homem de barba branca e longa com uma capa roxa cheia de símbolos, como também no momento da sua morte, que prometeu voltar para se vingar, da mesma forma que o fez quando foi mandado de volta ao limbo no final do livro.

A obra não mostra a maneira que o autor vê o mundo, ele cria dois mundos diferentes, mas nenhum deles leva a algum tipo de reflexão. As histórias fantasmagóricas se prendem sempre ao mesmo contexto, utilizando uma imagem pronta para a percepção do leitor, permitindo que esse não desenvolva sua imaginação ou senso crítico, apenas que siga o fluxo daquilo que já ouviu falar. O autor também se utiliza de vários momentos de diálogos, pois esses facilitam a leitura e ajudam o leitor a entrar no clima da obra, promovendo assim as sensações sugeridas.

O vocabulário não é elaborado, mas de fácil compreensão, para que o leitor não sinta nenhuma dificuldade ao ler. A linguagem leva o leitor apenas a conhecer a estrutura da obra, de forma que entenda o começo, o meio e o final, não exigindo mais nada daquele que manuseia o livro, não estimulando a integração entre o leitor, a obra e o contexto.

Antonio Candido afirma que “a integração é o conjunto de fatores que tendem a acentuar no indivíduo ou no grupo a participação nos valores comuns da sociedade” (2011, p. 40). Assim, podemos afirmar que a obra analisada não integra o indivíduo, não amplia seus horizontes de expectativas e não estimula sua participação nos valores comuns da sociedade, dando ao leitor somente a sensação do já esperado e banalizado pelos veículos de comunicação de massa, conforme apontamos.

2.1.7. Sobre o autor e a obra

Edgar J. Hyde é, supostamente, o autor do livro *A Fuga de Edgar* e de todas as outras obras da coleção *Hora do Espanto*. Supostamente porque essa obra, segundo ele mesmo, é uma autobiografia que explica a sua origem, a necessidade de escrever a coleção, como também o desejo de ter o leitor como cúmplice.

Edgar se coloca como autor-narrador e narrador-personagem, enfatizando os eventos acontecidos e dialogando sempre com o leitor, não se prendendo a uma "verdade", mas a um enredo que se quer envolvente e fantasmagórico, fazendo com que o leitor faça parte ativa da narrativa, acreditando ou não no que lê. Ao procurarmos informações sobre a biografia do autor, nada foi encontrado e, por isso mesmo, acreditamos que este é também mais um subterfúgio do mercado editorial para venda desse tipo de livro já que, de certa forma, procura ligar o nome “Edgar” ao de Edgar Allan Poe, poeta, editor e crítico literário americano muito conhecido por suas histórias que envolvem o mistério e o macabro. Podemos imaginar que há um verdadeiro autor que criou uma fantasia misteriosa para assim conseguir vender ainda mais seus livros, mas se esconde atrás do codinome de Edgar Joshua Hyde. Não podemos afirmar o dia da sua morte, pois ele se coloca como um fantasma que não está morto, mas se preparando para voltar à terra e acabar com as crianças nela existentes.

2.1.8. Fundamentos histórico-culturais-estéticos do período em que foi criada a narrativa

Para entender bem a história de Hyde, procuramos contextualizar a época em que foi lançada no mercado consumidor. A obra *A fuga de Edgar* de Edgar J. Hyde foi produzida originalmente em 1998 pela *Children's Choice Publications Ltda.* A década foi considerada como “tempos prósperos” em que muitos países saíram de regime totalitário para governos eleitos, valorizando a democracia, mas em países em desenvolvimento a crise financeira ainda era comum, em especial depois de 1994, e é nessa década que ocorreu, por exemplo, a Guerra do Golfo, como também o crescimento do terrorismo (FIORI, 2002).

Segundo esse mesmo autor, os jovens se ramificaram em diferentes tribos, num universo cultural bastante diversificado e se expressaram através das roupas, linguajar etc. Os grupos foram marcados por suas ideologias como o consumismo, o superficialismo, os ambientalistas, entre outros. O consumo de drogas aumentou bastante, pois foi nessa década que surgiu o *ecstasy* que estava diretamente ligado à cultura da música eletrônica, e consequentemente o sexo também sofreu alterações, pois as pessoas passaram a ter relações em idade precoce. No ramo da tecnologia, houve grande avanço mundial e o uso da internet explodiu.

Essa gama de aspectos mergulhou a juventude num certo comodismo social, o que não explica a inserção de textos como o Hora do Espanto analisado, pois muitas obras de boa qualidade foram publicadas também neste mesmo período.

A literatura brasileira esteticamente elaborada, de maneira geral, levou o leitor a compreender melhor o seu contexto sociocultural, de forma que este passou a se reconhecer dentro da sua realidade como também participante de um mundo globalizado.

Os textos contemporâneos, em seus diferentes gêneros, mostraram distintos enfoques da realidade do país e do mundo, levando o leitor a perceber a pluralidade de vozes que configuram a cultura atual. Segundo Bosi,

A potencialidade da ficção brasileira está na sua abertura às nossas diferenças. Não a esgotam nem os *bas-fonds* cariocas nem os rebentos paulistas em crise de identidade, nem os velhos moradores dos bairros de classe média gaúcha, nem as histórias espinhentas do sertão nordestino. Há lugar também para outros espaços e tempos e, portanto, para diversos registros narrativos como os que derivam de sondagens no fluxo da consciência. (2013, p. 466)

O Brasil teve e tem uma grande variedade cultural, no sentido de características de cada região, é um país rico que ofereceu aos seus escritores subsídios necessários para produções de narrativas marcadas por propriedades físicas ou psicológicas.

A partir dos anos de 1970 surgiram narradores que utilizavam o seu universo regional como bússola para direcionar suas produções. Bosi (2013) mostra alguns exemplos como João Ubaldo Ribeiro, que seguiu a mesma linha de Guimarães Rosa, contando os casos tragicômicos que ocorriam na região do seu Nordeste, que era muito violento, com poucos recursos financeiros, mas riquíssimo em memória e linguagem. Bosi fala também sobre Moacyr Scliar que perseverou na reconstrução de figuras judaicas de Porto Alegre, e Josué Guimarães que narrou a saga do migrante nas pequenas regiões do Sul do país. Esses autores retrataram com perfeição o início da contemporaneidade.

No final da década de 1980 a violência e a falta de segurança pública tiveram grande aumento no país e começaram a surgir várias manifestações populares que levaram os autores a retratar essa realidade, de forma que o leitor se sentisse participante da história, pois conhecia o seu contexto. Essa atenção dos escritores aos problemas sociais proporcionou sentimentos e ações nesses sujeitos, que até então eram objetos do discurso e passaram a ser protagonistas da sua própria história. Como profere Sartre,

Quando fala, ele atira. Pode calar-se, mas uma vez que decidiu atirar é preciso que o faça como um homem, visando o alvo e não como uma criança, ao acaso, fechando os olhos, só pelo prazer de ouvir os tiros (...) Mas desde já podemos concluir que o escritor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade. (1993, p. 21).

Muitos escritores contemporâneos procuraram cumprir sua função dentro do sistema, tratando o texto como um instrumento de prazer e reflexão, levando o leitor a não somente quebrar seu horizonte de expectativas, mas a ampliá-lo, porém outros procuraram apenas satisfazer o gosto do leitor, sem se preocupar com os valores estéticos da obra.

Os autores que passaram a produzir a partir da década de 1990 transitaram pela heterogeneidade do universo literário, conscientes da necessidade de uma nova relação com a realidade e com o próprio leitor, utilizando os recursos disponíveis para se aproximar dele. Sendo assim, a literatura moderna procurou reorganizar sua estrutura estilística e estrutural diante da nova realidade da tecnologia e da distribuição mercadológica, que marcou uma nova classe de leitores.

A contemporaneidade apresentou diversos caminhos a serem percorridos para novas produções artísticas e os autores engajados e comprometidos com a literatura procuraram empregar as palavras como instrumento de ação, levando seus leitores a repensar a sua própria vida, de maneira que este também agisse em benefício próprio e de quem o cercava, mudando a sua realidade. O escritor “sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar” (SARTRE, 1993, p. 20).

Uma vez em conformidade com a realidade e com os recursos disponíveis, as obras acabaram sendo modificadas não somente pelo uso da tecnologia, mas pelo público que havia encontrado. O desejo de adquirir cada vez mais no aspecto financeiro fez parte intrínseca dessa sociedade, que ficou demasiadamente sem tempo para apreciar as obras de arte. Diante disso, muitos escritores se ocuparam em suprir apenas as necessidades de fantasia veiculadas pelos meios de comunicação de massa. Segundo Bosi,

O capitalismo avançado, combinando selvageria e sofisticação eletrônica, conquistava o monopólio dos bens simbólicos. Os desejos, ou melhor, as suas representações e as suas contrafações, convertiam-se em mercadorias sob a batuta dos meios de comunicação de massa. (2013, p. 465)

Dessa forma, podemos visualizar dois tipos de produção literária a partir de 1990, aquela que continuou engajada e preocupada com a estética literária, e aquela mercadológica, que se ocupou apenas em criar enredos intrigantes e interessantes, assuntos discutidos detalhadamente no capítulo 1, subitem 1.3 (Obra aberta: por uma literatura esteticamente elaborada) e 1.6 (A literatura de massa).

Voltando à literatura contemporânea engajada, é possível perceber que esta elaborou um discurso crítico a partir da vivência do próprio sujeito, não sendo mais o intelectual a dar voz a ele por meio de um discurso autorizado, mas sim o próprio sujeito falando daquilo que lhe é conhecido. Há, portanto, mais que denúncia social, há a presença dos anseios, dúvidas, sentimentos verdadeiros e isso levou o leitor a produzir um efeito estético diante da leitura que o guiou para dentro de uma realidade narrada. Assim, essa produção literária foi reconhecida por sua multiplicidade e se constituiu em uma pluralidade que não significava um acúmulo aleatório de estilos, mas uma reação à homogeneização opressiva imposta pela indústria cultural. Ainda apoiado em Bosi,

Na rede de uma cultura plural como a que vivemos, é a qualidade estética do texto que ainda deve importar como primeiro critério de inclusão no vasto mundo da narrativa; só depois, e em um matizado segundo plano, é que interessam o assunto ou a visibilidade dos seus referentes. Esta, por seu turno, parece depender, cada vez mais, da mídia, isto é, do mercado das comunicações. (2013, p. 467)

A produção literária contemporânea se ajustou à nova realidade, mas não renunciou à tradição, uma vez que é possível perceber as influências das gerações anteriores quanto à temática e estrutura junto às inovações tecnológicas, às exigências culturais e à postura do autor frente à sociedade, usufruindo dos recursos disponibilizados para produção, divulgação e circulação das obras. Sua postura comprometida e intimista se entrelaçou com a diversidade de temas e recursos estilísticos representando uma ficção heterogênea, possibilitando múltiplas discussões de questões comuns do dia a dia, proporcionando uma leitura realista e reflexiva.

Na literatura em geral, os autores passaram a buscar a desterritorialização da narrativa, criando cenários que pudessem representar qualquer lugar, como uma rua – poderia ser qualquer rua do país ou um bairro, qualquer bairro da cidade. Nessa vertente o "não lugar" é o espaço de redimensionamento das relações humanas, dos encontros com o outro ou consigo mesmo. Os autores levam a narrativa à constatação de que a identidade nunca é absoluta e a alteridade faz parte da individualidade. Esse não é, porém, o caminho escolhido pela narrativa ora em análise. Vemos em obras como *A fuga de Edgar* apenas uma tentativa de "pegar uma

carona" em modismos que aparecem e acabam com a velocidade própria das sociedades midiáticas.

2.1.9. O período de escrita da narrativa

A literatura voltada às crianças e jovens já tem autores consagrados na contemporaneidade e principalmente na década de 1990, quando da publicação do livro *A fuga de Edgar*.

O autor Edgar Joshua Hyde certamente não está entre eles. Como pudemos perceber na análise do livro *A fuga de Edgar*, tal autor não parece ter sido até então objeto da crítica especializada, pois, além de não ter elementos que o caracterizem como uma obra esteticamente elaborada, está em outro patamar, a das obras que se preocupam apenas com o aspecto mercadológico presente na literatura de massa.

Dentro dessa literatura, tal qual a coleção *Hora do Espanto*, de autoria de Hyde, tem-se outras obras com o mesmo teor, usando o vazio, o lugar comum, literaturas que não humanizam e nem trazem pontos de decisão e reflexão, apenas aguçam a curiosidade do leitor, tratando-o como um cliente que precisa ser agradado.

Uma das autoras que mais sucesso fez na década de 1990 foi J. K. Rowling com a saga *Harry Potter*, que conta histórias fantásticas de um bruxinho aprendiz. Seu primeiro livro, *Harry Potter e a pedra filosofal*, foi aceito pelo mercado em 1997, teve sucesso instantâneo e com ele ganhou alguns prêmios no campo de livros para crianças, depois deste escreveu *Harry Potter e a câmara secreta* (junho – 1999), *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban* (setembro – 1999), *Harry Potter e o cálice de fogo* (2000), *Harry Potter e a ordem da fênix* (2003), *Harry Potter e o enigma do príncipe* (2005) e o último em 2007, *Harry Potter e as relíquias da morte*. Ela se tornou a escritora mais rica da atualidade.

Outra obra que ficou muito conhecida na década de 1990 foi *O senhor dos anéis*, escrita originalmente em inglês, publicada em três volumes entre os anos de 1954 e 1955. Sua primeira tradução para o português foi feita pela extinta editora Artnova, que cometeu alguns erros de tradução e publicou a obra em seis volumes entre os anos de 1974 e 1979. Em 1994 a obra foi relançada pela editora Martins Fontes, revisada e corrigida, tal qual a original, em três volumes. *O senhor dos anéis* é uma história de alta fantasia que mexeu muito com o público e teve 160 milhões de cópias vendidas, sendo seu autor o britânico J. R. R. Tolkien.

No Brasil, um autor que se tornou muito conhecido foi Paulo Coelho. Em 1987 publicou *O alquimista*. O livro mais tarde chegou à lista dos mais vendidos em 18 países com aproximadamente 65 milhões de cópias vendidas.

As obras mencionadas contam com a presença de bruxos, seres imaginários, fantasmas, ou com a presença do ocultismo, e seus autores tornaram-se ricos com a indústria das letras, ficando patente a característica mercadológica que essas obras trazem consigo, pois todas procuram utilizar elementos que mexam com o imaginário e sentimentos do ser humano, entregando ideologias prontas a serem consumidas em grande quantidade. Muitos desses livros se tornaram filmes, o que ampliou ainda mais a margem de suas vendas. Trata-se, portanto, de um conjunto de escritores que se preocupam mais em agradar o leitor para assim obter mais lucro.

3. ANÁLISE DE *DESCULPE A NOSSA FALHA*, DE RICARDO RAMOS

3.1. Elementos constitutivos da configuração textual de *Desculpe a nossa falha*

O livro *Desculpe a nossa falha* foi lançado em 1987 pela Editora Scipione, na Série Diálogo, pelo autor Ricardo Ramos, que iniciou sua escrita para adultos migrando posteriormente para o público juvenil, com quem teve bons resultados.

Embora já se tenham transcorrido 28 anos após sua primeira publicação, continua sendo um texto rico, muito bem elaborado que traz questões atuais e reflexivas. Teremos a oportunidade de conhecer sua obra através da análise que será feita neste capítulo.

Inicialmente vamos nos prender aos aspectos extrínsecos à obra, como a série em que foi lançado e na qual permanece até o presente, a história da editora que o publicou, a relevância da capa, orelha do livro e prefácio para, posteriormente, adentrarmos especificamente à análise da trama, pois é importante nos apropriarmos de todos os elementos que constituem a obra para melhor compreendê-la.

3.1.1. Uma Série em questão

A Série Diálogo é direcionada ao público juvenil, em especial alunos das séries finais do Ensino Fundamental e iniciais do Ensino Médio, proporcionando a eles momento de reflexão sobre seu próprio cotidiano. É importante conhecermos um pouco das ideologias e estrutura da Série Diálogo, para entendermos a estrutura intelectual que enredava o livro juvenil em destaque, conhecendo também outros escritores e ilustradores que fizeram parte do mesmo contexto que Ricardo Ramos.

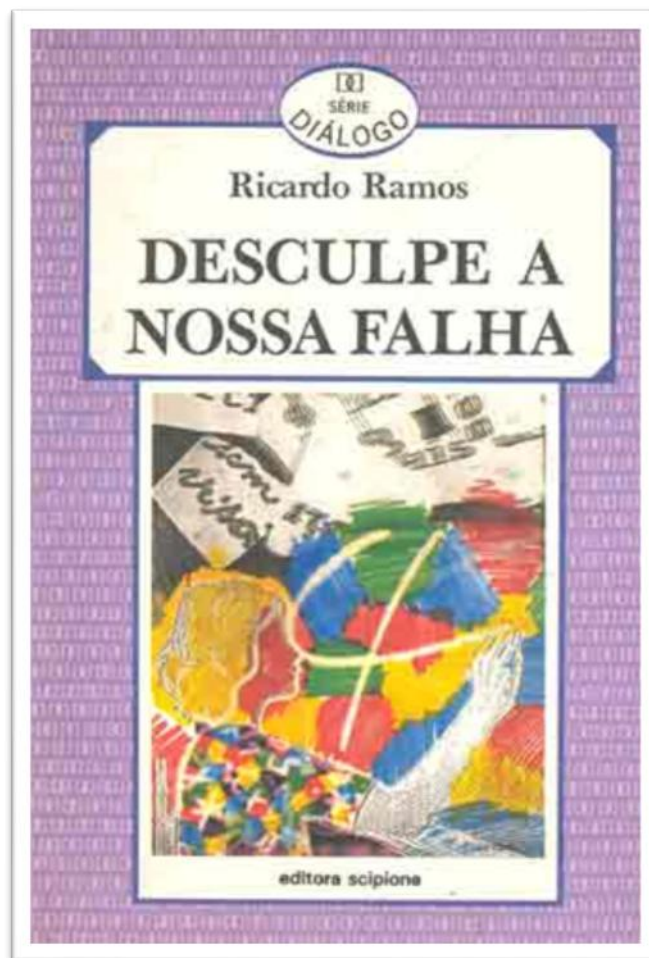
Segundo a Editora, a série tem o objetivo de oferecer aos jovens leitores textos brasileiros de boa qualidade, que lhes proporcione prazer e estimule a capacidade crítica de pensamento, como também procura oferecer condições básicas para a formação intelectual de um bom leitor, vendo o livro como algo essencial e não um produto supérfluo.

Muitos escritores dessa coleção, tal qual Ricardo Ramos, iniciaram na literatura “para adultos” e depois migraram para a literatura juvenil, colocando à disposição sua experiência e competência na escrita ficcional para um público diferenciado.

A Série Diálogo sofreu várias alterações estruturais com o passar dos anos para atender às expectativas dos seus leitores, mas sempre manteve um mesmo padrão para as

obras, a cada fase. As primeiras capas, por exemplo, tinham um colorido de fundo e depois, em primeiro plano, centralizado e de forma destacada, o nome da série, logo mais abaixo o nome do autor, depois em letras maiores, o nome da obra seguida de uma grande ilustração que tomava quase todo o espaço da capa. Esse estilo se dava para todas as obras da coleção, independente do título e do autor. Naquele momento, as capas foram feitas com esse perfil porque assim chamava a atenção dos jovens leitores.

Pegamos como exemplo a obra *Desculpe a nossa falha*, de Ricardo Ramos, para demonstrar como aconteceu esse processo e vamos também verificar a evolução dessa obra, que é nosso objeto de pesquisa, percebendo o seu desenvolvimento enquanto parte de uma série e também individual. A primeira capa apresenta um fundo lilás, com o nome da série, do autor e da obra sob um fundo branco, destacando assim esses elementos de reconhecimento do livro e, abaixo, um desenho apresentando uma pessoa de cabelo curto, não sendo possível definir se do sexo masculino ou feminino, escrevendo em um quadro. Esse quadro está pintado com várias cores, de forma desordenada, sem seguir um padrão, as cores usadas são verde, azul, vermelho e amarelo, mas ao se prestar mais atenção é possível imaginar um mapa ali desenhado, mostrando que aquele estilo de educação não pertencia a uma região específica, mas abrangia todo o país. Com um giz a pessoa faz um "C", de correto, com um corte no meio, símbolo utilizado geralmente por professores ao corrigir avaliações e concluindo que a questão está meio certa. A camiseta que a pessoa veste tem as mesmas cores do quadro, mas com pinturas menores, demonstrando que ela mesma faz parte do que ensina, do que coloca no quadro para ser aprendido pelos que a assistem. Segue abaixo a figura de tal capa.



(Primeira capa)

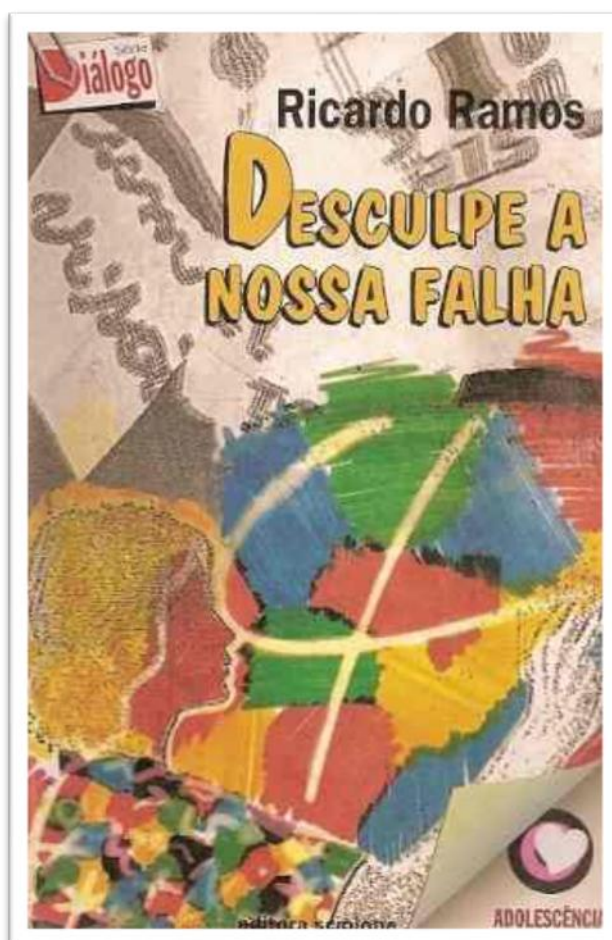
Sobre essa capa algumas alunas da Escola Estadual Iara Maria Minotto Gomes comentaram sobre o dissabor da mesma, o quanto elas não se sentiram atraídas pela narrativa. Lembrando que os nomes dos participantes da pesquisa são fictícios, seguido da idade e gênero:

Kelly, 14, F: Agora, *Desculpe a nossa falha*, primeira edição, a capa parece de um livro didático, eu achei, se eu o visse na prateleira eu ia achar que era um livro dos professores, eu não ia pegar, os desenhos muito sem noção, que eu olhando, não tem nada a ver, sem cor, parece só esboços, não me chamou a atenção não. Usualmente quando eu vou ler um livro, eu pego, olho a capa e os desenhos que tá dentro, se não tiver desenho, aí melhor ainda... né! Eu prefiro livro sem desenho.

Carla, 14, F: A primeira edição de *desculpe a nossa falha*, ele assim, eu não gostei muito dele, a capa dele não chamou atenção, e... as folhas são bem servidinhas, as letras também são bem boas, os desenhos não é muito a ver com o que fala no livro né, não gostei muito da capa.

Diante de tais declarações é possível compreender a mudança da primeira capa, pois com o passar dos anos os leitores vão mudando e a literatura necessita seguir o mesmo fluxo, já que é a esse público que tem-se que alcançar. Como disse a aluna Kelly, o livro parece didático e não é mais atrativo para a nova geração. Infelizmente não tivemos acesso a depoimentos da época do lançamento do livro, que possivelmente tenha agradado àqueles leitores, já que uma coleção inteira seguiu o mesmo padrão.

Depois dessa versão, surgiram as novas capas da coleção e foi retirado o fundo colorido, de modo que o mesmo desenho do livro anterior preenchesse todo o espaço. O nome da série passou a ficar à esquerda, como que um lembrete no papel preso a um clipe e o nome do autor acima do nome da obra no canto direito, todos esses elementos sobre o desenho principal. No canto direito inferior colocou-se um destaque para o público-alvo, um triângulo que dá a impressão de que a folha está sendo deslocada e na nova folha escrito abaixo de um coração: ADOLESCÊNCIA.



(Segunda capa)

Como percebemos, a segunda capa não sofreu grandes alterações, somente se destacou o colorido da capa anterior, que foi o que possivelmente mais tenha chamado a atenção dos então jovens leitores, destacando o público-alvo, como que convidando esse grupo para ler tal obra. Percebe-se aí um apelo para a ação de ler.

Posteriormente surgiram capas mais arrojadas e com cores mais chamativas, com a borda esquerda, de aproximadamente um centímetro de alto a baixo, destacando uma só cor e na parte superior o nome da série. A ilustração toma o restante da capa. No canto superior esquerdo, da mesma forma e cor que destacou a série fica o nome do autor, e o nome do livro ficou em destaque na parte superior direita do desenho, este sendo relacionado com o enredo da narrativa.



(Terceira capa)

Tal capa foi atualizada e completamente modificada, passava uma ideia de seriedade pelas cores mais escuras e fortes, exigindo mais a atenção do seu leitor, o que levou alguns

alunos a não apreciarem a obra, talvez por não terem ainda maturidade para uma boa apreciação.

Geovane, 14, M: A terceira edição eu também não gostei muito, essas, essas pessoas... também parecem que uns senhores já... querendo estudar ainda. A letra eu achei pequena, por causa que se minha vó pegasse pra ler ela não ia entender (risos), só.

Carla, 14, F: A terceira edição, eu também não gostei da capa por causa do... do desenho, sei lá, não chama atenção, e... a letra também é boa, as folha, o desenho é meio borrocadinho, assim não dá pra compreender muito bem... só.

Embora a terceira capa parecesse mais séria, outros alunos já conseguiram enxergar a narrativa a partir da arte, isto é, a capa já possibilitou que os educandos comessem a preencher os vazios do texto, relacionando a problemática que foi abordada na narrativa com as imagens e cores vistas na capa.

Mariana, 14, F: A terceira edição já é mais bonita, eu ia falar maneira, mas é mais bonita, novo, esse terceiro tá parecendo uma coisa mais séria, uma coisa de escola. Eu falei pra Jenifer que tava parecendo um gabarito, que tem a ver com a prova, não tem, tá parecendo aqui ó, de marcar os quadradinho aqui, deixa eu ver, a folha é diferente, esse tem uma folha boa, a letra é a mesma. As figuras são iguais nesses três livros, só mudou a capa. E não chama atenção, a terceira parece ser mais chata que as outras. É, professora, se fosse pra mim ler um desses três eu ia ler o segundo ó, porque tá mais a ver.

Daniel, 15, M: Já a terceira, já começou a ficar melhor, por causa que tem essa imagem aqui na frente que já dá pra saber que é da prova. E as imagem da primeira e segunda edição são igual.

Ainda que a terceira capa demonstrasse algum tipo de interação entre obra e leitor, possivelmente chamando a atenção do público leitor da época em que foi lançada, não se fez satisfatória para os entrevistados na atualidade. Foi então lançada a última versão de capa da obra *Desculpe a nossa falha*, de Ricardo Ramos.

Esta nova versão foi bem inovadora, trouxe um grande balão de diálogo com uma cor forte, tendo o nome do autor e abaixo, com letras maiores, o nome da obra, isso do meio para o canto direito. No canto esquerdo um balão de diálogo bem menor, com o nome da série. O desenho do balão já direcionou ao nome da série, que é Diálogo, algo que todo adolescente gosta de fazer, dialogar, conversar. Do meio para baixo vem a ilustração da obra. As cores

geralmente são intensas e vibrantes, variando de uma capa para outra, mas mantendo a identidade da coleção, sendo reconhecida facilmente pelo leitor.

A capa que nos serviu de exemplo continua sendo a última, pois assim podemos verificar também sua evolução dentro da série que a acolheu. Ela apresenta três garotos, um em pé, no centro e os outros sentados nas laterais, um sobre uma mesa e o outro em uma cadeira com as costas invertidas. A análise minuciosa dessa capa em especial será feita logo a seguir, no tópico 3.1.2.



(Quarta e última capa)

Observando a recepção dos alunos a essa capa, podemos entender por completo a mudança, pois foi uma arte que chamou a atenção e aguçou o desejo de manusear e ler a obra, como também alguns passaram a refletir sobre ela.

Kelly, 14, F: A última edição eu gostei muito, a capa, o *designer* dela já foi muito bom, os três meninos que são os principais, estão colocados aqui, e eles sem rosto é melhor que, isso inspira a gente imaginar como eles são e substituir por pessoas que a gente estuda junto.

A aluna consegue perceber a ausência da face e trazer essa questão para a sua própria realidade, pensando como isso acontece também em sua instituição de ensino. A aluna Cristina concluiu que aquela capa sim foi escrita para a sua época, como diz:

Cristiane, 14, F: A quarta edição foi a... a que eu mais gostei, que foi... a última edição que eu acho que ele foi preparado pra nós, adolescentes do século 21, é... que ele foi, tipo, que mostrou contendo esses três jovens que começou a história, atrás das provas, então a capa, ela é uma capa boa, agradável, que mostra os adolescentes da nossa época, [...].

Mesmo que para alguns alunos a capa não tenha passado uma ideia muito clara do que tratou o texto, ainda assim chama a atenção para uma possível leitura.

Geovane, 14, M: Ah! Mas a quarta edição eu chegaria, tem alguma coisa diferente nela que eu pegaria. Só pelo seguinte, a capa é bonita, tem muita... como fala, sumário?, tem muito, a edição também é muito boa, os desenho já dá pra entender melhor. A malha ver..., a malha que fala no texto também, tal, dá pra você ver, a letra é boa, o desenho também deviam ser muito embaraçoso mais, percebe melhor que os outros, as outras edição, só.

Mariana, 14, F: A última versão tá filé, professora, tem os três lá da prova, a folha, a letra chama mais atenção, ele tá pra uma coisa mais séria e as figuras tão tipo super, hiper, mega, ultra diferentes. Não tem nenhuma figura repetida, dá pra você ver elas e já lembrar da história, esse livro aqui tem tudo mais a ver, ó. Você bate o olho na figura, você já lembra e as outras edição não. Não dá nem pra você entender.

Ana Patrícia, 14, F: Já a quarta edição eu acho mais interessante porque os três menino ali sentado. Dentro do livro tem... tem tudo a ver, tudo a ver com o livro, tem a camisa aqui, a malha, tem tudo a ver com o livro a quarta edição. Eu achei mais interessante a quarta edição, eu pegaria pra ler, as outras não.

O livro *Desculpe a nossa falha* perpassou todas as mudanças pelas quais também passaram a sociedade e sua juventude, mantendo-se uma obra rica e atual, mas que se adequou a cada época vivida pelo seu público-alvo e assim permitiu a reflexão de um assunto polêmico e sempre atual: o roubo de provas.

A estrutura física dos livros também segue um mesmo padrão. No primeiro livro lançado, as orelhas apresentam os estados, cidades, endereços e telefones dos distribuidores da Editora Scipione. Na folha de rosto é exibido o nome da série, do autor e da obra, seguido

da edição e o nome e logotipo da editora, tendo no verso as informações catalográficas do livro. Na página seguinte tem-se o prefácio e logo após o capítulo 1. As últimas folhas trazem uma pequena biografia do autor, tendo na página seguinte o nome de outras obras do autor em questão e, na última folha, um “diálogo” com o leitor sobre o objetivo da série. A contracapa mostra pequenas capas de outros livros da mesma série, como também o nome de outras obras e de seus autores, fazendo propaganda do material que a série oferece para o público leitor. O livro do qual tiramos essa descrição foi a quarta edição, com responsabilidade editorial de Luiz Esteves Sallum, projeto gráfico da capa de Isabel Carballo e ilustração interna de Carlus, sendo impresso no ano de 1990.

As ilustrações contidas nessa edição começam a partir do capítulo 2, com desenhos simples em preto e branco que não reproduzem a cena descrita, mas procuram levar o leitor a parar e refletir sobre a arte, a vida. Sandroni e Machado afirmam que,

A imagem confere ao livro, além do valor estético, o apoio, a pausa e a oportunidade de devaneio, tão importante numa leitura criadora [...]. É comum pensar-se que a imagem está apenas ligada ao texto. Ela pode ser um elemento decorativo no livro, pode ser fiel ao texto, mas pode também ir além do texto. (1986, p. 38)

Como é possível perceber, as imagens contidas nessa primeira versão da obra de Ricardo Ramos conferem valor estético à obra, pois levam o leitor a ir além do texto.

A outra edição que apresentou a capa reelaborada apresenta a mesma sequência na folha de rosto, sendo diferenciada apenas pela inserção de um pequeno círculo com um coração no centro e com a palavra “adolescência”, como a que foi apresentada nessa capa, tendo também no verso os dados catalográficos, seguidos do prefácio. As últimas folhas mostram também uma pequena biografia do autor e logo depois o nome de outras obras escritas por ele. O que diferenciou foi que no verso da última página foi tirado o “diálogo” do editor com o leitor e colocados os locais de distribuição da editora, já que essa versão não apresentou a orelha do livro.

As ilustrações continuaram as mesmas e os responsáveis pela editoração do livro também permaneceram. O livro usado para tal descrição foi o da segunda impressão da 12ª edição, colocado no mercado consumidor no de ano de 1998.

O terceiro livro apresentado há na folha de rosto o nome da série seguido do nome do autor, depois o nome do livro em letras maiores e por fim o logotipo e o nome da editora, todos centralizados. No verso, da mesma forma que os livros anteriores, os dados catalográficos seguidos do prefácio, como também, nas últimas páginas do livro, a biografia

do autor e a sequência de outros livros escritos por Ramos, seguindo a ordem dos anos de lançamento de forma crescente.

A contracapa se diferencia das anteriores, no alto e centralizado tem-se um balão de diálogo com o objetivo da série e comentando a presença de um roteiro de trabalho que acompanha o livro, possivelmente para chamar a atenção do professor. Abaixo do balão foi colocado um comentário do tema, que é o roubo de provas, como também uma crítica à atual avaliação escolar e posteriormente a idade indicada para a leitura de tal obra. No fim da capa há novamente o logotipo e o nome da editora.

A última versão se diferencia em demasia das demais. Apresenta orelha do livro, capa de rosto, catalogação, acrescentando uma folha para dedicatória, sumário e depois o prefácio. A contracapa apresenta apenas um trecho do diálogo entre Sérgio e o bedel, quando esse lhe insinua a troca do suéter pelas provas, aguçando assim a curiosidade do leitor.

As ilustrações continuam em preto e branco, mas com imagens diferentes, feitas agora pelo ilustrador Alexandre Matos, porém a imagem da capa fica por conta de Rex Design e a revisão geral do livro contou com uma nova equipe: Nair Hitomi Kayo, Carolina Manley e Lilian Ribeiro de Oliveira. O livro analisado foi o da primeira impressão, da primeira edição da editora Anglo, divulgada nas escolas estaduais do Mato Grosso através do FNDE no ano de 2013, direcionada especificamente aos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

A Série Diálogo é composta por vários autores e ilustradores, além de Ricardo Ramos há: Luiz Claudio Cardoso, Vilma Arêas, Haroldo Maranhão, Dinorath do Valle, Paulo Leminski, Moacyr Scliar, Julieta de Godoy Ladeira, Lêdo Ivo, Sinval Medina, Vivina de Assis Viana, Rubens Teixeira Scavone, Márcia Leite, Inácio Araújo, Andrea Del Fuego, Anna Catharina Siqueira, Atilio Bari, Celso Antunes, Fanny Abramovich, Giselda Laporta Nicolelis, Hebe Coimbra, Jaime Celiberto, José Carlos S. Moraes, Júlio Emílio Braz, Leusa Araújo, Luiz Braz, Majori Claro, Maria José Silveira, Regina Drummond, Rosana Rios, Samir Thomaz, Sônia Barros, Sônia Sena da Silva, Stella Carr, Susana Klassen, Tânia Alexandre Martinelli, Telma Guimarães Castro Andrade, J. V. Palaoro e Valéria Melki Busin.

Os ilustradores são Alexandre Rampaso, André Ianni, Avelino Pereira Guedes, Camila de Godoy Teixeira, Carlos Edgard Herreira, Carlus, Célia Eid, Célia Seybold, Cristina Botallo, Dave Santana, Eliana Delarissa, Fábio Cobiaco, Félix Reiners, Fernanda Guedes, Floraawad, Jaime Leão, Joana Lira, Kako, Lea de Camargo Neves, Lúcia Brandão, Marcelo D'Salete, Mariângela Haddad, Maurício Paraguassu, Melissa Guimarães, Noemi de Carvalho, Paulo Tenente, Renato Moriconi, Ricardo Azevedo, Roberto Negreiros, Rogério Borges, Rogério Coelho, Rubem Filho, Salmo Dansa e Sandra Kaffka .

Alguns títulos outros da série Diálogo são: *Aids: e agora?*; *Aos trancos e relâmpagos*; *A porta mágica*; *Dias verdes*; *Guerra dentro da gente*; *Introdução à prática amorosa*; *Lobo-do-mar no supermercado*; *Molecagem*; *O canário azul*; *O dia da caça*; *O mundo é pra ser voado*; *O projeto dragão*; *Pelo amor de Adriana*; *Qual é a minha?*; *Uma chance na vida*; *Tem carta pra mim?*; *Quer TC comigo?*; *Pretinha, eu?*; *Agenda poética*; *Procura-se um planeta sustentável*; *As mulheres do meu pai*; *A voz do silêncio*; *O menor que se fez maior* etc.

Como já foi dito, o livro analisado nesse capítulo será a 1ª edição do Sistema Anglo de Ensino do ano de 2013, lançada para o FNDE / PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola), para as escolas estaduais do Mato Grosso. Por esse motivo torna-se necessário conhecer o contexto de como o Sistema Anglo teve acesso a um título que faz parte da Editora Scipione. Para tanto vamos averiguar a história do surgimento da Editora Scipione e perceber sua relação com o Sistema Anglo de Ensino.

A Editora Ática foi fundada pelo professor Anderson Fernandes Dias, em 1965 e em 1983 sua família adquiriu do professor Scipione Di Pierro Netto a Editora Scipione. As duas editoras mais algumas outras instituições de ensino formaram o Grupo Abril Educação desde 2010, que teve o intuito de levar conteúdos didáticos e paradidáticos de excelência a todas as partes do país.

De acordo com o site¹, a Abril Educação S.A. é a maior no segmento de educação básica do mercado brasileiro. Além das editoras Ática e Scipione, figuram em seu portfólio os sistemas de ensino SER, **Anglo**, pH, Maxi, Motivo, GEO, Farias Brito, a etb - Sistema de Ensino Técnico, o Anglo Vestibulares, a rede de escolas pH, o Colégio Motivo e o Centro Educacional Sigma, o modelo de ensino O Líder em Mim, as redes de escolas de inglês Red Balloon e a Wise Up, a rede de ensino móvel Edumobi, a AlfaCon Preparatórios para Concursos e a MSTech. Atualmente, a Abril Educação atende, com algum produto ou serviço, mais de 130 mil escolas e cerca de 35 milhões de alunos em todos os estados da federação.

Foi por meio dessa junção que o Sistema Anglo de Ensino pôde lançar o livro de Ricardo Ramos *Desculpe a nossa falha* no ano de 2013, conforme nota de esclarecimento da editora, enviado via email, que declara:

Informamos que o texto do Ricardo Ramos da edição do Sistema de Ensino Anglo é o **mesmo** da edição da Editora Scipione.

¹ www.abrileducacao.com.br

O Sistema de Ensino Anglo e a Scipione (assim como a Editora Ática) fazem parte do mesmo grupo empresarial. No programa de governo PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola) às vezes decide-se inscrever um título sob outro CNPJ. Foi o que aconteceu no caso do *Desculpe a nossa falha*. (grifos do autor)

Sendo assim, fica claro que a obra é a mesma, sendo diferenciada apenas pelo nome da editora por conta de trâmites burocráticos que deviam suprir as exigências do Estado, já que esta obra seria distribuída para todas as escolas estaduais do Mato Grosso. *Desculpe a nossa falha* (Anglo, 2013) é composta por capa, orelha do livro, contracapa, ficha catalográfica, dedicatória, sumário, prefácio, 27 capítulos e ilustrações, tudo distribuído nas suas 95 páginas.

3.1.2. A capa: um convite à leitura

A capa apresenta um balão de diálogo de tamanho considerável, à direita, que pega praticamente toda a parte superior, em cor marrom, tendo escrito em seu interior em cor branca o nome do autor, seguido, em letras maiores, do nome do livro. No lado esquerdo tem o selo do FNDE mostrando as seguintes informações: Ministério da Educação, FNDE / PNBE 2013, 6º ao 9º Ano, Ensino Fundamental. Há logo abaixo um círculo que diz VENDA PROIBIDA. Isso nos remete ao comprometimento dessa obra com o Ministério da Educação e sua utilização com os alunos da rede pública, de forma que estes tenham acesso direto ao livro e sem ônus.

A ilustração toma toda a parte inferior do livro, tendo parte do desenho sobre o balão acima citado. O livro tem fundo branco, que destaca ainda mais o balão e as personagens ilustradas. São aparentemente três meninos, um centralizado com as mãos nas costas e em pé com a cabeça ereta, como que focando o leitor. O garoto da direita está sentado sobre uma mesa, com as mãos espalmadas na parte de trás, como que apoiando o corpo, as costas curvadas e a cabeça levemente voltada para o leitor, como se estivesse com vergonha e o terceiro menino está sentado de frente para o leitor, de pernas abertas e relaxadas, com as mãos cruzadas sobre as costas da cadeira e com a cabeça também ereta em direção ao receptor, dando a entender que é descontraído e não se sente culpado ou envergonhado por algo. No canto direito inferior, de maneira centralizada embaixo da mesa desenhada, o símbolo de um leão e o nome anglo.

A cor marrom sugere o sentimento de estabilidade e afasta a insegurança a princípio, mas também está relacionada à repressão emocional, ao medo do mundo exterior e também

insegurança para com o futuro, sendo assim, é uma cor que demonstra sentimentos dúbios. A cor branca sugere proteção, conforto, paz. As duas cores combinam com a história narrada neste livro, em que três garotos tinham o sentimento de certeza até que tudo desabou e o medo passou a fazer parte daquele momento das suas vidas, mas a esperança não os deixou desmoronar.

As roupas usadas na ilustração são verdes e marrons. O verde é sinal de esperança diante de tudo o que viviam, e o marrom lembrava a inconstância sobre os resultados que sobreviriam a eles, mas também da (in)sensatez de quem os estava julgando.

O garoto com posição e cabeça ereta demonstra confiança e firmeza, porém suas mãos atrás das costas demonstram que está escondendo algo e por isso teme. A mesa geralmente traz o significado de reunião de um determinado grupo, e o garoto sentado sobre ela demonstra desrespeito, como também o alvo da reunião, mas seu olhar desconfiado, ainda que não possamos ver seus olhos, nos remete ao pensamento de que está com medo do futuro. O terceiro e último garoto não demonstra preocupação com o que acontece, consegue ter um olhar altivo, mesmo que a situação não esteja em ordem (cadeira na posição inversa), mas sabe que pode superar o que está prestes a acontecer. Todas essas imagens remetem às personalidades das personagens centrais da história.

Todas os personagens estão com a cabeça virada para o leitor, porém nenhum deles apresenta olhos, nariz ou boca, sugerindo que o leitor também faz parte da narrativa, que ele deve fazer uma leitura sem julgamentos (ou olhares definidos) e é ele, o leitor, que dará o veredito final das atitudes daqueles três rapazes ali apresentados.

O nome anglo ficou centralizado, como já foi dito, embaixo da mesa, sugerindo que houve uma reunião de uma categoria bastante elevada, talvez demonstrando uma hierarquia que decidira que este sistema é que lançaria esse livro somente para o FNDE, pois a mesma versão também se encontra disponível dentro da série Diálogo para venda em livrarias de todo o país, mas pela Editora Scipione.

O fundo branco demonstra que é uma leitura de maneira geral leve e descontraída, digna de um leitor juvenil.

3.1.3. Recado para o leitor

A orelha do livro, na parte frontal, apresenta uma fala interessante de Mariana Ramos, filha de Ricardo Ramos, que aguça a curiosidade e faz com que o leitor não só sinta o desejo

de ler o livro, mas de descobrir porque se sente parte dele, já que a própria Mariana ora percebe que ela tem um pouco de Cristina, personagem do livro, ora Cristina tem um pouco dela, ou que às vezes se pega procurando o pai no narrador do livro, ou até mesmo que muitas vezes enxerga seus próprios amigos dentro de uma situação verdadeira, mesmo sendo uma obra fictícia, o que também ocorre com o leitor.

Mariana comprova que um livro escrito em 1987 ainda hoje se mostra atual, pois é “uma história de erros cometidos por todos os lados, pelos alunos e pela escola”. Ela demonstra admiração pelo autor, pois este conseguiu não punir ou julgar ninguém, apenas evidenciou atitudes contestáveis. Mariana em poucas palavras evidenciou o estilo próprio de Ricardo Ramos, o mestre do silêncio, que se calando falou mais alto do que as palavras gritadas.

Na orelha do verso do livro é exposto um resumo da trajetória de vida de Ricardo Ramos, desde o nascimento até sua morte.

3.1.4. Contracapa e dedicatória

Na contracapa há um recado para professores e estudantes, dizendo que a obra pertence ao acervo distribuído às escolas públicas pelo Ministério da Educação no âmbito do PNBE. Reitera o quanto os livros contribuem para o acesso à cultura e à informação e que este livro em especial deve ficar na biblioteca, de modo a que todos tenham acesso. Afirma que é de responsabilidade de todos os docentes e discentes cuidar bem do livro para que dure bastante e assim várias pessoas possam se beneficiar da sua leitura.

A outra folha mostra parte do balão de diálogo, que pega a metade superior do livro na cor preta, com escritas brancas dizendo os nomes do autor, obra e os créditos ao ilustrador, Alexandre Matos. A parte inferior está toda em branco, com o desenho de um A, um 8 e uma borracha com capa. O A e o 8 estão como que borrados, lembrando sistemas de avaliação, por letra ou nota; o borrão demonstra o quanto esse tipo de avaliação é falível e como pode deixar marcas em seus usuários, e a borracha representa uma maneira de esconder, tentar apagar um erro cometido por essa avaliação, possivelmente por seus avaliadores, mas que também não é possível apagar tudo, pois sempre sobram resquícios.

A borracha nos lembra um objeto comum, mas a capa nela contida demonstra que não faz parte das borrachas baratas oferecidas no mercado, explicitando o público que estudava na

escola referida no livro, que era uma escola de classe média e, por sua vez, com alunos com recursos financeiros mais elevados. E, por fim, aparece o símbolo e nome ANGLO.

O preto e o branco demonstram o contraste visível que há no decorrer da história, mostrando que um ambiente que deveria ser claro e transparente pode também mostrar seu lado obscuro.

A dedicatória está colocada no final de uma folha que é toda preta e no canto direito um balão de diálogo em branco. Diz assim: “*Para Mariana, que me deu o mote*”. Essa dedicatória foi feita pelo próprio autor, Ricardo Ramos, no exemplar de sua filha. Demonstra que o autor utilizou a realidade vivida em sua própria casa para escrever uma ficção, que pode ser vivenciada em muitas famílias.

Diante da orelha do livro e tal dedicatória pode-se concluir que a história pode ter acontecido não da mesma forma narrada, mas foi o que deu motivo para Ramos a escrever, pois vivenciando as dificuldades da própria filha encontrou um meio de ajudar a outros jovens que podem passar por dificuldades similares e assim dando oportunidade a eles de refletir e tomar suas próprias decisões.

3.1.5. O autor explica

As pessoas não são inteiramente boas ou más, não fazem apenas o certo e errado. Tirando as exceções que confirmam a regra, inventando santos ou demônios, o normal é que acertemos e erremos, realizemos coisas positivas e negativas, quase que ao mesmo tempo. Em outras palavras, o bem e o mal estão dentro de nós.

Ricardo Ramos (1990)

Ricardo Ramos, em seu livro *Desculpe a nossa falha* leva em consideração os sentimentos humanos, o lado psicológico do homem, vendo-o não como um super-herói, mas como um ser frágil, cheio de sonhos, dúvidas, angústias, alegrias e defeitos, isto é, um ser HUMANO, criando assim uma afinidade por parte dos leitores, pois trata de pessoas comuns.

O autor procura não induzir a leitura, mas sim levar o leitor à reflexão. O texto não tem uma visão maniqueísta da sociedade, mas uma visão dualística sobre o acontecimento do roubo de provas. Isso é bem marcado no prefácio quando coloca termos antagônicos como boas x más, certo x errado, santos x demônios, acertar x errar, positivas x negativas, bem x

mal. Todas essas controvérsias apontam para os sentimentos dúbios das personagens durante o desenrolar da história, como também dos fatos ocorridos.

No segundo parágrafo do prefácio o autor evidencia que “esta novela trata de erros e enganos. Não apenas individuais, mas coletivos” (RAMOS, 2013, p. 6), demonstra que sempre há os dois lados “da moeda” e ambos devem ser analisados, para que injustiças não ocorram. Ele mostra que não se deve levar em consideração somente o crime e o castigo, mas que precisa haver esperança e remissão, o cair e principalmente o levantar.

No terceiro parágrafo, Ramos define seu público-alvo, o público jovem estudante, e demonstra que seu livro terá as mesmas características deste: será descontraído, irreverente, alegre, ágil, isto é, terá o ritmo acelerado da juventude. Isso não quer dizer que o livro poderá ser lido só pelo jovem, mas por todos que circundam esse mundo, pais, professores, amigos etc., pois “a tônica é a amizade.” (RAMOS, 2013, p. 7). Diferente das narrativas “para adultos”, o autor informa que a leitura será rápida, envolvente e que prenderá a atenção, tendo em vista que o jovem de fato faz muitas coisas de uma só vez e que não se prenderia a algo monótono e distante da sua realidade, isto é, o autor mostra que essa leitura é do interesse desse leitor.

Ramos tem um estilo próprio de escrita, se utiliza de fatos comuns para debater assuntos sérios e importantes, porém não o faz de maneira pesadosa ou chata, como um sermão, mas sim de forma descontraída e relevante, dentro de um contexto em que o leitor se sinta à vontade. Faz questão de mostrar que a leitura pode ser prazerosa, divertida e que o leitor ainda corre o risco de aprender algo. Segundo ele, “literatura é uma ponte, entre o autor e o público, um texto que deve chegar à compreensão e ao sentimento dos demais” (RAMOS, 2013, p. 7).

O autor trata o jovem como um ser pensante que tem noção de tudo o que acontece ao seu redor, não sendo o adulto do futuro, mas o adulto do presente, digno de responsabilidade diante das questões que o rodeiam e foi para esse jovem que Ricardo Ramos escreveu, sendo-lhe de certa forma uma homenagem.

O prefácio prepara o leitor para o tipo de literatura que tem em mãos e o estimula a ler e adentrar a esse universo que lhe é tão peculiar.

3.2. Um mergulho na obra de Ricardo Ramos: *Desculpe a nossa falha*

Tratando de erros e acertos, atitudes de todos os seres humanos, o livro de Ricardo Ramos *Desculpe a nossa falha* trata de um assunto aparentemente banal, mas que pode trazer grandes reflexões, que é o roubo de provas. Essas reflexões podem ser feitas não só no âmbito escolar, mas em qualquer setor em que a sociedade está inserida.

O livro conta a história ficcional de três alunos que frequentavam uma escola particular de São Paulo e estavam prestes a serem reprovados. Sérgio, Carlão e Fábio tomam a iniciativa de conseguir, por meios ilícitos, as provas finais, para assim alcançarem a aprovação. Para esse fim contam com a ajuda do bedel João, para terem acesso às tais provas, em troca deram uma malha importada e colorida e uma quantia em dinheiro.

Depois de terem as provas em mãos, contam com a ajuda de um amigo, Chico, para resolver as questões. Vendem o resultado para outros colegas, que também estavam a perigo e Carlão, por amizade ou amor, deu as respostas de uma das provas para a aluna Cristina.

Parecia que tudo estava sob controle, porém os professores começaram a desconfiar das notas altas e então realizaram testes surpresa na sala de aula. Porém, Carlão, Sérgio e Fábio conseguem manter a média alta com a ajuda de Chico, o mesmo que os ajudou anteriormente a resolver as questões das provas adquiridas, que, com um jogo de posição da borracha, passava as respostas para os meninos.

O senhor João, o bedel, não aguenta a pressão e conta à direção o que tinha feito e por esse motivo é demitido. O inquérito é instituído dentro da unidade escolar, são feitas várias entrevistas com vários alunos, até que descubrem os envolvidos e estes são reprovados e expulsos da escola.

Cristina, como não fazia parte direta do roubo, teve a oportunidade de fazer uma nova avaliação e foi aprovada. Findada essa fase, os professores passaram a se questionar sobre a justiça ou injustiça cometida para com os alunos, já que o sistema de avaliação também é falível, mas não fizeram nada para impedir a saída deles ou defendê-los de alguma forma.

O 9º ano também foi pego com o mesmo problema, mas a direção decidiu não fazer mais escândalos e abafar o caso, usando assim dois pesos e duas medidas para a mesma situação.

Sete anos depois os amigos se reencontram no casamento de Ana Maria, uma das envolvidas no caso. Relatam os diferentes rumos que cada um tomou e depois comentam o fato do roubo de provas, que deixou marcas tristes no passado de cada envolvido direta ou indiretamente.

A história é criada dentro de um ambiente comum para jovens e adolescentes, a escola, de modo que estes se encontram dentro dela. Os acontecimentos ocorrem de forma linear, facilitando assim a inserção do leitor nesse mundo, que é também o seu. A trama é construída com episódios pontuados e atingiu seu clímax no momento em que os garotos são chamados a prestar esclarecimentos no inquérito instaurado pela direção da escola, depois vem o desfecho da obra, mas não como uma obra “fechada”, com resultados conclusivos e verdades absolutas, mas como uma obra “aberta”, de forma que o leitor participe ativamente da trama podendo tirar as suas próprias conclusões em relação ao fato.

O primeiro capítulo é intitulado “A malha colorida” e já dá um vislumbre sobre o que se tratará neste, situando o leitor dentro da obra. A narrativa é iniciada de forma simples, narrando a chegada de um garoto na escola, um garoto despojado, alegre e amigo de todos. À medida que o menino adentra a escola, o narrador vai fazendo uma descrição dela, e podemos perceber que se trata de uma escola antiga, mas de classe alta, onde havia piscina, espaço separado para o Ensino Fundamental e Médio e com belas árvores em seu pátio. O narrador também destaca a opacidade da escola em relação à blusa de frio colorida que Sérgio, um dos protagonistas, usa. Podemos imaginar que a escola se remete ao método antiquado de ensino e à malha colorida, a vivacidade da juventude que habita aquele lugar.

Logo que Sérgio entra na escola é abordado pelo bedel, que está no pátio trabalhando. Este elogia sua roupa de forma que dá abertura à imaginação do garoto, que está prestes a ser reprovado, de que pode conseguir as provas antes da data, pois aquele senhor tem acesso a elas. O menino, muito esperto, tira a blusa vagarosamente, permitindo ao homem apreciar o objeto de seu desejo, dobra-a de comprido, de forma que as cores ainda aparecessem visivelmente. Ao dobrar a roupa, estava mostrando ao bedel que o negócio que estava propondo era organizado e que daria tudo certo.

O narrador não fala, mas a narrativa mostra que o bedel está paralisado diante da possibilidade de ter aquele “suéter importado”, como gosta de destacar o dono dela, Sérgio. Foi o momento certo que ele “deu o bote” e fez a proposta sobre as provas; o bedel recusou, mas deixou um ar de possibilidade.

A frase “O outro (quarenta anos, quarenta vidas menos dinheiro no bolso) (...)” (RAMOS, 2013, p. 11), demonstra a diferença social e de idade entre as duas personagens e a malha poderia representar uma ascensão social para um homem que nunca tivera a oportunidade de ter algo daquele patamar, então o narrador apresenta a possibilidade de aquele homem ainda ganhar um dinheiro extra, além do objeto do seu desejo.

O narrador se utiliza ainda de uma linguagem coloquial para agradar o leitor e desanuviar a narrativa. “O homem se havia recomposto e, no entanto, continuava mudo, talvez fascinado. Será que mordera a isca? (...). E puxou a linha:” (RAMOS, 2013, p. 12), são mostras da linguagem acessível que o narrador emprega para conquistar o leitor. Logo após esses acontecimentos o garoto foi ter com seus colegas de classe.

No primeiro capítulo o narrador coloca o leitor dentro da problemática da narrativa, já mostrando os ingredientes básicos que permeiam toda a história e criam a expectativa do leitor sobre a possibilidade de dar certo e como se fazer para isso.

O segundo capítulo mostra o início do desenrolar da história, pautando que entre Sérgio, Fábio e Carlão, o primeiro é o líder e cabeça do grupo, pois estabelece as regras e valor que cada um passaria ao bedel caso o negócio se concretizasse. O suéter volta a ser destaque, pois é a chave para o negócio e representa bem mais que uma simples peça de roupa, como já dito acima: marca a diferença social das personagens.

A linearidade continua sendo bem marcada no texto, a ponto que o leitor percebe de maneira palpável os acontecimentos e crie assim uma expectativa em relação ao seu desenvolvimento.

O terceiro capítulo marca o dia da negociação, a personagem, embora descrito como fagueiro e despreocupado, se mostra nervoso e ansioso. O narrador deixa isso claro na frase “De malha jogada no ombro, porque **já esquentara desde cedo**, (...)” (RAMOS, 2013, p. 16, grifos meus), mostrando que ele estava agitado, temeroso diante dos acontecimentos.

A negociação aconteceu, porém ambos se mostraram apreensivos com a atitude que tomaram, não tendo certeza entre o certo e o errado. O bedel se mostra um homem de poucas posses e necessitado de dinheiro, os meninos, embora os pais tivessem um poder aquisitivo maior, não se sentiam a vontade em gastar o dinheiro para burlar a lei. Nesse momento o autor sugere um ponto de reflexão para o leitor, colocando-o a pensar sobre ser correto roubar porque é pobre ou se aproveitar da fragilidade do outro para tirar vantagem. O capítulo seguinte mostra a apreensão do líder do grupo e como se envolveu com outras questões para disfarçar o verdadeiro sentimento de medo ou talvez arrependimento.

Tendo sido resolvida a questão da compra das provas, o narrador coloca, a partir do capítulo 5, uma nova problemática, a resolução das avaliações, pois os três garotos se mostram incapazes de resolvê-las, então foi apresentada uma nova personagem, Chico. Chico é um garoto da mesma sala que Sérgio, Carlão e Fábio, porém se diferenciava por ser muito inteligente e estudioso, o dito “CDF” da turma. Ele é amigo pessoal de Carlão, mas essa relação se dava apenas fora da escola, porque em questões de estudo não tinham nenhuma

afinidade, e por causa dessa amizade Carlão foi designado a pedir para que o CDF da turma resolvesse as provas. O garoto não se sentiu à vontade em pedir tal favor, pois dentro do conceito comum os CDFs se apresentam como presunçosos, “puxa-sacos” dos professores e não gostam de ajudar a ninguém, muito menos àqueles ditos bagunceiros.

O narrador não se prende a detalhes e assim dá agilidade à trama, iniciando o capítulo 6 com a conversa entre Chico e Carlão. Isso acontece depois da aula em um bar perto do colégio, regada a refrigerante, mostrando que para Chico primeiro vêm os deveres, depois o lazer e os amigos. O bar representa o ambiente em que Carlão se sentia mais à vontade e próximo de Chico e o refrigerante demonstra como o diálogo foi doce e descontraído.

Chico, rompendo com os clichês das narrativas comuns, aceita logo no primeiro momento ajudar os colegas e não se mostra curioso ou reprovador em relação à atitude deles, simplesmente aceita ajudar porque gosta e porque sabe que era importante para a não reprovação dos meninos.

Os capítulos seguintes apresentam uma narrativa leve e descontraída, pois os problemas pareciam estar todos resolvidos, é uma pausa para o leitor também relaxar e aproveitar a história. Cada um escolheu algumas pessoas para fazer parte do grupo e assim repassarem a prova, mediante pagamento; não queriam lucro, mas também não queriam prejuízo. Sendo assim, venderam as provas para os “piorais”, como se nomearam.

No capítulo 8 o narrador começa a mostrar que o negócio de roubo podia não ser tão fácil quanto parece e podia dar errado. Na voz de Chico, aconselha-se o grupo a espalhar as respostas de maneira cuidadosa, para não “vazar”, pois toda ação traz uma reação.

No capítulo seguinte a personagem Cristina faz uma segunda aparição, momento em que o autor utiliza para reforçar a classe social dos alunos e a amizade que os movia. Narra a viagem que os adolescentes fizeram juntos para os Estados Unidos, onde passaram três meses. Narra também a tristeza de Cristina por estar mal em matemática e o amor ou consideração. O narrador não deixa claro esse sentimento, ficando por conta da imaginação do leitor, de Carlão para com ela. Vendo sua angústia, ele oferece, “por camaradagem”, as respostas da prova de matemática, então ela passa a fazer parte do grupo que procurava enganar a escola e conseguir a aprovação sem necessidade de estudar.

O fim de semana passou de maneira angustiante, cada qual a seu estilo. No meio do capítulo 10 o narrador novamente mexe com a imaginação e procura dialogar com o leitor:

Será que foi? Não vamos discutir isso agora, mas, como disse um poeta, as coisas deixam resíduos. Tudo se deposita, o bom e o ruim, só que o lado mau vira carga, sobrecarga, difícil de suportar, enquanto o lado claro se aligeira,

se ilumina e levanta voo. Um escurecendo, outro melhorando a gente. (RAMOS, 2013, p. 36)

Nesse parágrafo é possível perceber a dualidade dos sentimentos que envolviam as personagens, como também há prelúdios do que aconteceria no decorrer da narrativa. No final desse mesmo capítulo, o bedel é colocado como alguém que se mostra arrependido e prestes a tomar uma decisão drástica para apaziguar seu coração. A deixa do estado do bedel e o título do capítulo 11 sugerem os próximos acontecimentos. A prova foi na segunda-feira e na “quarta-feira começou um zum-zum, um ti-ti-ti, um não se sabe o que. Havia uma tempestade se armando, negrejando, que trazia mau agouro da maior enchente” (RAMOS, 2013, p. 39). A enchente seria a descoberta do roubo das provas, porém estava somente o “tempo formado”, isto é, não havia certeza de nada e por fim tiveram a notícia de que haveria uma outra prova de química para se ter a confirmação da fraude.

Chico novamente entra em ação. Sendo muito inteligente e prestativo, os ajuda na hora da prova com um manusear de borracha. A borracha tem o poder de apagar, mas não de encobrir todo o erro a ponto de não percebê-lo mais. Para um leitor mais atento, isso significava que o problema ainda não estava resolvido.

“Preto e branco”, o nome do capítulo 13 mostra que tudo se esclareceria, o que era certo e o que era errado. Mais uma vez o texto mostra os opostos, remetendo aos personagens, tanto alunos quanto professores, os sentimentos de medo e tranquilidade, enfim, apresenta o momento pelo qual estavam passando. O título também remete especificamente aos professores Loyola e Eduardo, que eram o oposto um do outro.

Preto e branco, da água para o vinho. Tanto quanto Loyola era gente boa, interessado, paciente, discreto, Eduardo era uma peste. Autoritário, atacado, falador. Um maduro, outro jovem. E justamente o moço parecia horrível, pois variava nas suas maneiras: com os diretores, uma flor; os alunos, com casca e tudo. Além do mais, tinha espinhas e dava impressão de sujo. (RAMOS, 2013, p. 45)

Há nesse parágrafo, além da exemplificação de opostos contida no título, a quebra de mais um clichê, pois geralmente o professor mais velho é mais exigente e ranzinza e o mais novo descontraído e alegre, o que não acontece aqui. A frase em que o narrador supõe que o professor Eduardo seja sujo, pode se referir à sua participação e apoio à direção no inquérito do roubo de provas, mostrando que os alunos não poderiam confiar nem contar com ele.

A trama vai se formando e se direcionando para o clímax da narrativa, de forma que o leitor vai sendo preparado para os próximos acontecimentos, porém antes o narrador descreve

o tipo de escola que aqueles alunos frequentam, para que o leitor tenha uma visão completa da situação.

O capítulo 14 deixa claro que tipo de escola frequentam aqueles alunos, com um título que parece não ter relação com a história, “Ecologia às avessas”, o narrador consegue mostrar ao leitor os “podres” em que aquela instituição se envolvia. A descrição da escola, que muitas vezes vem no início das narrativas, acontece somente no 14º capítulo, no meio da história, porque o narrador espera que o leitor já tenha uma visão geral dos acontecimentos e assim possa preencher os vazios que o texto deixa para compreender o que efetivamente está acontecendo e passe a refletir criticamente sobre os fatos.

O capítulo é iniciado com uma afirmação, “a escola é uma ilha” (RAMOS, 2013, p. 47), demonstrando que não é acessível a qualquer pessoa ou pertencente a uma sociedade, é isolada e dona de suas próprias leis. O narrador mostra que a escola é um local fechado, isolado da cidade, com um casarão velho e construções novas, tendo aí novamente a dualidade, o oposto. O casarão velho pode se referir ao sistema falido de avaliação e ensino, as construções novas podem se referir aos alunos, que estão em processo de formação, que têm novas ideias e novas percepções do mundo.

Através da narrativa podemos perceber que a escola pertence a um bairro nobre de São Paulo e sua clientela consiste de pessoas da classe média alta e esses confiavam na instituição, mas o narrador relata que nela não há planejamento, de certa forma pode-se perceber uma insinuação de a escola enganar os seus clientes. Embora estivesse situada num bairro nobre,

estava pessimamente localizada, suas vias de acesso marginais de um rio poluído, esgoto a céu aberto. Como se não bastasse, uma fábrica de plásticos nas proximidades. Com um cheiro acre, de química, sobre o prévio dos dejetos da lixeira líquida correndo perto. *Bonita, sem dúvida. E, no entanto, fedida.* (RAMOS, 2013, p. 47, grifos meus)

A escola é apresentada ao leitor com todas as suas características boas e ruins, embora seja uma escola cara, ela tem mau cheiro, porém este não vem somente da fábrica ou do rio poluído, mas de suas entranhas, dentro do processo educacional que se mostra nem sempre justo ou coerente, que apresenta erros e acertos, dois pesos e duas medidas para grupos diferenciados. Quando o narrador descreve que ela é bonita, quer dizer que tem coisas boas lá, mas que fede, isto é, tem muita coisa errada também, e a descrição dessa pode ser direcionada à direção daquela instituição.

Em verdade, na manhã do dia em que Sérgio, Fábio e Carlão foram chamados, o verão se antecipara. Novembro na sua beleza. De cores, de tudo. Fins de novembro e suas promessas. Só que o cheiro, estava de matar. Pesando emerdado, e com o acréscimo de plástico de marca estrangeira. Mistura para ninguém botar defeito. (...) Vamos apertar o nariz e marchar para o sacrifício. (RAMOS, 2013, p. 49)

O parágrafo acima mostra como o narrador relaciona todo o contexto aos sentimentos das personagens principais, pois cita o verão e o outono, tempo quente e seco, bonito mas que pode machucar e mostrar o fim do sonho de aprovação. O cheiro também remete aos acontecimentos futuros, à entrevista e depoimento que cada um teve que prestar diante da direção, que também não “cheira bem”. A última frase demonstra o que de fato acontece para que sirva de exemplo para os demais.

No capítulo 15 a narrativa chega ao ápice da trama, o momento em que todos os envolvidos são colocados frente a frente com a diretora, uma mulher que sempre foi amável com todos, mas que agora se apresenta fora si, nervosa e transtornada. O leitor passa a vivenciar a tensão do momento, como se ele próprio estivesse vivenciando aquela situação. Ele se vê acuado e torcendo para que aquele momento termine rápido.

O capítulo seguinte começa a desanuviar a tensão narrativa. Os alunos se colocam como inocentes, porém a movimentação dentro da escola é diferente. “Primeiro foi seu João ausente, soube-se logo que demitido, a mulher dele chorando pelos cantos” (RAMOS, 2013, p. 54). Diante desse fato, o leitor já tem a nítida impressão de que já sabem o que aconteceu, embora não tenha sido narrado, possivelmente o bedel havia delatado os principais envolvidos, então era só uma questão de tempo.

Todos os envolvidos são convocados para uma reunião com a diretoria e assim o narrador cria uma nova expectativa para o próximo capítulo. A reunião é de fato uma carnificina, começa o processo de sacrifício dos alunos, e depois desse momento alguns começam a medir as consequências do ato que tiveram.

O capítulo 18 apresenta a angústia de Cristina, que até o momento não havia ganhado tanto destaque na trama, mas a partir daí passa a fazer parte das personagens protagonistas. O narrador descreve sua casa e deixa claro que essa aluna faz parte da classe média alta. Os pais não se intrometem no caso, mas cuidam de longe, sabendo de tudo que acontecia. A última fala de Cristina mostra o quanto ela queria fugir da situação na qual cáia de paraquedas. Para isso vai ao shopping fazer compras para o Natal.

O título do capítulo 19, “Quem pode pouco fala muito” (p. 64-66), explica um pouco da personalidade de Fábio, que tem bolsa de estudos no colégio, não tem uma situação

privilegiada como a dos outros colegas, por isso tem mais receio do que pudesse acontecer com ele, então prefere colaborar com a investigação. Esse capítulo destaca um pouco da vida pessoal de Fábio, conta o fato de que sua mãe ajudava uma mendiga que passava por sua casa semanalmente. Refletindo sobre a figura dessa mulher que é “engelhada, incolor, a cabeça desgrenhada e os olhos piscando melosos, aquele monte de trapos escuros à maneira de roupas” (RAMOS, 2013, p. 64) e que ele acha horrível, chega à conclusão de que ele próprio é igual a essa mulher perante os colegas ricos, um pobre mendigo que esmola a atenção e a amizade dos outros. Esse sentimento fica claro no decorrer da narrativa.

É que não sou o Sérgio, não sou o Carlão nem Chico. Foi um custo a Mary me aceitar, eu que não tenho onde cair morto. Até que eu acreditei. Em simpatia, amizade. Pra quê? Pra nada. E me explico, e falo e falo e falo, e eles não vão entender nunca. Estão noutra, são de outra. Agora não dá pra endireitar.

Vou procurar minha turma. Não é essa, nunca foi, eu me iludi à toa. Vou para um colégio barato, porque sou barato. (RAMOS, 2013, p. 65)

O narrador estava preparando o leitor para os próximos acontecimentos e já justificando as atitudes futuras de Sérgio.

Como podemos perceber pelos acontecimentos na escola, é chegado o final do ano. O capítulo 18 mostra a angústia de Cristina ao receber um recado de que Neide, a coordenadora, queria falar com ela, porém, como vimos, ela procura uma fuga, o passeio no shopping. O capítulo 20 traz a narrativa desse passeio e mostra que a garota, mesmo querendo se descontraír e descontraír o leitor mantém o clima de tensão e suspense, pois não parava de pensar na situação em que se metera e nas pessoas que faziam parte dela. Assim o narrador consegue prender o leitor ao texto.

Cristina é uma garota de gosto refinado e de posses, como já foi dito. Há nesse momento de descontração outra quebra de clichês, pois Cristina está há duas horas no shopping e não compra nada, normalmente uma adolescente que está passando por um momento de crise, com dinheiro no bolso e solta em um shopping faria um “estrago” nas lojas, e as mães é que se preocupam com a possibilidade de a filha gastar demais e tentam regular isso. Nesse caso, Cristina se apresenta econômica e a mãe faz gozação dizendo que ela era “pão-dura” por não gastar quase nada.

O narrador vai montando a trama de forma que o leitor vai percebendo a diferença do texto em questão com as narrativas de massa, pois não traz ideologias prontas, mas oferece a possibilidade de o leitor pensar de forma distinta do senso comum.

A tranquilidade do capítulo se quebra na última linha, quando Cristina entra em casa e encontra a coordenadora sentada no sofá da sala. Cria-se aí um novo suspense, pois o leitor pode se remeter a conhecimentos prévios de situações que podem ser parecidas, quando a escola se aproxima da família para denunciar e resolver algum problema do aluno, situação essa que geralmente causa grande transtorno e desassossego para o educando, que no caso poderia ser até o próprio leitor.

Os próximos capítulos dão o desfecho da trama, narrando o final que cada um dos envolvidos teve. Iniciou-se por Cristina que teve que refazer a prova de matemática e um tempo depois a expulsão dos demais e o 9º ano, que tivera a mesma atitude, saíra impune, pois era muito escândalo para um ano só. Nesse ínterim é narrada a morte da mãe de Telê, uma amiga da classe e o fato de todos irem ao velório. Pode se imaginar que o autor quis mostrar ao leitor que aquela situação pela qual estão passando as personagens da trama não era o fim de tudo, ainda têm vida e tempo para reorganizar e trilhar novos caminhos.

O capítulo 25 permite que o leitor tenha conhecimento dos sentimentos que os professores estão tendo em relação a tudo o que acontecia, alguns concordando e outros não, pois concluíram que o sistema de avaliação só foi burlado porque era falido e todas as pessoas erram, inclusive eles e a direção. “Eles erraram, nós erramos. Erramos, erramos todos, meu amor. Falha nossa” (RAMOS, 2013, p. 85). Esse capítulo pode ser remetido ao título do livro *Desculpe a nossa falha*, pois nessa situação não houve o certo e o errado, somente erros. Todos reconhecem que erraram, mas nenhum deles toma alguma atitude para amenizar a punição dos garotos, deixam os fatos se concretizarem e no último dia de aula todos presenciam a saída de 12 alunos daquele colégio.

Tendo sido encerrado este capítulo, o narrador faz questão de deixar claro que a vida de fato continuou. Os alunos continuam amigos, percebem a importância de se pensar antes de qualquer ação, Cristina, que a princípio era metida, passou a ser mais companheira e assim cada um tirou a sua própria lição.

O último capítulo mostra que embora todos tivessem superado essa fase e se tornado bons profissionais, esse episódio marcou a cada um de forma que nunca se esquecessem.

A narrativa aparentemente teve dois finais, um que se mostrou infeliz – e aí mais uma vez há a quebra de clichês de que toda narrativa deve ter o final esperado e feliz, que é a condenação do grupo de alunos – e outro mais feliz, que é quando se encontram depois de adultos e passam a conversar sobre a experiência que tiveram juntos. A narrativa não é finalizada com algum juízo de valor passado pelo narrador, ela termina aberta para que o

leitor mais uma vez tenha a oportunidade de pensar sobre os acontecimentos e assim tirar as suas próprias conclusões.

3.3. Quem faz a história

As personagens são divididas entre protagonistas e antagonistas, porém todos permitem que o leitor se sinta parte delas, pois representam a realidade escolar, local em que está inserido o público-alvo da obra.

Um dos principais personagens é Sérgio, um garoto brincalhão, descontraído, cativante, expansivo, seguro de si, conversador e amigo de todos. Sérgio leva o leitor a perceber como a narrativa é leve e gostosa, tem o ritmo da juventude. Essa personagem tem as características que são muito admiradas e desejadas na escola em qualquer época, pois os possuidores delas geralmente são os famosos “populares”, aqueles que todos querem ser ou estar próximo deles.

É Sérgio o grande responsável pela negociação no caso do roubo das provas, pois como afirma, é o dono da malha. Ele tem uma liderança nata e consegue manipular os demais. Mesmo sob pressão, Sérgio não perde o jeito expansivo, diante do bedel, se mantém amistososo e descontraído, a ponto de ninguém perceber o que está acontecendo. No final de semana antes das provas

borboleteou em torno da família, dos longos almoços, das conversas gerais, no entra e sai dos amigos do pai, das amigas da mãe, na grande e povoada casa aberta aos rapazes e moças e crianças que eram moldura da sua irmandade. Contou anedota, viu jogo na tevê, jogou cartas. Mesmo que desejasse, não conseguiria ficar só. Foi bom. (RAMOS, 2013, p. 35)

Ele permaneceu o mesmo de sempre, ainda que por dentro estivesse um furacão em erupção. Diante da diretora quis ser igual, mas sente remorso, pois ela gosta muito dele e o olha com o sentimento de mágoa e acusação, mas ainda assim se mantém fiel aos amigos e a si próprio. O único momento em que Sérgio esmorece é quando, avisado da expulsão, quis argumentar e brigar porque eles foram expulsos e o 9º ano não, mas diante dos amigos arrasados, se cala. Sérgio

ficou sem resposta e sentou-se. Como se necessitasse apenas de um comando. Amoitou ali, igualzinho o Fábio. Desarmado. Carlão apenas sorriu, mas era mais.

(...)

Ficaram de novo calados. Fábio sem pensar, encolhido no chão. Carlão pensando nos outros, quantos iriam se ferrar? Aí Sérgio estremeceu, como se acordasse, levantou-se e disse:

– É isso aí: nós jogamos e perdemos. Foi tudo ou nada.

Carlão riu:

– Foi nada. Lona. É onde estamos. (RAMOS, 2013, p. 82)

O desânimo de Sérgio dura pouco tempo, então já se levanta, “sacude a poeira” e volta a ser o mesmo fagueiro de sempre. Sérgio é uma personagem que marca a história e fica registrada na mente do leitor, pois muitos, como já foi dito, gostariam de ser tão despojados e seguros de si quanto ele.

Carlão e Fábio são os amigos mais próximos de Sérgio, é com eles que Sérgio compartilha a ideia do roubo das provas e juntos seguem nessa “aventura”. Carlão se mostra mais reflexivo, tem um senso de responsabilidade maior que o leva a hesitar em algumas ocasiões, ele se desespera facilmente perante as situações inusitadas e não consegue levar tudo na esportiva como Sérgio. No final de semana que antecede as provas Carlão não toma banho de piscina, assiste a filme até tarde, no domingo vai a dois cinemas, tudo isso sozinho, se isolou, não quis a companhia nem a conversa de ninguém, prefere ficar somente com seus próprios pensamentos. Ele tem uma estrutura corpórea rechonchuda, pois desconta sua ansiedade na comida. É observador e reflexivo, é ele quem oferece a prova de matemática para Cristina e com a descoberta do roubo se sentiu mal por ela, ele é também o amigo mais próximo de Chico, talvez por suas famílias terem o mesmo nível social, e relutantemente é ele quem teve que pedir o favor da resolução das questões da prova a Chico e é ele também quem sempre afirma a proteção ao nome do amigo não aparecer no inquérito.

A princípio Carlão não concorda com o roubo de provas, mas é submisso a Sérgio, ou apenas se deixa convencer por ele. Carlão representa uma parcela dos adolescentes, que também são inseguros, conseguem vislumbrar possíveis problemas, mas permanecem na situação por causa dos amigos.

No episódio em que são colocados adiante da diretora, ele fica arrasado. “Vergonha, vexame, cabeça baixa. Não levantaria a vista para ela, nunca mais seria capaz de encará-la. Amizade é como signo, pensou, faz parte da gente. E o coração apertou” (RAMOS, 2013, p. 51).

Fábio, o terceiro amigo, é mais cauteloso, esperto e também medroso. Esse medo de Fábio se deu porque ele é bolsista, não tinha tanto dinheiro e não se sentia parte integrante da

turma; teve medo na verdade não da ação do roubo, mas de perder aquilo que havia conquistado até o momento.

No início da narrativa, Fábio se mostrou em pé de igualdade com os colegas, porém depois da descoberta do roubo se sentiu desigual, inferior. O capítulo 19 todo é dedicado às lamentações de Fábio e ali o leitor passa a conhecê-lo melhor. Ele se mostra apreensivo diante da possível expulsão do colégio e demonstra ao leitor que é capaz de ir até as últimas consequências porque não tem posses como os demais, então tentaria amenizar com as informações que poderia dar.

Fábio não é apresentado ao leitor como alguém tão seguro e otimista quanto Sérgio, como também não é tão ansioso e pesaroso quanto Carlão, ele é, de certa forma, o ponto de equilíbrio da tríade, é ponderado.

O narrador entrelaça a presença dessas personagens, mas deixa claras as características de cada uma, mostrando para o leitor mais atento o quanto elas se complementam e são companheiras. Segundo Pinto (1990, p. 84-85),

Esses protagonistas evoluem durante o desenrolar da trama, vivendo uma experiência aparentemente banal como o roubo de provas. Apesar de suas atitudes em relação aos acontecimentos serem, de certa forma, previstas pela pelas descrições do narrador, o leitor é levado a acompanhar as angústias dos jovens protagonistas sem saber como cada um irá reagir até o desfecho da trama. Em outras palavras, as personagens não pretendem ser apenas “tipos”, embora elaboradas com o intuito de facilitar a identificação com o jovem leitor.

Ricardo Ramos se utiliza de uma temática simples para fazer o leitor pensar sobre a sua existência usando personagens parecidas com a realidade e situações completamente possíveis. Criou três personagens diferentes, com reações diferenciadas perante os problemas para que o leitor tivesse uma visão de ângulos diversos. Como, aliás, aconteceu momentos antes da instauração do inquérito e foram chamados para uma “conversa” – a maneira que saíram da sala caracteriza suas personalidades. “Sérgio rindo, Fábio roendo unha, Carlão observando” (RAMOS, 2013, p. 55). Como afirma Pinto,

Com essas diferenças de personalidade entre as personagens centrais, o narrador consegue traduzir uma experiência vivida de diferentes maneiras, mostrando erros, acertos e enganos de cada um dos envolvidos, o que vem confirmar a proposta contida no título dado ao livro e reforçado no prefácio. (1990, p. 85)

Outra protagonista é Cristina, uma personagem que não está diretamente ligada ao roubo, mas que mais tarde faz parte ativa do enredo. Já no primeiro capítulo Cristina é apresentada ao leitor de forma discreta, mas que passa a certeza de que ela é uma menina mimada e que não se relaciona com qualquer pessoa.

Sérgio (...). Cruzou o pátio já movimentado, ouvindo a sineta, e no ajuntamento próximo ao prédio do Ensino Médio viu Cristina. Falaram-se, parecia que naturalmente. Ela um pouco distante, o nariz arrebitado, andando em silêncio. Ele acompanhando também calado, o sorriso sumido, meio pensativo. (RAMOS, 2013, p. 12)

Cristina aparenta ser uma “patricinha”, metida, dona de si mesma e que não precisa de ninguém. O autor a apresenta no primeiro momento para que no final da história o leitor viesse a reconhecer a transformação da garota, mostrando, como na vida real, que todos necessitam de apoio em algum momento e o quanto é bom ter amigos com quem contar.

Posteriormente, é possível reconhecer que o motivo do silêncio de Cristina naquele primeiro momento era a preocupação com as provas, mas esse motivo é omitido ao leitor, por isso ele acaba tendo um pré-conceito da personagem. No decorrer da narrativa Cristina não aparece mais, porém a partir do capítulo 9 “Fique fria” (p. 32-34) ela passa a fazer parte atuante da trama como também dos envolvidos no roubo das provas.

O segundo parágrafo desse capítulo começa a mostrar a verdadeira Cristina para os leitores, através do diálogo que teve com Carlão.

Andou pelo pátio e, de repente, viu Cristina. Emparelhou, disse oi. Foi respondido e reparou que ela ia mais séria do que nunca, diabo de menina; sem refletir perguntou:
 – Está chateada?
 Cristina sorriu *amigável*, não, tolice, e ele que estava num bruto desamparo, ali andando e sorrindo.
 – Que é que foi?
 Ela caminhando, os livros e cadernos de encontro ao peito, e calada, e sorrindo, a ponto de chorar. Ele do lado, também se afligindo:
 – Pelo amor de Deus, Cris. Me diga.
 Cristina mudou, relaxou, se explicou:
 – É a matemática. Agora na revisão, vi que não sei. Dois dias não dão pra nada, não aprendo nem morta. Estou numa péssima. (RAMOS, 2013, p. 32-33)

“Aquela personagem de nariz arrebitado do início da narrativa agora é apresentada como mais frágil, mas ainda ‘mantendo a pose’” (PINTO, 1990, p. 87). A partir de então o leitor pode passar a olhar de maneira mais carinhosa para essa personagem, que no decorrer

da narrativa tem três capítulos a ela dedicados, sendo o capítulo 18 “Diálogo difícil” (p. 61-64), momento em que é narrada a conversa dela com Carlão sobre a descoberta do que havia acontecido com as provas, o 20 “Compras de Natal” (p. 67-69), que mostra a insegurança e o medo de Cristina em relação ao seu envolvimento no caso do roubo, então prefere fugir, fazer de conta que não tem conhecimento algum do que está acontecendo, mas a presença de Neide a colocou de volta na realidade da qual não quer fazer parte, e o 23 “Calma, Cris” (p. 76-78), o qual traz o seu nome no título, mostrando o momento em que Chico a ensina em sua casa e deixando claro os sentimentos da família em relação a tudo o que está ocorrendo.

A partir daí, seguiram de perto a sucessão de fatos, informados e interessados. Cristina falava com a mãe, que comentava com o pai. Eles se indignavam (esse inquérito é sinistro), se emocionavam (essa meninada está num sufoco), caíam no lado pessoal e só viam a filha (a culpa não é igual). Compreendiam que se tomassem providências, mas recusavam os métodos empregados. Por que tanto aparato? Ao saberem da possibilidade de uma segunda prova, a seguir confirmada, respiraram aliviados. E um tanto fagueiros passaram a torcer pelo resto da turma. (RAMOS, 2013, p. 78)

Podemos imaginar que esse é o real sentimento do autor em relação ao caso, pois como vimos na orelha do livro, Mariana, sua filha, disse que em muitos momentos se encontrava na pele de Cristina e ela na sua. A família de Cristina é a única a quem o autor deu voz e mostrou o que pensa sobre o rumo que a escola está dando ao caso, através dessa família o narrador coloca a sua opinião, mas não instiga o leitor a pensar da mesma forma.

Cristina é obrigada a assumir as suas responsabilidades e pagar o preço, teve que refazer a prova, para isso teve a humildade de pedir a ajuda de Chico, que de pronto a auxiliou. Como as outras personagens, ela demonstra um grande crescimento emocional no decorrer da narrativa.

Chico é outro dos personagens principais, fugiu completamente à regra, ao conhecimento comum que se tem sobre os alunos inteligentes. É apresentado como um garoto bom caráter, amigo, sensível aos problemas alheios, ajudador e que não mede esforços para ver os amigos alcançarem seus objetivos. Tal qual os outros, esse protagonista tem personalidade e foge dos estereótipos comuns, surpreende até mesmo o amigo que o considera “um cara muito legal” (RAMOS, 2013, p. 27). O pagamento que o satisfaz é o sorriso de admiração que os colegas dirigem a ele. O leitor identifica em Chico a posição de pessoas que são desprovidas de sentimentos egoístas e que têm prazer em fazer bem ao próximo, servindo nesse momento até de exemplo a ser seguido.

As personagens secundárias também têm grande importância no desenrolar da trama, dentre elas podemos destacar o bedel João, os professores Loyola, Eduardo e Neide e a diretora Mary. Como todos os adolescentes envolvidos no caso investigado, os adultos também chegam à conclusão de que erraram e que aquela situação atingiu e marcou a vida de cada um.

O bedel João não é apresentado como um homem mau caráter, é apenas um homem simples, sem posses, sonhador e que vê naquela situação uma oportunidade para se tornar, de alguma forma, igual aos que o rodeiam. Mas mesmo antes de descobrirem o roubo já havia se arrependido, pois sabia que tinha cometido um grande erro.

Os professores Loyola e Eduardo são considerados como água e vinho, preto e branco, são o oposto um do outro. Enquanto Loyola é um homem mais maduro, tranquilo, interessado, discreto e paciente, Eduardo é um homem jovem, mas que se mostra autoritário, “terrorista”, que maltrata os alunos e se faz de querido para a direção e dá a impressão de ser “sujo”, o que de fato se concretiza durante as entrevistas dos alunos com a diretora. Eduardo está presente e faz questão de apavorar os que estão sendo entrevistados.

O capítulo 25 “Produto final”, narra os sentimentos de alguns professores em relação às atitudes tomadas pela direção. É nesse momento, no interior da sala dos professores – local onde esses se sentem à vontade e podem conversar entre si – que Loyola encontra Neide e juntos passam a questionar as atitudes tomadas. Ficam compadecidos dos alunos, mas não tomam nenhuma medida para defendê-los. Pode ser que isso tenha acontecido devido ao fato de serem funcionários de uma escola particular, em que a posição contrária à direção pode acarretar perda do emprego, por isso esse sentimento só fora exposto onde se sentiam seguros.

Os professores colocam em pauta a questão do sistema ultrapassado de ensino, segundo Pinto,

As reflexões das personagens se arrastam por todo o capítulo e acabam se tornando uma forte crítica ao ultrapassado sistema de ensino, que se resume à avaliação por meio de provas contendo perguntas e respostas mecânicas. E, muito mais do que uma crítica ao sistema de ensino de uma escola particular, o discurso dos professores acaba denunciando o desgastado processo de avaliação das escolas brasileiras. (1990, p. 89)

Nesse episódio, Loyola e Neide, que são fictícios, dão voz aos professores em geral, que muitas vezes se sentem indignados com a educação, percebem que também têm parcela da culpa, mas não têm forças para lutar contra o sistema.

No decorrer da narrativa é possível perceber que a diretora Mary sempre foi uma boa administradora, comerciante, agrada os alunos, pois são seus pais que mantêm a escola, porém no momento de crise ela se perde, toma atitudes muito drásticas diante de alguns e coniventes com outros, usa dois pesos e duas medidas, não é justa e nem correta ao aplicar tamanha punição aos alunos, como bem disse o narrador na voz do pai de Cristina, é necessário se tomar providências, mas os métodos utilizados são abusivos. Mary se mostra em alguns momentos descontrolada e não representa bem o seu papel de administradora escolar.

Todas as personagens apresentadas por Ramos podem nos lembrar de alguém que conhecemos, cada uma tem sua personalidade diferenciada, da mesma forma que acontece na vida real, e assim o leitor consegue se enxergar nessa história e dela tirar algumas lições, ainda que esse não seja o objetivo principal da obra.

As profissões obtidas pelos alunos depois de crescidos lembram as características que tinham quando jovens. Cristina, que vivia envolta por livros e pessoas aculturadas, se tornara jornalista. Dentre os que foram expulsos, Ana Maria, a pessoa que consegue reunir quase todo o grupo para o seu casamento anos mais tarde, empacara no curso de Psicologia, mas se resolveu ao casar. José Carlos dava aula em cursinho, Bibi era química em uma indústria, Mariano não sabia, Rodolfo estava fazendo pós-graduação nos Estados Unidos, Bruno e Carolina eram arquitetos, Quico, ator de teatro e Silvinha, irmã de Carlão, era dona de uma loja de confecções.

Sérgio, como era mais falante, brincalhão e líder nato, se tornou corretor da Bolsa, Carlão, sempre mais desconfiado e hesitante, estava estudando Matemática, depois de ter começado Física, e trabalhava com computador, talvez por ser uma forma de ficar sozinho com os seus pensamentos e conhecimentos, e por fim Fábio, que sempre se mostrara receoso, mas muito esperto, trabalhava numa grande editora e vencera seus medos da juventude.

Quebrando mais paradigmas, o narrador coloca Carlão, o fiel amigo de Chico, a falar sobre ele, mas somente afirmando que continuava sendo um bom sujeito, fugindo aos clichês que muitos professores colocam que só vai “subir na vida” aquele que estudar muito, nesse caso não sabemos exatamente o que aconteceu com Chico, mas pela ausência de palavras do seu amigo, não alcançou muito sucesso, de acordo com o que a sociedade julga ser sucesso, e os outros colegas, tidos como maus alunos, conseguiram alcançar a realização pessoal e liberdade financeira, cada um à sua maneira.

3.4. O espaço

A história narrada no livro de Ricardo Ramos *Desculpe a nossa falha* ocorre praticamente o tempo todo dentro de uma escola. Sabemos que esse livro é direcionado ao público juvenil, por isso esse ambiente é altamente sugestivo, pois coloca o leitor num ambiente que lhe é conhecido e assim se sente parte da história.

Embora a trama seja desenrolada em uma escola particular, o narrador toma precauções, de modo que o aluno de escola pública também se sinta parte e assim aumente o número de possíveis leitores. A inserção de uma escola particular é colocada para que de certa forma seja justificada a possibilidade de os alunos pagarem pela prova, mantendo então a verossimilhança.

O capítulo 14 “Ecologia às avessas” (p. 47-49) faz uma descrição do espaço onde acontece a maioria dos fatos. Isso se dá somente no meio da narrativa porque o narrador pode estar querendo mostrar a um leitor mais atento o que de fato está acontecendo dentro dos muros daquela instituição.

A escola é uma ilha. Cercada por muros e gradis, tem lá dentro um casarão antigo e construções novas, muitas árvores, pátios e alamedas, espaços lançados em níveis diversos e largos. Encravada na rua de classe média inferior, lembra alguma coisa de reserva. Com todas as implicações do nome, desde o confinamento até a excrecência. (RAMOS, 2013, p. 47)

A descrição inicial da escola não é muito empolgante, uma ilha não se configura um lugar ideal para se viver, pois lá os seres geralmente são isolados e solitários, isso demonstra que a escola não ajuda seus alunos a ter uma vida melhor, mas promove o isolamento, talvez diante do seu sistema antigo de ensino ou até mesmo por causa da cidade onde vivem, São Paulo, que até mesmo no ano de 1987 já era uma metrópole. Isso também é lembrado pelo narrador pelas palavras muros e gradis, dando a impressão de prisão.

O casarão antigo pode remeter-nos ao sistema de ensino, que se prende a provas e não ao desenvolvimento social e cognitivo do indivíduo e as construções novas lembram os alunos, pois estão em processo de desenvolvimento, podendo dar um novo rumo à educação, e isso pode acontecer de várias formas, pelos pátios e alamedas da imaginação juvenil.

O narrador continua descrevendo a escola de maneira pejorativa, encravada, dando um ar de descontentamento e impossibilidade de mudança. É descrita também como uma reserva, um lugar protegido, cercado, mas nem sempre muito agradável, pois tira a liberdade de quem lá está, restando apenas o confinamento e a sujeira que produz.

Ramos afirma que a escola era “bonita, sem dúvida, e no entanto fedia” (2013, p. 47). A escola tem uma boa estrutura, mas é mal localizada, fica próxima a um rio poluído e esgoto a céu aberto. Pode-se compreender que a escola é boa, mas tem algo nela que não cheira bem, não agrada a ninguém. Talvez a forma antiga de gerenciar a escola, a forma de avaliação ou a punição dada aos alunos fosse o que cheirava mal naquela instituição.

Porém o narrador não se prende somente ao espaço escolar, ele descreve a casa de algumas personagens para que o leitor as conheça de forma mais íntima, para assim entendê-las melhor, como também mostrou o shopping, lugar agradável onde os jovens também costumam passear, dando ao jovem leitor os ambientes que ele mesmo frequenta no seu cotidiano, sentindo-se inserido na história, que é fictícia, mas que também pode ser verídica.

3.5. O tempo

O tempo da narração é posterior ao da narrativa e isso dá ao narrador a possibilidade de conduzir a história, revelando os fatos no momento em que acha importante e dessa forma envolvendo o leitor na teia dos acontecimentos, de forma que se deixe seduzir pela história e por ela se deixe levar.

O narrador inicia a história destacando o tempo e o espaço quando disse que o dia começa com o clima ameno, Sérgio veste uma blusa de frio colorida, alegre, importada e possivelmente muito cara, ela ostenta o poder aquisitivo que os alunos têm. “A manhã começara um tanto fria, nublada (esquentava depois, pode crer)” (RAMOS, 2013, p. 10). Apresentando o tempo, o narrador já ensaia um diálogo com o leitor, usando os parênteses, dizendo que a história ainda tem muita coisa interessante, “quente” para apresentar, então que esse permanesse firme na leitura.

O tempo da narrativa se dá de maneira linear, sequencial, o narrador é preciso nessa questão, pois dá às personagens o tempo certo para cada acontecimento e isso ajuda o leitor a perceber a verossimilhança e adentrar ao clima da história. A trama se inicia com a chegada da semana de provas, tendo acontecido o roubo, depois o tempo de responder as questões, distribuir entre os compradores, seguido da execução da prova e tempo para sua correção, testes “surpresas”, depois o inquérito e o resultado final. Cada ato tem o tempo necessário para acontecer e o leitor tem a oportunidade de acompanhar tudo de perto, conhecendo as angústias e sofrimentos de cada personagem envolvida. Somente o último capítulo mostra um grande salto no tempo para demonstrar os caminhos percorridos pelos alunos.

O narrador brinca com o tempo sem tirá-lo do mundo real, o refaz para deixá-lo mais interessante ao leitor e digno de um discurso ficcional. Segundo Pinto (1999, p. 75), em vez de abandonar o tempo do mundo real, o narrador de *Desculpe a nossa falha* o reconfigura, resume, altera, modifica sob sua perspectiva, de acordo com a liberdade característica do discurso ficcional.

O narrador opta pelo tempo linear de modo que facilita o acompanhamento do leitor à narrativa, podendo assim conhecer de perto toda a história vivenciada pelas personagens, se emocionar e enraivecêr com os acontecimentos. As indicações de tempo são dadas diretamente por expressões como “antes de”, “a manhã”, “desde pequeno”, “no intervalo entre a primeira e a segunda aula”, “desde cedo”, “amanhã”, “amanhã de manhã”, “a manhã seguinte”, “em apenas um dia”, “em dois minutos”, “agora”, “um dia”, “depois de amanhã”, “ainda hoje”, “de tarde”, “uma tarde inteira”, “término das aulas”, “fim de semana pela frente”, “segunda-feira”, “a noite de sábado”, “altas horas”, “domingo”, “dormiu cedo”, “a próxima semana”, “dia de prova”, “o verão chegando”, “o tempo todo”, “quarta-feira”, “ao mesmo tempo”, “últimas provas”, “novembro acabando”, “depois”, “agora não”, “até amanhã”, “na manhã do outro dia”, “diretoria, às 10 horas”, “na manhã do dia”, “o verão se antecipara”, “fins de novembro e suas promessas”, “em dois minutos”, “quase meia hora”, “dois dias de pausa”, “em três horas”, “na manhã seguinte, às 10 horas”, “após a reunião”, “quase meio-dia”, “cruzando a manhã”, “quinze minutos”, “chegou cedo”, “passadas quase duas horas”, “manhã de compras”, “o dia começou normal”, “foi assim até o meio da manhã”, “hoje, à noite”, “a sexta-feira”, “logo cedo”, “desde ontem”, “explodiu hoje”, “durante uma semana”, “por dois dias”, “o fim de semana inteiro”, “domingo à noite”, “antes do lanche”, “ainda era cedo”, “o último dia de aula”, “ao longo desses anos e já se contavam sete” e assim essas marcam o tempo de forma cronológica e, pode-se dizer, um tanto quanto simplista.

3.6. O ponto de vista

A narração da história se dá em terceira pessoa. O narrador se mostra um mediador da ficção e da realidade que está retratando, como que fazendo uma ponte entre a história narrada e as situações em que muitos jovens estão inseridos, permitindo assim um diálogo e vislumbre do leitor com sua própria história. Segundo Pinto,

Apresentando-se como um autor-narrador, que se outorga o direito de representar a realidade “à sua maneira” e que tem o poder particular de considerar e avaliar essa realidade representada, a voz que organiza as demais vozes do texto torna-se responsável pela “impressão de verdade” e, especialmente, pela diluição das diferenças entre a voz do adulto-autor-narrador e do jovem-leitor-personagem. (1999, p. 90)

O narrador procura mostrar as personagens de forma “transparente e conscientes de seus atos”, contando ao leitor todas as suas características psicológicas, assim este vai tirando suas próprias conclusões diante de cada fato e dessa maneira se aproxima cada vez mais do seu interlocutor. Ricardo Ramos dialoga com o leitor para que este se sinta parte da narrativa, para isso usa o discurso indireto e indireto livre, que produz um texto leve e livre de interrupções, o que também agiliza a narrativa, colocando-a de acordo com o ritmo que o público jovem está acostumado no seu dia a dia.

Mesclando o discurso direto e o indireto com o discurso indireto livre e utilizando-se de períodos curtos, com predominância das orações coordenadas e, por muitas vezes, frases nominais, o narrador consegue dar agilidade às suas descrições e tornar o texto agradável para a leitura, já que com isso evita as constantes interrupções. (PINTO, 1999, p. 91)

Sendo assim, o narrador consegue mostrar a sua “onisciência”, confluindo e sintetizando as diferentes vozes que representa, a voz do adulto-autor-narrador e a voz do jovem-leitor-personagem, como no momento abaixo:

Meu Deus, como é bom sentir o meu corpo, esta vontade! Ser livre é isso? Creio que sim, não tenho saudades, vou-me embora. Por que chorar, se não escolhi? Me puseram aqui eu era pequenininho, não me perguntaram, nem adiantava, deu nisso e eu pago, recebo o troco. Vou-me embora. Tem mais? Tem. Como naquele verso, o mundo é grande porque não tem sentido. (RAMOS, 2013, p. 80-81)

O narrador se utiliza do discurso indireto livre, pois não se sabe quem está falando nesse momento, se é a personagem, e qual, ou se é o narrador. Isso se dá porque constantemente o narrador procura dialogar com o leitor e isso se torna normal e numa situação como a acima citada, o leitor menos atento nem se apercebe da presença do discurso indireto livre.

A narrativa feita para o público juvenil exige certa agilidade, o que acontece no decorrer da história, frases curtas e sem muitos detalhes que podem deixar o texto chato e enfadonho. Em alguns momentos não se sabe se as reflexões são do narrador ou da

personagem, pois não se usam nesse texto muitos verbos *dicendi* para introduzir as falas das personagens.

Chegou cedo ao *shopping center*, logo depois de as lojas abrirem. Levada pela mãe que nem estacionou o carro, se despediu com duas ou três recomendações, **ah, sim, não esqueça da vida e atrase para o almoço**. Ela entrou no clima festivo, visual, sonoro, caminhando ao compasso de velhos sinos rumo ao centro de compras. (RAMOS, 2013, p. 67, grifos meus)

A recomendação parece ser da mãe, mas não há o verbo *dicendi* e nenhum outro recurso linguístico que mostra a passagem de voz do narrador para a mãe e isso deixa o texto rápido e interessante.

Nessa narrativa o narrador procura interagir com o leitor à sua maneira, mesmo sendo onisciente procura não manter distância do receptor, procura não assumir a posição de “dono da verdade”, de repressão ou pedagógico, mas trazer o leitor para dentro do texto narrado, para que ele próprio sinta a necessidade de pensar e quem sabe agir. Como narrador onisciente, ele pode entrar na mente das personagens para saber o que pensam, mas nem sempre o faz, somente quando quer revelar ao leitor os medos, inseguranças e pensamentos íntimos da personagem.

Na obra *Desculpe a nossa falha* o narrador é um elemento fundamental para a constituição do texto, pois é através dele que o leitor percebe os erros e acertos de cada personagem, seja protagonista ou secundária, pois esta obra procura apresentar uma visão não maniqueísta em que o bem sempre vence o mal, mas sim uma reflexão sobre a possibilidade de todo ser humano errar e acertar, ter pontos positivos e negativos, perder e ganhar, como acontece na vida real. Como afirma Pinto,

A culpa, o medo, a queda, o remir e o levantar-se, sem perder a esperança, são apresentados pelo narrador, sem que se quebre a coerência interna e a verossimilhança do texto de ficção, de forma que o leitor possa ter a impressão de que tudo o que está representado ficcionalmente possa ser comparado com uma situação real. Até mesmo a culpa e as preocupações das personagens que apenas participam periféricamente da compra de provas são atenuadas e apresentadas pelo narrador como se estas não precisassem se martirizar por um erro que não cometeram.

Enquanto os protagonistas sofrem por acreditarem ter feito algo errado e não conseguem relaxar, as demais personagens que não participaram diretamente dos fatos são descritas pelo narrador como tranquilas e até alegres, o que confirma a consciência de cada uma delas de estarem pouco envolvidas no roubo das provas. Essa mescla de visões das personagens, mediadas pelo narrador, confere a essa narrativa de Ramos um caráter de texto “completo” em relação aos conflitos vividos por qualquer ser ficcional, contribuindo para que o leitor possa aceitar o texto como verossímil. (1990, 97-98)

Assim, se torna provável que o leitor se entregue à leitura, pois pode ver a sua própria realidade descrita e o narrador acaba por envolver a todos numa mesma teia de acontecimentos, em que os espaços, o tempo cronológico sem a quebra da linearidade, enfim, todos os aspectos da trama contribuem para que uma história com um assunto aparentemente banal se torne uma história instigante e reflexiva.

3.7. Linguagem e estilo do autor

Ricardo Ramos é um homem sempre envolto pelos livros e pela cultura. Filho de Graciliano Ramos, herdou do pai a forma concisa e laboral de escrita. Porém, apresenta estilo pessoal, com uma linguagem reduzida e com capacidade aguçada de expressão.

Desde as primeiras linhas da sua obra *Desculpe a nossa falha* podemos perceber a forma peculiar de escrita deste autor, que se utiliza de fatos comuns do dia a dia em seus enredos, de forma que o leitor possa se identificar com as personagens. Seu estilo literário, demonstrado desde a primeira obra, sempre foi equilibrado, trazendo para a ficção uma realidade simples, porém que causa reflexão. A opção pelo cotidiano como matéria ficcional é apontada por Adonias Filho (1958), para o qual Ricardo Ramos reproduz, como ficcionista, a vida em seu aspecto cotidiano, muito “simplório” e “humilde”. (In: PINTO, 1999, p. 35)

Ramos não é um autor estático, mas a cada texto é possível perceber seu amadurecimento pessoal. Como relata Castelo (apud PINTO, 1999), esse autor chama a atenção pela qualidade da linguagem, sendo ela tão objetiva, sóbria, correta, justa e com economia vocabular que às vezes chega ao exagero. Suas frases são curtas, contundentes, telegráficas, mostrando, à sua maneira, somente o suficiente. Silveira (1960) comenta que “Ramos é incapaz de alongar um diálogo ou enxertar, numa cena, diferentes aspectos ou minúcias que prolonguem um trecho da história” (op. cit. PINTO, 1999, p. 38). Ainda segundo Silveira (1960),

Essa economia vocabular na linguagem faz com que, muitas vezes, adjetivos, advérbios, substantivos e até mesmo verbos sejam ocultos, demandando por parte do leitor mais atenção para a perfeita compreensão do texto (idem PINTO, 1999, p. 38).

Ainda com economia de palavras consegue mostrar os sentimentos mais íntimos das personagens, elas são apresentadas realmente de forma transparente para que o leitor as

conheça por completo, pois este passa a saber de suas dores, suas alegrias, seu jeito de pensar e de viver. Ramos faz questão de apresentar personagens reais, com sonhos e decepções, merecendo sempre a atenção do público leitor. As personagens estão sempre no centro da narrativa, tendo como eixo básico o psicológico, pois o autor preza pelo lado humano do ser. Segundo Adonias Filho (1958, p. 139);

Ricardo Ramos é um seguro caracterizador de tipos. Isso prova, em excesso, que sua preocupação irremovível é a criatura humana... Fixando-a de frente, como criatura que recruta na humanidade para povoar seu livro, sabe como apresentá-la sem trair-lhe a natureza, os instintos e o cérebro. Apanha-a normalmente em seu triste ambiente de vida e, dentro do seu mundo estreito, não permite que se escape o lado humano. Nos contos, compondo a personagem, o lado humano é a grande personagem.

O autor apresenta em seu estilo autenticidade e segurança que “aliam força e disciplina artística e uma extrema correção” (TATI (1958) In: RAMOS, 1990, p. 35), não trai suas ideologias e procura inserir a sua simplicidade como homem. O social também é sempre apresentado em seu texto, mas não de uma forma panfletária. Ramos procura quebrar paradigmas, não seguindo os clichês que há na maioria das histórias juvenis. Cristina, personagem da obra *Desculpe a nossa falha*, se mostra metida no início da história, no final se envolve com a questão, pois aceita as respostas da prova de matemática que Carlão lhe passara, mas com o inquérito tem que fazer nova prova, para isso pede a ajuda de Chico e ele prontamente a auxilia e no final consegue ser aprovada, e diante da diretora, não dedura ninguém. O clichê diz que a “patricinha” deve se sentir superior e no final sempre acabar mal, e não foi o que aconteceu. Ele muda a maneira simplista de ver o mundo, dando oportunidade ao leitor de evoluir, de ser diferente, de melhorar a sua relação com o outro.

A linguagem utilizada na obra *Desculpe a nossa falha* é própria da adolescência, utiliza o coloquialismo para que o jovem compreenda o que lê e se sinta estimulado pelo texto, como também gírias paulistas, já que a história acontece na cidade de São Paulo, cidade essa que faz parte intrínseca da vida do autor, pela qual era apaixonado. Essa linguagem aparece desde o prefácio e vai até o último capítulo. Como no momento em que Sérgio conversa com os colegas sobre a compra das provas.

Os amigos concordaram. Fábio e Carlão irmanados. Você cuida de tudo? Claro, eu sou o dono da malha. Americana legítima. Então esperamos o resultado, vamos torcer. Que é isso, **ô meu**, pensamento positivo. (RAMOS, 2013, p. 15, grifos meus)

A parte grifada é uma gíria muito comum utilizada naquela região e em especial por garotos que estão na fase da adolescência. Outro exemplo que podemos dar da linguagem coloquial está na voz de Telê, quando anuncia a morte da mãe da Bibi e no velório enquanto conversam;

— A mãe da Bibi morreu.
 — E eu com isso? — estourou Sérgio.
 — Você imbecil, vai ter que ir ao velório. Como todo mundo. Hoje, à noite. No Getsêmani.
 — Nem morto — encerrou Sérgio.
 (...)
 Uma certa altura, no café, Mônica virou para Cristina e, na frente dos outros, disse:
 — Ah, Cris. Com você não dá nada. Mary é sua amiga.
 Cristina ia engasgando, mas ganhou fôlego:
 — Mônica, burrice tem limite. Não seja tão idiota.
 Telê, Carlão e Sérgio tiraram Cristina de perto. (idem, 2013, p. 73)

Ricardo Ramos sempre mantém seu estilo conciso, com economia vocabular e assuntos do cotidiano, mas sempre com uma linguagem acessível a seu público leitor, possibilitando a crítica e a reflexão.

3.8. Autor e obra

Desculpe a nossa falha é a primeira produção ficcional “para jovens” do autor Ricardo Ramos, lançada em 1987, sendo seguida pelas também novelas *Pelo amor de Adriana* (1989) e *O rapto de Sabino* (1992). Anos depois o autor apresenta as coletâneas de contos *Estação Primeira* (1996) e *Entre a seca e a garoa* (1997-8), também direcionadas a esse público.

Ricardo Ramos nasceu em Palmeira dos Índios, Alagoas, filho de Graciliano Ramos e D. Heloísa de Medeiros Ramos. Iniciou sua vida escolar em Maceió, porém com 14 anos mudou-se para o Rio de Janeiro, onde estreou no jornalismo. Aos 20 anos se utilizou de revistas e suplementos literários para publicar seus primeiros contos. Nesse mesmo estado formou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Guanabara do Rio de Janeiro, mas nunca exerceu a profissão.

Ramos, além de um apaixonado por literatura era também apaixonado pela cidade de São Paulo. Com cerca de 25 anos mudou-se para lá, de onde nunca mais saiu. Em São Paulo desenvolveu vários projetos literários, foi escritor, jornalista, publicitário, professor de

Comunicação, entre outras atividades mais. Ao todo publicou 21 livros de ficção, entre literatura “juvenil” e literatura “para adultos”, dentre esses, novelas, romances, memórias, contos e livros técnicos sobre propaganda.

A 20 de março de 1992, vítima de câncer no fígado, com 63 anos, morreu Ricardo de Medeiros Ramos, deixando a esposa, D. Marise Ramos, os três filhos Ricardo, Rogério e Mariana e uma obra incrível a ser lida e estudada por também amantes da Literatura.

3.9. Fundamentos histórico-culturais do contexto de escrita da obra

O livro *Desculpe a nossa falha* foi lançado no ano de 1987, como já mencionado, tendo a década de 1980 como pano de fundo para sua obra, porém é possível perceber as influências sofridas por épocas anteriores, pois Ramos nasceu em 1929 e presenciou toda a transformação pela qual o país passou. Vamos discorrer sobre esse assunto por achar necessário para que o leitor deste trabalho científico se localize também no tempo em que a obra foi escrita.

A década de 1980, segundo Zilberman (1985), foi conhecida como “década perdida”, pois se deu um período de estagnação da produção industrial, tendo uma crise na economia, alto índice de inflação, pouco crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do país, mercado instável e grande aumento da desigualdade social.

O Brasil tinha uma dívida externa impagável para com os Estados Unidos e isso gerava impostos absurdos para o povo brasileiro. Para compreendermos o contexto em que o Brasil se encontrava nesse momento, vamos relembrar um pouco das décadas anteriores a 1980, conhecendo um pouco de política e economia e sobre a literatura.

Fiori (2002) nos explica que a época em que o presidente Juscelino Kubitschek governou o Brasil (de 1956 a 1961) foi de crescimento econômico gigantesco, tendo considerável investimento na indústria como também na construção da cidade de Brasília. A dívida externa crescia na mesma proporção, pois as exportações tiveram uma queda brusca, o preço do café, principal fonte de comércio do país, decaía constantemente. Para administrar esses problemas Kubitschek sempre realizava novos empréstimos no exterior, mas aproximando o final do seu mandato esse dinheiro já havia se esvaído quase por completo. No ano de 1958 o governo lançou um plano de estabilização da economia, que procurava combater a crescente inflação. Tal plano previa o empréstimo de 300 milhões de dólares, o que só foi concedido mediante a aprovação do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Em 1960 o Brasil alcançou patamares consideráveis no desenvolvimento econômico, mas este contrastava com os problemas sociais existentes. O desenvolvimento estava acontecendo somente para um grupo específico de pessoas e não para toda a nação. Com a saída de Juscelino Kubitschek, quem entrou na Presidência foi Jânio Quadros, eleito presidente através do voto direto, porém permaneceu no poder por apenas sete meses, depois renunciou e quem assumiu a Presidência foi João Goulart, Jango, como era mais conhecido.

Antes de assumir o governo, Jango teve que negociar com os militares, que não admitiam a sua presença em tal patamar. Teve suas ações limitadas pelo parlamentarismo, entretanto em 1963 conseguiu a aprovação de um plebiscito e assim reestruturou o presidencialismo, o que fortaleceu o Poder Executivo. A partir disso Jango ofereceu ao país um conjunto de mudanças previsto pela Reforma de Base. Segundo Lajolo e Zilberman,

Os anos de 60 e 70 multiplicam os capitais investidos em cultura, criando condições semelhantes às que, a partir dos anos 50, viabilizaram uma semiprofissionalização do escritor infantil e que agora começam a afetar a esfera da literatura não infantil. A ebulição ideológica e política que permeava a discussão das reformas de base em que se empenhava o governo de Jango constituía atmosfera propícia para o estabelecimento de canais que servissem de mediação entre intelectuais e camadas populares. Vários escritores dedicam-se à produção de textos voltados para essas massas, tradicionalmente distanciadas da arte e da cultura burguesa, em particular da literatura. (1999, p. 132)

Sendo assim, a literatura infantil fazia parte das discussões governamentais, demonstrando a importância que essa tinha para uma futura sociedade capacitada.

Jango usava um discurso populista para com o povo, porém se aliou a líderes sindicais e partidos de esquerda, ficando impossibilitado de manter o mesmo discurso. Os grupos conservadores estavam desconfiados de seu novo posicionamento, com isso em 31 de março de 1964 os militares se lançaram ao poder e exterminaram de uma só vez a democracia e o populismo no Brasil, evento que marcou essa década.

De acordo com Lajolo e Zilberman (1999), o governo militar apresentava algumas características próprias como a cassação de direitos políticos de pessoas que representavam a oposição, repressão aos movimentos sociais e manifestações contrárias às ideologias do governo, censura aos artistas e meios de comunicação, implantação do bipartidarismo, enfrentamento militar aos grupos de guerrilha que vinham contra o governo, aproximação dos Estados Unidos e uso de métodos violentos para com os opositores.

Na década de 1970 o governo militar conseguiu promover o crescimento nacional, o que foi conhecido como o “milagre brasileiro”, porém esse crescimento se dava por causa da exploração dos trabalhadores e exacerbação do nacionalismo. Esse “milagre” não durou muito tempo e causou, posteriormente, o aumento da inflação e a consequente crise que o país atravessaria nas décadas posteriores.

A superficialidade com que o “milagre brasileiro” afetou as condições de vida do país, a parcialidade com que beneficiou apenas e temporariamente um segmento pequeno da população brasileira, somados à emergência de uma crise internacional do capitalismo – tudo isso fez com que não se calasse o protesto contra o governo. Crescia a insatisfação política sustentada por uma série de publicações semiclandestinas que veiculavam críticas à orientação política do país que arcava, agora, com o reverso do milagre: o achatamento salarial, a pauperização da classe média, o endividamento externo e uma imagem desgastada do governo. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 130-131)

Nessa década o país se transformou no palco da expansão, da massificação das informações e dos padrões comportamentais. A televisão e o rádio foram os grandes responsáveis pela transformação dos costumes, pois suas ondas alcançavam grandes distâncias e todas as classes sociais. As informações partiam de São Paulo e Rio de Janeiro e ditavam a moda no restante do país, o que se dançava nas discotecas, a valorização dos padrões de beleza, o culto ao corpo, a exaltação ao individualismo e principalmente o consumismo, tudo sob a supervisão dos militares.

No final da década de 1960 e na década de 1970 o país presenciou um dos movimentos artísticos mais importantes já vistos, “Tropicália”, que foi interpretado como uma contestação radical às oposições de esquerda, que naquele momento exercia grande influência sobre a produção cultural. O Tropicalismo foi inovador ao mesclar o tradicionalismo da cultura nacional com as inovações estéticas, possibilitando um sincretismo entre os diversos ritmos musicais, como o rock, o baião, o samba, a bossa nova, o bolero, entre outros. As letras dessas novas produções tinham um tom poético, mas faziam críticas sociais bem elaboradas abordando temas do cotidiano de forma criativa. Tal movimento não procurava combater a política da ditadura militar, pois seus mentores acreditavam que a inovação estética já era uma atividade revolucionária.

Na década de 1980 o país decaiu ainda mais e a dívida do Brasil com os estados Unidos aumentava drasticamente, causando o aumento do *déficit* público. A dívida interna estava no mesmo caminho, cada vez mais sufocando o brasileiro e isso passou a causar grande

pressão sobre o governo militar ocasionando uma forte crise nacional, o que levou o povo às ruas com a campanha das “Diretas Já”, em que a população exigia mudanças.

O ano de 1985 foi a porta de entrada para a democracia, pois aconteceu a eleição de um presidente civil pelo voto indireto, marcando o início da Nova República. Tancredo Neves, ex-governador de Minas Gerais, foi eleito presidente da República por uma diferença de 300 votos para seu adversário, o deputado do PDS Paulo Maluf. E esse foi um marco histórico que encerrou o ciclo da ditadura militar, abrindo caminho para a tão esperada redemocratização brasileira.

Segundo Zilberman (1985), a literatura refletiu todos esses percalços da política e da economia do país, tendo essa realidade muitas vezes refletida, de modo tímido, talvez por causa da repressão, nas suas páginas narrativas e poéticas.

A produção literária destinada ao público infantil e juvenil, que surge propriamente no cenário brasileiro entre os anos de 1960 a 1980, aponta para a consolidação do gênero. Isso acontece tanto na perspectiva da produção e consumo como nas formas e conteúdos inseridos no livro.

A autora relata que a partir de 1960 programas voltados ao fomento da leitura foram surgindo, como a Fundação do Livro Escolar, criada em 1966, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil e várias Associações de Professores de Língua e Literatura, além da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, criada em São Paulo em 1979.

Segundo Lajolo e Zilberman (1999), o país apresentava um mercado ávido, porém desabitado à leitura, então alguns materiais de instruções e sugestões didáticas foram adaptados e dirigidos às escolas, materiais como fichas e roteiros de leitura, de compreensão do texto, questionários indutivos, a visita dos autores às instituições que se tornara comum, pois era uma oportunidade de explicarem sobre suas obras, enfim, atividades que não promoviam o pensamento crítico do educando.

Embora a crise financeira e política se agravasse, a literatura infantil continuava a conquistar espaço. “Muitos autores, inclusive os consagrados, não desprezaram a oportunidade de inserir-se nesse promissor mercado de livros, o que trouxe para as letras infantis o prestígio de figuras como Mário Quintana, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes e Clarice Lispector” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 124) e a presença desses autores em muito ajudou no desenvolvimento estético da literatura infantil, e para eles era bom participar, haja vista que todos passavam pelo momento de recessão no país.

Nesse tempo o Brasil deixou de investir no escritor como forma de favor individual e passou a investir nas editoras, para que essas produzissem mais materiais para suprir as necessidades de consumo das escolas. Assim, os escritores deixaram de trabalhar nas repartições públicas e migraram para os jornais e editoras para que as pessoas pudessem usufruir dos seus conhecimentos. Lajolo e Zilberman (1999), confirmando o dito acima, destacam que:

Os anos 70 assistem a uma reformulação completa do Instituto Nacional do Livro (INL), que passa a bancar número considerável de coedições. Com isso, a política cultural do Estado afasta-se do anacrônico mecenatismo que fazia de cargos públicos a recompensa do escritor, e do financiamento do livro um favor pessoal. A partir de então, o Estado dá seu apoio à iniciativa privada, não mais favorecendo autores, mas grandes editoras, numa atitude análoga à que assume frente a vários outros ramos da indústria brasileira. (1999, p. 134)

O país estava em tempo de transição, momento em que o capitalismo crescia e era estimulado pelo governo, devido também às influências norte-americanas, dessa forma as autoras continuam relatando a atitude dos escritores diante dessa nova realidade;

Correlatamente ocorre a migração dos escritores do funcionalismo público para o jornalismo e a publicidade, atestando a transformação da sociedade brasileira, agora mais complexa e moderna, que oferece novas e mais rendosas formas de profissionalização para o homem de letras, que põe seu *know-how* a serviço de uma forma de produção definitivamente capitalista. (1999, p. 134)

O capitalismo estava se solidificando, por isso a literatura infantil recebeu bastante investimento para ter uma produção de grande escala e moderna e isso exigia que as editoras lançassem obras de forma regular e constante para manter um público fiel, e essas então exigiam dos autores produções mais rápidas, o que promoveu uma diminuição na qualidade estética das obras, mas o consumo ocorreu da maneira que se esperava, pois as escolas passaram a exigir leituras e as editoras não perderam tempo em oferecer sempre mais.

Embora alguns autores escrevessem apenas para suprir as necessidades do mercado, outros se preocupavam em retratar a realidade vivida naquele momento, podendo mostrar até mesmo a violência que acontecia. Algumas características marcaram essa produção como, por exemplo, a nova maneira de compor personagens e enredos, incorporando a temática urbana e promovendo uma fusão entre o social e o individual, a valorização da linguagem oral, desprezo do discurso modelar, o rompimento da linearidade através do discurso indireto livre

e a inserção do leitor como participante da obra. Ricardo Ramos fez parte desse segundo grupo, sempre apresentando obras bem elaboradas, contextualizadas, sem cunho pedagógico, o que não a impedia de ensinar alguma coisa, mas principalmente obras abertas que levaram o indivíduo a refletir sobre o que leu e sobre sua própria existência, como também obras atemporais, pois inseria em seus textos temáticas simples, do dia a dia, podendo ser discutidas de maneira enfática ainda hoje, na atual sociedade.

A década de 1970 para 1980 promoveu uma ruptura na antiga forma de escrever para as crianças com cunho didático, transformando o livro em um objeto de prazer. “A produção poética para a infância solidificou-se nos últimos anos, não só em termos de quantidade (proporcionalmente aos outros períodos) e diversidade, como em termos de qualidade, desvencilhando-se do recorte didático e pedagógico” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 145).

A literatura infantil e juvenil sofreu uma renovação assumindo traços que se aproximaram da literatura contemporânea direcionada ao público adulto, dando a ela o respeito merecido diante das excelentes obras que estavam sendo produzidas naquele momento.

3.10. Principais autores e obras do período de escrita da narrativa

A literatura produzida a partir da década de 1960 foi conhecida genericamente como “Literatura Brasileira Contemporânea”, e teria sido conhecida como um *boom*. Segundo Candido (1989), essa literatura tratou da prosa brasileira em torno do golpe militar ocorrido em 1964 em diante; ele destaca os nomes de Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Murilo Rubião como precursores dessa época. Esse *boom* reconfigurou o mercado dos livros, que estava sendo grandemente estimulado pelo governo, que apoiou o surgimento de novas editoras e também de novas e várias coleções, tendo sido lançados no ano de 1973 cerca de 166 milhões de livros, segundo o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e em 1979 já havia subido para 249 milhões.

A queda no analfabetismo, a industrialização, o consumismo, o crescimento no número de universitários etc., tudo isso se liga, de uma forma ou de outra, ao “milagre econômico”, sendo esses os motivos que proporcionaram tamanho crescimento à indústria do papel. O *boom*, que era quantitativo, abriu espaço para que novos escritores se lançassem no

mercado e publicassem em editoras de médio e grande porte, o que promoveu o lançamento de novos agentes no sistema literário brasileiro. Assim, esse *boom* não se referia ao surgimento de um grupo específico de escritores que defendiam um mesmo ideal, mas ao superaquecimento do mercado editorial, que deu visibilidade a vários escritores e diversos tipos de obras, tendo uma numerosa diversidade de livros à disposição dos leitores.

As obras surgidas de intelectuais e escritores emergentes funcionavam como válvula de escape da amordaçada imprensa, que foi calada pela censura. Segundo Bonvicino,

O boom literário brasileiro é um fenômeno, até agora, quantitativo. Há milhares de brasileiros escrevendo contos e poemas, editando revistas regionais, suplementos literários e até mesmo livros. Mas nada de novo. Todos estão indo no caminho da velha literatura. O boom é um subproduto de elevação dos índices de alfabetização e universitarização que o Brasil vem conhecendo. É natural que gente que aprende a escrever comece a escrever. E entre pela porta da sublitteratura a aprender a pensar. Em vez disso, ele se põe a escrever (1999, p. 209).

Embora de fato tenham surgido muitos escritores, é possível destacar aqueles que alcançaram o reconhecimento da crítica, tendo o seu trabalho afirmado como esteticamente elaborado e humanizador, autores que elaboraram obras que ultrapassaram o tempo e permanecem atuais até o presente momento.

As manifestações literárias de então se deram a partir de duas linhas: de um lado a permanência de alguns autores já consagrados pela crítica como João Cabral e Carlos Drummond de Andrade, acompanhado do surgimento de autores como Lygia F. Telles e Dalton Trevisan, que estavam ligados às linhas tradicionais da literatura, como o regionalismo, o intimismo, o urbanismo e a introspecção psicológica, e do outro lado autores que procuraram romper com o tradicionalismo, apresentando propostas alternativas e experimentais, buscando novos caminhos dentro de um país sufocado pela tensão militar. Nessa vertente surgem o concretismo, a poesia práxis, os romances e contos fantásticos e alegóricos, porém ao final essas duas vertentes se entrelaçam e se completam.

Os romances ora seguem as linhas tradicionais ora inovam criando novas nuances na obra. O romance regionalista, por exemplo, segue o caminho tradicional do Romantismo, retratando o homem na zona rural com seus problemas sociais e geográficos, os autores mais conhecidos eram Antonio Callado, com a obra *Quarup*, José Cândido de Carvalho (*O coronel e o lobisomem*), Bernardo Éllis (*O tronco*), dentre outros.

O romance intimista segue a mesma linha de indagação dos problemas humanos, de sondagem interior, iniciada por Clarice Lispector, assim autores desse tipo de romance

procuram explorar o interior de pessoas angustiadas desnudando seus traumas, mostrando seus problemas psicológicos, religiosos, morais etc. Os autores que se destacaram nessa vertente foram Lia Luft, com a obra *Reunião de família*, Fernando Sabino com *O encontro marcado*, Lygia Fagundes Telles com *Ciranda de Pedra* e *As meninas*, Autran Dourado com *Ópera dos mortos* e *O risco do bordado*, Chico Buarque com *Estorvo* e outros autores mais.

O romance urbano social relata os problemas dos grandes centros, falando sobre a burguesia, a luta do proletariado para alcançar a ascensão social, a violência urbana, a marginalização, a angústia, a solidão de um povo que vive rodeado por pessoas indiferentes e se sente completamente só, entre outros assuntos. Os autores pertencentes a essa vertente são Rubem Fonseca – *Bufo & Spallanzani*, Marcos Rey – *O mistério do cinco estrelas*, José Condé – *Tempo vida solidão* e Ricardo Ramos com o livro que analisamos, *Desculpe a nossa falha*. Segundo Bosi,

Escritores de invulgar penetração psicológica, como Lygia Fagundes Telles, Antônio Olavo Pereira, Aníbal Machado, José Cândido de Carvalho, Fernando Sabino, Josué Montello, Dalton Trevisan, Autran Dourado, Otto Lara Resende, Adonias Filho, Ricardo Ramos, Carlos Heitor Cony e Dionélio Machado têm escavado os conflitos do homem em sociedade, cobrindo com seus contos e romances-de-personagem a gama de sentimentos que a vida moderna suscita no âmago da pessoa (2013, p. 414-415).

O romance urbano foi subdividido, dele surgiu o romance político. A censura calou por um tempo os meios de comunicação de massa, então o romance passou a preencher essa lacuna, retratando o cotidiano das pessoas que ali viviam. Os autores Ariano Suassuna com *A pedra do reino* e João Ubaldo Ribeiro com *Sargento Getúlio*, entre outros, fizeram parte desse tipo de romance. O romance urbano também fez surgir o romance-reportagem, que apresentava linguagem jornalística narrando os relatos de tortura e foi usado como veículo de protesto contra a opressão; seus autores eram Rubem Fonseca (*O caso Morel*), Ignácio de Loyola Brandão (*Não verás país nenhum*), Roberto Drummond (*Sangue de Coca-Cola*) etc.

Marcelo Rubens Paiva e Rubem Fonseca escrevem romances policiais, sendo esse último destacado como o melhor da modalidade, com suas obras *A Grande arte*, *Bufo & Spallanzani*, *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*, dentre outros.

O romance histórico fundiu a narrativa policial, os fatos políticos e o contexto histórico, tendo como representante a obra de Rubem Fonseca, *Agosto*, em que são narrados os acontecimentos políticos antecedentes ao suicídio de Getúlio Vargas, *Boca do Inferno*, de Ana Miranda, que conta a história da Bahia do século XVII e os abarcamentos amorosos e

políticos de Gregório de Matos e a obra *Olga*, de Fernando Moraes, que mostra a história da mulher de Luís Carlos Prestes, que foi entregue aos nazistas pelo governo de Getúlio.

No Realismo Fantástico são narradas situações inusitadas e até mesmo absurdas para representar a situação do Brasil de então. Murilo Rubião é o pioneiro com as obras *O pirotécnico Zacarias* e *O ex-mágico*. Depois surgiram outros como Moacyr Scliar – *A balada do falso |Messias* e *Carnaval dos animais*, Érico Veríssimo – *Incidente em Antares* etc.

Na década de 1980 surge o romance memorialista ou autobiográfico, que mistura relatos de viagens memoriais, autobiografia, reflexões de intelectuais que estiveram exilados e testemunhos das atrocidades cometidas pelo regime militar. Os autores que mais se destacaram com esse tipo de romance foram Pedro Nava – *Baú de Ossos*, Érico Veríssimo – *Solo de Clarineta I e II*, Fernando Gabeira – *O que é isso, companheiro?* e *O crepúsculo do macho* e Marcelo Rubens Paiva – *Feliz ano velho*.

Houve ainda romances experimentais e metalinguísticos, que desenvolveram novas técnicas de narrativa e trabalho linguístico, apresentando estrutura fragmentada. Os autores envolvidos foram Osman Lins, Ivan Ângelo, Ignácio de Loyola Brandão, entre outros.

A partir dos anos de 1970 houve uma grande explosão dos contos e crônicas, por se tratarem de narrativas menores e atenderem assim a correria da modernidade. Esses gêneros apresentaram novas dimensões como a subversão da sequência da história, evocação dos estados emocionais, fusão entre a poesia e a prosa etc. Isso proporcionou a possibilidade de o texto ser ligeiro, oferecer uma interpretação imediata, mostrar os flagrantes do cotidiano, o que fez com que se tornassem populares, pois caíram no gosto do leitor.

Autores que se destacaram no gênero conto foram Ricardo Ramos, Lygia F. Telles, Moacyr Scliar, Nérida Piñon, João Antônio, Autran Dourado, Marina Colasanti, Osmar Lins, Marcelo Rubens Paiva, Homero Homem, Ivan Ângelo, Murilo Rubião, Luiz Vilela, Domingos Pelegrini Jr., Hilda Hilst, Oto Lara Resende, J. J. Veiga, Dalton Trevisan e Rubem Fonseca. Os autores que se destacaram nas crônicas foram Luís Fernando Veríssimo, Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Porto, Fernando Sabino, Raquel de Queiroz, Rubem Braga, João Ubaldo Ribeiro, Álvaro Moreira, Lourenço Diaféria e Vinícius de Moraes.

Tanto quanto nas etapas vivenciadas pelos autores acima citados, a literatura infantil e juvenil assistiu a uma nova etapa da sociedade brasileira em direção ao capitalismo, o que proporcionou aumento e aprimoramento das instituições ligadas à cultura da criança. “Imersa em tal contexto que favorece um modo industrial de produção de cultura, a literatura infantil, na fragilidade de sua recente e irregular tradição, tem traços tanto da manutenção de velhas

tendências quanto de um esforço renovador” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 160). Nesse esforço renovador, a narrativa infantil e juvenil busca consonância com as vertentes contemporâneas: “empenhada na representação da realidade brasileira, a narrativa infantil mais significativa aderiu à temática urbana, fazendo-se porta-voz de denúncias da crise social brasileira” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 160).

Assim, engajada nessa contemporaneidade, a literatura infantil e juvenil, segundo Lajolo e Zilberman (1999), nos últimos 20 anos tem se fortalecido grandemente, renovando a poesia e a prosa, “rompendo com a tradição escolar e tornando-se predominantemente lúdica e especulativa” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 161).

Dentro dessa realidade, autores que iniciaram sua carreira com histórias para adultos se voltaram para o público infantil e juvenil, como Ricardo Ramos, percebendo a necessidade e abrangência do trabalho que poderia ser feito, e outros que se consolidaram diretamente nesse gênero encontraram ali grande êxito. Vamos destacar agora alguns autores de grande relevância que fizeram parte desse período demonstrado.

Um desses escritores é Lygia Bojunga. Ela tem um estilo literário que lhe é característico, faz com que suas personagens cresçam e amadureçam no decorrer da trama, mistura o real e a fantasia de forma equilibrada, costuma abordar de forma crítica e coerente temas como a crítica social, o consumismo exagerado e sem limites, o sistema escolar ineficaz, a alienação televisiva, preconceitos diversos e outros mais. Ela promove aquilo que Lobato na década de 1940 chamava de “libertação do imaginário”, pois trabalha a criatividade e a reflexão. Lajolo e Zilberman comentaram que

As personagens dessa autora vivem, no limite, crises de identidade: divididas entre a imagem que os outros têm delas e a autoimagem que irrompe de seu interior, manifestando-se através de desejos, sonhos e viagens, os livros de Lygia Bojunga registram o percurso dos protagonistas em direção à posse plena de sua individualidade:

Sua narrativa flui num ritmo vagaroso, atento à minúcia de comportamento e de ambiente que às vezes se aproxima do fluxo de consciência. O resultado é uma narrativa original que, além de romper com a linearidade, parece ter a intenção de colar-se ao modo infantil de perceber e dar significado ao mundo. (1999, p. 158)

Outra autora que também deixou sua marca na história da literatura infantil e juvenil, tal qual Ricardo Ramos, foi Marina Colasanti. Ela é uma autora ítalo-brasileira, chegou ao Rio de Janeiro em 1948, publicou seu primeiro livro em 1968 (*Eu, sozinha*), depois disso publicou mais de 30 obras entre literatura infantil e adulta. Nas suas obras a autora reflete sobre os

fatos cotidianos, sobre o amor, a situação feminina, os problemas sociais brasileiros, a arte etc., mas sempre escrevendo com aguçada sensibilidade. Uma das suas principais obras foi *Uma ideia toda azul*, publicada em 1979, trazendo de volta o mundo da fantasia, de reis e rainhas, mas com uma escrita mais reflexiva e crítica.

Marina Colasanti, em *Uma ideia toda azul* (1979), faz reingressar na literatura infantil toda a população de reis, fadas, princesas e rainhas que costumavam povoar os contos tradicionais. O reingresso coincide com o aparecimento de muitas obras cujo projeto consistia na desmistificação das criaturas do reino das fadas. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 158)

Mais um autor de destaque da literatura infantil e juvenil, contemporâneo a Ramos, foi Moacyr Scliar. Publicou seu primeiro livro, *Histórias de médico em formação*, em 1962, baseado em suas experiências como estudante de medicina, porém considera sua primeira obra realmente o livro de contos *Carnaval dos animais*, publicado em 1968. Duas situações que influenciaram a escrita de Scliar foram sua condição de imigrante e posteriormente de médico de saúde pública, o que lhe possibilitou escrever com propriedade sobre doença, sofrimento e morte, relatando de forma viva a realidade brasileira. Ele tem um estilo altamente humanista e os temas dominantes na sua obra são a realidade da classe média urbana, a medicina e o judaísmo.

Os autores, obras e movimentos supracitados fizeram parte da literatura contemporânea e expressam uma qualidade estética inegável, cada qual dentro da sua esfera estabelecida.

3.11. A crítica social contida na obra

Ricardo Ramos procurou mostrar a sociedade em que estava inserido produzindo crítica a ela, mas sem cunho moralista, apenas permitindo ao leitor um momento de ponderação, pois “a criança não deve ser murada”, então por meio do narrador ou dos diálogos entre as personagens Ramos expôs seu leitor à crítica social.

A crítica é uma constante na obra de Ramos, mas ele não fez disso um discurso panfletário, engajado ou moralizante, a colocou de maneira sutil, às vezes direta, sustentada em todos os recursos dispostos ao autor. Segundo Pinto (1999), o livro *Desculpe a nossa falha* apresentou no próprio título uma deixa sobre a crítica que fez no decorrer da narrativa,

pois “nossa” é um pronome possessivo, indicando que a falha pertence a todos os envolvidos. Em se tratando de uma escola – o ambiente onde ocorreu praticamente toda a narrativa –, a culpa foi dos alunos, mas também dos professores, direção, apoio, pais, enfim, de todos que faziam parte do processo. Como afirma Pinto,

Além de mostrar, por meio do jogo de contrários que permeia todas as personagens, que as falhas são inerentes a qualquer ser humano, o texto de Ramos se configura, dentro de suas especificidades e sujeito às diferentes leituras próprias da ficção, como um contundente apelo, [...] para a modificação das relações em sala de aula, ou mais propriamente, como uma crítica ao ultrapassado sistema de ensino brasileiro, tanto da rede pública, tanto da rede privada de ensino, que não acompanhou no mesmo ritmo o desenvolvimento dos costumes e a difusão de ideias pedagógicas. (1999, p. 163)

Tendo essa característica de criticar sem induzir bem presente em suas obras, Ramos não poderia encerrar seus livros, em especial o objeto de nossa análise, de forma moralizante ou pedagógica, por isso optou por um final reflexivo, permitindo ao leitor a possibilidade de avaliar, juntamente com as personagens, todos os fatos ocorridos ao final da trama e partilhar ou não dos sentimentos expostos por elas.

3.12. *Desculpe a nossa falha e a proposta do FNDE*

O FNDE é o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, autarquia criada pela Lei Federal nº 5.537, de 1968, e é responsável pela execução de políticas educacionais do Ministério da Educação (MEC), tendo como missão prestar assistência técnica e financeira aos estados e municípios, como forma de contribuir para a implementação de parcelas das ações educacionais desenvolvidas pela União.

Ficam sob sua responsabilidade os seguintes programas: Brasil Carinhoso, Brasil Profissionalizado, Caminho da Escola, Formação pela Escola, PAR (*Plano de Ações Articuladas*), PDDE (*Programa Dinheiro Direto na Escola*), PNAE (*Programa Nacional Alimentação Escolar*), PNATE (*Programa Nacional Transporte Escolar*), PNBE, PNLD (*Programa Nacional Livro Didático*), ProInfância (*Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil*) e ProInfo (*Programa Nacional de Tecnologia Educacional*).

O PNBE é executado pelo FNDE em parceria com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação e é responsável por selecionar e enviar literaturas de qualidade às bibliotecas escolares, consequentemente ao próprio educando.

Para que o livro chegue até a unidade escolar há a necessidade de alguns trâmites legais. Em princípio o FNDE elabora um edital que estabelece as regras para inscrição e avaliação das coleções de literatura, publicando no *Diário Oficial da União* e disponibilizando na internet. Tal documento determina as regras de aquisição e os prazos para a apresentação das obras detentoras dos direitos autorais. Terminada essa primeira fase, as obras são avaliadas e selecionadas por equipes de mestres e doutores de universidades federais, profissionais com múltiplas experiências e competência literária para a execução de tal tarefa. Após a seleção e avaliação, o FNDE inicia o processo de negociação com as editoras. Diferentemente de outros órgãos governamentais, não há necessidade de licitação, tendo em vista os direitos autorais das obras, para assim não interromper, por motivos burocráticos, a aculturação dos leitores. Concluídas as negociações, as editoras são informadas do número de exemplares de cada literatura escolhida e então se responsabilizam pela entrega no prazo e local predeterminado, sendo sempre assistido por técnicos do FNDE.

O controle de qualidade dos livros é feito pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), que é responsável por manter o objeto livro de acordo das normas técnicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e as normas ISO, garantindo a produção de material de qualidade.

A distribuição do PNBE é feita pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, sendo acompanhada por técnicos do FNDE e das secretarias estaduais de Educação.

O livro *Desculpe a nossa falha*, de Ricardo Ramos, foi selecionado em 2012 e disponibilizado às instituições escolares estaduais no ano de 2013, tendo como público-alvo os alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

4. PELAS VEREDAS DA RECEPÇÃO: UM ESTUDO DE CASO

Uma das necessidades fundamentais do homem é dar sentido ao mundo e a si mesmo e o livro, seja informativo ou ficcional, permanece como veículo primordial para esse diálogo.

Maria da Glória Bordini; Vera Teixeira Aguiar (1988)

4.1. A recepção de *A fuga de Edgar e Desculpe a nossa falha* pelos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Iara Maria Minotto Gomes

Diante das teorias apresentadas no primeiro capítulo, verificamos o quanto o indivíduo é parte essencial para que o processo da leitura e compreensão aconteça, pois é o leitor que dá sentido à obra diante da sua história de vida e de leitura.

Para ocorrer a interação do leitor com o livro, há a necessidade de comunicação e, segundo Bordini e Aguiar (1988, p. 9), “é através da linguagem que o homem se reconhece como humano”, sendo na convivência social que se desenvolve enquanto ser que se comunica com o outro e se faz entender, para assim trocar experiências. Porém, para haver tal comunicação há a necessidade de que este homem tenha o mesmo código linguístico com quem entra em contato, e isso nas questões orais e escritas, pois

a socialização do indivíduo se faz, para além dos contatos pessoais, também através da leitura, quando ele se defronta com produções significantes provenientes de outros indivíduos, por meio do código comum da linguagem escrita. (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 10)

O homem então não se comunica somente com quem lhe está próximo, mas também pode se comunicar com alguém que não lhe é contemporâneo e isso ocorre por meio do código escrito, sendo o livro um documento que conserva as manifestações vividas noutro tempo e espaço: “O acesso aos mais variados textos, informativos e literários, proporciona, assim, a tessitura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo que gera vínculos entre o leitor e os outros homens” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 10).

Compreendemos então que a escrita representa uma das grandes conquistas do ser humano, o que possibilitou a perpetuação de pensamentos, ideias e sentimentos vividos ao longo da existência. A literatura se manifestou como uma solução para sanar a curiosidade e também revelar os segredos de um mundo complexo, dando asas à imaginação do leitor.

Diante dessa situação, foi possível perceber que o leitor pode ter na leitura um momento de prazer, pois pode buscar no texto as soluções para suas inquietações, não se limitando apenas a decodificar sinais gráficos, mas passando a construir o seu próprio conhecimento. De acordo com Martins (1992) a leitura significa a autonomia do homem, a liberdade que permite a ampliação dos seus horizontes. O ato de ler passou a ser uma necessidade intrínseca do homem, desse modo, “a leitura seria a ponte para o acesso educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo” (MARTINS, 1992, p. 25).

Mas para que ocorra uma interação, uma leitura de fato prazerosa e significativa, é necessário um diálogo real entre o leitor, texto e autor, pois a leitura sem compreensão é uma leitura mecânica e desnecessária.

Como vimos em outros momentos, o governo procurou equalizar a sociedade através do ensino da escrita e leitura, porém, segundo Bordini e Aguiar (1988, p. 10), isso “revelou-se mais um aparelho de dominação das classes populares”, o que não precisa continuar acontecendo, pois as escolas atuais receberam subsídios necessários para levar o educando a entrar em contato com o mundo mágico e reflexivo da leitura, dependendo sempre do método e interesse do professor. Segundo Bordini e Aguiar,

considerando a natureza da literatura, pode-se afirmar que, se o professor está comprometido com uma proposta transformadora de educação, ele encontra no material literário o recurso mais favorável à consecução de seus objetivos (1988, p. 18).

Foi pensando nisso que nos propusemos a utilizar o método recepcional com alguns alunos da Escola Estadual Iara Maria Minotto Gomes, oferecendo-lhes duas obras diferentes, uma que, diante da análise já feita no segundo capítulo, consideramos literatura de massa e outra, conforme vimos no terceiro capítulo, reputada pelo FNDE e também por nós, enquanto pesquisadores, como uma obra esteticamente elaborada, dando aos alunos a possibilidade de ler e discutir sobre tais obras, para assim percebermos se estes conseguem entender quando a obra é ou não mercadológica, como também se conseguem preencher os vazios do texto e permitir que este amplie seus horizontes de expectativas, fazendo diferença no seu cotidiano.

Para tanto, nos utilizaremos, como já foi dito, do método recepcional, segundo os pressupostos de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, presentes no livro *Literatura – A formação do leitor* (1988), que está diretamente ligado à Estética da Recepção, de Jauss e Iser.

A partir da Estética da Recepção foram desenvolvidos estudos em torno das relações autor, texto e leitor, colocando este último como parte necessária para que a leitura acontecesse; a partir disso, Bordini e Aguiar (1988) desenvolveram o método supracitado. Esse método não se submete à tradição comum ou dominante, pois sua base teórica se prendeu à ideia do “relativismo histórico e cultural, já que está fundamentalmente convicta da mutabilidade dos objetos, bem como da obra literária, dentro do processo histórico” (FOKKEMA & KUNNE, IBISCH, 1977, p. 138 apud BORDINI e AGUIAR, 1988, p. 81).

O conceito de historicidade dentro do método recepcional é o cruzamento do contexto histórico do autor com o do leitor, e no momento em que estes se cruzam o leitor passa a preencher os vazios do texto e o texto passa a ter novos significados, sempre respeitando os limites que o autor impõe.

A atitude de interação tem como pré-condição o fato de que texto e leitor estão mergulhados em horizontes históricos, muitas vezes distintos e defasados, que precisam fundir-se para que a comunicação ocorra. São estes os quadros de referências antes aludidos, a que Hans Robert Jauss chama de *horizontes de expectativa*, [...] (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 83).

Para utilizar tal método, é necessário que o mediador conheça a realidade dos leitores/alunos e, a partir dessa, organize a execução do trabalho em pelo menos cinco etapas.

- 1- Determinação do horizonte de expectativas.
- 2- Atendimento do horizonte de expectativas.
- 3- Ruptura do horizonte de expectativas.
- 4- Questionamento do horizonte de expectativas.
- 5- Ampliação do horizonte de expectativas.

Apresentamos, a seguir, um detalhamento de cada um desses momentos.

4.1.1. Determinação do horizonte de expectativas

O que constitui o horizonte de expectativa é o meio social do leitor, a posição que ele ocupa na sociedade e as pessoas que o acompanham, o meio intelectual, o meio ideológico, incluindo suas crenças e valores morais, a linguística de que se utiliza, isto é, o cuidado que ele tem com a língua, se preza pela norma culta ou não, decorrente de seu nível de instrução e o meio literário, proveniente das leituras que já fez no decorrer de sua existência, definindo assim suas preferências, temas e assuntos que mais lhe interessam.

Nessa etapa foi feito o levantamento dos valores que os alunos prezavam, compreendendo suas preferências diante do exposto acima. Os nomes dos alunos são fictícios, com também dos profissionais mencionados por eles durante o questionário e a entrevista. A caracterização foi feita com o nome fictício, a idade e o gênero, sendo M para masculino e F para feminino, não sendo especificada a série porque todos pertenciam ao 8º ano no momento da pesquisa.

Os erros de concordância, como também as gírias e os vícios de linguagem foram mantidos para ficar o mais próximo possível da oralidade emitida pelos alunos. A vírgula mostra uma pequena pausa na fala e a reticência representa um espaçamento maior de tempo entre uma fala e outra do mesmo aluno. O símbolo “[...]” representa a ausência de compreensão do que foi falado.

Diante do questionário sociocultural e econômico, podemos perceber que os alunos vivem em um ambiente restrito em questões financeiras e intelectuais. As casas onde habitam são pequenas, tendo um quarto para vários filhos ou mesmo a sala servindo de quarto ao anoitecer, não têm privacidade em nenhum cômodo, estando sempre à mercê de seus cuidadores. Na maioria das famílias pesquisadas, cinco ou mais membros moram em uma casa de dois ou no máximo quatro cômodos, sendo alugada ou própria, situada na zona urbana, na periferia da cidade.

Embora as residências sejam simples, não faltam os eletroeletrônicos de maior necessidade. Segundo o questionário, todas as casas têm geladeira, televisão (algumas em tela plana), DVD e máquina de lavar (tanquinho). O celular está presente em todos os lares, sendo na maioria um exemplar para cada membro da família, mas não têm acesso à internet. Os computadores também são raros nos lares. Um dos meios de transporte utilizado é a bicicleta, porém a maioria diz andar a pé, com as raras exceções dos que têm moto ou um carro velho.

Os pais trabalham em serviços braçais e pesados, tendo como lazer no final de semana os programas de canal aberto da televisão, beira do rio ou ficar em bares, mas sempre acompanhados de amigos e bebida alcoólica. A maioria relatou que os pais chegam ao final do dia de domingo bêbados, precisando ser carregados para suas casas, e quem geralmente faz esse trabalho são os adolescentes em questão.

Os alunos, na sua maioria, dizem gostar de estudar e ter lido mais de cinco livros no ano de 2014, o que não confere com as presenças na escola e retirada de livros na biblioteca, tendo o depoimento também contrário de professores, com raras exceções.

Segundo o questionário, quem mais incentiva esses alunos a ler são as mães e não os professores, porém, segundo os próprios alunos, essas não têm o hábito da leitura. Os pais, de

maneira geral, mostram-se indispostos à leitura, vendo isso como perda de tempo e não dão aos filhos a oportunidade do silêncio, que alguns precisam para ler. Como na situação ocorrida com o aluno Geovane;

Geovane, 14, M: Aí eu consigo ler assim, tô lá lendo, de repente começa, vem o Braian e começa a gritar na minha orelha, aí eu já me estresso, e lá em casa é uma guerra pra ler né! Por causa que quando eu começo a ler, começam a gritar, chamar a gente, – Vai catar isso! – Vai fazer aquilo! Ô raiva, daí tem que ler tudo de novo. Aí tem que ler tudo de novo.

Os pais não se importaram em não permitir que o filho tivesse o prazer da leitura, impedindo que os menores atrapalhassem esse momento, evitando assim o crescimento intelectual do filho maior e muitas vezes abusando da privacidade deste.

Kelly, 14, F: Nossa! Você esquece o livro, dá uma raiva, tem que ficar cuidando, trancar a porta do quarto. No meu quarto não tem tranca né, daí ela mete o pé e entra lá, faz a bagunça, você tá tentando levar ela pra sala. No silêncio dá até pra imaginar assim, você tá dentro lá, só que a Laurinha tá lá, você tá lendo, um olho tá aqui e o outro tá lá. E eu, gurria, o que você tá...

Talvez por não terem tido a oportunidade de estudar e usufruir dos benefícios que o estudo pode proporcionar, os pais não se atentam a essa questão, não permitindo que os filhos desenvolvam o conhecimento e não sejam melhores do que eles foram até o momento, se tornando muitas vezes essa realidade um círculo vicioso.

É então possível observar que esses alunos não estão inseridos num círculo intelectual elevado, tendo uma visão simplista do mundo. A língua também não é estimulada a ser dita de acordo com a norma culta. Em diálogo informal com alguns pais foi possível perceber a falta de vocabulário e elaboração frasal na oralidade, esses sempre utilizando termos chulos e gírias, oriundos de um grupo específico da sociedade, aqueles que não tiveram acesso ou não quiseram compartilhar do ato de ler e refletir sobre o meio em que vivem.

As ideologias desses alunos são diferenciadas através de suas crenças, sendo alguns católicos, outros cristãos, espíritas e outros que acreditam em tudo, como podemos perceber nos depoimentos de alguns alunos diante da pergunta “Vocês acreditam em fantasma?”, durante o debate sobre o livro *A fuga de Edgar*. O aluno Vicente disse ter visto fantasma porque acreditou, e como era cristão teria que orar e jejuar para não mais ver esses seres.

Vicente, 15, M: Aí eu acredito porque um dia lá na casa da minha vó, eu tava na igreja, minha vó mandou eu ir lá pra casa dela pra cuidar do meu tio que tava doente, ele tinha acabado de vir do hospital, aí eu dormi, aí quando eu acordei só tava os irmão da igreja orando, ele tinha acabado de aceitar

Jesus e ele tava morto, aí eu fui dormir de novo, de madrugada, ele, tipo me tocaram assim, aí eu acredito porque, aí minha mãe, minha vó mandou eu ir pra igreja orar e fazer as coisa, jejuar, que fantasma não existia, porque eu acreditei.

A aluna Jenifer já se colocou na posição de ser cristã e não acreditar em seres do além, seguindo o conselho da avó.

Jenifer, 15, F: Acredito não. A minha vó falou que quem acredita em Deus nunca deve se acreditar em coisas do além.

A aluna Ana Patrícia acredita em fantasmas por causa dos depoimentos dos familiares, então tem isso como uma verdade absoluta, ainda que nunca tenha visto nada para comprovar suas crenças.

Ana Patrícia, 14, F: Bem, eu acredito porque já faz... dois patrão do meu pai já morreu de acidente de avião que caiu num rio, não sei se vocês já ouviram falar, falou na rádio e a minha mãe depois, ela voltou pra fazenda onde tava só a esposa dele e ela falou que viu ele né, viu ele e o outro, a minha vó falou que também viu meu tio, que ele já faleceu, mataram ele lá no Pará, aí eu acredito, se eles falam né, o meu irmão também já viu, só eu que não.

Aline relatou uma história que vivenciou na casa de uma benzedeira e isso influenciou na sua posição em crer na existência da vida após a morte.

Aline, 15, F: Eu acredito porque minha mãe, um dia deixou eu posar na casa de uma benzedeira, aí nós ficou acordada até de madrugada porque o marido dela tava lá pro além lá ajudando, é... lá pro além trabalhando com o espírito né, daí, aí um cara veio lá, chegou de madrugada lá e ficou batendo na porta, ela mandou eu abrir, aí eu abri e fui lá sentar com ela, aí ela mandou eu sentar lá perto do bebo..., daí ele falou assim né, eu falei assim pra ele se ele tinha medo de assombração, ele falou assim que não, que nem o... o lá de baixo podia com ele, daí um espírito mal entrou no corpo do bebo lá e ficou quebrando a costela dele, aí a mulher relou nele e ele saiu dele. Então eu acredito.

Diante das falas dos alunos percebemos que suas crenças estão ainda completamente ligadas ao que a família acredita, ainda não têm maturidade para pensar sobre o assunto e nem conhecimento necessário, por isso refletem as crenças do seu círculo familiar.

O meio em que estão inseridos também define seus valores morais, lembrando que esses alunos pertencem a uma fatia da sociedade em que as meninas geralmente engravidam muito cedo, algumas aos 12 anos ou até menos, sendo para elas um troféu ao ter um filho com essa idade e exibir para os colegas na escola, como se fosse uma boneca mais bem elaborada,

já que nunca tiveram a oportunidade de ter um brinquedo assim antes. As drogas fazem parte intrínseca da vida desses garotos, talvez não estando em contato direto, se utilizando do entorpecente, mas sabem onde encontrar e com quem procurar. Muitos desses adolescentes têm essa realidade dentro dos próprios lares.

Em relação ao meio literário, ficou claro que os alunos não têm o apoio dos pais para a leitura, tampouco sugestões do que ler, como também, segundo o questionário e anotações da biblioteca, os professores não tomaram a posição de auxiliar esses alunos no mundo da literatura. O PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola não apresenta nenhum projeto estimulando a leitura ou qualquer coisa envolvendo a reflexão sobre esse assunto, assim, os alunos se apresentaram sozinhos para descobrir tal universo.

A biblioteca da escola já foi apresentada na introdução deste trabalho, sendo um lugar aprazível e aconchegante, tendo a princípio uma bibliotecária solícita, mas não leitora e depois uma pedagoga que muito auxiliou na reorganização da estrutura do ambiente e montagem de projetos sobre o tema em questão.

No decorrer da pesquisa esse quadro novamente foi alterado, a segunda bibliotecária foi remanejada para outro setor e a primeira voltou para o antigo cargo, sendo assim, tudo voltou a ser como antes, pois esta se preocupou em manter a organização estrutural, mas não em se inteirar dos livros ali presentes para então sugerir e provocar a curiosidade dos alunos. A coordenação também não demonstrou interesse nos projetos outrora feitos e por isso esses não se realizaram, ficando a leitura no patamar de desprezo e desconsideração por parte das coordenadoras de então e, conseqüentemente, por parte da escola.

Para determinar o horizonte de expectativa dos alunos pesquisados foi feito todo esse levantamento visto até então do contexto sociocultural e econômico, como também um levantamento de tudo que foi lido no ano de 2014 por todos os alunos da Escola Estadual Iara, como é conhecida, conforme relatado na introdução deste trabalho, como reorganizar as prateleiras e a forma de anotações de retirada e entrega das obras.

Nesse momento concluímos que o gênero mais procurado foi o suspense, e neste as obras mais lidas foram as pertencentes à coleção *Hora do Espanto*, em especial o livro *A fuga de Edgar*, que são histórias que tratam de seres imaginários pertencentes à literatura fantástica, porque “primeiramente o fantástico produz um efeito particular sobre o leitor – o medo, ou horror, ou simplesmente curiosidade –, que os outros gêneros ou formas literárias não podem provocar” (TODOROV, 2012, p. 100). Nota-se que diante da dureza da realidade a que estão submetidos, procuram na literatura fantástica uma fuga para a própria realidade.

Vista desse modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação (CANDIDO, 2011, p. 176).

Foi nessas obras que pensavam encontrar uma maneira de realização pessoal, já que a sua realidade não lhes permitia sonhar e todo ser humano precisa descobrir um meio de liberar seus anseios e frustrações e a leitura pode ser um desses meios.

4.1.2. Atendimento do horizonte de expectativas

Através dos resultados dos dados colhidos na etapa anterior, foi possível verificar qual livro supostamente atenderia ao horizonte de expectativas dos alunos pesquisados. A partir desse interesse, organizamos a compra de 21 exemplares de *A fuga de Edgar*, para que todos tivessem acesso à leitura no mesmo espaço de tempo.

Foi feita uma reunião em que dos 21 participantes, somente 19 compareceram, tendo os outros dois desistido. Foi entregue um exemplar para cada aluno e estipulado um prazo de 20 dias para a leitura do texto. Terminado esse prazo, reunimos novamente o mesmo grupo na biblioteca para então discutirmos sobre o livro e assim percebermos se este de fato atendia ao horizonte de expectativas ou não.

Segundo Bordini e Aguiar,

No ato de produção/recepção, a fusão de horizontes de expectativas se dá obrigatoriamente, uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a ele transferidas. O texto se torna o campo em que os dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se (1988, p. 83).

Nesse momento os alunos já haviam tido a recepção da obra e seu horizonte de expectativas já havia entrado em contato com o horizonte do autor, permitindo que o primeiro tivesse a capacidade de expor aquilo que pensava sobre o texto que supostamente atendia ao seu horizonte.

Verificamos a recepção destes através de algumas partes do questionário feito, diante da pergunta “O que você achou do texto?”. É importante mencionar que nem todos os alunos responderam todas as perguntas, pois os deixamos à vontade para participar do debate no momento em que quisessem. Sendo assim, alguns responderam.

Cristiane, 14, F: Eu não me interessei muito pelo livro por... eu ter esperado mais o terrorismo dele né! Eu achei que pelo nome, assim, ele ia ser mais... terrorista, e eu não achei assim, muito interessante assim... pela... a leitura.

Kelly, 14, F: Bem, eu acho o mesmo que a Cristiane. Eu tava esperando mais terror, mais aventura, negócio assim. A fuga de Edgar, que o nome já atraiu muito, mas só que quando você começou a ler pro final ficou muito chatinho.

Geovane, 14, M: Ai..., tudo é... muito infantil.

Os alunos se mostraram decepcionados com a obra, disseram esperar mais, pois era o tipo de literatura que pensavam ser agradável, mas que não respondeu à altura, esperavam mais suspense, de repente uma obra mais bem elaborada, que os envolvesse. Foi notória a insatisfação do aluno Geovane, que diz ser um livro infantil, isto é, indigno da leitura de um juvenil.

Outros alunos gostaram do começo, mas o final foi da mesma forma decepcionante, como dizem:

Carla, 14, F: Bom... gostei até do livro, mas até a parte que no final que ele fala assim que vai voltar, essas coisas, tipo eu não gostei não.

Luna, 14, F: Ai... eu gostei do livro, mas a única coisa que eu não gostei foi do final, que não chamou muito a atenção.

A leitura deve ser envolvente do começo ao fim, deve enredar o leitor a ponto de fazê-lo desejar estar dentro do texto, e não foi isso que ocorreu nessa obra, o leitor foi perdendo o interesse à medida que a trama acontecia. De acordo com Zilberman,

É o recebedor que transforma a obra, até então mero artefato, em objeto estético, ao decodificar os significados transmitidos por ela. Em outras palavras, a obra de arte é um signo, porque a significação é um aspecto fundamental de sua natureza, mas ela só se concretiza quando percebida por uma consciência, a do sujeito estético (2004, p. 21).

Podemos perceber que essa obra não deixou de ser apenas um signo para tais leitores, ela não se concretizou, não levou o leitor a se envolver e pensar sobre sua própria realidade, se colocando naquela situação. Ela não supriu as necessidades de imaginação e fantasia, não permitindo que o leitor satisfizesse suas expectativas, permaneceu distante do leitor, de maneira que este não a viu como algo prazeroso. “Daí poder-se tomar a relação entre expectativas do leitor e a obra em si como parâmetro para a avaliação estética da literatura”

(BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 83), na qual nessa obra foi achada em falta, pois além de não envolver, não levou o leitor à reflexão.

Diante de tal decepção pela obra que poderia “atender” o horizonte de expectativas desse leitor em questão, foi proposta uma obra que se diferenciava em muito do horizonte que determinaram, pois apresentava uma realidade parecida com a deles, sendo a história situada numa escola particular, mas que apresentava os mesmos problemas e dificuldades que qualquer outra escola. A princípio os alunos também não se interessaram, porém foi dado o mesmo tempo de 20 dias para que pudessem ler o livro *Desculpe a nossa falha*, de Ricardo Ramos.

O livro *Desculpe a nossa falha* foi encontrado numa das prateleiras da biblioteca antes da sua organização, estava debaixo de vários outros livros. O que chamou a atenção foi que este levava o *slogan* do FNDE e certamente havia passado por toda uma avaliação para chegar até a instituição escolar, então merecia destaque, também por ser um livro produzido por um autor que tem um certo respeito perante os literatos. Sendo assim, da mesma forma foi providenciado um exemplar para cada estudante.

Depois de 20 dias o grupo novamente se reuniu na biblioteca da escola para então discutir sobre o segundo livro lido para saber se, diferente do primeiro, esse havia atendido ao horizonte de expectativas que nem mesmo eles sabiam ter. A primeira pergunta foi “O que vocês acharam de mais interessante no livro? Gostaram dele?”.

Cristiane, 14, F: Ah! Eu gostei, ele pelo menos é mais interessante que *A fuga de Edgar*, porque na fuga de Edgar falava sobre muito, falava sobre palácios, pessoa, assim, pais que mimava muito as criança, mas assim, era grosseiro com os outros e esse livro mostra um pouco da realidade também, como você pode perceber, é... as vezes também acontece isso, tem gente que faz esses roubos pra passar pros outros, mas no caso normalmente é cola né, no nosso caso. Acontece na escola esses negócio.

Luna, 14, F: Ai... eu gostei do livro, ele foi muito bom, mais bom que aquele lá, *A fuga de Edgar*, que não foi tudo que eu esperava, mas esse livro foi mais bom do que o... a fuga do Edgar.

Aline, 15, F: Eu gostei mais dele, que ele fala mais coisa que acontece assim na vida da gente.

Alguns alunos gostaram do último livro exatamente pelo motivo contrário ao primeiro, ele falava sobre a realidade que tanto queriam fugir. *Desculpe a nossa falha* apresentou uma temática real, o que possivelmente qualquer adolescente já vivenciou na vida, enquanto *A fuga de Edgar* mostrava uma fantasia. Os alunos, quando determinaram seu horizonte de expectativas, mostraram não saber exatamente do que gostavam e isso pode ser percebido

também porque no questionário cultural disseram gostar mais do gênero aventura e não do suspense, demonstrando que eles não têm parâmetros para dizer de suas preferências leitoras.

Alguns alunos não apreciaram a leitura do livro de Ricardo Ramos por acharem-na mais complicada, mais difícil de entender, sendo explicitada na fala da aluna Carla.

Carla, 14, F: Eu, eu gostei mais d'A *fuga de Edgar*, eu não gostei muito desse não porque ele..., como eu posso explicar, assim, pra mi foi um pouco mais difícil de ler né, porque eu tenho dificuldade mais pra ler e também as palavra tavam um pouquinho mais difíceis, aí eu prefiro mais a fuga de Edgar.

Essa fala nos remete ao que foi discutido nos capítulos 2 e 3, pois um livro mais elaborado exige do leitor uma certa inserção, pois entrega espaços em branco em que o leitor deve agir, porém nem todo leitor consegue preencher esses vazios, já que lhe falta treino literário, isto é, este leitor não está acostumado com obras que o façam pensar e ele então prefere ficar na "zona de conforto". “Vale dizer, um bom produto artístico mobiliza vários artifícios, visando motivar um choque no destinatário: somente quando se dá de modo tenso a relação entre o sujeito da percepção e o objeto estético, este pode ser considerado de valor.” (ZILBERMAN, 2004, p. 19). E o livro *Desculpe a nossa falha* causou essa tensão no leitor, fazendo-o parar para pensar, mas como não era hábito, preferiu voltar para uma leitura mais “fácil”.

Alguns alunos ficaram divididos e acreditamos que isso é natural, pois de acordo com cada vivência, cada um tem a sua forma de sentir e expressar. Não conseguiram formar opiniões sobre a leitura, dizendo ser o livro chato e legal ao mesmo tempo, colocando suas ideologias em xeque.

Mariana, 14, F: Eu achei o livro chato e legal porque chato, fala um pouco da escola, assim, fala da escola..., a escola não é chata gente, só não é interessante (risos), e também porque é... porque é feio colar na... na prova né, é feio, não pode querer resposta né, se tem que estudar. (risos)

Tito, 14, M: É... eu achei ele meio engraçado porque eles tava com [...] e eu achei meio chato porque em vez deles colar, eles deveria estudar.

Gael, 14, M: O que eu achei do livro, muito interessante e chato, porque ele, o Sérgio deveria estudar pra... pra prova e o... Fábio tinha que estudar pra conseguir um serviço melhor, porque ele trabalha de faxineiro né, ele deveria ter um serviço melhor.

A aluna Mariana conseguiu relacionar a obra com a sua realidade e assim deu a sua opinião de maneira direta, porém os outros dois se mostraram inconsistentes, não sabiam o

que dizer, tendo o último nem mesmo compreendido o enredo da obra, não sendo possível se posicionar em relação a ela. Diferente da colocação do aluno Geovane:

Geovane, 14, M: Eu não gostei de nenhum dos dois porque *A fuga de Edgar* é muito mentiroso né, e esse aí porque é muito... como é que fala, é... não é interessante, mesmo assim é chato, no mesmo momento é chato, por causa que... a... punição dele foi muito pouco, por causa que tava no 9º ano, aí depois já vão embora, porque foram expulso? Podia ser mais grave, é tavam no 9º ano, aí já vão embora no ano que vem, pra que expulsar?!

Tal aluno trouxe a sua realidade para dentro do texto, pois na escola onde estuda os infratores são obrigados a prestar serviços comunitários dentro da instituição escolar, como ajudar na limpeza ou algo do gênero, dessa forma ficou indignado com o livro, pois na sua concepção os alunos já sairiam da escola no final do ano, então não foi nenhuma punição sair dias antes. Esse aluno se sentiu injustiçado diante de tal punição, conseguindo fazer o enfrentamento e preencher os vazios do texto, dando significado a ele. Geovane se utilizou da liberdade que a leitura oferece. Como sugere Jauss,

a circunstância de a obra contrariar um “sistema de respostas” ou um código atua como estímulo para que se intensifique o processo de comunicação: a obra se livra de uma engrenagem opressora e, na medida em que é recebida, apreciada e compreendida pelo seu destinatário, convida-o a participar desse universo de liberdade (Apud ZILBERMAN, 2004, p. 54).

Segundo Jauss (In: BORDINI; AGUIAR, 1988) a diferença entre as expectativas e a forma concreta de uma nova obra é a distância estética, pois no momento em que o leitor entra em contato com a obra pode iniciar uma modificação no seu horizonte de expectativas, buscando experiências pessoais ou acentuando necessidades que gostaria de ver supridas, e isto se percebe na materialização do texto diante da compreensão do receptor, da reação do público.

Foi o que aconteceu, pois o livro selecionado, *A fuga de Edgar*, buscou atender um horizonte pressuposto, e este não se concretizou. Foi-lhes apresentada uma obra outra em que o estilo e a temática se diferenciavam por completo do primeiro, mas que atendeu de maneira mais direta os anseios do público leitor, ainda que ele mesmo não tivesse noção de tal necessidade, sendo assim, nota-se que esse grupo de leitores buscava um texto que problematizasse a sua realidade e não aquele que fugisse dela.

4.1.3. Ruptura do horizonte de expectativas

Nessa etapa os textos foram questionados de forma a abalar as certezas e convicções dos leitores, de maneira que pudessem começar a refletir sobre o que leram. No primeiro livro muitos conseguiram romper o horizonte de expectativas ao se dar conta de que não gostaram do livro, que o acharam infantil ou pelo sentimento de decepção para com a obra.

Com o segundo livro os leitores também conseguiram romper o horizonte porque diante de uma obra que nunca lhes chamou a atenção, que aparentemente não atenderia seus horizontes de expectativas, surpreendeu-os por encontrarem nela algo que lhes era de interesse, fazendo com que eles gostassem ou não da mesma, de maneira que muitos tomaram posição definida em dizer “gosto” ou “não gosto”, como vimos nos trechos de depoimentos descritos acima.

O tema de *A fuga de Edgar* rompeu o horizonte por não ser o que esperavam, queriam suspense e terror, não encontraram ali. O *Desculpe a nossa falha* seria descartado porque falava da realidade de uma escola, um tema do qual não queriam saber, pois o objetivo era fugir daquela realidade, mas foi nela que começaram a pensar em respostas para suas próprias indagações e por isso se viram enredados pela obra.

Na linguagem também houve a quebra ou ruptura do horizonte de expectativas, pois conseguiram perceber que o primeiro livro tinha uma linguagem acessível, de forma que não tiveram dificuldades na leitura.

Kelly, 14, F: Achei fácil, com palavras comuns.

Talita, 14, F: Muito fácil.

Geovane, 14, M: Também achei fácil. Só os nome que enroscou as letra.

Kelly, 14, F: Li em meia hora ele, usualmente eu levo mais tempo né, procuro traduzir as palavras que eu não conheço né, mas...

Daiane, 15, F: Pra quem gosta muito de ler, foi fácil né. Eu gosto muito de ler, pra mim é gostoso, assim ler sozinha, no silêncio, eu... gostei.

Ana Patrícia, 14, F: Ah! Também achei fácil, não achei assim muito difícil, precisa de dicionário não, achei bem fácil.

No quesito linguagem, conseguiram notar que o linguajar das personagens não combinava com a posição em que se encontravam, como diz a aluna Kelly se referindo ao barão de Montford e Edgar, já que o primeiro era um homem rude, sem estudo e grosseiro, então deveria ter a fala da mesma forma, já Edgar era estudado, teve acesso a conhecimentos

que a maioria dos meninos da sua posição nunca teriam, era filho de um preceptor, então deveria ter um linguajar mais requintado.

Kelly, 14, F: Do barão eu não esperava dele não, pra mim ele tinha que ser mais, falar assim, ter a língua mais tortinha assim, pelo jeito de ele ser né, aí... o Edgar também eu não gostei muito da fala dele não, acho que poderia usar palavras mais... conhecidas tipo cólera, essas coisas, balbúrdia, “Aí chegou aqueles meninos fazendo balbúrdia...”, esses negócios assim, essas falas... nossa!, seriam muito legal se tivesse colocado nele porque ele ia ser um tutor!

Os outros alunos que deram a sua contribuição seguiram a mesma linha de raciocínio, principalmente em relação ao protagonista da história, Edgar. Somente a aluna Daiane achou que o linguajar combinou, mas não soube justificar o porquê, dessa forma, para essa leitora, nesse quesito, não houve a ruptura do horizonte, pois ela não soube se colocar diante da sua declaração.

Daiane, 15, F: Pra mim, eu acho que combinou o linguajar assim, ele era uma criança ainda né, mas... é, o barão eu esperava mais dele né, porque ele era um tão... assim tão profissional, pensava tão longe pra construir as coisa, que eu esperava mais do linguajar dele.

No segundo livro também ocorreu ruptura do horizonte de expectativas, pois perceberam que a linguagem era diferenciada e exigia maior esforço por parte de cada leitor, então alguns gostaram de ser desafiados e diante disso aprender mais, outros chegaram à conclusão de que preferiam ficar com algo que lhes era mais conhecido.

Tito, 14, M: Eu... sobre a linguagem eu prefiro o *Desculpe a nossa falha*, porque eu aprendo palavras novas, uma forma de falar mais culta, mais legal.

Kelly, 14, F: Eu gostei do jeito que, o jogo de palavras que tinha... praticamente textos assim que ele colocava sem nenhuma palavra difícil, de repente assim, do nada, se tava lendo assim, passava rapidinho, depois se parava naquela palavra lá e ficava olhando pra ela. Ela chamava a atenção porque você não sabe assim, você não vai definir, mas quando se lia mais um pouco a frase, você conseguia identificar o que que ela significava, daí é sempre melhor procurar no dicionário né, porque...

Alana, 15, F: Prefiro *A fuga de Edgar*, porque a linguagem lá é mais fácil de entender e... a gente pode imaginar mais coisas.

Jenifer, 15, F: Sei lá, tem umas linguagem diferente lá e eu não consegui entender. (se referindo ao *Desculpe a nossa falha*.)

Os leitores se colocaram perante o texto e expuseram sua opinião sobre a estrutura do mesmo, conseguiram permitir que tivessem voz diante da obra e isso os fez romper barreiras e passar a questionar o texto.

4.1.4. Questionamento do horizonte de expectativas

Conseguindo romper os horizontes de expectativas, os leitores passaram automaticamente a questionar o que estavam lendo, procurando saber por que aquelas leituras lhes foram agradáveis ou não, porque acharam que era um texto difícil, com uma linguagem mais elaborada ou não, começaram a se preparar para a próxima fase do método, mesmo sem se dar conta disso.

O primeiro livro entregue aos alunos não os levou a uma reflexão concreta, somente chegaram à conclusão de que tinha uma linguagem mais fácil, mas não perceberam o porquê disso, pensando ser a obra mercadológica ou comparando-a com outras histórias, como a de Harry Potter, por exemplo. Diante das perguntas feitas pelo pesquisador, começaram a pensar sobre a posição dos pais em relação aos filhos, a forma de educação e liberdade que esses remetem a seus herdeiros, por causa da forma como o barão de Montford acobertava os erros dos filhos, mas o livro não levanta essas questões, apenas mostra uma situação ocorrida na história.

O segundo livro provocou a admiração do leitor pela possibilidade de ampliar o seu conhecimento, de o tornar um ser melhor dentro da sociedade que está inserido, mesmo tendo um grau maior de dificuldade. “Supõe-se, portanto, que os textos de melhor realização artística tendem a ser vistos como difíceis num primeiro momento e, devidamente decifrados, a provocar a admiração do leitor” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 90).

O debate sobre o livro *A fuga de Edgar* foi interessante, os alunos respondiam às questões que o pesquisador lhes colocava, mas elas não geravam debates, apenas respostas prontas, enquanto com as perguntas do *Desculpe a nossa falha* não foi possível seguir o enredo, pois uma pergunta trazia várias colocações que já buscavam outras e, assim, foi visível como os alunos interagiram com o texto, levantando de fato questionamentos sobre o certo e o errado, sobre o que é exagero na punição ou liberdade, sobre os erros que todos estão passíveis de cometer, até mesmo professores.

Uma pergunta gerava vários pontos de discussão, de questionamento, o que nos fez pensar, enquanto pesquisadores, que o primeiro livro ofereceu uma história, não muito interessante diante do ponto de vista dos alunos, mas que não suscitou discussões, a não ser as levantadas pelo pesquisador. Já o segundo livro fez alvoroçar os conhecimentos internos de cada um. Cada qual trouxe para a mesa de debate suas próprias vivências, suas ideologias morais, seu modo de pensar, colocando o texto dentro da sua realidade e trazendo essa para dentro da obra, sem a provocação constante do pesquisador, mas fluiu de dentro do próprio leitor, pois “são os vazios, a assimetria fundamental entre texto e leitor, que originam a comunicação no processo de leitura” (LIMA, 2001, p. 88).

Houve de fato um diálogo com a obra, com o autor, pois esse não determinou pontos fechados, mas deixou o texto aberto para que o leitor se tornasse coautor da obra e segundo Lima, (2001, p. 60) “(...) a experiência estética não se distingue apenas do lado de sua produtividade, como *criação através da liberdade* (...), mas também do lado de sua receptividade, como aceitação em liberdade”.

4.1.5. Ampliação do horizonte de expectativas

Nesse ponto da aplicação do método recepcional, o aluno já interagiu com os textos e está pronto a demonstrar a ampliação do seu horizonte de expectativas, isso se esta ocorreu.

Podemos observar então a presença da *poiésis*, da *aisthesis* e da *katharsis*, sendo a *poiésis* o prazer que o leitor sente diante da obra, se sentindo coautor dela, a *aisthesis* possibilitando uma nova visão do mundo que o rodeia e a *katharsis* que leva o leitor a mudar a sua atitude em relação ao mundo em que vive.

O primeiro livro, *A fuga de Edgar*, não permitiu que o leitor se tornasse coautor do texto, pois era uma narrativa pronta, fechada, possibilitando apenas que o leitor seguisse os passos do narrador, conhecendo uma estranha história de mistério, mas instigado pelas perguntas do questionário, o leitor foi levado a refletir sobre alguns acontecimentos que o levaram a pensar sobre a própria realidade.

Na pergunta “Qual é *pra* você o assunto, a parte mais importante do livro?”, somente dois alunos relacionaram o texto com a realidade.

Cristiane, 14, F: O assunto mais importante? Ah!... acho que... foi que Edgar, ele se esforçou bastante, quando ele foi chamado né, pra ir lá pro reino e eu acho que foi bem interessante essa parte dele ter se esforçado

pelos pais e... eu esperava também que... que a literatura mesmo desse livro ensinasse mais um pouco sobre... como os filhos de hoje em dia não tão sendo... esforçados, então... é o que eu mais me interessei nisso.

Ana Patrícia, 14, F: Eu achei interessante porque ele saiu de casa com 18 anos né, nem todo mundo assim sai de casa com 18 anos, essa parte é bem interessante.

Outros alunos permaneceram no enredo, sem se arriscar a pensar além, mostraram apenas boa compreensão da história. As alunas Kelly, Mariana e Jenifer mostraram que leram o texto, porém não dialogaram com ele, talvez porque o mesmo não propusesse um diálogo aberto.

Kelly, 14, F: O livro eu gostei do começo quando o Edgar, ele quis ser tutor que nem o pai, que... inspirou ele a seguir essa carreira. Ele não se dava muito com as crianças, que ele era uma criança assim, muito... ai... como pode dizer assim, muito culta. Ele não gostava de brincar, essas coisas, ele gostava de estudar. O que é muito raro né! (risos) E que... no fundo no fundo ele quer, ele vai seguir a profissão, ele segue o que ele não gosta, porque na verdade ele fez isso pelo pai, que o pai dele ficava orgulhoso. Então eu gostei dessa parte.

Mariana, 14, F: A parte mais importante que eu achei foi, tipo assim, que mesmo as pessoas chamando ele de doido, por causa que ele tava indo né e sabendo que todo mundo, que aquele lugar não tinha uma boa fama né, mas do mesmo jeito ele quis ir, quis tentar.

Jenifer, 15, F: Eu achei importante que... a parte que ele... tenta se vingar, mas não consegue e fala que a vingança não traz, leva a nada.

Enquanto isso, alguns outros leitores não conseguiram ao menos compreender a história, de maneira que responderam à pergunta de forma errônea, não se atentando aos fatos ocorridos.

Gael, 14, M: Aí eu achei a parte mais interessante que mesmo ele sendo mal, muito... querer se vingar, mas ele que ajudou a construir o *Halloween*.

Daniel, 15, M: Eu achei interessante a parte que os dois filhos do barão mata ele e o barão pai cata os filho e fica quieto.

Porém, no livro *Desculpe a nossa falha*, como vimos no momento da ruptura e questionamento do horizonte de expectativas, o livro permitiu que o leitor caminhasse por suas alamedas, preenchendo os vazios que haviam ali e se tornassem sim coautores, pois produziram um novo texto pela leitura. Como o depoimento da aluna Kelly mostrou, ela se sentia parte de tudo o que lia, conseguiu criar um novo texto e o relacionar com a realidade

que vivenciava, fazendo um comparativo da história do livro com um caso real que ocorrera há pouco tempo no Brasil.

Kelly, 14, F: Bem, eu achei o livro razoável, porque... eu gostei das palavras difíceis, assim, só que, como eu disse, eu gosto mais de... sonhar, tipo assim, mais imaginação. Como foi realidade, mas só que o bom desse livro foi que ele... fez, como posso explicar... ele mostrou mais a realidade pra gente assim, do que acontece nas escolas e... na verdade, pelo que eu entendi parece que aquela escola não era pública, [...] igual quando vazou na internet as respostas do Enem, muito parecido com essa história aqui também, só que daí esse livro também fala é... de como os alunos se enturmam, os bagunceiros, tipo assim, se pode ver que os bagunceiros igual eles falaram assim, todo mundo estranha quando a gente tira nota boa, mas eu posso falar assim, que eu era bagunceira, quando eu comecei a tirar nota boa, os professores começaram a, tipo assim, começou a me observar melhor né, pra ver se eu tava perto pegando cola, eu peguei um pouquinho assim, tá (risos), mas assim, eu acho que o comportamento deles... não é muito diferente.

A aluna conseguiu fazer a relação entre a leitura e a vida, mostrando a ampliação de seus horizontes.

Na situação acima descrita não houve somente a *poiesis*, mas também a *aisthesis*, pois a aluna não só experimentou o prazer de fazer parte do texto, mas passou a observar melhor o mundo em que vivia e consequentemente emergiu no efeito da *katharsis*, que foi tomar um posicionamento diante do que leu e refletiu.

A segunda obra oferecida aos alunos permitiu que todos esses efeitos ocorressem, pois, como foi afirmado no capítulo 3, é uma obra elaborada e isso fica claro no efeito causado nos leitores, permitindo a ampliação de seus horizontes de expectativas. Vamos verificar essas ampliações nas falas dos leitores pesquisados, pois “tendo percebido que as leituras feitas dizem respeito não só a uma tarefa escolar, mas ao modo como veem seu mundo, os alunos, nessa fase, tomam consciência das alterações e aquisições, obtidas através da experiência com a literatura” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 90).

Como já foi dito, a propósito do livro *A fuga de Edgar*, os alunos não pensaram sobre o livro e a realidade vivida por eles, mas diante das perguntas conseguiram enxergar que podiam tirar alguma “lição” da obra. Diante da pergunta “O que vocês pensam sobre o barão de Montford?”, tivemos a resposta da aluna Kelly, aluna essa que participou ativamente do debate, tendo os outros muitas vezes apenas repetido o que ela dizia.

Kelly, 14, F: Ai... ele é muito, tanto assim... ele é como os pais de hoje em dia. Não tem essa lei da palmada né, não deixa bater, daí fica passando a mão na cabeça das crianças. Faz coisa ruim, tudo o que você faz, tipo assim, vai reclamar “ai, seu filho fez isso”, “ai, tadinho, é inocente, xingou”, “ai, ele

é criança ainda, ele não sabe o que ele está fazendo”. Eu acho que se não corrigir quando é criança, pode acontecer o que aconteceu na história. Que... que os dois acabaram matando o próprio pai. Como há muitas histórias hoje em dia, assim.

Daiane, 15, F: Pra mim, eu não li muito sobre o barão não, mas... a parte que eu li eu também concordo com a Kelly, ele era muito... muito bonzinho, mas também construía tudo na rédea curta né, porque ele constituiu e construiu tudo o que ele tinha e... queria aquilo lá é... preservado né, mas ele era muito bonzinho, passava muito a mão na cabeça... nem de todo mundo.

Luna, 14, F: Eu concordo com a Daiane, por causa que o que ela falou..., se torna um pouquinho real porque ele só passava a mão na cabeça e não... colocava rédea curta.

A primeira aluna conseguiu relacionar aquele ponto do texto, já que foi levantada a hipótese, com a realidade atual, porém as outras duas não conseguiram pensar por si mesmas, apenas repetiram a fala da primeira. O que pode ser notado é que tais garotas representam a parcela de alunos que simplesmente passam pelo texto e nem estimulados conseguem enxergar além do que está escrito.

Outro ponto destacado pelos alunos, em resposta à pergunta feita, foi que o barão era um homem mau e injusto, o que estava óbvio no texto, não deixando nenhuma dúvida. Isso mostra o quanto o livro somente expunha uma história.

Ana Patrícia, 14, F: Bem, eu acho que ele é uma pessoa é... ele foi muito injusto igual eles falaram e também ele não dá muita atenção aos filhos dele, acho que os filho dele foi mal por causa disso também né, porque o pai não dá muita atenção, ele queria que o professor ajudasse. Isso não ia dar em nada.

Tito, 14, M: Por ele não se relacionava muito com as crianças, ter esse relacionamento de conversa, assim firme, ele acabava matando os preceptores porque ele achava que ele tava fazendo o bem pras crianças porque não tinha essa conversa, firme com eles.

Mariana, 14, F: Eu acho ele injusto, egoísta, um monte de coisas de mal porque pra ele, porque ele matava os preceptor por uma coisa assim... boba, não tinha justificativa certa pra matar.

Taís, 14, F: Ah! Pra mim, porque tipo assim, ele se importava só com ele né, em ganhar dinheiro, mas fizesse esse papel de pai, aí os filho dele falavam uma coisa, ele já ia e matava os preceptores.

Aline, 15, F: Eu também acho que ele era egoísta porque ele só via o lado dos filho dele e não via o lado dos preceptor, qualquer coisinha mandava embora ou matava.

No decorrer do debate os alunos continuaram a responder àquilo que lhes era perguntado, mas nunca levantando novas hipóteses ou assuntos que poderiam estar presentes no texto. Aproximando o fim do diálogo, foi perguntado sobre o final do livro, se era esperado ou imaginado pelos leitores, pois geralmente uma obra mercadológica segue sempre uma mesma sequência, começo, meio, um ápice e o fim previsível, porém parece que o final de *A fuga de Edgar* foi inusitada, inesperada, mas da mesma forma fechada e sem expressão, não causando encantamento ou ampliação, encerrando de fato a história.

Talita, 14, F: Ah! Achei o final tipo... eu não previa quando eu comecei a ler a história tipo, achei que o final ia ser mais tipo assim... com gostinho de quero mais, tipo assim de ler outros livros. Não, eu não previa.

Carla, 14, F: Eu também não previa o final não, mas assim, chegando no final eu não gostei porque deveria ter mais um gostinho de quero mais mesmo.

Cristiane, 14, F: Eu não gostei do final e nem previa por causa que assim, eu quando eu leio não sou muito de ficar pensando no final, mas... eu assim não gostei mesmo do final ele... por causa, que nem ele comentou, por causa de duas criança ele queria se vingar de todas. E eu acho isso totalmente errado.

Maria Eloá, 14, F: Assim ó... eu vou concordar com a Cristiane, eu não gostei muito do final não. Não é o que a gente esperava, a gente leu assim o livro, a gente acha interessante, só que no final, não foi o que a gente esperava.

Luna, 14, F: Ah! Eu vou concordar com a Carla né, por causa que, tipo assim... não foi tudo o que a gente esperava, a gente esperava que ia ter mais suspense, mais terror, mas... não foi o que a gente esperava. Só pensava em vingança, em derrotar o bruxo.

Daiane, 15, F: Pra mim eu começava a ler o começo, já queria ir lá no final pra saber como é que era tipo..., é que nem novela né, a gente tá lá e quer saber o final, será que o vilão vai ser preso, não sei o que, e pra mim eu não esperava o final porque eu achei que ia... eu ia ter o suspense, tipo... não ia falar quem era o vilão, ia deixar aquele suspense, não queria falar, mas... foi muito boa, mas o final não foi o que eu esperava realmente.

Comparando o horizonte de expectativas no início da leitura com o debate final, percebemos que o livro *A fuga de Edgar* não supriu os anseios e não permitiu que os leitores fizessem parte da obra. Foi um livro que mostrou uma história e que, ao final, parece ter pouco acrescentado à realidade dos seus leitores.

O papel do pesquisador nessa situação não é intervir diretamente no debate, apenas provocar os alunos, criando condições para que avaliem o conhecimento alcançado por meio da leitura. E assim foi procedido em relação aos dois livros apresentados.

O livro *Desculpe a nossa falha* visivelmente permitiu que os alunos evoluíssem dentro da obra, pois o clima no debate era diferenciado, os leitores queriam falar, participar, falando até mesmo dois ou três de cada vez, pois se sentiram instigados pelo narrador a pensar sobre uma problemática corriqueira, comum dentro de uma instituição escolar, mas que nunca se pegaram pensando sobre o assunto e, assim, passaram a relacionar aquele simples fato do cotidiano com questões mais importantes e decisões que precisam tomar no dia a dia. Diante da pergunta “Qual é o assunto, o tema do livro?”, tivemos o princípio de uma discussão.

Gael, 14, M: A nossa falha! A falha que nós tem que, a gente em vez de estudar, a gente cola.

Mariana, 14, F: Calma lá, hein! Não é total assim não tá! Fica falando da vida dos outros assim! (risos)

Mas isso não acontece na escola de vocês?
50%.

Gael, 14, M: Ô, professora, ó, de 100%, 99 é colão.

Mariana, 14, F: Não, todo mundo quer ter a resposta da prova, mas não pode, então, tem que estudar.

Tito, 14, M: Prova de dupla obriga a estudar também.

Então esse livro mostra a realidade de alguma escola?

Todos: Mostra.

Mariana, 14, F: É, do Iara.

Alana, 15, F: Não só do Iara, mas toda as escola.

Daniel, 15, M: Até as escola particular.

A gana de responder e colocar a opinião do que sentiu e entendeu durante a leitura do texto foi grande, pois se encontraram dentro da obra, se sentiram parte dela. Durante o diálogo se questionaram entre o certo e o errado, pois a obra de Ramos os instigou a pensar assim, de forma que eles pudessem tirar as suas próprias conclusões. Em momento algum o narrador levou os leitores a tomar posições, mas os fez pensar sobre o assunto. A aluna Kelly levantou

a hipótese de todos colarem uma vez na vida e já ligou isso ao fato de os professores permitirem essa prática na sala de aula.

Kelly, 14, F: Ah, professora, vai me falar que você nunca colou? (risos) E outra, esses professores dormem tanto no ponto, que tem tantas forma de colar, tipo, as meninas vêm com shorts assim né, elas escrevem nas pernas a resposta e coloca shorts, daí qualquer coisa assim, só puxa lá, vê, também tem negócio de escrever no coisa do estojo, ah! se fosse pra mim inumerar as... maneira...

Mas essas colas chegam a ser igual à situação que aconteceu no livro?

Todos: Não.

Kelly, 14, F: Ele vendeu um trabalho!

Geovane, 14, M: A prova, os professores fez a prova e eles pagaram pra passar as prova pra eles.

Kelly, 14, F: Na verdade quem pegou, na verdade eles não fizeram, quem fez foi o bedel né, ele ficou muito tentado, também que ele tava passando necessidade. Eu acho que a decisão dele foi muito, assim, ele não pensou muito nas consequências porque no final ele perdeu o emprego e aí que a família dele vai passar mais necessidade ainda, ele deveria não ter pensado somente nele, eu sei que ele não pensou somente nele na hora de aceitar o dinheiro, mas ele deveria ter pensado mais nas consequências.

Esses alunos são oriundos de famílias carentes, por isso sabem da dificuldade de se sonhar com algo e nunca poder adquirir, se colocaram no lugar do bedel, a ponto de pensar que este precisava fazer o “roubo” das provas, mas logo já colocaram em xeque os valores morais que carregam em si.

No decorrer do debate, chegou-se à conclusão de que o bedel roubou porque era pobre, então foi feita a pergunta “Então chegamos à conclusão de que ele não era um homem rico, sendo assim, ele tinha dificuldades financeiras. Dessa forma, ele tinha razão ao roubar as provas para dar aos meninos, já que ele precisava do dinheiro?”. A metade dos entrevistados disse que sim e a outra metade disse que não.

Alana, 15, F: Ele não tinha direito de fazer isso né, ele tinha que incentivar os meninos, mesmo precisando de dinheiro, ele tinha que incentivar eles, não a roubar provas em troca de dinheiro.

Daniel, 15, M: Eu acho que ele fez errado, porque mesmo uma pessoa precisando de dinheiro, a pessoa tem que ser honesta, e no caso, crianças, adolescentes, ele tinha que incentivar, mesmo que ele tá sem dinheiro.

Os alunos que disseram “sim” procuraram não se manifestar individualmente, com exceção de Jenifer, porém os que disseram “não” mostraram os valores que conheciam,

expondo aquilo que lhes foi ensinado. Já a aluna Jenifer procurou defender seu ponto de vista de forma positiva para o roubo, mas não encontrou argumentos suficientes para o fazer, então preferiu se calar, mas sem concordar com os demais, sendo essa uma forma de ampliação, pois certamente pensará sobre o assunto e terá uma resposta para si mesma.

Jenifer, 15, F: Acho que ele fez certo e fez errado, porque ele tava precisando. O certo porque ele tava precisando de dinheiro, o errado porque também ele deveria ter falado pro Sérgio que não deveria porque ele tava ali pra... a sua função era cuidar de uma coisa e não... ficar ali pra roubar.

Então quando estamos sem dinheiro e precisando das coisas, podemos roubar?

Jenifer, 15, F: ... Não sei.

Outro momento em que mostraram a ampliação do horizonte de expectativas foi quando pensaram nas atitudes dos professores em relação ao acontecido. Vimos que muitos não se sentiram satisfeitos com a punição, mas pensaram também sobre a forma que toda a questão foi conduzida pelos professores e trouxeram a situação do livro para a vivência escolar da qual faziam parte.

Kelly, 14, F: É, eles sentiram na pele, que mostra no livro que o Fábio, acho que esse é o nome dele, ele ficava, ele bebia refrigerante e ficava pensando né, “o que que eu fui fazer!”, agora olha, tipo assim, cabe um tratamento psicológico. Tem uma professora que eu acho que, eu não sei se ainda está aqui ou já saiu, o nome dela é Maria Jussara, ela fazia uma pressão psicológica, tipo, lá na sala a menina rabiscou o caderno da outra, ela chegou assim, mas ela falou tanta coisa, mas tanta coisa que até os alunos, tipo assim, que não tiveram culpa de nada foi até ruim, porque nossa!, que vergonha gente, passar por isso, aí quando ela tava lá tipo, já sei quem tá aqui, mesmo ela sabendo assim, mesmo ela sabendo assim, os meninos se comportando normalmente assim, eu já sei quem tá aqui, eu já sei sim e ela tinha uma rixa contra mim, daí eu meio que... eu já tinha medo dela, mas a gente se peitava às vezes.

A fala da garota mostra que aquela situação narrada a fez reviver sensações já sentidas, trazendo o sentimento de angústia e sofrimento de volta, permitindo que ela soubesse o que sentiam os garotos da história, sendo assim, conseguia pensar que precisavam ser punidos, mas não humilhados, conseguiu caminhar pelos vazios do texto e refazer a obra de Ramos.

Alguns alunos disseram que a escola (referindo-se à direção) foi exagerada na condução da situação, outros apoiaram. Isso mostra, como já foi mencionado, a vivência do aluno, isto é, a confluência que fez da sua realidade com o que estava relatado no texto.

Tito, 14, M: Foi um exagero.

Alana, 15, F: Ah! Foi um exagero né, expulsar todo mundo? Nem todo mundo tinha é... a ver com esse negócio, com esse negócio que eles... ah! Eu não li o livro.

Daniel, 15, M: Eu acho que a escola foi muito rígida, acho que eles pegou muito pesado, porque eu acho que todo mundo merece uma segunda chance. Deveria ter conversado com os pais deles, dar suspensão e ter escutado e ter feito alguma coisa mais com o bedel. Foi justo ele ter sido mandado embora, porque ele já é adulto, ele sabe das consequências dos seus atos.

A aluna Mariana deu total razão à escola, pois esta é uma instituição séria que merece respeito e somente dessa forma vai se conseguir melhorar a educação. A aluna, com seu vocabulário reduzido, diante da sua juventude, conseguiu valorizar o ambiente em que está inserida, o que muitas vezes não acontece naquele meio, nem no meio adulto.

Mariana, 14, F: Posso falar? Eu acho que a escola é... fez o certo né, não deveria ter feito menos, nem deveria ter feito mais, porque o aluno, ele subornar o cara pra roubar as provas gente?! Isso não... a escola nunca deveria aceitar um ato desse! Um aluno fazer isso numa escola gente! Isso... não é coisa decente!

Para a comprovação de que os alunos conseguiram, na maioria, ampliar seus horizontes de expectativas, foi perguntado se o livro se torna mais interessante quando é mais bem elaborado, é mais “puxado” e se isso leva à reflexão ou é melhor um livro simples de fácil leitura. Tivemos as seguintes respostas.

Cristiane, 14, F: Eu acho interessante quando puxa mesmo a inteligência porque aí você lembra que tem que dar mais de si pra entender a história. Você pega aquele tipo *A fuga de Edgar*, você vai ler lá, ah! legal, não entendi quase nada, aí você olha, ah! que bom, aí, tipo pelo menos esse você tem que ir lá, olhar pra palavra assim e dizer ó... que emocionante.

Kelly, 14, F: Eu achei legal assim, que ela faz a gente pensar, ela faz nós termos um argumento, ter nossa opinião, eu acho que foi bom esse livro assim, pra gente pensar, bom que ele cria muito, ele tem muito argumento que a gente quer. Ah! Dizem que a cabeça de menina é tudo interligado né, então... ele me fez pensar assim, na situação do país, capitalismo, ele me fez pensar em como nós estamos agindo hoje em dia, me fez pensar a condição dos professores, praticamente está tudo interligado, então...

Maria Eloá, 14, F: Me fez pensar que algumas escola parece com a gente mesmo, que a gente cola, que a gente marca alguma coisa, a gente rouba, assim que nem eles e nem paga igual eles fizeram, e aí a gente tem que pensar bastante antes de fazer alguma coisa, que depois não tem como você voltar atrás.

Perante uma literatura emancipatória, o aprimoramento da leitura ocorre por meio de uma percepção estética e ideológica mais aguçada, desenvolvendo uma visão crítica sobre a atuação do indivíduo ou do grupo que cerca o leitor, tornando-se este agente de aprendizagem, podendo determinar ele mesmo o que o enriquecerá cultural e socialmente.

As falas nos remetem a perceber que a literatura oferecida na escola deve ser cuidadosamente observada, pois esta pode ou não ajudar na formação do leitor, pois, diante de obras elaboradas, este consegue romper, questionar e ampliar seus horizontes de expectativas, consegue melhorar o nível de conhecimento e fazer com que a instituição escolar cumpra seu papel emancipador, pois, como profere Antonio Candido, a literatura não *corrompe* nem *edifica*; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver.

4.2 - *Desculpe a nossa falha*: em direção à emancipação

Os tópicos anteriores nos mostram a procedência das duas obras vistas aqui, de maneira que é possível perceber quais os critérios e avaliações que cada uma passou para chegar até às mãos dos alunos/leitores, e, diante de tudo que foi exposto desde o princípio, começamos então a encontrar respostas para as perguntas que nortearam tal pesquisa.

No primeiro capítulo discurremos sobre várias teorias, entre elas a obra aberta e a humanização do texto e percebemos que a obra se torna humanizadora ou emancipatória quando é esteticamente elaborada, quando tira o leitor do seu estado de acomodação e o coloca dentro da narrativa para encerrá-la, se tornando seu coautor, pois a obra “só está acabada no momento em que repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana” (CANDIDO, 2011, p. 31).

Nota-se que *Desculpe a nossa falha* é uma obra emancipatória, libertadora, pois permite tal alvedrio ao leitor, convida-o a fazer parte do enredo, de forma que dialogue com o autor através de uma comunicação inter-humana para que o receptor decida as opiniões que pode ter a respeito do roubo ou punição das personagens do texto, em referência à obra citada. Ricardo Ramos, seguindo o seu estilo de escrita, consegue fazer o leitor refletir sobre questões aparentemente simples, mas que fazem parte da realidade, como também das dúvidas e certezas do leitor, para que ele próprio se posicione perante a sociedade da qual faz parte. É uma obra que mesmo sem ter cunho didático, faz o leitor aprender algo e repensar sua prática,

para a partir de então mudar de atitude ou não, sendo ele quem decide os próximos passos a dar.

Segundo Candido (1972), a literatura tem a capacidade de atender à necessidade de fantasia e ficção do ser humano dentro das formas simples de textos como anedotas, adivinhas etc. e nas mais complexas como narrativas, contos e outras mais, sendo assim, *Desculpe a nossa falha* faz parte dessa segunda fatia, pois leva o leitor a imaginar, a conhecer, a sorrir e chorar com o desenrolar da história, permitindo que a fantasia o envolva, lembrando que a fantasia nunca é pura, sempre traz um pouco da realidade de cada leitor e, nesse caso, o ambiente escolar e os problemas passados nele levaram os leitores à realidade e à fantasia de que necessitavam. Este vínculo entre a fantasia e a realidade, segundo o crítico,

serve para ilustrar em profundidade a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade. Ao mesmo tempo, a evocação dessa impregnação profunda mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. (CANDIDO, 1972, p. 805).

E quando o livro em questão sugere o roubo, a angústia do bedel, a inconstância de Carlão e as certezas de Sérgio, leva o leitor a reorganizar o que pensa a esse respeito, em especial quando percebe que “colar” pode ser uma forma de pegar para si o que não lhe pertence, ou quando se depara com o fato de que a necessidade financeira pode desculpar um ato errado, ou até mesmo quando o livro sugere ações exageradas ou não, dependendo da visão do leitor, em relação ao posicionamento dos professores para com os alunos infratores, enfim, o livro leva o leitor a uma reflexão ponderada em que este se força a tomar um posicionamento diante do exposto, pois traz à tona valores que estavam reservados no seu inconsciente.

Candido (1972) também argumenta que a literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial e sim agindo como impacto indiscriminado da própria vida e assim educa como ela, com altos e baixos, com luz e sombra, como mostra Ramos (2013), pois coloca o aluno/leitor diante de situações comuns que vivenciou na escola, mas nunca pensou sobre.

Essa obra oferece ao leitor um conhecimento profundo do seu mundo, pois é uma forma de conhecimento e de expressão daquilo que vive e sente. Sendo assim, *Desculpe a nossa falha* é uma obra dita emancipadora, pois tem como principal função a humanização do homem, confirmando neste traços que são reputados como essenciais, tais como:

o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2011, p. 249)

Tal obra desenvolve sua cota de humanidade na medida em que torna seu leitor mais compreensivo e aberto para seu semelhante, para a sociedade e para a natureza de um modo geral.

4.3.- A fuga de Edgar: em direção ao mercado

Já tendo o conceito de literatura mercadológica predefinido no primeiro capítulo, tópico 1.5, fica mais fácil compreender porque o livro *A fuga de Edgar* parece seguir em direção à literatura mercadológica, pois é uma obra que não demonstra valor estético, não leva o leitor em consideração, é fechada, dando os significados prontos, não permitindo que o leitor caminhe por suas alamedas, levando em consideração apenas a venda e o consumo.

Na literatura de massa ou mercadológica o autor abdica da essência da arte, abrindo mão da qualidade estética e da criatividade de expressão, enquadrando-se na realidade de consumo. Deste modo, a produção literária se transforma em uma mercadoria, cujo principal objetivo é a viabilidade comercial do produto e não a qualidade em si. Adorno (S/D) afirma que o homem, por outro lado, deixou de ser sujeito para tornar-se objeto, logo, a obra mercadológica não tem compromisso com a arte.

A literatura mercadológica teve como marco inicial os folhetins no século XX, pois tinha como objetivo aumentar e dinamizar a venda dos jornais, surgindo os romances de folhetins durante a Revolução Industrial, momento em que as pessoas buscavam um novo padrão de vida social, como vimos no primeiro capítulo. Os *best-sellers* são obras altamente atreladas à indústria cultural, seguem uma “receita” para serem aceitos no mercado, usando geralmente um discurso narrativo de tom aventureiro, sentimental ou de suspense para atrair leitores pouco críticos e interessados apenas no enredo da narrativa.

O livro *A fuga de Edgar* parece seguir os padrões definidos pela literatura de massa, não se preocupa com a presença do leitor. Seu material também demonstra a falta de interesse no receptor, pois a história, embora seja duplicada, parecendo ter uma estrutura mais complexa e elaborada (estrutura com começo, meio e fim), não leva o leitor a parar e repensar o que leu, apenas o leva a terminar a história e achá-la “legal”, interessante ou não. O livro não humaniza, não permite que o leitor se sinta coautor da obra.

A literatura mercadológica geralmente é produzida em grande escala, com enredos simples, e é isso que acontece com a obra em questão, pois o mercado exige novidades constantes e isso promove livros simples, sem nenhum nível de comprometimento. Nota-se como tal obra não motivou ou envolveu os alunos da Escola Iara, não instigou discussão e conhecimento, apenas permitiu que conhecessem mais uma história de fantasmas, mais uma história fantástica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?*

Carlos Drummond de Andrade (2004)

Ler é abrir-se para a leitura e por ela construir sentidos enquanto coautor da obra. A amplitude do ato de ler depende do seu leitor e das suas inferências e visão de mundo, por isso a Estética da Recepção coloca o leitor dentro do texto para com ele dialogar, porque a leitura se transforma na presença do leitor e ele é por ela transformado.

A leitura deve ser feita de forma prazerosa, divertida e não obrigatória, e isso só se torna possível a partir do momento em que o leitor se dá conta de que faz parte intrínseca do processo, quando sente o prazer do contato com a escrita e mediante a contemplação percebe a mudança de atitude perante a sociedade que o circunda. A leitura deve permitir ao leitor ser humanizado e reflexivo, não apenas um mero reproduzidor de ideias ou conceitos, ou ainda um simples colecionador de histórias; deve fazer do leitor um agente crítico e pensante.

A introdução deste trabalho nos mostrou alguns questionamentos que podem ser repensados através da pesquisa teórica e análises da recepção dos livros *A fuga de Edgar*, de Edgar J. Hyde e *Desculpe a nossa falha*, de Ricardo Ramos, feitas por alguns alunos do 8º ano da Escola Estadual Iara Maria Minotto Gomes, sendo utilizado o método recepcional.

Os alunos pesquisados demonstraram, a princípio, um horizonte de expectativas que posteriormente foi descartado, pois este não atendia aos desejos de ficção e fantasia que apresentavam. O real horizonte de expectativas desses alunos na realidade não pode ser mensurado, pois nem eles mesmos sabem do que gostam de ler. Demonstraram querer algo que não apreciaram, que foi um livro de suspense e fuga da realidade e depois contemplaram uma obra que nunca pensaram fazer parte da lista de desejos, uma obra que mostrava a realidade em que estavam inseridos. A ausência de projetos sobre leitura no PPP da escola e também de incentivo à leitura por parte dos professores, percebido no diálogo com os alunos e

registros na biblioteca, nos leva a imaginar que os estudantes de tal instituição não sabem o que gostam de ler porque não sabem o que procurar, não conheceram os gêneros e não tiveram contato suficiente com a literatura a ponto de saber o que escolher. Ainda se encontram vendados dentro de um mundo que pode refletir luz vibrante.

Foram oferecidos aos alunos participantes da pesquisa dois tipos de literatura para perceber se essas, entre os outros quesitos da metodologia recepcional, quebravam e ampliavam o horizonte de expectativas e se percebeu que a literatura é uma grande arma dentro da instituição, pois toda escola tem o objetivo de formar cidadãos críticos e reflexivos, porém nem sempre consegue, pois lastimavelmente não oferece a seus discentes o que é necessário para o desenvolvimento intelectual do educando.

Como visto, a primeira obra apreciada pelos leitores/alunos foi *A fuga de Edgar*, que, como foi discutido, trata-se de uma obra mercadológica, que não trouxe contribuição aparente ao receptor, posteriormente foi oferecido *Desculpe a nossa falha* que trouxe resultados diferenciados porque permitiu ao aluno entrar no texto e tomar suas decisões sobre a temática trabalhada, não manipulando seu leitor.

A primeira obra não quebrou ou ampliou os horizontes de expectativas, permitindo uma certa estagnação por parte do leitor, diferentemente da segunda narrativa, o que nos levar a pensar que a instituição escolar deve se aperfeiçoar na questão da escolha do que adquirir para as estantes da biblioteca, pois o dinheiro pode ser usado para melhorar os índices almejados, porque a literatura humanizadora transforma o educando, levando-o a refletir e ampliar seu conhecimento não só na esfera literária, mas em todos os aspectos, como escolares e pessoais.

Por meio do debate feito com tais estudantes, não ficou claro que esses se dessem conta da transformação sofrida dentro de si, não se aperceberam claramente que a literatura mercadológica os colocava num lugar comum e que a literatura esteticamente elaborada ampliava seus horizontes, levando-os a pensar criticamente. Alguns deles conseguiram argumentar e preencher os vazios do texto *Desculpe a nossa falha*, mas não se deram conta dessa capacidade. Esse fato dá ao professor a possibilidade de oferecer tais leituras/literaturas elaboradas e tirar as vendas dos olhos de seus alunos para que consigam enxergar o mundo maravilhoso e real que a leitura pode oferecer.

Da mesma forma, por intermédio dos questionários e debate, percebeu-se que os alunos compreendem que os textos são diferentes, um mais difícil e elaborado e outro nem tanto. Alguns alunos conseguiram dar sentido à obra, porém outros preferiram ficar na zona de conforto da narrativa que não os levava a lugar algum.

A leitura na Escola Estadual Iara Maria Minotto Gomes parece não estar cumprindo sua função estética humanizadora. Não está proporcionando ao aluno o prazer de ler e diferenciar suas atitudes diante do que leu. A gestão procurou cercar os alunos com exemplares do objeto livro, mas não se apercebeu da necessidade de avaliar tais literaturas, como também não cobrou dos professores maior empenho, dedicação e afinco nos estudos dessa questão. A pesquisa nos mostrou que os professores parecem estar despreparados para trabalhar a leitura com seus educandos, talvez por isso não o fazem com precisão.

Como discute Candido (2011), a literatura se relaciona com o homem e seu mundo, é um direito de todos, é um bem inalienável e faz parte das necessidades básicas do ser humano e, portanto, se faz prioritário garantir amplo acesso a ela.

Dessa forma encerro minhas reflexões, sem tantas respostas concretas como gostaria de ter, mas com muitas dúvidas e perguntas a serem feitas, imaginando que a leitura e a literatura esteticamente elaborada têm muito a ser explorado, que a Estética da Recepção pode ser de grande auxílio na construção do conhecimento, mas que para isso aconteça deve haver a compreensão do núcleo escolar e a conscientização dos profissionais de que esse tema é fundamental para a ampliação do conhecimento em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. *Teoria estética: Arte e comunicação*. São Paulo: Martins Fontes, s/d. Trad. Artur Morão.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 54. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BONVICINO, Régis. (org.). *Envie meu dicionário – cartas e alguma crítica*. São Paulo: 34, 1999.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *História concisa da Literatura Brasileira*. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- CALDAS, Waldenyr. *Literatura da cultura de massa*. São Paulo: Musa Editora, 2000.
- CANDIDO, Antonio. *A Literatura e a Formação do Homem*. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.
- _____. A nova narrativa. In: *A Educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989, v.1.
- _____. *Literatura e Sociedade*. Estudos de Teoria e História Literária. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- CULLER, J. *Teoria Literária: uma introdução*. Trad. Guardini T. Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.
- ECO, Umberto. *A Estrutura Ausente: Introdução à pesquisa semiológica* 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta: Forma e Indeterminação nas Poéticas Contemporâneas*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- FIORI, J. L. *O nome aos bois: instituto da cidadania*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.
- FLORY, Suely Fadul Villibor. *O Leitor e o Labirinto*. São Paulo: Arte & Ciência, 1997, v.20.
- HYDE, Edgar J. *A Fuga de Edgar*. São Paulo: Ciranda Cultural, Trad. Silvio Antunha, 2012.
- ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura: Uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, Trad. Johannes Kretschmer, 1996, v. 1.
- JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como provocação à teoria Literária*. 2. ed. Lisboa: Passagens, Trad. Tereza Cruz, 2003

LAJOLO, Mariza; ZILBERMAN, Regina: *Literatura Infantil Brasileira: Histórias e histórias*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.

LIMA, Luiz Costa (org.). *A Literatura e o Leitor: Textos de Estética da Recepção*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Ática, 1992. (Série Princípios)

PERROTTI, Edmir. “A criança e a produção cultural”. In: ZILBERMAN, Regina (org.). *A produção cultural para crianças*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 139.

PINTO, Aroldo José Abreu. *Literatura Descalça: A narrativa “para jovens” de Ricardo Ramos*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

POE, Edgar Allan. *O Escaravelho de Ouro e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, *Desculpe a Nossa Falha*. 1. ed. São Paulo: Anglo, 2013.

_____. *Desculpe a Nossa Falha*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1990.

_____. *Desculpe a Nossa Falha*. 12. ed. São Paulo: Scipione, 1998.

SANDRONI, Laura C.; MACHADO, Luiz Raul (orgs.). *A criança e o livro: guia prático do estímulo à leitura*. São Paulo: Ática, 1986.

SODRÉ, Muniz. *Best-seller: a literatura de mercado*. São Paulo: Ática, 1985.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2004.

_____. *A literatura infantil na escola*. 4 ed. São Paulo: Global, 1985.

_____; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *A literatura e a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____, CECCANTINI, João Luís, MARTHA, Alice Áurea Penteado. *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2010.

_____; MARTHA, Alice Áurea Penteado (orgs.). *Conto e Reconto: das fontes à invenção*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

_____ & MARTHA, Alice Áurea Penteado (org.). *Literatura infantil e juvenil: leituras plurais*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. *As humanidades, os estudos culturais, o ensino de literatura e a política da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2010.

_____ *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 2005.

AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (orgs.). *Ángel Rama: literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Trad. Raquel la Corte dos Santos e Elza Gasparotto, 2001.

ANDRUETTO, María Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: A teoria do romance*. 6. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2010.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *O ser e o tempo da poesia*. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Ideologia e contra ideologia: temas e variações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *O poder do simbólico*. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Trad. Fernando Tomaz, 2012.

CADERMATORI, Ligia. *O que é literatura infantil*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. (Série Princípios)

CAMPOS, Haroldo de. *A Arte no Horizonte do Provável*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

_____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. 14. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013.

CECCANTINI, Luís; PEREIRA, Rony Farto (Orgs.). *Narrativas juvenis: outros modos de ler*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, Trad. Reginaldo de Moraes, 1999.

CHKLOVSKI, Viktor; et alii. *Teoria da literatura: os formalistas russos*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1976.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil*. 16. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, Trad. Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa, 2013.

ECO, Umberto. *Leitura do Texto Literário: Lector in fabula*. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

FARIA, Maria Alice (org.) et alii. *Narrativas juvenis: modos de ler*. São Paulo: Arte & Ciência, 1997.

FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. 2. ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2012.

FONSECA, Maria Augusta (org.). *Olhares sobre o romance*. São Paulo: Nankim Editorial, 2005.

JOUBE, Vincent. *Por que estudar literatura?*. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LAJOLO Marisa. *Usos e abusos da Literatura na escola*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

_____. *Do Mundo da Leitura para Leitura do Mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht, 2012.

PINTO, Aroldo José Abreu; ABDALA JUNIOR, Benjamin; SILVA, Agnaldo Rodrigues da (Orgs.). *Esse entre-lugar da literatura: concepções e fronteiras*. São Paulo: Arte & Ciência, 2013.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995.

SILVA, Agnaldo Rodrigues da (Org.). *Estudos literários em perspectiva: Literatura, arte e educação*. Cáceres: UNEMAT Editora, 2013.

WOOLF, Virginia. *O leitor comum*. Rio de Janeiro: Graphia, Trad. Luciana Viégas, 2007.

ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 10. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

_____. *O lugar do leitor na produção e recepção da literatura infantil*. In: KHÉDE, Sonia Salomão (Org.). *Literatura infanto juvenil: um gênero polêmico*. Petrópolis: Vozes, 1983.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL

41 alunos responderam

Perguntas	Número de respostas
1- Você gosta de estudar?	
A- Sim	35
B- Não	6
2- Quantos livros você leu esse ano?	
A- Nenhum	3
B- 01 a 02 livros	10
C- 03 a 05 livros	3
D- Mais de 05 livros	27
3- Que tipo de livro você mais gosta?	
A- Romance juvenil	16
B- Aventura	27
C- Suspense	16
D- Poesia	13
E- Biografia	6
F- Drama	11
G- Literatura brasileira	5
H- Literatura estrangeira	4
I- Contos e crônicas	14
Obs: Foi marcado mais de uma alternativa	
4- Quem te incentiva a ler e estudar?	
A- Mãe	31
B- Pai	20
C- Professor de Português	22
D- Professor de outras disciplinas	2
E- Parentes	11
F- Amigos	4
Professor de port.: Eliane	16
Professor de port.: Wilson	6
Obs: Foi marcado mais de uma alternativa	

5- Você vai à biblioteca:	
A- Nunca	3
B- Quando é obrigado	6
C- Porque gosta de ler	33
6- Quantas horas você dedica ao estudo (fora da sala) por dia:	
A- 30 minutos a 1 hora	24
B- 1 a 2 horas	4
C- 2 a 3 horas	5
D- Mais de 3 horas	3
E- Nada	5
7- Você faz que atividade extraclasse:	
A- Aula de inglês	2
B- Aula de algum instrumento musical	6
C- Academia	3
D- Caratê, judô ou capoeira	3
E- Mais Educação	
8- Qual a disciplina que você mais gosta?	
A- Português	22
B- Matemática	7
C- Inglês	22
D- Geografia	11
E- História	18
F- Ciências	21
G- Ed. Física	31
Obs: Foi marcado mais de uma alternativa	
9- Até que ponto você pretende chegar nos estudos?	
A- Terminar o 9º ano	1
B- Terminar o Ensino Médio	5
C- Fazer faculdade	28
D- Fazer curso técnico	8

10- Qual tipo de programa da televisão você mais assiste?	
A- Jornal	11
B- Novela	20
C- Filme	30
D- Desenho	23

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

42 alunos responderam

Perguntas	Nº de respostas
1- Quantas pessoas moram na sua casa?	
A- Eu e mais duas pessoas	9
B- Eu e mais três pessoas	11
C- Eu e mais quatro pessoas	12
D- Eu e mais cinco pessoas	3
E- Eu e mais de seis pessoas	7
2- A casa onde você mora é:	
A- Própria	30
B- Alugada	6
C- Emprestada	2
D- Doadada	4
3- Sua casa fica na:	
A- Zona rural (sítio, chácara, fazenda)	4
B- Zona urbana (cidade)	38
C- Comunidade indígena	
4- Até que série/ano seu pai estudou?	
A- Nunca estudou	3
B- Estudou o 2º ciclo (até a 4ª série/ 5º ano)	17
C- Estudou o 3º ciclo (até a 8ª série/ 9º ano)	13
D- Começou o Ensino Médio	1
E- Terminou o Ensino Médio	3
F- Tem nível superior (faculdade)	
G- Tem pós-graduação no Ensino Superior	
Obs: Os alunos que não responderam foi porque não sabiam ou não conhecem o pai.	
5- Até que série/ano sua mãe estudou?	

A- Nunca estudou	2
B- Estudou o 2º ciclo (até a 4ª série/ 5º ano)	10
C- Estudou o 3º ciclo (até a 8ª série/ 9º ano)	11
D- Começou o Ensino Médio	8
E- Terminou o Ensino Médio	5
F- Tem nível superior (faculdade)	
G- Tem pós-graduação no Ensino Superior	1
Obs: Os alunos que não responderam foi porque não sabiam, uma aluna disse não conhecer a mãe, mas sabia o nível de escolaridade	
6- Você utiliza qual meio de transporte para ir à escola?	
A- Bicicleta	9
B- Moto	
C- Carro	1
D- A pé	30
7- Possui computador em sua casa?	
A- Sim, com acesso à internet	9
B- Sim, sem acesso à internet	6
C- Não	23
8- Na sua casa há: (Quantos?)	
Televisão:	61
DVD:	45
Geladeira:	47
Bicicleta:	98
Carro:	21
Moto:	38
Máquina de lavar:	53
Computador:	16
Telefone fixo:	3
Celular:	107
Tv por assinatura:	7
9- Onde seu pai trabalha? Qual a função dele?	
A- Pedreiro	6
B- Marcineiro	4
C- Jardineiro	1
D- Peão de fazenda	1

E- Eletrecista	2
F- Gerente de fazenda	1
G- Cozinheiro de fazenda	1
H- Mestre de obras	1
I- Prancheiro (serraria)	3
J- Mecânico	2
K- Autônomo	1
L- Guarda noturno	1
M- Gerente de mercado	1
N- Produção (câmara fria do laticínio)	1
O- Tratorista	2
P- Aposentado	1
Q- Montador	1
R- Soldador	1
S- Metalúrgico	1
T- Gerente	1
U- Gerente de serraria	2
V- Chacareiro	1
W- Estopador (serraria)	1
X- Pintor	3
Y- Encostado (INSS)	1
Z- Capataz de fazenda	1
10 - Onde sua mãe trabalha? Qual a função dela?	
A- Doméstica	9
B- Produção (frigorífico)	2
C- Vendedora	2
D- Professora substituta	1
E- Do lar	14
F- Costureira	2
G- Serviços gerais	3
H- Auxiliar de dentista	1
I- Professora (creche)	1
J- Merendeira	1
K- Cozinheira	2
L- Falecida	1
M- Manicure	1
N- Assistente de cozinha	1

ENTREVISTA COM OS ALUNOS: A FUGA DE EDGAR

1- O que você achou do livro?

Geovane, 14, M: Ai..., tudo é... muito infantil.

Cristiane, 14, F: Eu não me interessei muito pelo livro por... eu ter esperado mais o terrorismo dele né! Eu achei que pelo nome, assim, ele ia ser mais... terrorista, e eu não achei assim, muito interessante assim... pela... a leitura.

Carla, 14, F: Bom... gostei até do livro, mas até a parte que no final que ele fala assim que vai voltar, essas coisas, tipo eu não gostei não.

Kelly, 14, F: Bem, eu acho o mesmo que a Cristiane. Eu tava esperando mais terror, mais aventura, negócio assim. A fuga de Edgar, que o nome já atraiu muito, mas só que quando você começou a ler pro final ficou muito chatinho.

Daiane, 15, F: Eu achei que foi do meu gosto, eu gostei do livro, e... pra mim teve muito suspense assim, não foi bem do meu agrado, que nem o final né, também concordo com vocês, mas eu gostei bastante do livro.

Luna, 14, F: Ai... eu gostei do livro, mas a única coisa que eu não gostei foi do final, que não chamou muito a atenção.

Maria Eloá, 14, F: A minha opinião é a mesma da Cristiane, assim... no final eu não gostei não. A gente podia esperar assim, mais terror no final, mas não tem muito terror.

2- Qual é pra você o assunto, a parte mais importante do livro?

Cristiane, 14, F: O assunto mais importante? Ah!... acho que... foi que Edgar, ele se esforçou bastante, quando ele foi chamado né, pra ir lá pro reino e eu acho que foi bem interessante essa parte dele ter se esforçado pelos pais e... eu esperava também que... que a literatura mesmo desse livro ensinasse mais um pouco sobre... como os filhos de hoje em dia não tão sendo... esforçados, então... é o que eu mais me interessei nisso.

Maria Eloá, 14, F: O que eu achei foi a parte que... logo no início, que ele pegou né, o barão queria que eles estudassem. Pra que tudo o que ele tivesse construído não fosse à falência. Foi isso que eu gostei.

Luna, 14, F: Ah! O mesmo do dela. Eu gostei da... da primeira parte que o barão começou a... vai.

Daiane, 15, F: Eu gostei e não gostei também da parte da vingança né. Éh!... não sei, ele mostrou muito a verdade assim né, eu achei assim que falava um pouco da verdade né, hum... construiu uma coisa sobre saber investir, tomar, cuidar, também gostei... é gostei de tudo um pouco né. Foi bem... uma experiência ótima, foi como se a gente tivesse na vida real, se soubesse usar a imaginação né, pra...

Kelly, 14, F: O livro eu gostei do começo quando o Edgar, ele quis ser tutor que nem o pai, que... inspirou ele a seguir essa carreira. Ele não se dava muito com as crianças, que ele era uma criança assim, muito... ai... como pode dizer assim, muito culta. Ele não gostava de brincar, essas coisas, ele gostava de estudar. O que é muito raro né! (risos) E que... no fundo no fundo ele quer, ele vai seguir a profissão, ele segue o que ele não gosta, porque na verdade ele fez isso pelo pai, que o pai dele ficava orgulhoso. Então eu gostei dessa parte.

Carla, 14, F: Bom... assim... eu achei que... o livro... ai...

Geovane, 14, M: Ah! Eu concordo com ela, do... que dele seguir a profissão do pai, e que... do Ruth e Bob que... que ele voltou à vida... por causa dos dois. Tá bom!

Carla, 14, F: Ah! Assim, eu gostei bastante sim, mas é que... tem aquelas parte que... ele quer se vingar né, e tal, assim é meio... sei lá.

Mariana, 14, F: A parte mais importante que eu achei foi, tipo assim, que mesmo as pessoas chamando ele de doido, por causa que ele tava indo né e sabendo que todo mundo, que aquele lugar não tinha uma boa fama né, mas do mesmo jeito ele quis ir, quis tentar.

Tito, 14, M: Eu achei importante o... final, que mostra que ele queria se vingar do... não levou a nada. Porque ele acabou preso e sem amigos.

Ana Patrícia, 14, F: Eu achei interessante porque ele saiu de casa com 18 anos né, nem todo mundo assim sai de casa com 18 anos, essa parte é bem interessante.

Daniel, 15, M: Eu achei interessante a parte que os dois filhos do barão mata ele e o barão pai cata os filho e fica quieto.

Jenifer, 15, F: Eu achei importante que... a parte que ele... tenta se vingar, mas não consegue e fala que a vingança não traz, leva a nada.

Gael, 14, M: Ai eu achei a parte mais interessante que mesmo ele sendo mal, muito... querer se vingar, mas ele que ajudou a construir o *haloween*.

Alana, 15, F: Eu achei importante a parte que ele ficou na floresta sozinho né, e mais um... sei lá, um cavalo sei lá o que, daí ele correu muitos riscos pra chegar lá então achei muito importante isso.

3- Você gostaria de viver uma situação semelhante à da história?

Kelly, 14, F: Ah!... acho que sim né.

Mas você gostaria de viver a situação de quem ?

Da parte da Ruth e do Bob porque... trazer alguém à vida assim, aquele negócio de imaginação. Quando você tá lendo um livro, você queria muito que acontecesse, de repente acontece, nossa... seria muito legal!

Talita, 14, F: Ah! Eu também, eu acho que eu queria ser... tipo assim, um pouquinho de leitor doido, mas também acho a história do Edgar também.

Você queria ser ele?

Não. Eu queria ser a... que voltava.

Carla, 14, F: Ah! Eu não queria ser ninguém porque eu não gostei muito da história.

Geovane, 14, M: Também não. Tá morto, quer morrer, sei lá... voltar à vida, eu hein!

Cristiane, 14, F: Ah! Eu também não gostei muito da história por caso, sobre esses terrorismo de morte, essas coisa. Não me dou muito bem, não... não sinto bem muito. Essas coisa, até mesmo falar, às vezes eu fico arrepiada, não gosto dessas coisa.

Maria Eloá, 14, F: Eu acho o mesmo da Kelly, pra você trazer uma pessoa à vida é muito legal.

Luna, 14, F: Ah! Eu não queria ser ninguém não.

Daiane, 15, F: Eu também não... tipo... a gente lendo assim, a gente queria a mudança de alguma coisa, se fosse mais assustadora, assim, mas... vivendo aquela... o livro, tipo... estando lá no meio das pessoas, morte, vingança, essas coisa... não gostaria não.

Alana, 15, F: Sim, ó, eu gostaria porque assim, na parte não da maldade, só de fazer o bem, ensinar as pessoas como, ah... sei lá, não sei... agora da parte da maldade não.

Gael, 14, M: Ai da parte do bem, a parte que ele ajuda as pessoa a construir ideias, agora da parte do mal...

Vicente, 15, M: Eu não gostei não porque tem muita maldade.

Jenifer, 15, F: Também não.

Daniel, 15, M: Também não, é doido é, cara lá se mata, o cara morre e tem a alma condenada, eu já tenho medo do inferno quando morrer, imagina agora.

Ana Patrícia, 14, F: Bem, eu queria assim, viver parecido sabe, as pessoas, sair de casa com 18 anos né, mas a parte da maldade que ele queria fazer com todas as criança do mundo não.

Tito, 14, M: Eu não queria não... muita maldade feita.

Mariana, 14, F: Eu? Ah!... eu gostaria, é... não a parte, claro, do mal lá assim muito não..., é doido é, viver do mal?! Eu sou do bem. Só que não... . Ah! Eu gostaria né porque tipo, ele, ele saiu né, enfrentou um monte de coisa, mas ele... tipo, uma parte errou né, mas ele, ele aprendeu coisa nova e passou por coisas que ele não tinha passado.

Taís, 14, F: Eu gostaria de viver só a parte do bem, porque do mal não, a do bem que... eu também queria ajudar as criança a ser educadas né, eu, é... respeitar os mais velho... só.

3 – Vocês acreditam em fantasmas?

Kelly, 14, F: Superstição acho que sim, um pouquinho..., às vezes, esse negócio, nunca mais vou assistir *Premonição* porque isso me deixou até... até hoje durmo com a cabeça coberta, com medo.

Talita, 14, F: Ah! Eu não acredito em fantasma não, eu acho que... sei lá, eu não acredito.

Carla, 14, F: Eu acredito. Porque já aconteceu várias coisa na minha família então... Ah! eu sei lá, eu acredito.

Geovane, 14, M: Ah! Eu acredito um pouco né, porque... passa na televisão lá as fotos das imagens de criança no espelho, essas coisas, levantando não sei o que lá. Dá um arrepio né!

Cristiane, 14, F: Não acredito não! Não acredito pelo motivo assustador mesmo de... desses negócio ser assim... porque eu sei que... não é real isso que passa, que a gente vê. A gente vê, mas a gente sabe que no fundo não é real isso... aí...

Kelly, 14, F: Eu acredito... quando fala assim, do... ai do... do que acontece nas histórias que a minha mãe conta pra mim, meu pai...

Daiane, 15, F: Ô exemplo hein! Mãe assim...

Maria Eloá, 14, F: É igual aqueles paranormal!

Luna, 14, F: Eu acredito. E muito.

Daiane, 15, F: Eu... eu não acredito, mas também não duvido né, porque... a gente começa... não acredita né..., mas se a gente ponha um tiquinho na cabeça, a gente já não consegue dormir em paz.

Maria Eloá, 14, F: Eu quando vou dormir eu olho assim, eu olho nos canto, eu vejo alguma coisa passando eu vupt cubro a cabeça. Eu morro de medo.

Luna, 14, F: Eu cubro o pé rapidinho. (risos). O bicho vai pegar pelos pé.

Alana, 15, F: Ah! eu não né, porque eu nunca vi e também assim... acho que isso não existe não, porque quem morre eu acho que não volta mais.

Gael, 14, M: Ai eu não acredito porque, quem acredita em Jesus não vai ter esses tipo de pensamento.

Vicente, 15, M: Ai eu acredito porque um dia lá na casa da minha vó, eu tava na igreja, minha vó mandou eu ir lá pra casa dela pra cuidar do meu tio que tava doente, ele tinha acabado de vir do hospital, aí eu dormi, aí quando eu acordei só tava os irmão da igreja orando, ele tinha acabado de aceitar Jesus e ele tava morto, aí eu fui dormir de novo, de madrugada, ele, tipo me tocaram assim, aí eu acredito porque, aí minha mãe, minha vó mandou eu ir pra igreja orar e fazer as coisa, jejuar, que fantasma não existia, porque eu acreditei.

Jenifer, 15, F: Acredito não. A minha vó falou que quem acredita em Deus nunca deve se acreditar em coisas do além.

Daniel, 15, M: Eu acredito. [...] pra eu ficar com medo é, parar de xingar, eu acredito.

Ana Patrícia, 14, F: Bem, eu acredito porque já faz... dois patrão do meu pai já morreu de acidente de avião que caiu num rio, não sei se vocês já ouviram falar, falou na rádio e a minha mãe depois, ela voltou pra fazenda onde tava só a esposa dele e ela falou que viu ele né, viu ele e o outro, a minha vó falou que também viu meu tio, que ele já faleceu, mataram ele lá no Pará, aí eu acredito, se eles falam né, o meu irmão também já viu, só eu que não.

Tito, 14, M: Eu acredito... pode nem acreditar mas eu já vi, se quiser acreditar bem, mas que eu já vi eu já vi.

Mariana, 14, F: Ah! Eu... ó, eu, eu não sei se eu acredito ou não acredito, porque... tem pessoas que fala que já viram, eu não vou julgar ela né, porque é pecado, daí assim, ó assim, a minha mãe, aprendi com a minha mãe isso, se a gente tá com Jesus a gente tem fé, a gente não vai ter medo de espírito, essas coisa, mas também, tipo assim, a gente vai ter medo de qualquer jeito, tendo fé ou não. (risos)

Taís, 14, F: Ah! Eu não acredito não, mas tem gente que acredita, mas cada um tem o seu pensamento né, cada um acredita no que quer.

Aline, 15, F: Eu acredito porque minha mãe, um dia deixou eu posar na casa de uma benzedeira, aí nós ficou acordada até de madrugada porque o marido dela tava lá pro além lá ajudando, é... lá pro além trabalhando com o espírito né, daí, aí um cara veio lá, chegou de madrugada lá e ficou batendo na porta, ela mandou eu abrir, aí eu abri e fui lá sentar com ela, aí ela mandou eu sentar lá perto do bebo..., daí ele falou assim né, eu falei assim pra ele se ele tinha medo de assombração, ele falou assim que não, que nem o... o lá de baixo podia com ele, daí um espírito mal entrou no corpo do bebo lá e ficou quebrando a costela dele, aí a mulher relou nele e ele saiu dele. Então eu acredito.

Gael, 14, M: O professora, não é cortando assunto, a minha mãe diz que quando a minha bisavó faleceu, ela sonhou com a minha bisavó com a luz branca assim, quando ela tava acordando, uma luz branca assim na porta que era a minha vó, daí quando ela acordou recebeu a notícia que a minha vó tinha sido morta.

4 – Qual é pra você a personagem que está mais envolvida nos acontecimentos da narrativa? Por que você acha isso?

Alana, 15, F: Eu acho que é o Edgar né, porque, assim, no livro conta muita coisa dele, então acho que ele aparece mais, porque ele vive muitas aventura e depois... morre.

Gael, 14, M: Eu também acho que é o Edgar, ele sofre muitas coisa e aí, além disso, quando, tipo, tem o nome no livro é porque conta só a história daquele rapaz.

Vicente, 15, M: Também acho que é o Edgar, porque ele saiu de casa com 18 anos e conta a história dele toda.

Jenifer, 15, F: Eu acho que é o Edgar.

Daniel, 15, M: Eu também porque o livro fala sobre ele.

Ana Patrícia, 14, F: Eu acho que é o Edgar porque ele escreveu o livro né e com certeza ele fez mais sobre ele né, então eu acho que é ele né.

Tito, 14, M: Eu acho que é o Edgar porque o livro, a história, todas as parte com certeza conta mais sobre ele.

Mariana, 14, F: Eu acho que é o Edgar porque o título do livro é *A fuga de Edgar* e também, é... ele que é o bam bam bam da, história, tal assim, ele é, tipo, o personagem principal. Só que ele é do mal.

Taís, 14, F: Ah! Por mim é o Edgar porque a maioria dos fato que conta no livro é sobre ele.

Aline, 15, F: Eu também acho que é o Edgar porque... o que fala mais ali no livro... é sobre a vida dele né, que ele viveu muitas aventuras e... também... e também sobre isso.

5 – Como que ele, a personagem que vocês falaram que mais apareceu no livro, como essa personagem se relaciona com as outras personagens do texto?

Daiane, 15, F: Pra mim é... o bruxo, a bruxa, sei lá, que eu ainda não sei muito bem se é feminino ou masculino, mas... ele se relacionava muito mal assim, ele era... muito envolvido na situação e... e não gostava muito sabe de criança, essas coisa, gostava muito de... de se vingar das pessoa também, gosta de fazer as coisas se... acumular nas coisas ruins, assim, pra mim era... era ele.

Kelly, 14, F: Hein... eu acho... como assim... como que é a pergunta?

...

Bem, ele não se envolvia bem, ele não tinha muitos amigos, a única pessoa que ele se relacionou bem foi com uma empregada lá do castelo... esqueci o nome dela, mas... ele até chegou a gostar dela. Ela também gostou dele, só que aconteceu que ele morreu né! E ele também é muito rancoroso, ele não... tipo assim, ele não deixa as coisas barato, ele amaldiçoa as pessoas... nossa! Parecendo até as pessoas que eu conheço... uns parente que eu tenho.

Talita, 14, F: Ah! Eu concordo com ela. Eu achei, tipo assim, era muito... não gostava muito de criança, ele tinha um relacionamento... estranho

Carla, 14, F: Também concordo com elas, porque assim, o Edgar, ele tinha, sei lá, ele... não gostava muito de criança e na parte que ele queria se vingar... que ele ficou com muita raiva das criança... é isso mesmo.

Geovane, 14, M: É... as criança... tudo ele falava que ia se vingar das criança e essas coisas... . Tá bom!

Cristiane, 14, F: Eu acho assim que o Edgar, ele não se dava muito bem com os outros, não se relacionava bem, que isso é uma coisa lamentável pra gente, que a gente gosta de fazer novos amigos, se relacionar, e ele odiava até crianças. Ele não gostava e ele queria só saber de vingança, então ele tinha algum rancor no coração, porque só queria saber de vingança, não queria saber de... o bem para os outros.

Maria Eloá, 14, F: Eu também concordo com a Kelly, ele não fazia amizade, gostava só de ficar em casa... concordo com ela.

Luna, 14, F: Ah!... eu... concordo com a Kelly também, naquela parte ela falou muito a verdade, porque ele não se..., ele não falava muito com as pessoa e só tinha rancor, ódio...

Alana, 15, F: É porque assim... (risos), é... ele se relaciona tipo, ele finge também né, ele, e... mente pras criança que ajuda ele e depois fica, sei lá, não sei explicar.

Gael, 14, M: Ele... eu acho que ele não, ele... foi... muito relativo no livro, por causa que o que mais acontece é ele que... faz as coisa maus.

Vicente, 15, M: Assim, que ele era do bem e acabou passando pro mal, mas ele mentia quando era do bem, aí mostrou quando ele era do mal.

Jenifer, 15, F: Ele se relaciona com... ele fala entra no pensamento das pessoa, como ele entrou no do rapaz pra escrever o livro que... que ele tava falando e... ele colocava coisas na cabeça de crianças.

Daniel, 15, M: É... ele se relaciona muito mal porque ele mente e fazia as coisa errada.

Ana Patrícia, 14, F: Bem eu... acho que ele relacionou querendo bem pro Montford, querendo... adorar, ele não queria educar os filho dele, ele queria mesmo agradar o Montford, é o dono lá, o barão.

Tito, 14, M: Bom eu acho que ele se relacionou muito mal, por, pela falsidade, mentiras, ele queria passar pra fazer proposta pra passar o bem, mas na verdade ele tá passando o mal.

Mariana, 14, F: É... ele se relaciona muito... uma parte boa, uma parte ruim. Tem até uma parte que ele se relaciona bem, outra parte não, porque numa parte ele age com falsidade, *pra* mim isso não é uma relação boa com a pessoa. Daí a outra que ele queria agradar o capitão.

Taís, 14, F: Ah! Pra mim ele tipo, até a parte que ele tenta fazer os bem pras pessoa, ele tá se tendo um relacionamento bem, mas por ele não conhecer direito as criança, porque no livro fala né, que ele só mais era estudar. Aí eu, aí, depois que ele conhece as pessoa, aí ele começa a mudar né.

Aline, 15, F: Ah! Pela cara de que ele relacionava com as pessoas ele, mas ele queria se vingar das criança né, o que ele fazia não era certo. Ele tinha que fazer o bem né.

6 – A personagem que mais aparece no livro parece ser uma pessoa comum, vilão ou super herói?

Carla, 14, F: Bom ele... parece mais com uma pessoa normal né, mas... ele... tipo... o personagem, porque no caso ele fala muito de vingança, que a pessoa assim não é muito assim também né, ele... sei lá, pra ele, tipo... ele... psicopata, uma coisa do tipo (risos) não... é sério, porque ele pensa muito em vingança né, então...

Geovane, 14, M: Vixi! Como é que é a pergunta?

...

Super herói não! É rancoroso, é... uma pessoa comum. Porque tem pessoas que... é pior que ele... mata, essas coisas e ele só pensa em vingança e até hoje ele não voltou. Ainda bem! (risos).

Cristiane, 14, F: É... eu concordo com a Carla, ele parece uma pessoa comum, ele não quer saber do bem dos outros, ele só quer saber de vingança... tem gente que é pior do que ele, e tem gente que eu conheço que é assim também, então eu meio que assim entendo, o porquê, e eu vi que sente medo [...] e eu tenho medo da rotina dessa pessoa, que a gente conviver com ela e ela acabar, a gente próprio mesmo acabar se acostumando. Nossa! Morro de medo disso.

Maria Eloá, 14, F: Eu concordo com a Carla, ele parece psicopata, não pensa no que que ele vai fazer.

Luna, 14, F: Ah! é... eu acho que ele é uma pessoa comum, por causa que tem pessoa que... só pensam... mal dos outros, e... ele tava pensando na sua vingança e eu acho isso...

Daiane, 15, F: Pra mim nunca passou na minha cabeça de ele ser um super herói né, porque tá muito longe ainda, porque pra ser vingativo. Pra mim ele não passa de uma pessoa comum assim, muita pessoa é vingativa, que nem eu, eu pra ser muito amiga eu sou amiga mesmo, mas se brincar comigo assim eu também dou aquele... aquela atentadinha, mas comum, pra mim é comum.

Kelly, 14, F: Bem, eu não acho que ele seja uma pessoa comum, nem um super herói, pra mim ele está mais pra um vilão, porque desde pequeno ele não se relaciona com os outros, ele não gosta de brincar, e tem pessoas que são piores do que ele, mas... praticamente eu acho que esse daí já é... um *serial killer*, negócio assim, gosta de matar, pra mim, pior que ele é, aí, desejando o mal dos outros. Tem muitas pessoas assim que, às vezes, não sei, por algum motivo pessoal, é... sempre tenta fazer que uma pessoa fique passando por necessidade, coisa ruim, sempre quer que... estar por cima da carne seca...

Talita, 14, F: Ah! Acho uma pessoa comum porque nesse mundo a gente não pode duvidar mais de nada.

Alana, 15, F: Ele parece ser um vilão, porque ele faz muita maldade e eu não gostei das coisa que estavam escrita ali.

Gael, 14, M: Ah! Ele é do... ele é um vilão por... ele só ser mal, ele mentir e fazer muitas coisa errada.

Vicente, 15, M: Eu acho que também é vilão porque ele fazia muita maldade e queria se vingar dos outro.

Jenifer, 15, F: Comum porque... ele... fazia parte do nosso mundo ou do além.

Daniel, 15, M: Eu achava que ele era uma pessoa normal, só que por vingança por... por ter morrido sem ter feito nada.

Ana Patrícia, 14, F: Eu acho que ele é um vilão né, porque ele queria vingar, se vingar de todas as criança, só que só duas né, assim, eram crianças né, criança brinca né, mas essas eram demais, mas ele querendo se vingar de todas eu acho muita maldade.

Tito, 14, M: Bom, eu acho que ele é um vilão, pelas maldade que ele faz, mentiras, falsidade.

Mariana, 14, F: Bom, o começo dessa história eu pensei que ele é uma pessoa boa, mas só que depois mudou o meu conceito, porque ele virou o grande vilão né, daí pra mim ele é o vilão da história.

Taís, 14, F: Ah! Pra mim, porque tipo assim, ele é o bem e o mal né, porque no começo conta que tipo ele viajou tão longe pra tá ensinando as crianças, mas aí depois que ele morre por justiça, aí ele começa se transformar, querendo se vingar de todas as criança por causa só de duas.

Aline, 15, F: Pra mim ele é um... vilão e ao mesmo tempo super herói né, porque eles queria fazer os bem pras criança e ao mesmo tempo mal.

7- O que vocês pensam sobre o barão de Montford?

Kelly, 14, F: Ai... ele é muito, tanto assim... ele é como os pais de hoje em dia. Não tem essa lei da palmada né, não deixa bater, daí fica passando a mão na cabeça das crianças. Faz coisa ruim, tudo o que você faz, tipo assim, vai reclamar “ai seu filho fez isso”, “ai, tadinho, é inocente, xingou”, “ai ele é criança ainda, ele não sabe o que ele está fazendo”. Eu acho que se não corrigir quando é criança, pode acontecer o que aconteceu na história. Que... que os dois acabaram matando o próprio pai. Como há muitas histórias hoje em dia, assim.

Daiane, 15, F: *Pra* mim, eu não li muito sobre o barão não, mas... a parte que eu li eu também concordo com a Kelly, ele era muito... muito bonzinho, mas também construía tudo na rédea curta né, porque ele constituiu e construiu tudo o que ele tinha e... queria aquilo lá é... preservado né, mas ele era muito bonzinho, passava muito a mão na cabeça... nem de todo mundo.

Luna, 14, F: Eu concordo com a Daiane, por causa que o que ela falou..., se torna um pouquinho real porque ele só passava a mão na cabeça e não... colocava rédea curta.

Maria Eloá, 14, F: Eu acho a mesma coisa assim, igual o começo tem que, fala bem assim que, de longe assim, eles ouvia assim, gente, pessoas gritando, por causa, na torre do barão. Eu acho o mesmo que a Kelly.

Cristiane, 14, F: Eu acho assim, pelo que eu li e entendi, o barão ele era uma pessoa que muitos pais são hoje em dia, é, por causa da lei da palmada, eles falam “Ah não é!”... tem medo até mesmo do próprio Conselho Tutelar pegar os filhos por causa de um arranhãozinho que aconteceu e tal, e o barão passava muito a mão na cabeça. Porque tem muita gente hoje em dia que... o filho apronta pra caramba e aí vai lá e fala “Ah não! Ele é inocente!”, ele é isso, “ele é criança não sabe o que tá fazendo”, “ele é muito novinho”. Então eu acho assim que pela criança ser novinha, isso é, não torce a história pra ela ser criança e não ter aprontado, porque se ela aprontou, e ela sabe o que tá fazendo, ela não ia fazer uma coisa sem saber.

Geovane, 14, M: Concordo com a Cristiane e com a Kelly, porque ele passava muito a mão na cabeça daquelas crianças e tantas morte que ele matou por causa delas. Falava, aprontava e dedava, falava que é outro.

Carla, 14, F: Eu concordo, é... se ele passava a mão na cabeça dos filhos dele, e... era mais os filhos dele né, os outros funcionários, as pessoas assim ele não tinha dó, ele era bem rígido com as pessoas.

Talita, 14, F: Ah! Eu concordo com a Carla, que ele era tipo assim, ele tratava os filhos diferente dos funcionários, ele passava bastante a mão na cabeça dos filhos e funcionários não...

Kelly, 14, F: Ele matava quem falava mal, e muitas pessoas estão nessa, se você falar assim, “ah! seu filho fez aquilo”, “meu filho?! Você está doido é?!”

Cristiane, 14, F: Minha mãe cuida de três criança e a mãe delas, ela assim, deixou uma coisa, se a minha mãe, tipo, for corrigir, gritar alto com as crianças... é perigoso perder o emprego. A mãe dela assim, dá aqueles tapinhas bobinho, a mulher não deixa.

Kelly, 14, F: Eu sou a... não sou a favor da lei da palmada, mas não de espancar né?! É diferente.

Cristiane, 14, F: Não... é tipo assim... ela não deixa nem assim... brincando, sabe, aqueles tapinha bobo, ela vira o bicho.

Alana, 15, F: Ah! Injusto!

Gael, 14, M: Essa eu não sei responder não professora, tem que pensar.

Vicente, 15, M: Também não.

Jenifer, 15, F: Muito injusto porque só olhava a ganância, ele só olhava os filho dele e ele não dava atenção aos preceptor das criança porque sempre quando as criança falava alguma coisa pra ele, ele matava.

Daniel, 15, M: Também. Eu acho que ele foi muito injusto com os preceptores.

Ana Patrícia, 14, F: Bem, eu acho que ele é uma pessoa é... ele foi muito injusto igual eles falaram e também ele não dá muita atenção aos filhos dele, acho que os filho dele foi mal por causa disso também né, porque o pai não dá muita atenção, ele queria que o professor ajudasse. Isso não ia dar em nada.

Tito, 14, M: Por ele não se relacionava muito com as crianças, ter esse relacionamento de conversa, assim firme, ele acabava matando os preceptores porque ele achava que ele tava fazendo o bem pras crianças porque não tinha essa conversa, firme com eles.

Mariana, 14, F: Eu acho ele injusto, egoísta, um monte de coisas de mal porque pra ele, porque ele matava os preceptor por uma coisa assim... boba, não tinha justificativa certa pra matar.

Taís, 14, F: Ah! Pra mim, porque tipo assim, ele se importava só com ele né, em ganhar dinheiro, mas fizesse esse papel de pai, aí os filho dele falavam uma coisa, ele já ia e matava os preceptores.

Aline, 15, F: Eu também acho que ele era egoísta porque ele só via o lado dos filho dele e não via o lado dos preceptor, qualquer coisinha mandava embora ou matava.

8- E o bruxo Edwin? O que vocês pensam sobre ele?

Kelly, 14, F: Ai... ele foi quase o super herói da história, que ele, tipo assim, “Edgar você não é meu único assunto”. Parecia que ele estava cuidando de várias pessoas ao mesmo tempo. Eu também achei muito... suspeito, quando... tipo assim, ele jogou a maldição nas crianças e de repente esse bruxo aparece. E quando ele vai pro... quando Edgar assim, tenta procurar ele e não acha, ele some do nada! Pra mim é muito esquisito.

Talita, 14, F: Ah!... eu concordo com a Kelly, entendeu... que te dá um... não sei, eu...

Carla, 14, F: Também concordo com a Kelly ele assim... ele aparece do nada né e ele fala mesmo que ele... que o Edgar não é a única pessoa que ele tem que cuidar né, tal. Assim eu concordo bastante com ela.

Geovane, 14, M: Ai... eu também concordo com elas, mas... tem uma coisa que... que, que ele *tava* fazendo fora da... da... que... ele tava fazendo com outro, com o Edgar. Que ele tava fazendo lá pra fora vai. Tava o que? Se vingando do que? Aí né, ele, ele... hum... não gostei muito dele não. Sei lá.

Cristiane, 14, F: Eu também não achei ele muito legal não, eu falo que ele não era de Jesus. Ele era estranho, ele sumia do nada... era suspeito ele.

Maria Eloá, 14, F: Eu concordo a mesma coisa que a Kelly.

Luna, 14, F: Eu concordo com a Kelly. (risos)

Daiane, 15, F: Eu também... ele... bem, eu não achava ele... ele tentava ser bonzinho né, tentava passar um pano seco por cima e... era muito suspeito, não bateu muito com... com herói não né. Também concordo com a Kelly, não... não bate muito com os outros personagens.

Alana, 15, F: Ah! Ele fez mal também, mandou o Edgar pro... pra terra dos morto, porque o Edgar queria se vingar, mas também o Edgar tava errado nessa história.

Gael, 14, M: O bruxo ele... repete a pergunta fazendo favor.

...

O bruxo ele só teve maldade com as crianças e com o Edgar também que ele mandou lá *p'aquela* terra lá.

Vicente, 15, M: Ele queria maldade porque ele mandou o Edgar pra lá pra o Edgar se vingar dos filho do barão. Ele queria só maldade também.

Jenifer, 15, F: Eu achei o bruxo... muito... malvadão. Por ter mandado o Edgar pra terra do além sem ele morrer antes e deixar ele se virar.

Daniel, 15, M: Eu achei que o bruxo foi do bem e do mal. Do mal por causa que ele mandou o Edgar injustamente. Do bem porque ele tirou Edgar da terra.

Ana Patrícia, 14, F: Eu acho que o bruxo foi... assim, ele só pediu, acho que ele... eles fez... é só cumpriu ordens né. E também porque ele... ele tirou a maldição né dos... dos menino lá né, era apenas criança né, e porque ele jogou a maldição, acho que ele foi do bem e do mal também.

Tito, 14, M: Ah! Eu não sei explicar não!

Mariana, 14, F: Eu acho que esse bruxo, ele foi mal e um poquitito do bem, porque tipo assim, ele mandou o Edgar pra aquele mundo lá, porque que ele não foi no lugar do Edgar então!

Taís, 14, F: Eu acho que tipo assim, ele tentou fazer o bem, mas ao mesmo tempo fez o mal porque ele mandou o Edgar pra terra do além pra se vingar, mas também por, ajudou né, tipo, tirar as maldições.

Aline, 15, F: Eu acho o bruxo do bem e do mal porque ele levou... que nem a Taís falou né, ele levou o Edgar lá pro além e ele também fez o bem porque protegeu as criança né, do Edgar, porque ele queria se vingar delas.

9 – O final da história foi inesperado ou vocês já imaginavam o que iria acontecer? Por que vocês acham isso?

Talita, 14, F: Ah! Achei o final tipo... eu não previa quando eu comecei a ler a história tipo, achei que o final ia ser mais tipo assim... com gostinho de quero mais, tipo assim de ler outros livros. Não, eu não previa.

Carla, 14, F: Eu também não previa o final não, mas assim, chegando no final eu não gostei porque deveria ter mais um gostinho de quero mais mesmo.

Geovane, 14, M: Eu também não imaginei não, mas... a atitude dele foi infantil, por causa que... de duas criança ele quer se vingar de todas.

Cristiane, 14, F: Eu não gostei do final e nem previa por causa que assim, eu quando eu leio não sou muito de ficar pensando no final, mas... eu assim não gostei mesmo do final ele... por causa, que nem ele comentou, por causa de duas criança ele queria se vingar de todas. E eu acho isso totalmente errado.

Maria Eloá, 14, F: Assim ó... eu vou concordar com a Cristiane, eu não gostei muito do final não. Não é o que a gente esperava, a gente leu assim o livro, a gente acha interessante, só que no final, não foi o que a gente esperava.

Luna, 14, F: Ah! Eu vou concordar com a Carla né, por causa que, tipo assim... não foi tudo o que a gente esperava, a gente esperava que ia ter mais suspense, mais terror, mas... não foi o que a gente esperava. Só pensava em vingança, em derrotar o bruxo.

Daiane, 15, F: Pra mim eu começava a ler o começo, já queria ir lá no final pra saber como é que era tipo..., é que nem novela né, a gente tá lá e quer saber o final, será que o vilão vai ser

preso, não sei o que, e pra mim eu não esperava o final porque eu achei que ia... eu ia ter o suspense, tipo... não ia falar quem era o vilão, ia deixar aquele suspense, não queria falar, mas... foi muito boa, mas o final não foi o que eu esperava realmente.

Geovane, 14, M: Ele tava também tentando ser o mocinho né, da história né!

Kelly, 14, F: Pra mim, no começo assim, quando eu comecei a ler o livro, tava prevendo o final, mas... um final mais... nossa!!!, mais emocionante ainda, ia terminar no meio de uma frase pra gente querer já a segunda, tipo assim, segundo volume pra continuar aquele negócio, só que não foi não. Chegou no final, assim, até estranhei aquela frase que ele falou “Cuidado comigo”, cuidado com o que meu deus?! Ele não fez nada!

Alana: Foi inesperado porque eu achava que ia ter mais é... coisa e eu achei que ele ia escapar de novo.

Gael, 14, M: Tipo, eu achei que foi já... sem ser inesperado porque ele já era mal, já era de se esperar, porque ele já era, ele já era mal e um pouco do bem, daí por isso que fizeram isso com ele.

Vicente, 15, M: Eu também... a coisa que eu falo ele falou, mesma coisa.

Jenifer, 15, F: Eu não sei explicar.

Daniel, 15, M: Eu achei inesperado porque faltava só duas horas pra ele conseguir... tipo, governar o mundo e depois ele... só viu o mago na televisão e... já voltou pro mundo.

Ana Patrícia, 14, F: Bem, eu não sei explicar bem essa parte né, mas se ele... se no começo da história ele foi mal, ele terminou mal né!

Tito, 14, M: Eu achei, eu achei ele... inesperado porque quando eu leio, eu não perco tempo em imaginar o final. Eu gosto do mistério. Pra você, tipo, ter a reação, depois você podia comentar [...].

Mariana, 14, F: Eu acho que foi meio in... é, que foi meio esperado, porque do jeito que, não assim, já dava pra dar uma imaginada no... final do texto, mas só que tipo assim, do jeito que as coisas caminhavam tava sendo do mal, então pra mim, quem começa mal tem que terminar mal também!

Taís, 14, F: Pra mim foi um pouco inesperado porque tipo eu achei que ele ia conseguir se dar bem né, mas, porque como o livro fala que ele tentou se vingar das criança, tal, ele acabou, ele começou dando mal e acabou terminando mal.

Aline, 15, F: Eu achei inesperado também porque eu achei que o Edgar, ele ia... que o Edgar ele ia... fazer o bem e ajudar as criança né, ajudar os pai das criança educar as criança, mas ele acabou morrendo.

10- Vocês acharam a leitura fácil ou vocês precisaram de dicionário pra conseguir ler o livro?

Kelly, 14, F: Achei fácil, com palavras comuns.

Talita, 14, F: Muito fácil.

Geovane, 14, M: Também achei fácil. Só os nome que enroscou as letra.

Kelly, 14, F: Li em meia hora ele, usualmente eu levo mais tempo né, procuro traduzir as palavras que eu não conheço né, mas...

Daiane, 15, F: Pra quem gosta muito de ler, foi fácil né. Eu gosto muito de ler, pra mim é gostoso, assim ler sozinha, no silêncio, eu... gostei.

Kelly, 14, F: Se tiver sozinha assim, eu leio tudo. Quando a gente começa a ler, a gente não consegue parar.

Luna, 14, F: A gente não para, parece que a gente entra dentro do livro, a gente imagina.

Kelly, 14, F: Minha mãe fala que eu sou meio psicopata né, quando eu começo a ler assim eu “Ah!”, “Não acredito!” “Aconteceu isso... isso... . A minha mãe fala - Vai ler o seu livro quieta!

Cristiane, 14, F: Igual eu. Eu tava lendo outro livro também e a minha mãe, tipo, eu via coisas interessantes, eu dava um pulo e gritava e a minha mãe – Menina larga de ser doida!

Geovane, 14, M: Ai eu consigo ler assim, tô lá lendo, de repente começa, vem o Braian e começa a gritar na minha oreia, aí eu já me estresso, e lá em casa é uma guerra pra ler né! Por causa que quando eu começo a ler, começam a gritar, chamar a gente, - Vai catar isso! – Vai fazer aquilo! Ô raiva, daí tem que ler tudo de novo. Aí tem que ler tudo de novo.

Kelly, 14, F: Igual lá em casa, ô raiva!

Daiane, 15, F: Aí você esquece tudo.

Daiane, 15, F: Ai que raiva, minha mãe faz isso.

Kelly, 14, F: Nossa! Você esquece o livro, dá uma raiva, tem que ficar cuidando, trancar a porta do quarto. No meu quarto não tem tranca né, daí ela mete o pé e entra lá, faz a bagunça, você tá tentando levar ela pra sala. No silêncio dá até pra imaginar assim, você tá dentro lá, só que a Laurinha tá lá, você tá lendo, um olho tá aqui e o outro tá lá. E eu, guria o que você tá...

Daiane, 15, F: Quando eu começo a ler também, não consigo parar, mas quando me interrompem eu já deixo o livro de lado e já fico estressada, mas... no silêncio é bom, minha irmãzinha também é um... caramba! Quando a gente precisa de silêncio não tem, mas quando a gente quer a bagunça, tá tudo um silêncio, um cri cri cri.

Alana, 15, F: Eu achei fácil!

Gael, 14, M: Eu também achei fácil, só tem algumas palavras, nomes diferente que é difícil de pronunciar.

Vicente, 15, M: Eu também achei fácil só que umas coisa num encaixava bem, mas achei fácil também.

Jenifer, 15, F: Fácil, mas só que o nome das pessoa era meio difícil.

Daniel, 15, M: Fácil.

Ana Patrícia, 14, F: Ah! Também achei fácil, não achei assim muito difícil, precisa de dicionário não, achei bem fácil.

Tito, 14, M: Também achei fácil.

Mariana, 14, F: Eu achei fácil, mas só que eu achei as palavra muito difícil de se ler assim, é.

Taís, 14, F: Ah! Eu achei fácil só mesmo os nome né, por ser uma literatura diferente pra mim.

Aline, 15, F: Eu também achei fácil.

11 – O que vocês pensam sobre a maneira como as personagens conversam, o modo de falar combina com o modo de ser de cada uma delas?

Maria Eloá, 14, F: Ai meu deus do céu! A fala do Edgar não combina muito com ele, por causa que... não lembro tia... deixa eu lembrar, depois...

Luna, 14, F: Ah! Eu também acho que não combina muito não por causa que... ele na metade, ele só pensa na vingança e na outra metade ele pensava em estudar, em ser que nem o pai dele, dar orgulho pro pai dele. Isso.

Daiane, 15, F: Pra mim, eu acho que combinou o linguajar assim, ele era uma criança ainda né, mas... é, o barão eu esperava mais dele né, porque ele era um tão... assim tão profissional, pensava tão longe pra construir as coisa, que eu esperava mais do linguajar dele.

Kelly, 14, F: Do barão eu não esperava dele não, pra mim ele tinha que ser mais, falar assim, ter a língua mais tortinha assim, pelo jeito de ele ser né, aí... o Edgar também eu não gostei muito da fala dele não, acho que poderia usar palavras mais... conhecidas tipo cólera, essas coisas, balbúrdia, “Aí chegou aqueles meninos fazendo balbúrdia...”, esses negócios assim, essas falas... nossa!, seriam muito legal se tivesse colocado nele porque ele ia ser um tutor.

Mas, me deixe entender, tiveram essas falas mais difíceis ou não ?

Não teve, isso que eu acho que faltou na fala dele.

Talita, 14, F: Eu acho que não combinou com ele. Que nem ela falou, tipo assim, uma hora ele quer estudar, ele quer tal, que quer ser, depois vem falar de vingança, sei lá, eu acho que não combina muito.

Carla, 14, F: Eu acho que não combina com ele porque assim, ele era um cara estudado né, deveria ser o cara, mas ele não foi, ele foi assim mais simples né, normal, assim.

Geovane, 14, M: Ah! Concordo com elas aí, e... só.

Cristiane, 14, F: Eu falo assim, porque eu não entendi direito, uma hora ele era um cara estudioso, gostava de estudar, outra hora ele queria vingança, então eu não entendi se ele queria ser o mocinho da história ou se queria ser o vilão.

Alana, 15, F: Não, porque assim eu esperava que ele ia ser bom, mas no final eu vi que ele era mal.

Gael, 14, M: Ah! Assim, mesma coisa que ela falou porque ele era uma pessoa boa e mesmo tempo mal porque mesma hora que ele queria o bem das criança ele queria o mal.

Vicente, 15, M: Não também, que ele era duas pessoas no mesmo tempo, duas cara como é que fala né, do bem e do mal, na hora que ele queria.

Mas a linguagem deles combinava com o tipo que eles eram?

Jenifer, 15, F: Não, porque ele era meio... do mal, o dia que veio do bem mas, ah! o jeito de eles falar não combina não.

Daniel, 15, M: Não porque pra um preceptor, quer dizer, professor, não combina um professor falar algumas coisa.

Ana Patrícia, 14, F: Não, porque ele era estudioso né, acabou sendo uma pessoa mal, fazendo assim, tipo duas cara né, que nem falaram né, fica bem esquisito né.

Tito, 14, M: Ah! Acho que não combinou porque a... como a fala culta o professor usar esses tipo de palavra, esses... palavras, vocabulário e forma de se expressar, não combina com professor.

Mariana, 14, F: Eu acho que não dava muito certo não, esse negócio dele falar aí, porque ele... ele, ele era uma pessoa do mal e ele falava, ah! sei lá do jeito que ele falava.

Taís, 14, F: Pra mim não, porque tipo assim, enganou tanto quem, os personagem quanto eu porque achei, porque no começo ele era uma pessoa boa, só que no final ele acabou se mostrando que ele era duas cara, entendeu?!

Aline, 15, F: O meu é o mesmo que a Taís falou.

12 – Há muitas gírias no livro? Essas gírias são interessantes? Esse tipo de livro pode trazer gírias? Em que situação?

Kelly, 14, F: Posso perguntar uma coisa, o que é gírias?

Todos: Não, não teve.

Kelly, 14, F: Tinha que ter mais nos filhos do barão né, por eles serem muito bagunceiros e todos os tutores antepassados não ter conseguido é... ensinar nada a eles, sei lá, eu acho que eles deveriam ter um, tipo assim, uma linguagem mais popular. Tinha que ter uma linguagem mais diferente, ele ser mais educado, não todos falarem tipo, comum, todos falarem iguais.

Geovane, 14, M: E mais desenvolvido né?!

Daiane, 15, F: Pra mim é um livro de suspense, eu não esperava gíria não. Não acho legal não, num livro de suspense gíria, eu acho que não combina.

Kelly, 14, F: Mas ele não parece ser um suspense assim pelo lado do livro, como o Geovane disse no comecinho, é um livro infantil pra mim, e foi muito nesse aspecto.

Daiane, 15, F: Achei bem interessante, bem suspense também, quando a gente deixa de ler um pouco pra ler no outro dia, tipo esperar um pouco, depois ler, eu achei um suspense, um pouco de suspense.

13 – Vocês acreditam em todos os fatos contados ou vocês viram exageros na história? Por que?

Kelly, 14, F: Bem... não, acho que faltou exagero né (risos), é que eu gosto de histórias exageradas, quando na parte assim que eu achei, que eu comecei a me emocionar quando ele chegou que tinha cabeças em estacas no castelo, aí, eu falei –Nossa! Vai acontecer alguma coisa ali dentro! Eu estou esperando.

Talita, 14, F: Eu acho que não, eu concordo com a Kelly, faltou exagero, eu gosto assim de história meio exagerada, mas acho que faltou.

Carla, 14, F: Eu também acho que faltou exagero.

Mas os fatos narrados parecem ser reais mesmo ou não?

Assim, eu fiquei até com medo né, porque tipo, você está lendo tipo, era uma história de terror, e as pessoas tinham que ler o terror né, pra ele voltar, então como está no final, voltarei, tipo, você ficou com medo. Que vai que você tá lendo a história de terror né, vai que...

Maria Eloá, 14, F: É... nessa parte aí, eu tava lendo lá de boa, e meu pai pegou né, eu tranquei a porta, ele pegou e chutou a porta, mas naquilo eu levantei da cama rapidinho.

Geovane, 14, M: Ai eu acho que faltou um pouco mesmo, porque... e também é meio mentiroso né... das criança lá falando lá, que vai voltar, vai voltar o que? Ele que está, ele que é o autor do livro. Tá bom.

Kelly, 14, F: Mas ele pede pro amigo dele escrever por ele né?!

Cristiane, 14, F: É, eu achei também que precisava um pouquinho mais de exagero. Essas partes que eles tavam falando eu fiquei meio com medo também. Eu tava lá em casa, eu lembro até agora, eu lembro até hoje, eu tava lá em casa assistindo, ou, lendo, e aí um menino da minha ..., ele gosta de brincar de pic esconde e aí, eu lembro que eu estava lá dentro e falei vou deitar e vou ler né, e aí nessa hora, ele brincando com a minha mãe, eu não tava muito bem da cabeça, eu não tava muito legal aquele dia e ele deu um susto ni mim. Eu até pedi desculpas, mas eu xinguei o menininho todinho.

Maria Eloá, 14, F: Eu acho a mesma coisa que a Kelly falou.

Luna, 14, F: Não, eu acho que precisava mais de exagero, bem exagerado né, por causa que não foi muito que a, os leitores esperava. Assim...

Daiane, 15, F: Eu também achei que faltava exagero né, não tão exagero, porque aí já ia ficar meio sem graça né, sair fora da linha, mas, um pouco de exagero seria bom.

Kelly, 14, F: Faltava a imaginação do autor!

Tito, 14, M: Eu achei, no começo eu achei que era exagero, porque quando ele ia pra casa do barão de Montford, só que depois, quando ele conheceu, que ele começou a ver a casa daí eu comecei a achar que era real.

Mariana, 14, F: Bom, eu achei que era real porque lá nessa história tem bruxo, tem essas coisa, tem morte e que nesse mundo real também tem.

Taís, 14, F: Ah! Eu achei que tipo foi real né, porque ele tá contando a história dele, então... tá contando o que ele passou mesmo.

Aline, 15, F: Eu achei também que foi real porque ali no livro fala sobre... a vida dele né, que ele passou, as aventura...

14- Pra vocês uma história é mais interessante quando mostra bastante fantasia ou quando se parece mais com a realidade?

Kelly, 14, F: Já falei, já respondi, ela então... que eu prefiro que ela tenha muita fantasia, pra gente imaginar cenários, eu acho que é bem legal.

Daiane, 15, F: Pra mim eu acho que... é os dois né, porque a realidade agora a gente é... consegue praticar no dia a dia né, porque a gente é igual o que acontece comigo, mas a fantasia também agora a gente consegue pensar outras coisas diferentes que não podem acontecer, que não... acontece no dia a dia, os dois pra mim seria ótimo num livro.

Luna, 14, F: Ah! Eu acho que só a fantasia né, imaginar como é que é, imaginar estar num lugar, imaginar os personagem é mais legal.

Maria Eloá, 14, F: É porque faltou mais fantasia, não tem muita ação, é melhor coisa com ação, igual filme, tipo assim, você tá assistindo, e você pega e não tem nada de ação, aí atrapalha.

Cristiane, 14, F: É... eu também acho que faltou um pouquinho de fantasia. Assim, eu prefiro mais fantasioso por causa que dá pra você pensar no lugar assim, dá pra você pensar o cenário, tal. Na realidade você vai saber que você tá vivendo aquilo também, então eu já não sou muito assim.

Geovane, 14, M: Pra mim faltou muito a realidade por causa que aquilo lá era uma mentira. (risos) Tinha que ter mais terror ou uma coisa assim, mas eu acho que eu prefiro mais a realidade.

Carla, 14, F: Mas eu ainda prefiro mais ele... mais real. Que assim, eu gosto bastante das coisas mais reais assim.

Luna, 14, F: Eu também, eu acho melhor tipo assim, os dois, eu gosto mais se fosse da realidade, que, tem alguma coisa que você pode tirar assim pra praticar... usar no dia a dia.

Kelly, 14, F: Pra mim depende, assim, porque tem aquela parte... se for romance, aí seria legal se fosse na realidade né... imaginação, mas o livro de aventura, de terror esse negócio assim, pra mim tinha que ter muita coisa.

Alana, 15, F: Com mais fantasia porque assim, eu gosto mais quando ele, ah! imaginação né! Gosto mais quando parece que... a minha mente, eu acho isso.

Gael, 14, M: Ah! Eu acho mais parecido com o mundo real porque você tá contando a história do que acontece no mundo, não tá contando daquelas fantasia!

Vicente, 15, M: Eu acho uma história real também.

Mas vocês gostam de histórias que são mais fantasiosas ou de histórias mais reais?
Mais reais.

Jenifer, 15, F: Histórias mais reais.

Daniel, 15, M: Fantasia. É muito mais gostoso na hora da leitura.

Ana Patrícia, 14, F: Eu gosto de história real né, porque fantasia fica, ah! sei lá, muito sem graça o livro. Porque assim, pra nossa idade né, real.

Tito, 14, M: Eu prefiro... assim, eu não tenho preferência dos dois porque a realidade é boa, a fantasia também, pra gente não perder o... assim, a nossa combinação. A gente lê na fantasia, a gente pode imaginar na nossa cabeça o que tá lendo.

Mariana, 14, F: É... eu gosto mais do livro quando ele fala sobre a nossa realidade, sobre o que acontece realmente no dia a dia, pra mim, pra... pra gente ver, se o povo mesmo, assim... tá sabendo tudo de ruim ou de bom que tá acontecendo na nossa realidade.

Taís, 14, F: Ah! Eu gosto dos dois, tanto da real quanto imaginário, porque tipo, coisa real é como eles falaram, porque a gente pode saber o que acontece né! E o imaginário, porque a gente imagina, a gente pode, entendeu?! Ir além.

Aline, 15, F: Eu acho também real, o... real.

15 – O que seria um livro de fantasia pra vocês?

Alana, 15, F: Ah! Sei... Ah! Seria, tipo, eu não sei explicar.

Gael, 14, M: Ah! Eu acho que um livro imaginário fala sobre bruxarias, lendas, essas coisa que não existe.

Vicente, 15, M: Eu acho que o... imaginário, ele não acontece, é tudo imaginação mesmo.

Mariana, 14, F: Ó! Fantasia pra mim é tipo assim, o, o texto contar assim, sobre duendes, fadas que... que a gente vai pegar, imaginar, o... o balde de tijolo... (risos) de tesouro que existe no fim do arco-íris, é tudo fantasia, uma coisa que não é real.

ENTREVISTA COM ALUNOS: DESCULPE A NOSSA FALHA

1 – O que vocês acharam de mais interessante no livro? Gostaram dele?

Cristiane, 14, F: Ah! Eu gostei, ele pelo menos é mais interessante que *A fuga de Edgar*, porque na fuga de Edgar falava sobre muito, falava sobre palácios, pessoa, assim, pais que mimava muito as criança, mas assim, era grosseiro com os outros e esse livro mostra um pouco da realidade também, como você pode perceber, é... as vezes também acontece isso, tem gente que faz esses roubos pra passar *pros* outros, mas no caso normalmente é cola né, no nosso caso. Acontece na escola esses negócio.

Luna, 14, F: Ai... eu gostei do livro, ele foi muito bom, mais bom que aquele lá, *A fuga de Edgar*, que não foi tudo que eu esperava, mas esse livro foi mais bom do que o... a fuga do Edgar.

Maria Eloá, 14, F: Eu acho a mesma coisa que ela.

Geovane, 14, M: Ai eu não gostei de nenhum dos dois.

Aline, 15, F: Eu gostei mais dele, que ele fala mais coisa que acontece assim na vida da gente.

Geovane, 14, M: Eu não gostei de nenhum dos dois porque *A fuga de Edgar* é muito mentiroso né, e esse aí porque é muito... como é que fala, é... não é interessante, mesmo assim é chato, no mesmo momento é chato, por causa que... a... punição dele foi muito pouco, por causa que tava no 9º ano, aí depois já vão embora, porque foram expulso? Podia ser mais grave, é tavam no 9º ano, aí já vão embora no ano que vem, pra que expulsar?!

Kelly, 14, F: Praticamente são mini homens né, já têm barba.

Carla, 14, F: Eu, eu gostei mais d'*A fuga de Edgar*, eu não gostei muito desse não porque ele..., como eu posso explicar, assim, *pra* mi foi um pouco mais difícil de ler né, porque eu tenho dificuldade mais pra ler e também as palavra tavam um pouquinho mais difíceis, aí eu prefiro mais a fuga de Edgar.

Kelly, 14, F: Bem, eu achei o livro razoável, porque... eu gostei das palavras difíceis, assim, só que, como eu disse, eu gosto mais de... sonhar, tipo assim, mais imaginação. Como foi realidade, mas só que o bom desse livro foi que ele... fez, como posso explicar... ele mostrou mais a realidade pra gente assim, do que acontece nas escolas e... na verdade, pelo que eu entendi parece que aquela escola não era pública, [...] igual quando vazou na internet as respostas do enem, muito parecido com essa história aqui também, só que daí esse livro também fala é... de como os alunos se enturmam, os bagunceiros, tipo assim, se pode ver que os bagunceiros igual eles falaram assim, todo mundo estranha quando a gente tira nota boa, mas eu posso falar assim, que eu era bagunceira, quando eu comecei a tirar nota boa, os professores começaram a, tipo assim, começou a me observar melhor né, pra ver se eu tava perto pegando cola, eu peguei um pouquinho assim, tá (risos), mas assim, eu acho que o comportamento deles... não é muito diferente.

Alana, 15, F: Ah! Interessante e meio desanimado, porque... assim, eles faz coisa errada né, eles compra as resposta e as prova né, eu achei, sei lá...

Você falou que o livro é interessante e desanimado, certo? E por que interessante?

Porque eles se dão mal.

Jenifer, 15, F: Um pouco desanimado e... sei lá... não tem nada de interessante nele. Ah! Eu pensei que eles ia se dar mal, mas não se deu! Se deram!

O que seria se dar mal?

Ah! Apanhar. Eles ser expulso.

Mas eles foram expulsos!

Foram não! Eu li até o final! Tá difícil, tá difícil de entender.

Karina, 14, F: Eu não li. (risos)

Daniel, 15, M: Ah! Eu... olhando a parte que eu não li tudo, eu... achei desagradável porque, eles invece deles estudar pra prova, eles colaram e isso é errado.

Tito, 14, M: É... eu achei ele meio engraçado porque eles tava com [...] e eu achei meio chato porque em vez deles colar, eles deveria estudar.

Mariana, 14, F: Eu achei o livro chato e legal porque chato, fala um pouco da escola, assim, fala da escola..., a escola não é chata gente, só não é interessante (risos), e também porque é... porque é feio colar na... na prova né, é feio, não pode querer resposta né, se tem que estudar. (risos)

Gael, 14, M: O que eu achei do livro, muito interessante e chato, porque ele, o Sérgio deveria estudar pra... pra prova e o... Fábio tinha que estudar pra conseguir um serviço melhor, porque ele trabalha de faxineiro né, ele deveria ter um serviço melhor.

Daniel, 15, M: Não é o bedel?

Gael, 14, M: É o Fábio.

Quem são as personagens do livro?

Gael, 14, M: Bem, é o Carlão, a Bebel, o Sérgio e o Fábio

2 – O que agradou vocês na leitura, qual foi a parte que vocês mais gostaram?

Cristiane, 14, F: Eu gostei da parte que a Cristina pôde ter a nova chance.

Luna, 14, F: Eu gostei da parte que o... esqueci, não sei se era Sérgio, Serginho, ele pediu uma nova... eu acho que ele pediu uma nova, uma... Cristina em namoro.

Maria Eloá, 14, F: Que eu achei desse livro? Que, tipo assim, que eu esperasse mais, as coisa, ai professora, a parte que eu mais gostei mesmo foi a parte que ele... puniram eles, mas só que eu não gostei muito da punição não, eu queria que fosse [...].

Geovane, 14, M: Ai, igual ela né, porque a Cristina teve segunda chance por causa que ela, ela quase não participou de quase nada lá, por causa que ela não pagou, o Fábio, não sei qual que... deu a cola pra ela né, por causa disso que ela teve segunda chance.

Carla, 14, F: Eu? Mesma coisa que ele, porque assim, ela não participou muito né, ela só... aí no caso... que ela teve a segunda chance, só.

Kelly, 14, F: Ah! Eu gostei no final, que depois que eles foram expulsos da escola, cada um acordou pra vida, e viram que aquilo lá não era mais uma brincadeira, aquilo lá era vida real. Aí como... eles começaram a estudar de verdade, coisa que lá só era brincadeira pra eles, quando eles começaram a estudar de verdade, aí eles conseguiram se dar bem na vida, que no final dá pra ver que cada um consegue uma... vocação muito boa.

3 – Qual é o assunto, o tema do livro?

Gael, 14, M: A nossa falha! A falha que nós tem que, a gente em vez de estudar, a gente cola.

Mariana, 14, F: Calma lá hein! Não é total assim não tá! Fica falando da vida dos outros assim! (risos)

Mas isso não acontece na escola de vocês?
50%.

Gael, 14, M: Ô professora, ó, de 100%, 99 é colão.

Mariana, 14, F: Não, todo mundo quer ter a resposta da prova, mas não pode, então, tem que estudar.

Tito, 14, M: Prova de dupla obriga a estudar também.

4 – Então esse livro mostra a realidade de alguma escola?

Todos: Mostra.

Mariana, 14, F: É, do Iara.

Alana, 15, F: Não só do Iara, mas toda as escola.

Daniel, 15, M: Até as escola particular.

5- E é certo colar?

Todos: Não.

Mariana, 14, F: Tem que estudar!

Alana, 15, F: Eu já colei.

Daniel, 15, M: Professora, e quando a pessoa forçar pra você colar?

Kelly, 14, F: Ah professora, vai me falar que você nunca colou? (risos) E outra, esses professores dormem tanto no ponto, que tem tantas forma de colar, tipo, as meninas vem com shorts assim né, elas escrevem nas pernas a resposta e coloca shorts, daí qualquer coisa assim,

só puxa lá, vê, também tem negócio de escrever no coisa do estojo, ah! se fosse pra mim innumerar as... maneira...

Mas essas colas chegam a ser igual a situação que aconteceu no livro?

Todos: Não

Kelly, 14, F: Ele vendeu um trabalho!

Geovane, 14, M: A prova, os professores fez a prova e eles pagaram pra passar as prova pra eles.

Kelly, 14, F: Na verdade quem pegou, na verdade eles não fizeram, quem fez foi o bedel né, ele ficou muito tentado, também que ele tava passando necessidade. Eu acho que a decisão dele foi muito, assim, ele não pensou muito nas consequências porque no final ele perdeu o emprego e aí que a família dele vai passar mais necessidade ainda, ele deveria não ter pensado somente nele, eu sei que ele não pensou somente nele na hora de aceitar o dinheiro, mas ele deveria ter pensado mais nas consequências.

6- Aqui estamos comentando sobre a cola, o copiar algo do outro na hora da prova, mas no livro, o tema é a cola ou eles fizeram coisa pior?

Tito, 14, M: Eles... subornaram o zelador. O zelador, eles fez o papel que não deveria de fazer.

Gael, 14, M: Eis forçaram, eles roubaram as provas pra melhorar...

Alana, 15, F: Não foi eles, foi o bedel!

Gael, 14, M: É... esse trem, eles roubaram a prova lá pa... se dar bem na prova e ter uma nota boa.

Alana, 15, F: E ainda ofereceram dinheiro ainda, e a calça colorida.

Tito, 14, M: O bedel deveria de... incentivar eles e não ser diferente.

7- Mas o bedel era um homem pobre ou rico?

Todos: Pobre.

Gael, 14, M: Porque se ele fosse um homem rico, ele teria um serviço melhor ou não trabalharia, e... ele trabalha como zelador.

Rico não trabalha?

Não, ou ele trabalharia, ou... ou ele não trabalharia ou ele teria um serviço melhor, mas ele trabalha num serviço comunitário, uma coisa assim que fala, que ele é zelador.

Mariana, 14, F: Hein, ele trabalha na escola, o que que a pessoa vai tá fazendo numa escola, limpando vaso de escola?

Daniel, 15, M: É verdade isso.

Então chegamos à conclusão de que ele não era um homem rico, sendo assim, ele tinha dificuldades financeiras. Dessa forma ele tinha razão ao roubar as provas para dar aos meninos, já que ele precisava do dinheiro?

Metade: Sim

Metade: Não

Alana, 15, F: Ele não tinha direito de fazer isso né, ele tinha que incentivar os meninos, mesmo precisando de dinheiro, ele tinha que incentivar eles, não a roubar provas em troca de dinheiro.

Jenifer, 15, F: Acho que ele fez certo e fez errado, porque ele tava precisando. O certo porque ele tava precisando de dinheiro, o errado porque também ele deveria ter falado pro Sérgio que não deveria porque ele tava ali pra... a sua função era cuidar de uma coisa e não... ficar ali pra roubar.

Então quando estamos sem dinheiro e precisando das coisas, podemos roubar?

Jenifer, 15, F: ... Não sei.

Karina, 14, F: É...

Daniel, 15, M: Eu acho que ele fez errado, porque mesmo uma pessoa precisando de dinheiro, a pessoa tem que ser honesta, e no caso, crianças, adolescentes, ele tinha que incentivar, mesmo que ele tá sem dinheiro.

Tito, 14, M: Eu acho que ele fez errado, se ele tá sem dinheiro, tem que pedir ajuda ou ele poderia pelo menos assim, ajudar eles a estudar, mesmo ele não tendo... poderia não ter, acho, a especialidade possível, mas poderia sentar e estudar junto com ele, sem ser tipo...

Mariana, 14, F: Eu acho que esse... o cara aí, o bedel, ele tava errado porque ele tinha que incentivar os piá lá a querer estudar, gente! Não pode ir lá, cobrar os piá lá.

Gael, 14, M: Ele fez a coisa errada porque invés dele ter... feito isso, ter roubado por dinheiro, ele deveria ter incentivado a... os meninos a estudarem pa prova.

Kelly, 14, F: O que que adianta você fazer isso que, igual ele que no livro mostra que ele não conseguia dormir à noite, a consciência pesada, aí que adianta você fazer isso e não conseguir dormir à noite? Sabendo que o que você fez foi errado?

Cristiane, 14, F: Ai eu também acho assim, do que que adianta, se ele tinha várias formas de conseguir o dinheiro pra ajudar porque sabia que tava precisando, tinha várias formas, ele foi de um jeito mais rápido, mais prático, mas ele sabia, eu tenho certeza que ele sabia que ele ia acabar se prejudicando, no final acabou perdendo o emprego, não mandei ele se prejudicar!

Kelly, 14, F: E correndo o risco de ser preso né, porque o que ele fez...

8 – Vocês já passaram por uma situação parecida?

Jenifer, 15, F: Não, graças a deus não.

Mariana, 14, F: Sim, mas só que não é de dinheiro, não é de escola. É meu pai e eu, sabe assim, ô professora, não posso contar essa história, se não vou passar vergonha. Entendeu?!

Daniel, 15, M: Eu já pedi cola.

Alana, 15, F: Já pediram cola pra mim e eu di cola tenaz.

Tito, 14, M: Quando me pediram cola eu não dei cola, eu estudei junto com a pessoa, foi diferente.

Gael, 14, M: O professora, eles pediram cola, mas eu dei a cola branca tá!

9 – A escola de vocês tem alguma semelhança com a escola descrita no livro?

Karina, 14, F: Não muito.

Alana, 15, F: Ah! Não muito, pelo que eu conheço ali, na nossa sala... a maioria é inteligente, os outros tudo... é, os outros não é inteligente não.

Jenifer, 15, F: Eu acho que não, porque a... nossa sala, sei lá, tem um pouco de inteligente, tem um pouco de... é isso aí mesmo. Aí tem... acho que, os professores faz um pouquinho mais, ah, sei lá.

Mariana, 14, F: Na nossa sala e na nossa escola tem um pouco disso porque a maioria é... de 90% só 10 se esforça pra, pra ganhar uma nota boa e pra passar. Aqui não reprova, mas com certeza, 10% se esforça.

10- Você acha que esse fato de a escola não reprovar ajuda o aluno a não querer estudar?

Todos: Ajuda

Gael, 14, M: Ajuda muito porque às vezes o aluno não estuda e mesmo ele não estudando, ele tirando zero na prova, ele passa, ele... a escola tinha que ser por nota né, porque daí todo mundo ia se esforçar pra passar.

Daniel, 15, M: A diretora da escola deveria ser mais severa, rígida, porque não deveria ser esse negócio de passar sem saber nada, isso não... chega lá no Oscar e nem sabe ler direito.

Tito, 14, M: Devia ser diferente, mais rígido.

11 – Qual a parte que vocês menos gostaram?

Cristiane, 14, F: Ah! A parte que... eles começaram né o... a comprar as colas, hum... achei aquilo desagradável, não gostei muito.

Luna, 14, F: Não gostei da punição, porque eles deveria levar uma punição mais, mais boa sabe?! Eles, tipo assim, deveria ser expulso e ao mesmo tempo pagar pena, trabalho comunitário, isso.

Maria Eloá, 14, F: Eu acho a mesma coisa que ela, assim, eles devia ser mais punido e eu não gostei muito das parte que eles escreveu e comprou as prova, é... aí eles deve estudar pra conseguir o que que a gente quer né, não é a gente ir lá e comprar né.

Geovane, 14, M: É... eu não gostei da punição. Foi muito fraquinha e porque Chico. O Chico ele respondeu as prova pra eles.

Carla, 14, F: Eu não gostei da parte que o betel, ele não deveria ter feito aquilo né, eu acho [...] é eu não gostei da parte que ele, então, ele não deveria ter pegado as provas né, tal né, recebido pra fazer aquilo, ele deveria ter falado não né, porque ele poderia perder o trabalho dele que ele perdeu, e... ele precisava do dinheiro do trabalho, então eu achei que foi isso.

Kelly, 14, F: A parte que eu não gostei foi do contexto da história que eu acho que foi muito desanimada, as coisas que eles faziam nas horas vagas, eu achei assim, nossa! Eles vão fazer esse negócio assim, eu acho que eles são, assim, acho que eles são do mal, vão fazer isso, isso e isso e vão lá é... tacar pedra no telhado dos outros né. Tava pensando numa coisa mais bagunceira da parte deles, achei que foi muito desanimado o livro.

12 – O livro mostrou uma série de quebras de clichês, como o caso do CDF Chico. O que vocês pensam a esse respeito?

Cristiane, 14, F: Tinha pepino aí no meio porque... eu acho isso estranho porque uma pessoa inteligente nunca o... mais inteligente nunca faz isso, no caso, eu achei ele... será que ele vai acabar... em alguma punição, alguma coisa então, ele é mais razoável, na dele, então eu achei muito estranho o Chico ter feito isso.

Luna, 14, F: Eu acho que tem algo por trás disso daí, ele fazer isso... assim, tem uma menina na nossa sala, a Samara, pra mim ela é a mais inteligente, mas tem, veio outro né que é o Marcelo, também inteligente, mas só que às vezes, às vezes, às vezes ela não sabe alguma coisa e às vezes ele sabe, daí fica esse, essa bagunça.

Cristiane, 14, F: Que nem o Gui, ele chegou lá que nem um CDF, ele chegou lá todo inteligente, aí se juntou lá... acabou. Nós não pode fazer nada se ele juntou com quem não deve.

13 – Tem alguma personagem que vocês acharam parecido com vocês?

Cristiane, 14, F: A Cristina! Por causa que tipo assim, eu... achei legal porque ela teve uma nova chance e também quero ser jornalista.

Luna, 14, F: É porque ela fala muito.

Maria Eloá, 14, F: Nenhum.

Geovane, 14, M: A Cristina né porque ela... ela colou, mas mesmo assim ela quis reverter a situação.

Carla, 14, F: Eu? Nenhum.

Kelly, 14, F: Eu acho um pouco o Chico que ele é muito gente boa assim, passando cola pros outros, às vezes eu faço isso, mas... acho ele muito legal, essa parte.

14 – Vocês concordam com a atitude dos meninos de roubar a prova?

Kelly, 14, F: Nossa! Quando ele quase foi... ele, fala assim... subornado por uma camiseta?! Nossa! A malha. Como falou ele ficou já meio assim... pensando “ai eu não vou pegar esse negócio, vai dar rolo”, mas acabou aceitando, acho que isso também mostra que ele é uma pessoa humilde né! Porque se fosse outro, é claro que queria outra coisa melhor, mas sempre... nossa! Com uma visão maior.

15 – Pra vocês quem é que tem maior culpa do roubo?

Geovane, 14, M: O Sérgio! Por causa que foi ele que inventou essa farsa, esse roubo. Por causa que ele mesmo teve que pagar o... faxineiro.

Cristiane, 14, F: Quem começou essa parte do dinheiro? Essa parte eu não entendi muito bem, eu queria saber quem começou é... esse negócio de dinheiro e tal pra pagar, porque, assim, eu acho assim que ele gostou de ter ganhado por isso, mas eu acho que não foi a primeira intenção dele.

Kelly, 14, F: Nessa parte aí assim, do Sérgio eu acho que a culpa não foi totalmente dele, porque, como assim?, se fosse a culpa totalmente dele, ele não manipulou, ele não obrigou ninguém a fazer aquilo que ele queria e outra, se ele quisesse fazer, tipo assim, se ninguém tirasse, se a culpa fosse só dele, ele ia falar pros outros e ele mesmo ia conseguir o dinheiro, como diz assim, os outros todos deu assim, quando ele falou assim, ah! consegui as provas só falta pagar, todo mundo quis ajudar né, todo mundo queria se dar bem, sempre o caminho mais fácil é o mais difícil, sabe né!

Maria Eloá, 14, F: O caminho mais fácil é o que mais dá dinheiro.

Cristiane, 14, F: Tem o caminho largo véio.

Gael, 14, M: O bedel, o zelador. Porque, os menino pediu pra ele, invés dele ter incentivado os menino, ele foi lá e fez por dinheiro.

Alana, 15, F: Ah... mesma coisa que ele. Ele deveria é... aconselhar a não ficar pegando dinheiro e pegar as respostas.

Jenifer, 15, F: O Sérgio e o bedel porque, sei lá, eles deveria dar... e ele também deveria dar, como fala, dar exemplo pros outros não fazer o que eles fizeram.

Karina, 14, F: Foi o bedel porque ele tem consciência, ele tem..., ele sabe o que isso pode provocar, porque se, mesmo passando, chega lá na frente com certeza ele vai cair do cavalo e vai ser pior do que, do que agora ele reprovar e fazer tudo de novo pra pelo menos aprender que ele tá fazendo, ou ao menos incentivar os meninos a estudarem mais, a se dedicarem mais ao estudo.

Daniel, 15, M: O bedel porque, quando as pessoa foi pedir pra ele, ele devia ter falado não, não ter concordado por causa de dinheiro, se tava precisando, pedisse ajuda.

Tito, 14, M: Eu acho que foi o Sérgio e o bedel. O Sérgio porque ele sabia da situação do zelador e ele começou a insistir muito, começou a... a... a camisa que ele gostava, o dinheiro também que ele tava precisando e o bedel porque ele caiu na tentação e acabou aceitando.

Mariana, 14, F: Eu acho que o bedel. Porque ele já era um adulto responsável, assim, pelos atos dele e que ele não... não devia ter aceitado o dinheiro e não devia ter roubado as provas gente! Ele tinha que ter incentivado essas crianças, sei lá, contar pros pais, pro diretor.

16 – Depois do resultado das provas, descobriram o roubo, pois todos tiraram notas altas. Assim, a direção, juntamente com os professores, tomou uma atitude. Essa atitude foi correta? Eles tiveram razão em expulsar os alunos ou agiram de maneira exagerada?

Geovane, 14, M: Não, foi muito pouco.

Kelly, 14, F: Pra mim foi boa sim essa punição, mas eu achava que aqui na escola, a gente faz assim, a punição é a gente ficar fazendo trabalho comunitário.

Carla, 14, F: Eu acho que ele devia fazer isso e ser expulso, mas...

Cristiane, 14, F: Porque eu acho assim, ser expulso, é eles já tavam..., ele ia mesmo sair logo, então acho que ser expulso não é a melhor opção pra eles.

Kelly, 14, F: É, eles sentiram na pele, que mostra no livro que o Fábio, acho que esse é o nome dele, ele ficava, ele bebia refrigerante e ficava pensando né, “o que que eu fui fazer!”, agora olha, tipo assim, cabe um tratamento psicológico. Tem uma professora que eu acho que, eu não sei se ainda está aqui ou já saiu, o nome dela é Maria Jussara, ela fazia uma pressão psicológica, tipo, lá na sala a menina rabiscou o caderno da outra, ela chegou assim, mas ela falou tanta coisa, mas tanta coisa que até os alunos, tipo assim, que não tiveram culpa de nada foi até ruim, porque nossa!, que vergonha gente, passar por isso, aí quando ela tava lá tipo, já sei quem tá aqui, mesmo ela sabendo assim, mesmo ela sabendo assim, os meninos se comportando normalmente assim, eu já sei quem tá aqui, eu já sei sim e ela tinha uma rixa contra mim, daí eu meio que... eu já tinha medo dela, mas a gente se peitava às vezes.

Geovane, 14, M: Quem rabiscou o caderno era com caneta roxa e eu tava com caneta roxa, então ela tava olhando pra mim, aí deu uma vontade de pegar e... brigar, mas...

Kelly, 14, F: E tudo o que a gente fazia, aquela pressão psicológica... também um dia eu trouxe um *tablet*, que um dia tinha uma festa junina, aí ela começou a fazer um piseiro ali só porque eu tinha trago falando que se roubarem a culpa ia ser minha, não ia ser da escola, ela fez um piseiro assim que eu saí daqui chorando, que ela falou tanta merda pra mim, eu nossa, aquilo lá foi o fim do mundo.

Gael, 14, M: Foi sim, porque eis pediram pro bedel roubar a prova, por isso que... eis... aconteceu isso.

Tito, 14, M: Foi um exagero.

Alana, 15, F: Ah! Foi um exagero né, expulsar todo mundo? Nem todo mundo tinha é... a ver com esse negócio, com esse negócio que eles... ah! Eu não li o livro.

Tito, 14, M: Não foi só os meninos que tavam envolvidos?

Mariana, 14, F: Foi só os piá.

Alana, 15, F: Eles tinha complicado.

Mariana, 14, F: Posso falar? Eu acho que a escola é... fez o certo né, não deveria ter feito menos, nem deveria ter feito mais, porque o aluno, ele subornar o cara pra roubar as provas gente?! Isso não... a escola nunca deveria aceitar um ato desse! Um aluno fazer isso numa escola gente! Isso... não é coisa decente!

Daniel, 15, M: Eu acho que a escola foi muito rígida, acho que eles pegou muito pesado, porque eu acho que todo mundo merece uma segunda chance. Deveria ter conversado com os pais deles, dar suspensão e ter escutado e ter feito alguma coisa mais com o bedel. Foi justo ele ter sido mandado embora, porque ele já é adulto, ele sabe das consequências dos seus atos.

17 – Então os professores às vezes erram também?

Todos: Todos

Cristiane, 14, F: É, eu lembro também uma vez que eu tava doente, a minha mãe falou que tinha que vim pra escola, mesmo assim pra não tá perdendo aula e tal e eu vinha só que aqui eu piorava, teve um dia que eu piorei e ela não queria deixar eu ir embora, eu passei tanto mal até que, todo mundo saiu fora da sala, eu sei que sujei a sala inteirinha de tanto que eu passei mal, aí ela pegou e falou que era frescura, que eu tinha enfiado o dedo na goela pra fazer aquilo e a minha mãe veio na escola, falou tanto pra ela, tanto, tanto, tanto, que eu sei que depois ela virou até amiguinha minha, ela veio, todo dia ela vinha conversar comigo, me acariciar e eu “rapaz te conheço”.

Kelly, 14, F: Não todos, porque tem professor também que é muito barreira, que não sabe punir a gente.

Geovane, 14, M: Ah! Eu também não gostei da atitude dela lá não, por causa que eu tava com uma dor de cabeça, ela foi e falou assim, vai pra sala e abaixa a cabeça.

Kelly, 14, F: Os alunos erram por, faz assim todo dia, que a gente quer ver... testa os professores na verdade, porque a gente fala aquele negócio e vê, se o professor for firme, brigar com a gente, tratar a gente com severidade, a gente, opa!, não pode fazer isso, agora se for tipo o Caíque, o Caíque assim, tipo, essa parte aí dos professores não conseguir punir a gente, é..., essa história que partiu dos meninos da nossa sala, é... e é tudo na aula de matemática assim, a maioria das vezes, que nas outras aulas eles tudo tinha medo, a Eva um dia viu, ela brigou, chamou atenção, nunca mais fizeram na aula dela, agora na aula do professor Caíque, que era tudo tipo assim, se virem, quem quiser aprender aprende, quem não quiser... se vira.

Geovane, 14, M: Tem, o igual ele passa o exercício no quadro pra copiar e pega e já vai lá respondendo, aí a pessoa espera ele passar, aí ele já vai falando, você vem responder, você aqui, você ali.

Kelly, 14, F: Antigamente eu vejo a diferença que os, as pessoas mais inteligentes do mundo saíram tipo, da época em que os professores eram severos, que eles podiam ter punições, só que aquelas punições acho que era um pouco exagerada.

Maria Eloá, 14, F: Também acho.

Kelly, 14, F: Acho que se fosse, ai como dizer, mais ou menos ruim, tipo, não precisa ajoelhar no milho, essas coisas, porque, ai, isso eu não acho que também estragou os alunos. Eu não sei se é bom ou ruim porque o que seria ruim pra gente né, agora, tipo todas as pessoas saíram dessa época, nossa, hoje são doutores assim, tem suas terras, alguns são, assim, bobinhos, porque naquela época não tinha tanta informação que nem a gente tem hoje.

Luna, 14, F: Ah! Não tinha internet praticamente.

Kelly, 14, F: Ai você pode perceber assim que o mundo da nossa época não vai sair nenhuma grande pessoa que vai criar, nossa!, essa pessoa criou vamos dizer, ai, um avião, por exemplo, hoje não se vê mais inventores como antes, não se vê mais, ai, escritores também.

Luna, 14, F: Mas tudo que tinha pra ser inventado já, já inventou.

18 – O final da história foi interessante ou vocês mudariam alguma coisa?

Gael, 14, M: Eu... eu mudaria o final da história por causa que eles foram expulso, a diretoria podia ter passado outra prova, como alguns que estudaram ia tirar nota boa e esses que não estudaram... aí eis..., eis... esses que pediu pro bedel roubar a prova ia se dar mal, ia comprovar que foi eles, não foi os outros.

Foi justo eles oferecerem uma segunda chance para Cristina e não para os outros? Por que?

Todos: Foi

Daniel, 15, M: Porque a Cristina tava precisando de nota.

Alana, 15, F: Ela não tava tão envolvida né!

19 – Vocês acharam essa leitura mais difícil ou mais fácil que a anterior? Por que? Como era a sua linguagem?

Todos: Mais difícil.

Jenifer, 15, F: Sei lá, tem umas linguagem diferente lá e eu não consegui entender.

Tito, 14, M: Uma linguagem mais culta.

Alana, 15, F: Prefiro *A fuga de Edgar*, porque a linguagem lá é mais fácil de entender e... a gente pode imaginar mais coisas.

Gael, 14, M: *A fuga de Edgar*, mesma coisa que ela falou.

Jenifer, 15, F: Também, lá a gente pode imaginar o que *tá* acontecendo e também dá pra entender bastante as coisa lá. E esse livro não dá *pra* entender muita coisa.

Daniel, 15, M: Eu achei a... *Desculpe a nossa falha* porque é... conta o cotidiano da escola, por isso eu...

Tito, 14, M: Eu... sobre a linguagem eu prefiro o *Desculpe a nossa falha*, porque eu aprendo palavras novas, uma forma de falar mais culta, mais legal.

Mariana, 14, F: Eu gosto d'*A fuga de Edgar* porque é um negócio assim, que dá *pra* gente imaginar bastante palavras lá que é até engraçada né, que a gente não sabe o que falar e tem que falar lá né, é uma linguagem mais difícil, só que é divertida.

Gael, 14, M: *A Desculpe a nossa falha*, a mesma coisa que o Tito falou.

Kelly, 14, F: Eu gostei do jeito que, o jogo de palavras que tinha... praticamente textos assim que ele colocava sem nenhuma palavra difícil, de repente assim, do nada, se tava lendo assim, passava rapidinho, depois se parava naquela palavra lá e ficava olhando pra ela. Ela chamava a atenção porque você não sabe assim, você não vai definir, mas quando se lia mais um pouco a frase, você conseguia identificar o que que ela significava, daí é sempre melhor procurar no dicionário né, porque...

Geovane, 14, M: Eu não procurava no dicionário, deixava pra lá.

Kelly, 14, F: Teve umas que eu não sabia a colocação delas, que eu lia na frase assim que eu precisei pegar o dicionário, mas acho que isso até foi bom.

20 – O livro se torna mais interessante quando é melhor elaborado, é mais “puxado”? Isso leva à reflexão ou é melhor um livro simples de fácil leitura?

Cristiane, 14, F: Eu acho interessante quando puxa mesmo a inteligência porque aí você lembra que tem que dar mais de si pra entender a história. Você pega aquele tipo *A fuga de*

Edgar, você vai ler lá, ah! legal, não entendi quase nada, aí você olha, ah! que bom, aí, tipo pelo menos esse você tem que ir lá, olhar pra palavra assim e dizer ó... que emocionante.

Luna, 14, F: Fiquei parada mesmo foi no, no nome do béudei, eu queria saber o significado dela..., é... bedel, eu fiquei beude, bedel, belo, assim, relendo.

Kelly, 14, F: Eu achei legal assim, que ela faz a gente pensar, ela faz nós termos um argumento, ter nossa opinião, eu acho que foi bom esse livro assim, pra gente pensar, bom que ele cria muito, ele tem muito argumento que a gente quer. Ah! Dizem que a cabeça de menina é tudo interligado né, então... ele me fez pensar assim, na situação do país, capitalismo, ele me fez pensar em como nós estamos agindo hoje em dia, me fez pensar a condição dos professores, praticamente está tudo interligado, então...

Maria Eloá, 14, F: Me fez pensar que algumas escola parece com a gente mesmo, que a gente cola, que a gente marca alguma coisa, a gente rouba, assim que nem eles e nem paga igual eles fizeram, e aí a gente tem que pensar bastante antes de fazer alguma coisa, que depois não tem como você voltar atrás.

Geovane, 14, M: Ai, eu pensei que tem, no, no passado né, que, que colocava no milho, na régua na mão, eles achava que isso educava? Não. Ah! Não precisava assim tanta rigidez, porque botar no milho, não é pai, não é nada!

Carla, 14, F: Ah! Ele me fez pensar em bastante coisa, como a gente tá vivendo, no dia a dia de cada um, é... tipo também se a gente tem que pensar bastante antes de fazer as coisa porque a gente pode ter consequências muito graves, deles não foi tão né, mas poderia ter sido. Só isso.

Luna, 14, F: Olha, eu não... tipo assim, como..., como é que eu vou explicar, posso dizer, simplificar, tipo, todo mundo conhece o Igor né, então vamos basear nele, a gente dentro da sala, tipo assim, a gente briga, briga muito, aí... tem o Igor né, que ele apronta mais do que vem pra escola, quando vem, aí que ele apronta, aí tá né... ele vai, ele fala, ai vou pra diretoria, ele vai e fala debochando daquilo, vou lá assinar a ata, acha que aquilo lá não é nada, mas quando ele crescer ele vai precisar ser alguém na vida e quando que ver a ata dele? Eles acham que a ata não vai fazer nada, mas prejudica.

Cristiane, 14, F: E muito. E outra, eles acham que na hora que a gente tá lá na faculdade, só se você for bem de grana e pagar né, porque quem vai... e pra pagar faculdade também pode precisar [...]. Se você pensar direito, é, eu acho assim que cada ata que você, eles vão descobrir mesmo se ele foi um bom aluno, se você... isso vai te ajudar no seu futuro, vai te ajudar na profissão que você vai querer. Você pode até ter tipo, que nem ela falou, hoje em dia não tem as pessoas inventores, mas se você se dedicar e lembrar que você pode também ser um inventor, você vai pensar, poxa eu tava errado e agora então eu posso mudar, essas atas vão me prejudicar, então vamos tentar evitar pra... vamos ver se eu posso ser melhor na vida.

Kelly, 14, F: Hoje em dia os desenhos que passam na televisão, é só televisão, tipo assim, antes você lia um livro, você imaginava tudo, hoje você deixa o livro pra trás, pra que que eu vou ler, pra que que eu vou usar a minha cabeça, imaginar, se eu tenho a televisão?! Se eu tenho desenho pra assistir tudo o que eu quiser, DVD, filme.

E os desenhos nos fazem pensar, refletir?

Kelly, 14, F: Usualmente não porque são mais assim, ultimamente... pelo que eu sei os mais, os que são mais assim de romance, de guerra, de terror e quando eu vejo assim é difícil, às vezes, nem, nem dá pra captar qual é a mensagem do livro, ops, do filme.

Maria Eloá, 14, F: Lá tem umas frases que a gente, poxa, mas poxa vida, o que tá tendo aí, eu não entendo, mas se tiver lá no livro assim lendo, a gente vai procurar entender, vai viajar.

Luna, 14, F: Agora que tem o DVD 3D né, pra que que precisa de ler.

Kelly, 14, F: Quando eu leio livro assim, eu tento imaginar no lugar da personagem, aí dá licença né! Aí quando você vê o filme lá assim, ai meu deus, como eu queria tá no lugar dessa menina! Ai que menino lindo, smac, fica mandando beijo assim, ah... fica fã, não dá graça.

Carla, 14, F: Então aqui é assim, você não vai ter tanto tempo pra ler, vai querer ah, enquanto o filme você fala ah, assisto à noite.

Luna, 14, F: É, mas agora não tô muito fã de televisão não, televisão pra mim tá saindo de moda.

Kelly, 14, F: Se pensa em livro, em vez da gente ler, ultimamente a professora passou assim, pesquisa, você vai ler esse livro?! Você vai lá na internet, pega o resumo do livro ou quando você não quer nem ler o resumo é só você procurar o filme do livro, assim às vezes o filme é bem diferente pra poder trazer, mas puxar, pra prender a pessoa na televisão. Se chega e explica com a maior pinta esse, aí a professora fala isso não tem nada a ver com o livro filha! Aí o que você faz?

Cristiane, 14, F: Eu acho também que a internet hoje em dia tá sendo muito, muito... de um lado tá sendo ruim, porque antigamente pra gente fazer trabalho, pesquisas, a gente usava a biblioteca municipal, ia atrás de biblioteca de escola, fazia as pesquisas, hoje em dia não, se, quase todo mundo tem computador, vai lá, pesquisa, pega tudo certinho, nem lê direito, só pega o resumo e pronto, boa, e as biblioteca tão lá com os livro tudo empoeirado, ficando véi, caindo os pedaço.

14 – Sabemos que o livro *Fuga de Edgar* só houve uma edição, porém o livro *Desculpe a nossa falha*, foi reeditado por quatro vezes, mudando a capa, procurando seguir as transformações por qual passava seu público alvo. Diante da observação do estado físico das obras, comentem:

1º A qualidade do papel e letra;

2º Capas

3º Imagens

Maria Eloá, 14, F: Eu acho assim que essa capa da fuga de Edgar traz suspense, ação, terror, tudo assim, e as folha é bem resistente e as letra são bem visíveis. A 1ª edição do desculpe a nossa falha a folha é a mesma da fuga de Edgar, ela vai durar assim, bastante tempo. Assim, os desenho... é bem colorida, chamativo, chama a atenção, assim dos adolescente *pra* ler, porque se você vê a capa assim, aí você pega, nossa! Ói que capa interessante, vai que o texto

também é interessante! Então... as figura basicamente assim, não tem nada a ver com o texto, igual, tem algumas que são tudo a ver com o texto, outras que não são a ver.

A segunda edição é a mesma capa da primeira, só que a outra era em forma menor e essa daqui é em forma maior e a segunda em forma maior, a cor dela assim, os desenho dela assim chama bem a atenção do que eles pensavam antigamente e do que a gente pensa agora.

A terceira edição já é nova, assim, e tem várias cor e tem pessoas desenhada junto, tem alguns desenho que também são bem legais, são bem chamativos, que chama a atenção da gente.

E a quarta edição ele já é assim, já mostra três adolescentes assim atentado, tipo... e a capa dele assim é bem, bem legal, se vê assim, não dá pra ver assim o rosto das pessoas, mas é bem legal, chamativo, as letra dá pra ler e os desenho assim é meio embaraçoso, mas também assim é legal, bem cabuloso, mas é legal.

Luna, 14, F: A capa de Edgar, ela chama atenção de uma forma, mas de outra forma ela já me dá muita, não tem muito sentido no que, tipo um... um castelo fugindo, alguma coisa assim. A folha também pela, pelo ano que ele é já...

Agora o desculpe a nossa falha, primeira edição é um livro interessante, a capa quando você olha assim, ela dá uma primeira impressão, mas quando você pega, ela já dá outra, uma coisa bem diferente, a folha num, parece que não é muito sustentável, as figuras tem um... tem algo a ver... é interessante, até o formato é interessante.

Agora a segunda edição do desculpe a nossa falha, a primeira pareceu mais nova, até achei que a primeira era mais nova do que a segunda, não sei porque, mas a primeira dá uma impressão, a capa é boa, a segunda também dá uma impressão boa, a folha também é boa, as figuras também tem algo a ver, outras não, as letras são bem visíveis, diálogo, do jeito que a produção, a história coloca os organizadores...

Agora a terceira, a terceira edição do desculpe a nossa falha, a capa eu achei bonita, diferente, uma coisa que eu nunca tinha visto, uma forma dá pra entender e outra forma não dá pra entender, dá pra perceber que parece que tem algo a ver com as escolas, tipo, se tirar na prova A, B, dá pra entender assim, só que tem outras que não dá muito pra entender, parece que alguém tá andando na rua assim no meio da letra, sei lá. A folha também é boa, sustentável, interessante, as letras também são bem visíveis, dá pra entender, as figuras umas tem a ver as outras não, tem uma tipo você lê no capítulo, aí tal e tal, fez isso e isso, aí você vai lá ver a figura, não tá o mesmo acordo que você vê.

Aí... a quarta edição, a capa é interessante... ao mesmo tempo parece que eles estão pensando sei lá, no algo que eles fizeram, a contracapa também é bem visível, esse negócio da edição também é bom, as folhas também tem, são boas, as figuras são ótimas, dá pra ver bem o que está acontecendo, aí só.

Kelly, 14, F: A capa do livro a fuga de Edgar sinceramente não... ficou a desejar, tem um castelo lá no fundo, um cavalo na frente, um cavaleiro, o problema é que esse negócio me confundiu um pouco, eu achei que seria uma história de cavaleiro sem cabeça né, se eu pegasse esse livro, tem uma árvore que ela tá meio sem noção, tinha que ter uma floresta pra representar aquela época que ele passou lá pra chegar no castelo. O castelo aqui nem tá tão assustador como foi escrito no livro, a folha... eu não sei se é porque eu gosto de folha envelhecida, mas eu adorei ela, ela tem uma textura boa, as letras também, tamanho acessível, muito bom, dá pra ler à noite né, quando a letra é pequenininha não... não vai, é... eu gostei muito.

Agora Desculpe a nossa falha, primeira edição, a capa parece de um livro didático, eu achei, se eu vesse na prateleira eu ia achar que era um livro dos professores, eu não ia pegar, os desenhos muito sem noção, que eu olhando, não tem nada a ver, sem cor, parece só esboços, não me chamou a atenção não. Usualmente quando eu vou ler um livro, eu pego, olho a capa e

os desenho que tá dentro, se não tiver desenho, aí melhor ainda né! Eu prefiro livro sem desenho. A letra... aí, as letras também são como a do Edgar, as letras são boas, a capa... é, as cores chamam atenção, só que foram usadas de forma estranha e o desenho não tem muito a ver.

E agora, a segunda edição do desculpe a nossa falha é a mesma coisa do primeiro, o que aconteceu só foi que eles aumentaram o desenho que chamava mais atenção só que tem uma parte que tava em preto e branco só que seriam provas rasgadas, eu acho não ficou muito legal, ainda assim, o que muda pra gente achar que é um livro pra gente é só o título, o restante continua boas assim, só que eu não gostei muito da capa porque se, ainda assim, se eu vesse ele na prateleira eu não pegaria.

Agora a terceira edição, a capa ficou mais sem noção ainda, porque, é que entendi que seria o gabarito e as pessoas é... esses daqui seriam os estudantes andando assim pelas suas notas né, mas hum... nada a ver também, não chama a atenção. Como que uma pessoa vai chegar lá, vai ver que obra é, vai achar que é um livro didático ou uma coisa assim, comunicação na escola, como eu já vi lá, muitos desse jeito. E o papel..., a textura dele não me agradou muito assim não, eu não acho que ele vai ser, é um papel durável. Os desenhos são iguais, parece que na hora dessas três últimas edições foi tudo a mesma coisa, eles não mudaram nada, as letras continuam iguais, é, só mudou a capa, acho que o tipo de filha também, que parece ser diferente, o tamanho continua igual, agora as cores não chamam atenção, só algumas aqui, tipo laranja, aquele verde que foi jogado aqui, teve um jogo de cintura de cor muito bom, agora teve umas aqui também não, não tiveram nada a ver, essas pessozinhas computadorizadas também não gostei muito dela não.

Agora a última edição eu gostei muito, a capa, o *designer* dela já foi muito bom, os três meninos que são os principais, estão colocados aqui, e eles sem rosto é melhor que, isso inspira a gente imaginar como eles são e substituir por pessoas que a gente estuda junto. É... as folhas dele também, a folha é melhor e ela é mais, como diz assim, maior, mais grossa, tem mais desenhos, desenhos que são compatíveis tipo, no primeiro lá tinha um borrão lá, que eu não tava conseguindo interpretar, aqui eu já vi que era o suéter que ficou com o faxineiro, o que eu vejo nas folhas, o subtítulo, títulos do capítulo, nesse são menores, nos outros eram maior, aí eu gostaria que fossem maior também. Parece ser que nem os outros, só que os desenhos, letras também, parece que foram de outra... foram, de configurações diferentes. A capa chama atenção sim, é muito boa. Eu gostei, quarta edição foi pra arrasar.

Carla, 14, F: Bom, a fuga de Edgar é... eu não gostei muito, a cor ela chama atenção, a cor realmente, mas o desenho não tem muito a ver, se fosse pra mim pegar assim, eu pegaria pela cor mas não pelo desenho e... assim as folhas são muito bonitas, as letras são bem boas né e ele não tem desenho também, uma coisa que é meio legal.

Agora a primeira edição de desculpe a nossa falha, ele assim, eu não gostei muito dele, a capa dele não chamou atenção, e... as folhas são bem servidinhas, as letras também são bem boas, os desenhos não é muito a ver com o que fala no livro né, não gostei muito da capa.

A segunda edição também não chama atenção, a capa é uma capa sei lá, ela é colorida e tudo mas não chama atenção, as folhas são boas também, as letra, os desenho também não chama atenção, ele é meio... sem graça, eu não pegaria tipo se eu vesse na partileira, eu não pegaria.

A terceira edição, eu também não gostei da capa por causa do... do desenho, sei lá, não chama atenção, e... a letra também é boa, as folha, o desenho é meio borrocadinho, assim não dá pra compreender muito bem... só.

E a quarta edição chama bastante atenção né, é um livro bem legal pela capa, as letra, as folhas são bem mais legal do que dos outro e... só.

Cristiane, 14, F: Bom, pra mim a fuga de Edgar foi um livro muito interessante, eu gostei bastante, no começo eu não me interessava muito, mas depois conforme foi passando o texto eu gostei, a cor dele é maravilhosa, é esses, essas luzes assim que... pegou assim brilho mesmo, foi bom, eu só não achei muito legal esse castelo, essas... cores de fundo, e... e... só. O livro tem uma textura boa, eu gostei da... da folha, aquela folha antiga, que é uma folha que eu acho que dura bastante, é uma folha grossa e...

A primeira edição do desculpe a nossa falha, ele não é muito interessante e sim os símbolos, a... capa dele tem uns desenhos muito pequenos, não chama atenção, essa cor de fundo não deu o contraste da capa, o destaque, a folha é boa assim, os desenhos, eu acho assim que cada edição ela foi baseada no que a época as pessoas pensava, na época passada, logo quando lançou a primeira edição eles entendiam os desenhos assim, eu acho que se lançasse pra eles a última edição, eles não iriam entender, então eu acho que cada edição foi lançada pra sua época. Então cada um entende de uma forma e... eu acho que tem a ver um pouco cada desenho, mas é com cada época.

A segunda edição é igual falei da primeira, só mudou que tirou aquela cor de fundo, mas eu acho assim que essas cores antigas não dão destaque, eu por exemplo, não pegaria é... a textura da folha é boa, os desenhos são agradáveis pra época deles, mas pra nossa época eu mesmo não pegaria, é... a capa em si é boa, as letras são agradáveis e só.

A terceira edição... a terceira edição é... fala sobre amor... mostra na capa, pra mim parece o gabarito, e as cores de fundo não ficou muito chocadas né, contraídas na capa porque ficou meio é... marcada, não ficou o desenho certo, ficou marcado, essa cor de fundo não combina com os amarelos verde, porque esses pontinhos não têm nada a ver, é... a folha, eu não gostei muito porque eu acho ela fininha, então assim, se você não ter muito, mais muito cuidado é perigoso ela rasgar, é perigoso ela deixar acabar rápido, as letras são boas igual aos outros, acho que as outras são todas do mesmo tamanho, é... é agradável, só muda a capa não sendo muito agradável.

A quarta edição foi a... a que eu mais gostei, que foi... a última edição que eu acho que ele foi preparado pra nós, adolescentes do século 21, é... que ele foi, tipo, que mostrou contendo esses três jovens que começou a história, atrás das provas, então a capa, ela é uma capa boa, agradável, que mostra os adolescentes da nossa época, é, as folhas não é umas folhas agradável porque é muito fininhas, e eu não gosto dessas folhas fininhas, as letras tão boas. Eu só acho assim que o início dele, tipo cada... o título dele deveria ser um pouco maior porque é pra dar um destaque, é... e ele é assim, é bom, agradável como todas as edições, eu só acho que os desenhos foram criados apropriados pra nossa época.

Geovane, 14, M: A fuga de Edgar, eu ia chegar, eu ia na biblioteca eu já ia pegar pra mim, eu gostei muito da capa, as folhas eu achei fraquinha, por causa que, se um aluno não tiver cuidado, ia arrancar na hora, as letra são boa, a capa é muito bonita, essa aranha no canto, eu não lembro muito dela não. É... esse castelo aqui também, também não tá mostrando aquelas cabeça, cortada lá no castelo, só.

A... a primeira edição do desculpe a nossa falha eu ia chegar, ia passar por ela, eu não ia relar a mão nela. Eu achei muito sem graça a capa, a letra é boa, essa cor não é muito chamativa.

A segunda edição também é muito sem graça, esses desenho que tem aqui eu não achei nada a ver. Esses título aqui são legais, esses lápis aqui, a única coisa que eu achei interessante é esses lápis, eu achei que tinha, na página 25 ou 20 acho.

A terceira edição eu também não gostei muito, essas, essas pessoas... também parecem que uns senhores já... querendo estudar ainda. A letra eu achei pequena, por causa que se minha vó pegasse pra ler ela não ia entender (risos), só.

Ah! Mas a quarta edição eu chegaria, tem alguma coisa diferente nela que eu pegaria. Só pelo seguinte, a capa é bonita, tem muita... como fala, sumário?, tem muito, a edição também é

muito boa, os desenho já dá pra entender melhor. A malha ver..., a malha que fala no texto também, tal, dá pra você ver, a letra é boa, o desenho também deviam ser muito embaraçoso mais, percebe melhor que os outros, as outras edição, só.

Mariana, 14, F: Bom, eu acho que a capa da Fuga de Edgar, essas cores tudo, o desenho tem tudo a ver com o texto de Edgar, a misteriosidade, tudo. Agora, as letras eram, pra mim, eram também uma estrutura boa, dá pra enxergar legal e... as folhas... normal. É pra mim, tem tudo a ver, todo o livro, com a história de Edgar, porque se fosse diferente, assim, a capa, não teria nada a ver com a história, daí ia perder um pouco da graça na história de Edgar mesmo.

A primeira edição do Desculpe a nossa falha na minha opinião não ia chamar minha atenção não, porque essa capa eu não achei muito legal, não tá muito a ver com a história, a única ponte que tem a ver é essa colorida que é do... da malha. É o colorido dela, agora tem umas figuras aqui que a gente percebe que faz parte da história, mas só que outras eu não faço a mínima ideia de que história saiu, porque não parece com o Desculpe a nossa falha. São figuras que precisa parar pra pensar, mas algumas, outras não.

A segunda capa tá igual à primeira, mas tá mais maneiro, sem aquele roxinho. Daí é a mesma coisa, a letra é a mesma coisa, o tamanho, o tipo, algumas figuras dá pra entender, como a figura de um lápis. As figuras são diferentes de um livro para o outro, tem figura repetida professora, não podia ter, tinha que ter diferente. Esses dois livros não me chamam muita atenção não.

A terceira edição já é mais bonita, eu ia falar maneira, mas é mais bonita, novo, esse terceiro tá parecendo uma coisa mais séria, uma coisa de escola. Eu falei pra Jenifer que tava parecendo um gabarito, que tem a ver com a prova, não tem, tá parecendo aqui ó, de marcar os quadradinho aqui, xo ver, a folha é diferente, esse tem uma folha boa, a letra é a mesma. As figuras são iguais nesses três livros, só mudou a capa. E não chama atenção, a terceira parece ser mais chata que as outras. É professora, se fosse pra mim ler um desses três eu ia ler o segundo ó, porque tá mais a ver.

A última versão tá filé professora, tem os três lá da prova, a folha, a letra chama mais atenção, ele tá pra uma coisa mais séria e as figuras tão tipo super, híper, mega, ultra diferentes. Não tem nenhuma figura repetida, dá pra você ver elas e já lembrar da história, esse livro aqui tem tudo mais a ver ó. Você bate o olho na figura, você já lembra e as outras edição não. Não dá nem pra você entender.

Jenifer, 15, F: Eu gostei da capa por ser tão misteriosa, as letra tão um pouquinho maior e as folhas parecem ser... na capa tem de misterioso as cores, o castelo, a aranha e o homem que tá encima do cavalo.

Eu não gostei muito da primeira edição do Desculpe a nossa falha porque é... assim, parece que não tem nada a ver com o título, só a foto, mas tá bom, as figura principalmente não tem nada a ver, são totalmente quase diferente, quase igual ao mesmo tempo, são boas e a cor também é boa.

A segunda edição parece chamar mais atenção por causa das cores e também tem um negocinho escrito adolescência, que... tipo, desperta um pouquinho, mas também deixa a desejar.

O terceiro, as figura são quase todas iguais, mas também tem umas figura que não desperta muito, mas é boa também, acho. Essa edição, como a Mariana falou parece que tem mais a ver com... a história porque fala de prova, de coisa, porque tem um gabarito aqui na frente, as letras são boas também, a folha parece ser resistente e as figuras são quase iguais.

E a quarta edição que eu gostei mais, porque tem tudo a ver, como mostra as três pessoas e as figuras são totalmente diferentes, apesar de não mostrar o rosto, mas...

Ana Patrícia, 14, F: Eu achei o livro Fuga de Edgar muito interessante porque eu gosto mais de mistério..., eu achei bem interessante a cor dele, achei o tamanho ideal, as folha também, achei muito interessante por causa da cor, ele é muito legal.

Eu não achei o... a primeira edição do Desculpe a nossa falha muito... legal, se tivesse na partileira eu acho que eu não leria, eu gosto assim, de ver a capa e já despertar interesse. As figura, tem uma figura aqui mesmo que não tem nada a ver, tem uns olho ó que não tem nada a ver com a história, é... eu achei que não tem nada a ver esse livro.

Já a segunda edição eu pegaria sim, eu veria assim pra mim ver se é..., a capa é bem interessante pra ver. As figuras é ingual da primeira edição, as figura, como falei, não tem nada a ver com a história, eu achei né. Eu... eu pegaria, mas eu não leria não, não me despertaria interesse nele.

A terceira assim, dá mais interesse porque a capa é diferente, é... mais, mais bonita eu acho, não tem muita... tem um pouco de figura igual a da primeira e segunda edição. As folha é diferente, que é mais branca, a letra é do mesmo tamanho, eu pegaria pra ler.

Já a quarta edição eu acho mais interessante porque os três menino ali sentado. Dentro do livro tem... tem tudo a ver, tudo a ver com o livro, tem a camisa aqui, a malha, tem tudo a ver com o livro a quarta edição. Eu achei mais interessante a quarta edição, eu pegaria pra ler, as outras não.

Daniel, 15, M: Eu achei também legal a capa, só que se ela fosse diferente não daria graça de ler, a cor, o jeito, a imagem, pra mim tá tudo certo. A letra também tá do tamanho ideal e o papel tá bom.

Pra mim a primeira edição do Desculpe a nossa falha não despertou nada, eu se fosse na minha opinião mesmo, eu não pegaria o livro só pela capa e pelas imagem, eu achei... chato.

Na segunda edição também não despertou nada por causa que ela é igual à primeira, só, só a malha e as imagem, que as imagem são tudo igual, não dá... não desperta, pra mim, na minha opinião, não desperta vontade de ler.

Já a terceira, já começou a ficar melhor, por causa que tem essa imagem aqui na frente que já dá pra saber que é da prova. E as imagem da primeira e segunda edição são igual.

Já a quarta você vendo já os três menino junto já dá... impressão que você quer ler. Eu achei melhor pra mim pegar, eu pegava.

Karina, 14, F: Eu gostei da capa por causa das cores, que é isso, é... tem tudo a ver com o livro, e que... misterioso e... cor mais forte assim combina com o texto. As letras tão... boa e... o papel também. Cor mais forte combina com o texto porque... dá um pouco de mistério.

A primeira edição eu não pegaria, porque eu... não gostei muito da capa e nem das imagens, nem... não tem nada a ver, tem umas imagens assim que eu olho e tento imaginar e não consigo. Não consigo imaginar o que tá acontecendo no livro. Lendo não dá pra, pra uma coisa, mas eles imagina a... a letra é boa, dá pra ler sim.

A segunda edição eu também não pegaria, porque é a mesma capa, só muda algumas coisinha, mas é a mesma capa. Eu não pegaria também, não... deu vontade de ler, olhando assim a capa não dá vontade de ler não.

A terceira, a terceira também não porque eu... aqui pode ter algumas coisinhas, mas pra mim eu não... não pegaria. A folha é mais bonita, as imagem também não... não gostei muito não, é a mesma da primeira e da segunda, mas eu não pegaria também não.

A quarta, pela capa eu já pegaria porque... por causa dos três menino na capa, que tem... eles falam de três meninos e o faxineiro. Eu pegaria por causa deles... na capa. E as imagens são forte, e... dá pra ver alguma coisa e entender alguma coisa.

Tito, 14, M: As sombras que representam na capa dele chama... dá um ar de mistério e parece que representa a fuga de Edgar do castelo. A letra dela [...], o papel é da qualidade que com o passar do tempo vai percebendo que ele é antigo porque a cor que fica na capa vai mudando, fica feio.

A primeira edição do Desculpe a nossa falha eu não leria, não achei interessante a capa e nem as imagens, não vi nada de interessante. A letra é boa, a folha eu gostei muito dela.

A segunda edição eu também não pegaria porque é quase a mesma coisa, as figuras são as mesmas. A folha é praticamente a mesma, eu achei...

A terceira edição eu já pegaria porque eu vi mais cor nela. Achei mais interessante. A pesar das figuras ser as mesmas. Só que a folha dela é diferente, a letra dela é mais destacada.

A quarta edição eu acho que não leria por causa do rosto, eu não gostei. Ficou meio estranho, acho que precisa ser mais destacado, daí eu não gostei. A imagem, as imagens de dentro eu já gostei, mas mesmo assim eu não pegaria pra ler.

Alana, 15, F: Ah! Eu gostei desse livro, é misterioso, a cor... tudo escura assim, combina com o livro. A letra é bom. Bom tamanho e a folha é resistente.

A primeira edição eu não pegaria porque eu não gostei das cor dele. Eu não achei interessante porque tem algumas imagens que eu não entendi nada. O resto é igual o deles.



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

APRESENTAÇÃO INICIAL

Identificação

Unidade Escolar: EE IARA MARIA MINOTTO GOMES

Endereço: RUA COLOMBIA

Nº: 407

Bairro: JARDIM AMERICA

Município: JUARA

UF: MT

Equipe Gestora

Função: DIRETOR MARCIA SILVERIO SALLES
Função: COORDENADOR PEDAGÓGICO MARIA JOSE DA SILVA JOSE BATISTA DE OLIVEIRA MARISTELA MENDES DE ARAUJO REZENDE
Função: SECRETÁRIO CLAUDIO REZER

Número de Alunos

Modalidade	Mat.	Vesp.	Not.	Total
ENSINO FUNDAMENTAL > REGULAR	34	45	0	79
ENSINO FUNDAMENTAL > REGULAR	50	52	0	102
ENSINO FUNDAMENTAL > REGULAR	24	44	0	68
ENSINO FUNDAMENTAL > REGULAR	51	25	0	76
ENSINO FUNDAMENTAL > REGULAR	52	56	0	108
ENSINO FUNDAMENTAL > REGULAR	30	55	0	85
ENSINO FUNDAMENTAL > REGULAR	51	26	0	77
ENSINO FUNDAMENTAL > REGULAR	61	53	0	114
ENSINO FUNDAMENTAL > REGULAR	28	51	0	79
DISCIPLINAS OPTATIVAS/ATIVIDADE COMPLEMENTAR	170	185	0	355
DISCIPLINAS OPTATIVAS/ATIVIDADE COMPLEMENTAR	140	136	0	276

Número de Funcionários

Função	Qtde.
TECNICO ADM. EDUCACIONAL	3
SECRETÁRIO	1
BIBLIOTECÁRIO	1
TECNICO LAB. DE INFORMATICA	1
NUTRIÇÃO ESCOLAR	4
VIGILÂNCIA	3
MANUT.INFRA-ESTRUT.ESCOLAR/LIMPEZA	6
ATENDENTE RECEPCAO ESCOLAR	1
APOIO SECRETARIA ESCOLAR	1
NUTRIÇÃO ESCOLAR - MAIS EDUCAÇÃO	1

Técnico Administrativo Educacional: 6

Apoio Administrativo Educacional: 16

Projetos/Programas

Tipo	Projeto/Programa	Data Inicial	Data Final	Linha Temática	Valor
Projeto	BIBLIOTECA DA ESCOLA	25/01/2013	20/12/2013	BIBLIOTECA	0,00
Programa	MAIS EDUCAÇÃO	25/01/2013	20/12/2013		0,00
Projeto	FANFARRA BANDA ESCOLAR	25/01/2013	20/12/2013	FANFARRA	0,00

Área Construída

Total de área Construída: 2346,42 m2

Tipo de Ambiente	Qtde.
------------------	-------



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

SALA DE AULA DA SEDE		17
Ambiente		Condição
SALA DE AULA DA SEDE 19		ÓTIMO
Observação:	o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE AULA DA SEDE 07		ÓTIMO
Observação:	o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE AULA DA SEDE 02		ÓTIMO
Observação:	o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE AULA DA SEDE 13		ÓTIMO
Observação:	o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE AULA DA SEDE 05		ÓTIMO
Observação:	o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE AULA DA SEDE 01		ÓTIMO
Observação:	o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012.	
SALA DE AULA DA SEDE 15		ÓTIMO
Observação:	o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE AULA DA SEDE 10		ÓTIMO
Observação:	o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE AULA DA SEDE 09		ÓTIMO
Observação:	o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE AULA DA SEDE 11		ÓTIMO
Observação:	o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE AULA DA SEDE 16		ÓTIMO
Observação:	o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE AULA DA SEDE 03		ÓTIMO
Observação:	o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE AULA DA SEDE 06		ÓTIMO
Observação:	o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE AULA DA SEDE 08		ÓTIMO
Observação:	o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE AULA DA SEDE 18		ÓTIMO
Observação:	o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE AULA DA SEDE 17		ÓTIMO
Observação:	o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE AULA DA SEDE 12		ÓTIMO
Observação:	o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
BANHEIROS PARA FUNCIONARIOS		2
Ambiente		Condição
BANHEIROS PARA FUNCIONARIOS 38		ÓTIMO



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
BANHEIROS PARA FUNCIONARIOS 24	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
BIBLIOTECA 1	
Ambiente	Condição
BIBLIOTECA 33	NÃO AVALIADO
LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA 1	
Ambiente	Condição
LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA 32	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
BANHEIROS PARA ALUNOS 2	
Ambiente	Condição
BANHEIROS PARA ALUNOS 28	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
BANHEIROS PARA ALUNOS 29	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
COZINHA 1	
Ambiente	Condição
COZINHA 22	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
ALMOXARIFADO 2	
Ambiente	Condição
ALMOXARIFADO 36	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
ALMOXARIFADO 25	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE VIDEO 1	
Ambiente	Condição
SALA DE VIDEO 04	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE COORDENAÇÃO 1	
Ambiente	Condição
SALA DE COORDENAÇÃO 21	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE PROFESSORES 1	
Ambiente	Condição
SALA DE PROFESSORES 20	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
REFEITORIO 1	
Ambiente	Condição
REFEITORIO 39	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
PATIO COBERTO 1	



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

PATIO COBERTO A	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE DIRETOR	1
Ambiente	Condição
SALA DE DIRETOR 35	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
DESPENSA	1
Ambiente	Condição
DESPENSA 23	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
BANHEIROS PARA PROFESSOR	2
Ambiente	Condição
BANHEIROS PARA PROFESSOR 27	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
BANHEIROS PARA PROFESSOR 26	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SECRETARIA	1
Ambiente	Condição
SECRETARIA 34	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DISCIPLINA OPTATIVA	1
Ambiente	Condição
SALA DISCIPLINA OPTATIVA 40	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA DE ARTICULAÇÃO	1
Ambiente	Condição
SALA DE ARTICULAÇÃO 37	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
SALA PARA RECURSOS MULTIFUNCIONAIS	1
Ambiente	Condição
SALA PARA RECURSOS MULTIFUNCIONAIS 14	ÓTIMO
Observação: o ambiente encontra-se em ótimo estado de conservação, pois a Unidade Escolar passou por reforma geral e ampliação no ano de 2011 e 2012	
ATIVIDADE COMPLEMENTAR/AEE	1
Ambiente	Condição
ATIVIDADE COMPLEMENTAR/AEE CSO	NÃO AVALIADO
BANHEIRO PNEE	2
Ambiente	Condição
BANHEIRO PNEE 108	NÃO AVALIADO
BANHEIRO PNEE 107	NÃO AVALIADO

MARCO REFERENCIAL

Marco Operativo

Marco Teórico

Marco Teórico

Queremos construir uma sociedade justa e que todos os cidadãos possam conhecer e exercer seus



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

direitos e contribuir na formação do ser humano digno, honesto, cumpridor dos seus deveres, tendo como base fundamental a família. Assim os estudantes frequentariam a escola com mais interesse, consciente da educação para sua vida futura.

Sendo assim, a escola teria plenas condições de exercer sua real função, tornando-se instrutiva no cumprimento de um currículo que responda às necessidades, às demandas, de acordo com as orientações estaduais e nacionais da educação, proporcionando um ensino/aprendizagem significativo, onde o estudante possa buscar respostas para suas indagações.

A avaliação deve ser contínua e permanente para detectar as lacunas existentes no conhecimento de cada estudante e providenciar subsídios pedagógicos para atender seus anseios.

Marco Situacional

Marco Situacional

Na atualidade a escola se vê em meio a variedades de informações tecnológicas, sistematizadas de forma a engessar e reforçar a competitividade no indivíduo, derivado do sistema tecnicista, capitalista e consumista. Essa situação leva o ensino a um nível preocupante de desigualdade social e educacional, que tem crescido de forma alarmante. O papel da escola tem se invertido, pois ao invés de preocupar-se com a construção do conhecimento, passa a se preocupar com a indisciplina dos alunos.

A escola está inserida numa comunidade carente, composta por trabalhadores braçais, que muitas vezes precisam se afastar da zona urbana para prover o sustento, deixando assim a família sob a responsabilidade da mulher, que por sua vez também trabalha fora, deixando os filhos muitas vezes sozinhos ou sob a tutela dos irmãos mais velhos, procurando passar para a escola uma responsabilidade que é só sua, a de educar. Ocorre ainda a situação de que a família toda vai para zona rural, ficando lá algum tempo, voltando depois com mais dificuldades a serem sanadas.

O ponto positivo da sociedade e escola em questão são os professores formados, dedicados e comprometidos com a educação, como também alguns pais que procuram dar aos filhos a oportunidades que lhes faltou. O ponto fraco é o já citado, os pais precisam se ausentar, ficando impossibilitados de acompanhar a vida escolar dos seus rebentos, como também a questão do entra e sai na escola por conta de tais mudanças, dificultando assim a qualidade do ensino prestado pela instituição.

A escola é para esta comunidade a esperança de um futuro melhor, pois apesar de todas as dificuldades, acreditam que o estudo é o único meio de um futuro melhor.

Dentro desse contexto, é importante mostrar a essa comunidade que o estudo realmente é o único meio de melhora e que a pesquisa, no sentido de pesquisa-ação faz parte desse contexto e faz com que cada indivíduo melhore o seu próprio mundo e maneira de pensar.

Dimensão formação e condições de trabalho dos profissionais da escola

Perfil profissional

Ter equilíbrio pessoal e experiência anterior.

Identificar-se com o projeto político pedagógico da escola tanto na estrutura de funcionamento quanto na cultura organizacional.

Ter projeto pessoal de auto formação profissional.

Ter capacidade de trabalho em equipe.

Ter capacidade de construir uma relação de qualidade com os alunos.

Ter capacidade de gerenciar a sala de aula garantindo um clima propício à aprendizagem, ter forte compromisso com as dificuldades dos alunos e desenvolver empatia com a faixa etária.

Estabelecer vínculos afetivos e de trabalho, buscando coerência entre o discurso e a prática.

Saber ensinar de modo coerente, de acordo com a demanda da instituição: ter carisma pessoal, comunicar-se com clareza, demonstrar preocupação com as questões educacionais, saber agrupar os alunos, interagir com as características do grupo, classe e favorecer a produtividade entre eles.

Manter seus compromissos funcionais como: assiduidade, pontualidade, compromissos com os prazos e tarefas, disponibilidade de tempo para reuniões, disposição para documentar seus trabalhos, saber elaborar planos de estudo e relatórios.

Ser cordial com os pais dos alunos e manter uma parceria constante, visando o melhor



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

desenvolvimento do aluno.

Formação continuada

Considerando que a formação continuada é um processo de desenvolvimento educacional e profissional, entende-se que a educação deve ser complementada por estudo e pesquisa constante como forma de aquisição de conhecimento teórico e prático.

Desejamos que a formação continuada permanecesse dinâmica, atendendo aos interesses dos profissionais, uma vez que vem contribuindo com o desenvolvimento da prática na instituição escolar. Outrossim, consideramos necessário para atender as angústias dos profissionais, momentos específicos com tempo delimitado em cada encontro na busca de resoluções conjuntas dos problemas surgidos no dia a dia com troca de experiências práticas entre os profissionais.

Que o grupo de profissionais da educação da unidade escolar continue unido e que todos os assuntos a tratar passe pela coletividade, uma vez que assuntos referentes à organização, nutrição e infra-estrutura façam parte do contexto pedagógico efetivamente trabalhado em sala de aula no desenvolvimento das várias disciplinas que compõem o currículo escolar.

Espera-se que a atuação do CEFAPROS junto ao projeto de formação continuada da escola seja efetiva, onde sua contribuição saia do nível do discurso para exemplos práticos atendendo as angústias dos educadores.

Para que haja um maior envolvimento e participação dos profissionais da unidade escolar foi decidido que a formação continuada ocorrerá no período noturno, todas as terças-feiras. a decisão foi tomada no coletivo e teve consentimento do CDCE.

Condições de trabalho

Desejamos ter salas espaçosas, arejadas, climatizadas, pátios calçados ou gramados, quadra poliesportiva coberta adequada para o desenvolvimento das atividades físicas e projetos educativos da escola.

Número adequado de alunos nas salas de aula, a fim de propiciar um melhor ensino aprendizagem.

Dimensão organização administrativa

Secretaria da escola

Desejamos um ambiente espaçoso, arejado, climatizado e com mais visibilidade para atendimento ao público.

Quanto aos registros escolares, que continuem sendo via sistema para dar maior agilidade nos atendimentos dos processos da Unidade Escolar, bem como a expedição de documentos seja feita somente para o responsável.

Quanto ao acesso aos documentos pertencentes a Unidade Escolar que seja restrito somente ao secretário, técnicos administrativos, direção e coordenação.

Desejamos que as frequências sejam acompanhadas através do diário eletrônico

Aquisição de materiais

Quanto a aquisição de materiais que esta continue sendo feita através do PDE nos repasses bimestrais, sempre evitando os desperdícios.

Referente ao cardápio, desejamos que seja escolhido também pelos alunos e profissionais da Unidade Escolar, para um melhor aproveitamento da merenda, evitando assim desperdícios.

Gostaríamos que o valor por cada aluno fosse corrigido, pois com R\$ 0,30 fica difícil servir uma merenda agradável e de qualidade

Patrimônio escolar

Quanto ao patrimônio escolar desejamos que sejam feito anualmente o levantamento dos bens e a manutenção dos mesmos, podendo assim investir num bem necessário de maior utilidade para a Unidade Escolar.

Dimensão ambiente físico escolar

Estrutura física

Todo educador deseja um ambiente agradável e completo para se trabalhar, ter uma escola espaçosa, com lugares para recreações e dinâmicas de estudo, como também salas adequadas para a prática escolar, salas extras e um pátio bem arborizado e limpo.



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

A higienização, organização e conservação da escola também deve ser feita de forma completa e em conjunto com a comunidade escolar, pois todos são responsáveis pela instituição de educação. As paredes devem ser conservadas limpas e em bom estado, a caixa d'água deve ser lavada sempre que necessário, as salas devem ser arejadas, limpas e sempre bem cuidadas por todos. A biblioteca deve estar também sempre limpa e silenciosa, com um acervo considerável, proporcionando o bom estudo.

O laboratório de informática, além de limpo, deve estar continuamente em boas condições de uso, com aparelhos com manutenção em dias. Os banheiros precisam estar constantemente limpos, exalando um cheiro agradável. Deve ser cuidado com o mesmo capricho e zelo as quadras e o refeitório, assim todos terão uma boa estrutura física para então ocorrer o desenvolvimento do aprendizado.

Equipamentos

Os equipamentos devem sempre estar em bom estado de uso e quando impossibilitados, se adquirir novos, para que todo profissional possam contar com estes. Esses equipamentos devem ser de boa qualidade, tendo em quantidade suficiente para suprir a demanda e estar continuamente bem organizado e em local de fácil acesso, mas sob a supervisão do responsável.

Os mobiliários devem estar de acordo com a faixa etária do aluno, proporcionando conforto, comodidade e viabilidade para a aprendizagem do educando. Esses mobiliários precisam ficar à disposição do educando para que sirva de suporte para o ensino de forma completa.

Os livros didáticos devem ser oferecidos em quantidade suficiente e conservados, tanto para os professores quanto para os alunos, para que a reutilização do mesmo seja feita no próximo ano, sem prejuízo para o novo estudante.

Tecnologias de Informação e Comunicação

A escola deve ser bem munida com equipamentos de informação e comunicação e que o acesso seja possível para todos os funcionários.

Dimensão gestão escolar democrática

Democratização da informação

Que seja baseada em princípios democráticos, a escolha do diretor pela comunidade escolar e colegiado formado por representantes dos segmentos para que a comunidade possa participar e fazer valer suas propostas.

Que o colegiado seja formado pelo CDCE (Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar) e CF (Conselho Fiscal), tendo como função primordial manter o intercâmbio de informações no interior da Unidade Escolar, entre os profissionais da Educação, alunos, Pais e demais membros da comunidade de forma que todos se interessem, através da consulta entre os respectivos segmentos e deliberem em favor da organização escolar, tendo em vista a melhoria da qualidade do ensino, expresso através do conhecimento construído, respeito ao próximo, a si mesmo e aos bens públicos.

Ter acesso às informações e saber articulá-las de forma proveitosa tornou-se uma necessidade diante da globalização, e ao mesmo tempo um problema; quando se refere a uma educação mais igualitária e menos elitizada. Uma das formas de superação dessa problemática que a escola propõe desenvolver é uma abordagem interdisciplinar dos conteúdos, de forma a integrar as disciplinas, evoluindo da simples comunicação de ideias para formalização de conceitos, princípios, metodologias, bem como da postura ética e profissional pretendida pela escola.

No entanto para que haja mais democratização na informação da gestão escolar, almejamos que sejam divulgados através de murais e dependendo do teor da informação seja marcada reuniões com todos os membros da instituição para que haja discussões coletivas e havendo necessidade, que as informações sejam estendidas a toda comunidade escolar, pais e alunos, sejam marcadas reuniões para divulgação.

Que os demais documentos públicos além do site da escola sejam disponibilizados em locais de livre acesso para comunidade escolar estar interada do andamento das atividades escolares.

Conselhos escolares atuantes

Que atuem no intercâmbio de informações no interior da unidade escolar e comunidade, profissionais da educação, alunos, pais e demais membros da comunidade, onde todos possam interagir-se, através da consulta entre os respectivos segmentos e deliberem a favor da melhoria de



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

qualidade do ensino/aprendizagem, bem como da organização escolar.

Sensibilizando os pais e comunidade através das atividades que a escola desenvolve tanto no que se refere aos eventos, quanto às atividades de aprendizagem específicas de conteúdos de alfabetização e de cada ciclo/ano necessários ao seu desenvolvimento intelectual.

Para tanto, a unidade escolar oportunizará reuniões na escola, atividades com ações de confraternização e recreativas para atrair os pais e a comunidade até a escola. Com isso, é preciso que estando o gestor na função, seja capaz de somar forças com a equipe para atrair a participação efetiva dos pais e comunidade na vida escolar dos alunos.

Diante das novas demandas que a escola enfrenta, em um contexto de sociedade que se democratiza e se transforma cotidianamente, é fundamental este entrelaçamento de ações coletivas para o sucesso do processo de ensino/aprendizagem. A gestão participativa predispõe a equipe a dividir responsabilidades e compartilhar ações com a finalidade de contribuir para o sucesso do ensino, a partir de uma sistemática de trabalho conjunta entre equipe, autoridades de diversos segmentos, família, comunidade no gerenciamento das atividades pedagógicas, bem como nas tomadas de decisões para a construção de uma escola de qualidade.

Para Lima (1988, p. 22) "O conceito de participação surge geralmente associado ao conceito de democracia". "A gestão democrática deve implicar necessariamente a participação da comunidade" O CDCE (Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar), pós eleição, seus membros recebem capacitação de formação (Cursos), oferecidos pela SEDUC e intermediados pela Assessoria Pedagógica da cidade. Havendo necessidade de interlocução entre os representantes de cada segmento, através de reuniões periódicas com seu segmento para subsidiar as tomadas de decisão referentes às reais necessidades da escola, devendo sua ação estar focada no PPP (Projeto Político Pedagógico) da unidade escolar.

O CF (Conselho Fiscal), que acompanhe e assessorie a prestação de contas, bem como examine os documentos contábeis da entidade, de forma a deliberar e mobilizar todas as decisões prioritárias, responsabilizando-se pelas funções da unidade escolar.

Participação da comunidade escolar e sociedade

Desejamos que o PPP seja construído de forma coletiva, onde todos os segmentos escolares coloquem suas opiniões. Da mesma forma, é importante que esses segmentos participem da organização, planejamento e funcionamento da escola, como também nas prestações de conta.

As parcerias com as famílias, associações, empresas e demais serviços são imprescindíveis, pois juntos podem visualizar a melhoria da gestão escolar, tornando a escola um lugar aprazível e transparente para se trabalhar e estudar.

Organização

Periodicamente, com maior concentração e participação dos pais, bem como com a finalidade de colaborar para um melhor desenvolvimento do ensino/aprendizagem.

Que essas reuniões possam contribuir para a melhoria da prática pedagógica a fim de cumprirem o que se é abordado nessas reuniões, auxiliando como pais seus filhos e como educador seus alunos tanto dentro como fora do ambiente escolar.

Os educadores utilizam a hora atividade para elaboração de planos de aula, intervenções pedagógicas no processo de aprendizagem dos alunos criando estratégias no desenvolvimento educacional complementar, metodologias didáticas diferenciadas visando a integração no ambiente escolar e construção do conhecimento.

Os gestores que sejam atuantes nas questões do planejamento, intervindo sempre que necessário nas práticas pedagógicas do exercício profissional, buscando recursos disponíveis para melhores condições de trabalho, estimulando assim os aspectos positivos, bem como ressaltando a importância das ações desenvolvidas no processo ensino/aprendizagem.

Quanto aos Assessores Pedagógicos e membros do CEFAPRO que atuem de forma eficaz, consolidando um novo perfil profissional mais atuante nas escolas, intensificando mais as práticas educacionais condizentes com a realidade de cada unidade escolar.

Divulgação mais ampla, onde toda comunidade possam interagir com a unidade escolar a fim de estar cientes de seus direitos e deveres.



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Clima organizacional

"Clima Organizacional significa ter um bom equilíbrio entre a dedicação e o desempenho com as recompensas ao colaborador, principalmente não as monetárias", enfatizar a importância de se valorizar os talentos internos, é o que significa para um profissional ter sua dedicação reconhecida pela instituição em que atua.

O clima organizacional interfere não apenas no ânimo das pessoas que atuam na instituição, como também impactam nos resultados do desenvolvimento num todo na instituição. Aquelas instituições consideradas como as "melhores para se trabalhar", além de um clima muito positivo, são mais agradáveis. Uma das vertentes dos estudos das "melhores" é justamente o rendimento no processo de ensino aprendido e nas relações inter e intrapessoais. Estudos comparativos confirmam que quanto melhor o clima corporativo, mais e melhores são os resultados alcançados. (Marcelo Boog) Desta forma, desejamos que nesta instituição de ensino, sejam promovidas dinâmicas e ações para desenvolver equipes e lideranças, ações para elevar a motivação e autoestima (valorar os projetos dos alunos e profissionais da educação) e ações que promovam a mediação de conflitos, com o objetivo de desenvolver um clima de compromisso ético, cooperativo e solidário.

Avaliação do desempenho

A avaliação de desempenho quando elaborada de forma sistemática e científica, ajudará a identificar causas de desempenho deficiente, possibilitando estabelecer uma perspectiva de desenvolvimento com a participação ativa do profissional.

Queremos que o profissional seja avaliado por suas ações, que venha contribuir positivamente com o desenvolvimento da comunidade escolar, tendo reconhecimento por parte dos gestores e comunidade escolar, possibilitando a valorização e acompanhamento do trabalho, esforço dos profissionais da instituição no sentido de reforçar ações voltadas para a melhoria do Ensino Aprendizagem.

Divulgação dos projeto desenvolvidos na escola tanto a nível de município, quanto estado, usando o facebook da escola.

Dimensão ambiente educativo

Satisfação com o ambiente educativo

Analisar o espaço escolar é um fator importante para que se possa compreender sua relação com a aprendizagem. Uma escola sem uma estrutura física adequada pode criar no aluno um quadro mental de abandono ou de desvalorização de educação pelo Estado e até mesmo pela sociedade.

O espaço da escola não é apenas um continente, um recipiente que abriga os alunos, livros, professores, um local em que se realizam atividades de aprendizagem, mas é também um conteúdo, ele mesmo é educativo.

Escola é mais do que quatro paredes; é clima, espírito de trabalho, produção de aprendizagem, relações sociais de formação de pessoas. O espaço tem que gerar ideias, sentimentos, movimentos nos sentido da busca do conhecimento; tem que despertar interesse em aprender; além de ser alegre aprazível e confortável, tem que ser pedagógico. Há a docência do espaço. Os alunos aprendem dele lições sobre a relação entre o corpo e a mente, o movimento e o pensamento, o silêncio e o barulho do trabalho, que constroem conhecimento (FUNDESCOLA/MEC, 2006).

Um ambiente formador de personalidades e de representações, com estrutura física atrativa e inclusiva para que os alunos possam sentir-se a vontade para desenvolverem suas atividades socioeducativas e desenvolverem seu pensamento crítico.

Considerando o espaço escolar como um forte potencial para o desenvolvimento de atividades cognitivas e motoras, tornando-se, assim, cenário de múltiplos interesses.

A escola deve oferecer um espaço receptivo, onde pais, alunos, profissionais e sociedade, possam sentir-se motivados e valorizados, criando situações e ou momentos que possam assegurar um bom relacionamento, de modo a facilitar as relações interpessoais. E quanto mais dedicarmos a ele, melhor será a relação entre as pessoas que, na atual conjuntura, parece estar frágil e debilitada, esperando a interferência de todos nós. O ambiente influencia o comportamento das pessoas e, as pessoas são produtos do meio em que vivem, têm emoções, sentimentos e agem de acordo com o conjunto que as cercam seja o espaço físico ou social; e para tanto, há se



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

aperfeiçoar a arte do diálogo.

Relações interpessoais

Nós almejamos uma relação respeitosa, amigável e harmoniosa entre professores e alunos, que esse mesmo conceito estenda-se para os gestores e funcionários desta unidade escolar. Com relação aos pais e profissionais da escola, almejamos também uma maior participação destes ou responsáveis, no sentido de interagir com professores, funcionários e gestores.

Que o atendimento aos pais seja de forma respeitosa, ter clareza ao dialogar diante do acontecido, para que ambas as partes cheguem a um entendimento satisfatório, enriquecendo assim o processo ensino aprendizagem.

Regras de convivência

A convivência entre alunos, professores e profissionais da educação deve estar fundamentada nos princípios básicos do ser humano, que é o do respeito, da correção fraterna, da liberdade responsável, da colaboração de todos para um bom funcionamento do processo educativo. Sendo assim, é de suma importância que haja disciplina em todos os setores da comunidade escolar, em todos momentos e espaços. Sem a qual, se torna impossível uma aprendizagem qualificativa. E para que isso aconteça e seja realmente eficaz na escola e no processo educacional, é necessário a participação dos pais ou responsáveis; os quais devem ser parceiros com a escola assumindo assim a responsabilidade pela educação de seus filhos. Com a participação e parceria autêntica dos pais, o trabalho dos educadores escolares é facilitado, os quais tem a função de zelar pelo bem estar e progresso intelectual e cultural dos alunos. E dentro do processo educacional, se faz necessário a observância de regras para que a educação possa se desenvolver de maneira satisfatória e eficaz. Diante disso, é necessário que haja respeito para com os colegas, professores, profissionais da educação e demais pessoas.

É necessário o cultivo do silêncio nas aulas e ambientes de pesquisa e leituras, como a biblioteca, sala de informática, etc.

- A pontualidade deve ser respeitada tanto quanto no início como nos intervalos de aula;

- A questão do uniforme e uso de celular deve ser levado a sério pois em reunião com a comunidade ficou decidido que é proibido o uso do celular na escola e que todos devem estar uniformizados durante as atividades na unidade.

- Quanto aos pratos, talheres, e canecos da merenda, é necessário que sejam deixados no refeitório e que cada aluno tenha seu caneco para tomar água.

E diante das regras e disciplinas expostas, se faz necessário, além de conscientização, a busca de meios, como advertência para com aqueles que não observarem as regras, tanto alunos como os pais.

Compromisso e responsabilidade

Os Profissionais da referida escola, visando o bom desenvolvimento das atividades desta melhoria da aprendizagem dos alunos, achamos ser necessário que os profissionais sejam coerentes e cheguem adiantados em pelo menos dez minutos para organizar os materiais que farão uso na aula. É importante também que sejam pontuais no início e término da aula, ocupando sempre o período com atividades educativas e de preferência diversificadas.

Em relação a atuação e frequência do diretor, é necessário que o mesmo procure sempre estar presente em ambos os turnos de funcionamento da escola, ou se faça representado em caso de impedimento, tendo em vista a carga horária do mesmo. Seria importante que o horário fosse bem divulgado à comunidade em mural na escola. Que ele seja democrático, comprometido, dialógico, mantendo o grupo sempre unido.

Em relação aos alunos que ele tenha a mesma postura explicitada acima, mas que seja mais enérgico em alguns casos.

Desejamos que os coordenadores pedagógicos exerçam verdadeiramente sua função, que acompanhem e deem apoio aos profissionais da unidade, principalmente os professores com relação ao pedagógico. Que seja responsável, dialógico, pontual e enérgico no trato com os alunos indisciplinados.

Desejamos que os horários de frequência dos profissionais da escola seja amplamente divulgados à comunidade, que não seja feito somente a divulgação em reunião de início de ano, mas que seja exposto em mural para que todos tomem conhecimento do horário de permanência do profissional na



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

escola, da sua aula, de sua hora atividade, principalmente as destinadas aos desafios de aprendizagem.

Em caso de irresponsabilidade dos profissionais em relação ao cumprimento das obrigações expressa no regimento, gostaríamos que primeiro o profissional infrator fosse comunicado pela equipe gestora e caso persista, que seja levado ao CDCE (Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar) e posteriormente colocado à disposição da SEDUC.

Nos casos em que os alunos transgridam as regras da escola, que seja comunicado imediatamente a equipe gestora da escola, aos pais e aos órgãos competentes para que tratem os casos com atenção e possam auxiliar o professor em sala e melhorar o comportamento e o rendimento da turma.

Que a atuação dos profissionais de suporte da educação, sejam idênticas as citadas acima, que os mesmos prezem pela responsabilidade, compromisso e postura ética.

Nos casos de vacância do diretor, Conselho e demais órgãos, que seja tomado as providências junto à Assessoria e Seduc.

Respeito aos Direitos Humanos

Desejamos que a escola exerça o seu papel social, formando cidadãos críticos, conscientes na sociedade. Para isso é preciso apoio político e pedagógico para efetivamente concretizar o seu objetivo.

Formando assim, pessoas conscientes dos seus valores, direitos e deveres, ampliando, fortalecendo a educação, para uma aprendizagem construtiva, focando o respeito, a cidadania e a justiça.

A escola deve proporcionar vivências aos alunos independentemente da origem socioeconômica, gênero, etnia racial, necessidades especiais, sem homogeneizar, mas dando a todos os mesmos direitos de vivenciar suas diferenças.

Sendo a escola a extensão da família necessitamos da mesma para que esta parceria se efetive e a escola cumpra seu objetivo.

Gestão de conflitos

Desejamos que o professor tenha amparo legal para que suas atitudes em virtude da manutenção da ordem e disciplina em sala de aula sejam respeitadas dentro do limite de sua sala de aula, sem intervenções externas em horário de aula para que não perca a autoridade e norteamento da conduta dos discentes para a aplicabilidade e desenvolvimento de suas funções, salvo quando ultrapassarem os limites de sua responsabilidade e o mesmo solicitar ajuda externa.

Para minimizar os conflitos no ambiente escolar faz-se necessário proporcionar a todos os segmentos escolar o conhecimento existente das diferenças intelectual, social, religiosa, gênero, política, étnico racial, necessidades especiais, etc, desenvolvendo o respeito entre o "eu" e o "outro" de acordo com sua forma de ser e estar no mundo, para tanto o diálogo e a cordialidade na tomada de decisões são indispensáveis para adotar no dia-a-dia atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiça.

Dimensão das práticas pedagógicas

Proposta pedagógica

Passamos por mudanças em todos os setores da sociedade, sociais, políticos, econômicos e tecnológicos, mudanças que interferem na esfera educacional que exige dentre outras coisas, novas formas de lidar com o conhecimento, com o aprender e o ensinar refletindo na função da escola e no papel do professor. A escola que queremos deve ter uma nova visão educacional, e a educação deve ser concebida como o modo pelo qual o ser humano é despertado para a descoberta de suas aptidões, para desenvolvê-las e transformá-las em habilidades específicas. Queremos uma escola em que a criança seja sujeito no processo de ensino e aprendizagem, vendo o educador como aquele que media, auxilia, orienta e incentiva a criança no processo de construção do conhecimento e inserção no contexto sócio-cultural em que vivemos.

A educação escolar mudou completamente, devido ao comportamento que a sociedade adquiriu nos últimos anos. Mudanças radicais nas estruturas de boa parte das famílias com filhos que não são educados totalmente pelos pais, que são obrigados a deixar a cargo de outras pessoas grande parte dessa responsabilidade.



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Desse modo, muitas crianças acabam dependendo muito da educação escolar o que sobrecarrega os compromissos do professor que deve estar atento para várias coisas: educação, alimentação, higiene, saúde, problemas de audição, visão, dicção, psicológico, etc. Este contexto faz com que muitos professores desenvolvam seu trabalho com insatisfação e sintam-se deprimidos por não conseguirem os resultados esperados, uma vez que a escola deve estar de mãos dadas à família para que se realize um bom trabalho e isto nem sempre acontece. Sendo assim a escola passa a se reestruturar e a inovar nessa nova realidade, sendo necessária a consciência de que inovar na escola implica, antes de tudo, em rever o conceito de educação, deixando bem claro que a função da escola é educar para o desenvolvimento humano e social com todos aqueles que estão diretamente ou indiretamente ligados a ela.

Diante desse novo contexto a escola promove a educação integral, proporcionando mais tempo de permanência do educando na escola, possibilitando assim o seu desenvolvimento físico, mental, psicológico e social.

Isso ocorre através de atividades extraclasse e diferenciadas, tais como: aula de dança, karatê, futsal e brinquedoteca, sendo atividades lúdicas e capazes de levar o aluno à reflexão.

A Língua Portuguesa e a Matemática também foram exaltadas nesse processo, pois os alunos são incentivados em atividades no contra-turno, a rever essas disciplinas, de forma amena, através de jogos e brincadeiras, podendo reforçar o aprendizado adquirido em sala de aula.

Esse atendimento educacional só se faz possível devido o Projeto Mais Educação, do Governo Federal, que incentiva a escola, através de recursos financeiros e humanos, a promover a educação de forma integralizada.

Quando a escola se preocupa em desenvolver competências, os conteúdos deixam de ser um fim em si mesmos; o professor passa de transmissor do conhecimento a facilitador da aprendizagem; a avaliação, de classificatória e excludente, se transforma em instrumento para guiar intervenções pedagógicas; e o aluno, antes passivo, vira participante ativo na construção do próprio conhecimento.

"O professor deve ter formação e competência para utilizar os recursos didáticos que estão a seu alcance e muita criatividade, ou até mesmo construir juntamente com seus alunos, pois, ao manipular esses objetos a criança tem a possibilidade de assimilar melhor o conteúdo. Os recursos didáticos não devem ser utilizados de qualquer jeito, deve haver um planejamento por parte do professor, que deverá saber como utilizá-lo para alcançar o objetivo proposto por sua disciplina".

Acreditamos ser importante valorizar as múltiplas possibilidades de aprendizagem apresentadas pelo aluno. É preciso valorizar essas potencialidades para que o aluno sinta-se motivado a aprender o que ainda não sabe e superar as suas dificuldades.

Mas para que isso possa de fato acontecer, não é possível conceber outro perfil de professor que não seja o mediador: aquele que sabe fazer as intervenções certas, no momento certo e da maneira correta. Além de tudo este "professor-ponte" precisa conhecer profundamente o ser humano com o qual trabalha: a criança; e isto implica em saber várias coisas importantes sobre ela como interesses e capacidades de acordo com idade, melhores maneiras de agradá-las sem mimá-las, sabendo ensinar-lhes limites e responsabilidades. Lembrar sempre que criança é movimento e então as aulas não podem ser estáticas, onde elas ficam paradas o tempo todo. Há que se dosar os tempos em sala de aula e fora dela.

Por isso tentamos desenvolver nosso trabalho com o que prevê o sócio-interacionismo, uma das teorias sobre a relação entre desenvolvimento e aprendizagem, onde: "o conhecimento é construído pela interação do sujeito com o meio social, e a sua apropriação se efetiva por meio da articulação entre os conceitos cotidianos e científicos. A escola tem o papel central de promover a construção do conhecimento, garantindo ao aluno o acesso ao saber sistematizado e à formação de atitudes e habilidades, proporcionando condições para o exercício da cidadania plena e a construção de uma sociedade mais justa. Acreditamos que todo aluno aprende e, conseqüentemente, desenvolve-se, se contar com bons professores, porém cada um irá aprender ao seu tempo, se tiver boas intervenções. Se o aluno sentir que avançou, por menor que seja o avanço, se sentirá motivado a aprender novas coisas, e a



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

isto damos o nome de desenvolvimento. Assim podemos concluir que a aprendizagem leva a construção de novos níveis de desenvolvimento.

Desse modo é importante deixar claro que a relação professor-aluno precisa envolver regras que façam a criança ver o professor como um amigo, como alguém que também participa do "jogo" educacional, construindo coletivamente as regras. Professores e alunos precisam encontrar maneiras que proporcionem a convivência num ambiente democrático onde haja respeito entre ambos, assim o objetivo maior da educação- a aprendizagem - poderá ser alcançado com êxito e qualidade.

Porém, para que se consiga esta relação dialógica entre professor-aluno, é fundamental que o professor estabeleça uma rotina de trabalho na qual o aluno se habitue e tenha noção de quais atividades estão por vir, para que possa aprender a organizar-se.

Além disso, não é mais possível um trabalho pedagógico de sucesso, sem o uso de estratégias diferenciadas como, recursos tecnológicos, jogos, brincadeiras, dinâmicas, uso consciente do meio ambiente, visto que a escola precisa ser atraente para os alunos que, muitas vezes, encontram atividades mais interessantes fora dela.

Nesse sentido, a metodologia adotada precisa desenvolver a autonomia no aluno, bem como, a capacidade de auto avaliar-se, de perceber-se enquanto sujeito responsável por seu aprendizado em parceria com seu professor, que mediará a construção de seus conhecimentos.

Planejamento pedagógico

Que o planejamento seja elaborado por área de conhecimento (6º ano a 9º ano) e do 1º ano ao 5º ano que seja elaborado por ciclo de aprendizagem, considerando o nível de conhecimento de cada educando.

Que a equipe gestora participe e interaja na construção do planejamento, bem como na sua execução e cumprimento do mesmo.

Que as metodologias a serem utilizadas sejam abrangentes, oportunizando aos alunos expressar suas ideias e interagindo com o meio, usufruindo assim da interdisciplinaridade.

Que os planejamentos de projetos e eventos educativos sejam feitos de acordo com a realidade desenvolvida, seja ele processual ou contínuo, superando ações pontuais na escola.

Que os recursos pedagógicos sejam usados de forma planejada e coerente.

Que as atividades extra-classe sejam planejadas de forma que venha atender os anseios de cada educando bem como do professor.

Para que o trabalho seja realmente coletivo é preciso que os professores se reúnam pelo menos uma vez na semana no período noturno, para que o planejamento ocorra.

A decisão de se reunir neste período foi dos profissionais do 1º e 2º ciclo (até a 2ª fase) com anuência do Conselho Deliberativo e acompanhamento do Coordenador Pedagógico.

Esse encontro precisa ser necessariamente no período noturno porque é o único momento em que todos (professores do período matutino e vespertino), podem se encontrar e discutir o assuntos referentes ao ciclo em questão, atendendo as especificidades de planejamento do SIGA e PACTO.

Incentivo à autonomia e ao trabalho coletivo

Que a escola tenha autonomia para desempenhar e apoiar pedagogicamente e financeiramente trabalhos e projetos que visem o trabalho coletivo entre educadores e educandos, motivando e reconhecendo o desempenho dos envolvidos. Ressaltando que a autonomia significa construir um espaço de liberdade e responsabilidade para elaborar seu plano de trabalho.

Desejamos que o trabalho coletivo seja organizado de forma que todos participem dando sugestões desde a sua elaboração, criando metas para seu desenvolvimento, avaliando seus resultados e sua finalização do trabalho coletivo e que seja estimulado a responsabilidade e comprometimento de todos envolvidos.

Desejamos que os professores tenham autonomia e tempo disponível para elaborar aulas por área, de modo que aproveitem melhor o espaço físico da escola e que os alunos participem das atividades desenvolvidas no cotidiano escolar.

Desejamos que o trabalho coletivo possibilite a tomada de consciência dos principais problemas da escola e da possibilidade de soluções definindo responsabilidades coletivas e pessoais.



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Dimensão avaliação Pedagógica, correção das defasagens, permanência e sucesso escolar

Mecanismos de avaliação dos alunos

A educação escolar tem a necessidade de promover ao educando uma formação integral e em todas as áreas do conhecimento. Nesse sentido, a avaliação é o fator determinante no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, sendo ela uma avaliação emancipatória, em contraposição a avaliação classificatória.

A avaliação emancipatória é um processo contínuo e participativo, com função diagnóstica, prognóstica e investigativa que visa em seu cotidiano o redimensionamento das ações pedagógicas, ressignificando assim a aprendizagem, o conhecimento, o pensar e o agir.

Os instrumentos devem oportunizar aos educandos muitos momentos para expressar suas ideias e retomar dificuldades referentes aos conteúdos introduzidos e desenvolvidos.

Realizar muitas tarefas em grupo para que os próprios alunos se auxiliem nas dificuldades, mas garantindo o acompanhamento de cada estudante a partir de tarefas avaliativas individuais em todas as etapas do processo.

Ao invés de simplesmente assinalar certo e errado nas tarefas dos educandos e atribuir conceitos ou notas a cada tarefa realizada, fazer anotações significativas para o professor e aluno, apontando-lhes soluções e possibilidades de aprimoramento.

Propor a cada etapa tarefas relacionadas às anteriores, numa gradação de desafios coerentes às descobertas feitas pelos educandos, às dificuldades apresentadas por eles, ao desenvolvimento do conteúdo.

Converter a tradicional rotina de atribuir conceitos classificatórios às tarefas, calculando médias de desempenho final, em tomada de decisão do professor com base nos registros feitos sobre a evolução dos alunos nas diferentes etapas do processo, tornando o aluno comprometido com tal processo, ou seja, visa à participação de todos os integrantes envolvidos no processo educacional, sendo eles professores, coordenadores, articuladores e a família.

Diante do exposto esperamos que os alunos participem significativamente de todo esse processo tendo perspectivas de futuro, compreendendo o valor e a importância da educação na sua formação humana e social.

Que os educandos compreendam que a função primordial da escola é de conduzi-lo progressivamente a constituir-se em um sujeito autônomo, liberto para o conhecimento, um pensador livre, crítico, criativo e responsável perante o contexto sócio, econômico, político e cultural em que está inserido.

Acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem dos alunos

Diante do acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem dos alunos, faz-se necessário e indispensável a participação dos coordenadores pedagógicos juntamente com os professores, articuladores e pais, para que se criem condições educacionais. Para tanto se faz necessário também que a Secretaria de Estado de Educação - SEDUC disponibilize um número maior de coordenadores e articuladores, bem como a substituição quando necessário por motivo de saúde, além de um espaço físico amplo e equipado. É fundamental a socialização periódica para compartilhar o desempenho escolar dos alunos com todos os envolvidos da área escolar. Confere ao professor, replanejar suas ações a partir das dificuldades na sala de aula e acompanhar o processo da construção do conhecimento e desenvolvimento do educando, posicionado-se de forma mediadora utilizando na prática pedagógica a problematização e o confronto de ideias como:

estratégias metodológicas que facilitam a construção do conhecimento. Caso não haja êxito nas atividades pode-se encaminhar ao apoio pedagógico o aluno com dificuldades de aprendizagem.

Para assegurar a permanência do aluno em sala de aula com sucesso faz-se necessário um ambiente escolar atrativo, aulas dinâmicas com multimídia e acompanhamento dos pais. A avaliação deve ser significativa, permanente e diagnóstica que indica a necessidade de compreender a avaliação com uma ação humana concreta inserida, contextualizada e vivenciada intensamente no cotidiano escola, das salas de aula e dos demais espaços escolares.



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Correção das defasagens

Diante da proposta da Escola Ciclada de Mato Grosso, percebe-se que a mesma oferece subsídios teóricos suficientes para que o processo de ensino aprendizagem ocorra de forma satisfatória, todavia faz-se necessário que o mesmo ocorra na íntegra, obedecendo todos os pontos supracitados na referida proposta.

Outrossim, a análise da importância do profissional atuante nesta área, deve ser levada em consideração, haja visto que o professor articulador, em caso de afastamento por força maior, seja substituído para que a proposta não seja prejudicada e os alunos recebam de fato o apoio necessário para superação das defasagens. Dentre esse tema, ainda é interessante pensar a atuação de dois articuladores por ciclo, para suprir a demanda existente na escola.

As ações pedagógicas de correção e acompanhamento das dificuldades devem ser construídas e reconstruídas durante a prática pedagógica, favorecendo a melhoria do rendimento escolar, pois neste processo usar-se-á a reflexão sobre as experiências vividas no processo de aprendizagem tanto da sala referente ao ano-ciclo, quanto da sala de superação/aceleração, possibilitando uma constante reflexão/ação/reflexão, melhorando assim a aprendizagem do aluno.

Os resultados adquiridos durante o processo de superação dos alunos devem ser apresentados à comunidade escolar semestralmente por meio de quantitativos referente a cada ciclo, deixando claro para tal comunidade o aprendizado adquirido durante o tempo em questão. Esses números devem ser colocados de maneira clara, numa linguagem acessível e em ambientes visíveis para que impulse o interesse de pais alheios ao processo a incentivar a participação de seus filhos.

Compreensão e uso dos indicadores oficiais de avaliação da escola e das redes de ensino

Indicadores são sinais que revelam aspectos de determinada realidade podendo assim qualificar algo. Na nossa escola gostaríamos que fosse utilizado de uma forma que tenha a participação da comunidade escolar, (pais, alunos e profissionais da escola). Contudo para que haja mobilização da comunidade escolar quanto a avaliação da qualidade na educação, se faz necessário comunicar a comunidade escolar por meio de bilhetes, faixas em frente a escola, rádio e outros meios viáveis de comunicação, como acontece essa avaliação e resultados quanto a Provinha Brasil, IDEB E Censo Escolar.

Desejamos que a escola analise os resultados acompanhando os limites e as dificuldades encontradas na implementação do plano de ação. O uso regular dos indicadores possibilita observar se a qualidade da escola está melhorando ou não, corrigir rota, gerar alegria, satisfação e solidariedade à medida que todos vão percebendo as melhorias resultantes do esforço coletivo.

Desejamos que as necessidades sejam identificadas através de avaliações diagnósticas, reunião com os pais, reuniões pedagógicas, conselho de classe e que as metas de desempenho devem ser realizadas de forma democrática, envolvendo toda comunidade escolar.

Validar Marco Referencial

DIAGNÓSTICO

Dimensão ambiente educativo

Satisfação com o ambiente educativo

Nível de satisfação dos alunos com a escola?

BOM

Pontos positivos:

A reforma e ampliação da escola; os projetos desenvolvidos pela escola; o empenho de muitos alunos; o bom relacionamento dos alunos com os profissionais da escola;

Pontos frâgeis:

Falta de uma Ginásio de Esportes; salas quentes e abafadas; falta nas salas: armários, cortinas e livros didáticos para todos;

O que fazer para melhorar?

Colocar Ar condicionado em todas as salas; melhorar o Cardápio da merenda escolar; colocar



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

curtinas nas salas de aula;
Nível de satisfação dos profissionais com a escola?

BOM

Pontos positivos:

a amizade entre todos; o companheirismo; a solidariedade;

Pontos frágeis:

salas abafadas; o estresse do dia-a-dia;

O que fazer para melhorar?

climatizar todas as salas de aula e outras; ter mais momentos de confraternização;

Nível de satisfação dos pais ou responsáveis e sociedade ao frequentar ou visitar à escola?

ÓTIMO

Pontos positivos:

Reforma e ampliação da escola; A boa aparência do prédio escolar; a boa acolhida por parte dos profissionais da escola.

Pontos frágeis:

Salas quentes e abafadas;

O que fazer para melhorar?

A escola adquirir bancos para o pessoal e os próprios alunos se sentar quando chegam antes da aula; Colocar ar condicionados nas salas;

Nível de satisfação da comunidade com a escola?

BOM

Pontos positivos:

Boa interação entre escola e comunidade; a escola sempre aberta para a comunidade;

Pontos frágeis:

a participação da comunidade ainda é fraca;

O que fazer para melhorar?

Incentivar a comunidade a participar mais da vida escolar;

Relações interpessoais

Nível da qualidade das relações entre os alunos?

BOM

Pontos positivos:

Muitos alunos solidários; o bom relacionamentos entre eles;

Pontos frágeis:

Muitos alunos são indisciplinados, não tendo um comportamento adequado ao ambiente escolar;

O que fazer para melhorar?

Fazer mais reunião com os pais, principalmente com os pais dos alunos indisciplinados.

Nível da qualidade das relações entre os alunos e professores da escola?

REGULAR

Pontos positivos:

Bom relacionamento com a maioria;

Pontos frágeis:

A falta de paciência de alguns professores; o mapeamento das carteiras nas salas de aulas;

O que fazer para melhorar?

Os alunos terem mais paciência para com os professores; E os professores conhecerem melhor os alunos;

Nível da qualidade das relações entre os profissionais da escola?

BOM

Pontos positivos:

O bom relacionamento entre os profissionais; O respeito pela vida alheia; o compromisso de cada um pelo seu trabalho; a pontualidade de muitos em desempenhar seu serviço; a solidariedade.

Pontos frágeis:

nem todos participam dos momentos de confraternização;



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

O que fazer para melhorar?

Ter mais momentos de confraternização; um conhecer melhor o outro;

Nível de qualidade das relações entre escola e comunidade?

ÓTIMO

Pontos positivos:

As parcerias; a disposição para a colaboração;

Pontos frágeis:

A pouca participação da comunidade na vida da escola;

O que fazer para melhorar?

Maior participação dos pais na vida da escola; que os representantes do CDCE (Segmento Pais) sejam pais que não trabalham na escola;

Nível de qualidade das relações entre alunos e funcionários?

ÓTIMO

Pontos positivos:

Os funcionários são educados e simpáticos; Compromissados com suas tarefas na escola;

Pontos frágeis:

O número de funcionário é insuficiente para a escola que temos;

O que fazer para melhorar?

Que a escola pudesse contratar mais pessoas para as funções de merendeiras e zeladoras; que elas pudessem visitar mais as salas para passar alguns recados ou orientações ou até mesmo se apresentarem.

Regras de convivência

Nível de participação dos profissionais da educação na construção das regras de convivência?

BOM

Pontos positivos:

Há preocupação em fazer regras;

Pontos frágeis:

Nem todos levam a sério a construção de regras; Que medidas tomar com quem não cumpre as normas;

O que fazer para melhorar?

Fazer uma boa conscientização com todos no início do ano e todos tomarem as mesmas medidas;

Nível de participação dos alunos na construção das regras de convivência?

REGULAR

Pontos positivos:

A responsabilidade dos alunos; A seriedade de muitos;

Pontos frágeis:

A escolha da cor do uniforme escolar;

O que fazer para melhorar?

A escola exigir mais participação dos alunos na construção de regras;

Nível de participação dos pais ou responsáveis na construção das regras de convivência?

RUIM

Pontos positivos:

A presença de pais nas programações da escola;

Pontos frágeis:

A pouca participação dos pais;

O que fazer para melhorar?

Exigir mais participação dos pais; desenvolver um estudo com os pais para a elaboração das regras;

Nível de adequação das regras de convivência às necessidades da escola?

REGULAR

Pontos positivos:

desejo de todos em conservar a boa aparência da escola;

Pontos frágeis:



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Nem todos participam com seriedade dos momentos de elaboração das regras

O que fazer para melhorar?

Estudar a realidade, ver o que queremos e precisamos e juntos elaborar as regras,

Nível de conhecimento das regras de convivência pelos profissionais da escola?

REGULAR

Pontos positivos:

o bom relacionamento entre todos

Pontos frágeis:

Poucos funcionários para atender uma escola grande;

O que fazer para melhorar?

Mais reunião com todos para trocas de experiências e ate mesmo para estudar juntos;

Nível de conhecimento das regras de convivência pelos alunos da escola?

REGULAR

Pontos positivos:

A participação nos projetos e a obediência de muitos alunos às regras;

Pontos frágeis:

nem todos se preocupam em conhecer as regras, muito menos, praticá-las;

O que fazer para melhorar?

Conhecer melhor as regras; incentivar os alunos a obedecerem as normas da escola; fazer as regras juntos com eles.

Nível de conhecimento das regras de convivência pelos pais ou responsáveis?

RUIM

Pontos positivos:

a participação de pais nas reuniões;

Pontos frágeis:

A fraca participação dos pais na vida escolar

O que fazer para melhorar?

Que os pais participem mais da escola;

Nível de cumprimento das regras de convivência pelos profissionais da escola?

BOM

Pontos positivos:

muitos professores cumprem com fidelidade as regras;

Pontos frágeis:

Nem todos levam a sério o cumprimento das regras da escola;

O que fazer para melhorar?

Que a Equipe Gestora possa identificar os casos de descumprimento das regras e estar conversando ou ate mesmo advertindo os responsáveis;

Nível de cumprimento das regras de convivência pelos alunos da escola?

REGULAR

Pontos positivos:

Muitos alunos são cumpridores das regras,

Pontos frágeis:

A dificuldade que muitos têm em respeitar normas;

O que fazer para melhorar?

Comunicar os pais daqueles que não cumprirem as regras; desenvolver palestra com os alunos sobre a questão disciplinar;

Nível de cumprimento das regras de convivência pelos pais ou responsáveis?

REGULAR

Pontos positivos:

há participação de pais, os quais são cumpridores e apoiam as decisões da escola

Pontos frágeis:

Falta maior participação de pais nas decisões da escola;

O que fazer para melhorar?



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Incentivar a participação dos pais; fazer reunião com os pais e convidar o Conselho tutelar, promotor, etc,

Compromisso e responsabilidade

Atendimento ao cumprimento dos horários pelos profissionais da escola?

BOM

Pontos positivos:

Manter a ordem; responsabilidade dos profissionais;

Pontos frágeis:

Nem todos levam a sério o cumprimento das regras;

O que fazer para melhorar?

chamar a atenção dos que não cumprem os horários;

Atendimento ao cumprimento dos horários pelos alunos da escola?

BOM

Pontos positivos:

Os alunos recepcionistas que ficam no portão anotando o nome dos alunos que chegam atrasados;

Pontos frágeis:

Muitos alunos não obedecem os horários;

O que fazer para melhorar?

que a Equipe Gestora exige mais responsabilidade no cumprimento dos horários;

Cumprimento à função de diretor?

ÓTIMO

Pontos positivos:

A responsabilidade para com seu trabalho;

Pontos frágeis:

A comunicação com A SEDUC e o atendimento pela mesma;

O que fazer para melhorar?

Que a SEDUC facilitasse a comunicação e o atendimento com as escolas, principalmente as mais distantes;

Cumprimento à função de coordenador?

MUITO BOM

Pontos positivos:

estão sempre a disposição dos colegas; o bom relacionamento com todos; a dedicação ao seu trabalho;

Pontos frágeis:

Problemas de aprendizagem de muitos alunos; E também os casos de indisciplina;

O que fazer para melhorar?

Que os coordenadores desenvolvessem apenas os itens ligados a sua função;

Nível de socialização dos horários de frequência dos profissionais?

BOM

Pontos positivos:

A transparencia do trabalho de cada profissional; conhecimento dos horários de cada um no ambiente escolar;

Pontos frágeis:

Alguns tem dificuldades com o horário devido a distancia da escola

O que fazer para melhorar?

Expor no murais da escola o horário de cada profissional

Nível das ações que garantem o cumprimento do compromisso e responsabilidade dos profissionais da escola?

BOM

Pontos positivos:

A pontuação obtida com a participação da ações e compromisso da escola: Os Certificados.

Pontos frágeis:

Nem todos participam das ações desenvolvidas pela escola;



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

O que fazer para melhorar?

Mais união e participação de todos na construção e desenvolvimento das ações

Cumprimento à função de professor?

BOM

Pontos positivos:

Muitos são pontuais e comprometidos nos seus trabalhos;

Pontos frágeis:

Alguns participam pouco das programções da escola; Nem todos tem tempo para a escola.

O que fazer para melhorar?

Incentivar que todos participem da sala do educador e das demais programações da escola;

Nível da qualidade das ações que garantam a sustentabilidade no ambiente escolar?

BOM

Pontos positivos:

o desenvolvimento do projeto da sala do Educador; o desenvolvimento dos projetos

Pontos frágeis:

falta de recursos financeiros para desenvolver bem os projetos;

O que fazer para melhorar?

mais união e empenho de todos

Respeito aos Direitos Humanos

Nível da qualidade das ações que garantem o respeito aos direitos humanos?

BOM

Pontos positivos:

A política educacional de inclusão

Pontos frágeis:

Entendimento das leis e como colocá-las na prática

O que fazer para melhorar?

estudo sobre este tema na sala do educador

Nível da qualidade das ações que garantem o respeito entre os alunos, professores, gestores, e demais funcionários da escola, juntamente com a comunidade?

BOM

Pontos positivos:

A solidariedade que há entre todos

Pontos frágeis:

Nem sempre há oportunidade de avaliação das ações desenvolvidas pela escola

O que fazer para melhorar?

Planejar juntos e organizar de forma que todos se sinta responsáveis pelas ações.

Gestão de conflitos

Nível de satisfação com a resolução de conflitos pela gestão?

BOM

Pontos positivos:

Tomada de consciencia para com seus estudos; correção fraterna; comunicação com os pais para resolver os conflitos;

Pontos frágeis:

Em muitos casos falta o apoio da família na resolução dos conflitos

O que fazer para melhorar?

Que a SEDUC dê mais apoio aos Gestores na questão disciplinar das escolas

Nível de satisfação com a resolução de conflitos dos alunos pelos professores?

BOM

Pontos positivos:

Acompanhamento da equipe Gestora;

Pontos frágeis:

falta de respeito para com os professores;A ausência da família



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

O que fazer para melhorar?

Que haja mais respeito para com os professores; Que escola tenha mais apoio da SEDUC na questão disciplinar com os alunos;

Nível de satisfação com a resolução de conflitos dos profissionais da educação da escola pela gestão?

BOM

Pontos positivos:

diálogo com os envolvidos em conflitos;

Pontos frágeis:

Gera um clima de desconfiança entre todos;

O que fazer para melhorar?

Mais reunião pedagógica e administrativa;

Nível de satisfação com a resolução de conflitos entre os profissionais da escola pela gestão?

BOM

Pontos positivos:

Os conflitos são resolvidos de maneira particular;

Pontos frágeis:

Ha profissionais que esperam que a escola facilitem seus interesses particulares.

O que fazer para melhorar?

Estudar ou ao menos ler o direitos de deveres de cada função no início do ano ou quando se fizer necessário.

Dimensão das práticas pedagógicas

Práticas pedagógicas

Articulação da proposta pedagógica com as Diretrizes Nacionais da Educação?

BOM

Pontos positivos:

compromisso dos professores pela aprendizagem de todos

Pontos frágeis:

A falta de interesse de muitos alunos pelos estudos

O que fazer para melhorar?

Mais empenho por parte de todos

Articulação da proposta pedagógica com as políticas públicas de Educação do Estado?

BOM

Pontos positivos:

A proposta do Ciclo de Desenvolvimento Humano nos dá abertura para desenvolvermos um trabalho sem ruptura e reprovação do educando;

Pontos frágeis:

Despreocupação de muitos alunos em levar a sério os estudos, pois sabem que não serão reprovados;

O que fazer para melhorar?

Maior conscientização dos alunos e dedicação dos profissionais para motivar o interesse dos alunos pelos estudos;

Articulação da proposta pedagógica com as práticas diárias?

BOM

Pontos positivos:

maior inclusão do educandos na escola, bem como proporcionar melhores formas de aprendizagem na prática diária

Pontos frágeis:

Falta de recursos tecnológicos, pedagógicos e formações específicas de alguns educadores;

O que fazer para melhorar?

Implantar e implementar os recursos tecnológicos e proporcionar qualidade de ensino/aprendizagem através dos temas da Sala do Educador e formação continuada;

Articulação do Currículo com a proposta pedagógica da escola?

BOM



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Pontos positivos:

É que o Currículo visa garantir um sistema de ensino de qualidade;

Pontos frágeis:

Nem sempre entendemos se o Currículo atende as necessidades da nossa clientela;

O que fazer para melhorar?

Ter uma prática coerente de formação que implique numa relação democrática, comunidade escolar e educandos;

Nível de participação da comunidade na construção da matriz curricular?

BOM

Pontos positivos:

Envolvimento da maioria dos profissionais

Pontos frágeis:

È que nem sempre está claro o significado de Currículo;

O que fazer para melhorar?

Precisa ter mais conhecimento sobre o assunto: Currículo; onde haja mais clareza na concepção do

mesmo;

Nível de socialização da proposta pedagógica à comunidade escolar?

BOM

Pontos positivos:

Que maioria dos profissionais se interage das propostas

Pontos frágeis:

A falta de muitos recursos para um bom desenvolvimento da proposta pedagógica

O que fazer para melhorar?

Realizar mais reuniões pedagógicas para tal fim

Atendimento aos diferentes tempos de aprendizagem dos alunos?

BOM

Pontos positivos:

Empenho dos professores em fazer com os alunos tenham um bom desenvolvimento na aprendizagem

Pontos frágeis:

A defasagem dos alunos

O que fazer para melhorar?

Diminuir o numero de alunos por turma para que o professor possa acompanhar melhor os alunos

Realização de práticas pedagógicas inclusivas e voltadas à educação ambiental?

BOM

Pontos positivos:

A realização dos projetos meio ambiente e outros

Pontos frágeis:

A dificuldade em conhecer bem os alunos

O que fazer para melhorar?

Trabalhar mais com os alunos a conscientização ambiental

Nível de utilização dos recursos didáticos e as tecnologias nas práticas pedagógicas?

BOM

Pontos positivos:

na medida do possível é feito um bom uso dos recursos didáticos

Pontos frágeis:

falta de estrutura e salas adequadas para o uso das tecnologias

O que fazer para melhorar?

adequar as salas de aula para o uso das tecnologias

Articulação entre a proposta pedagógica e a realidade do entorno escolar?

BOM

Pontos positivos:

A participação de muitos pais na vida escolar

Pontos frágeis:



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

A fraca participação da comunidade e envolvimento dos pais na proposta pedagógica da escola

O que fazer para melhorar?

propor um melhor envolvimento da comunidade com a proposta pedagógica da escola.

Planejamento pedagógico

Nível de integração dos profissionais no planejamento do ano letivo?

ÓTIMO

Pontos positivos:

Realização da Semana Pedagógica no início do ano;

Pontos frágeis:

Nem todos participam da Semana Pedagógica;

O que fazer para melhorar?

Fazer a atribuição de aulas para os interinos antes da semana pedagógica;

Compromisso dos professores com o planejamento das aulas?

BOM

Pontos positivos:

Elaboração do planejamento no início do ano

Pontos frágeis:

dificuldade em se reunir por Area de conhecimento

O que fazer para melhorar?

Que cada professor possa planejar suas aulas;

Compromisso dos professores com o planejamento dos projetos e eventos?

BOM

Pontos positivos:

Realização de reuniões para a organização dos projetos;

Pontos frágeis:

dificuldade é reunir com todos.

O que fazer para melhorar?

mais união e empenho de todos;

Acompanhamento do planejamento dos professores pelos diretores?

BOM

Pontos positivos:

Interagir dos projetos da escola

Pontos frágeis:

Planejamento inadequado para realidade dos alunos

O que fazer para melhorar?

reunir com os alunos e fazer juntos o planejamento do ano;

Acompanhamento do planejamento dos professores pelos coordenadores?

BOM

Pontos positivos:

Ter uma ferramenta para desenvolver as aulas;

Pontos frágeis:

Nem todos os planejamentos são feitos para ser desenvolvidos com os alunos, mas para cumprir uma exigência;

O que fazer para melhorar?

Que os coordenadores leiam e dêem seu parecer aprovando ou não, e acompanhem seu desenvolvimento;

Articulação das metodologias com as políticas públicas de educação do estado?

BOM

Pontos positivos:

Seguimento da OCs como ponto básico na Educação de MT;

Pontos frágeis:

Falta de formadores no CEFAPRO em algumas Areas de conhecimento;

O que fazer para melhorar?



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Que tenhamos mais orientações sobre as políticas públicas de MT

Realização de práticas interdisciplinares?

BOM

Pontos positivos:

Realização dos projetos coletivos;

Pontos frágeis:

Falta de participação e empenho por parte de alguns professores;

O que fazer para melhorar?

Participação de todos e com empenho;

Qualidade do planejamento na utilização dos recursos pedagógicos?

BOM

Pontos positivos:

Desenvolvimento de projetos com recursos que temos;

Pontos frágeis:

recursos insuficientes para atender toda a demanda

O que fazer para melhorar?

usar melhor os recursos pedagógicos e adquirir novos

Incentivo à autonomia e ao trabalho coletivo

Nível de incentivo à autonomia dos profissionais na organização dos trabalhos coletivos da escola?

BOM

Pontos positivos:

Sala do Educador; o planejamento por área de conhecimento;

Pontos frágeis:

Professores interinos e outros que resistem trabalhar em grupo;

O que fazer para melhorar?

Mais união e empenho de todos

Organização do trabalho coletivo na escola?

BOM

Pontos positivos:

As reuniões para organizar os trabalhos; os mutirões de serviços

Pontos frágeis:

falta de material adequado,

O que fazer para melhorar?

Mais união e empenho de todos;

Participação dos alunos nas ações coletivas da escola?

ÓTIMO

Pontos positivos:

Interesse em participar dos projetos da escola; a dedicação de muitos alunos;

Pontos frágeis:

A transferência de muitos alunos;

O que fazer para melhorar?

conscientizar os alunos e valorizá-los pelo desempenho e participação nos projetos;

Incentivo do trabalho coletivo pelos profissionais?

BOM

Pontos positivos:

A participação dos profissionais;

Pontos frágeis:

Nem todos participam com empenho

O que fazer para melhorar?

Valorizar mais a participação dos profissionais;

Participação dos pais ou responsáveis nas ações da escola?

REGULAR



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Pontos positivos:

A participação de pais nas ações;

Pontos frágeis:

A fraca participação dos pais;

O que fazer para melhorar?

Incentivar mais a participação dos pais;

Dimensão avaliação Pedagógica, correção das defasagens, permanência e sucesso escolar

Mecanismos de avaliação dos alunos

Utilização de instrumentos de avaliação que incorporem as práticas pedagógicas ocorridas na escola, levando em conta a história de vida do aluno?

BOM

Pontos positivos:

As provas Brasil; As Olimpiadas de Matemáticas; as atividades realizadas em sala e avaliadas pelo professor.

Pontos frágeis:

Muitos alunos ainda não entendem o significado da avaliação no currículo escolar;

O que fazer para melhorar?

Conscientizar os pais e propor alternativas para que eles possam estar mais presentes na Escola e na vida escolar dos filhos. Sendo que eles possam exigir melhores resultados nas avaliações.

Articulação dos instrumentos de avaliação com as políticas públicas do estado?

BOM

Pontos positivos:

O fato de levar o educando a acreditar que ele é um ser humano capaz de superar as suas dificuldades de aprendizagem dia após dia.

Pontos frágeis:

Que ainda não há uma clareza entre professores e alunos sobre a complexidade dos ciclos de formação humana.

O que fazer para melhorar?

Precisamos entender melhor o que é o Ciclo de Formação Humana.

Participação dos profissionais na construção dos processos de avaliação?

BOM

Pontos positivos:

O empenho dos profissionais para que os alunos tenham sucesso nas provas de nível nacional e também para suas vidas.

Pontos frágeis:

Poucas reuniões pedagógicas para preparar as avaliações.

O que fazer para melhorar?

Ter mais reuniões com os professores para preparar as avaliações.

Participação dos profissionais no acompanhamento dos processos de avaliação?

BOM

Pontos positivos:

Empenho dos professores para que os alunos tenham bons resultados nas avaliações

Pontos frágeis:

ainda existe falta de interação entre os professores para planejar as avaliações

O que fazer para melhorar?

Ter mais reuniões com os professores e melhorar a comunicação na escola

Participação dos alunos na construção dos processos de avaliação?

BOM

Pontos positivos:

A busca deles em superar as próprias dificuldades.

Pontos frágeis:

Muitos alunos ainda não entendem o processo avaliativo



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

O que fazer para melhorar?

Conscientizar mais os alunos sobre a importância da avaliação e como funciona o processo avaliativo nos ciclos de formação humana,

Participação dos alunos no acompanhamento dos processos de avaliação?

BOM

Pontos positivos:

A preocupação em tirar bons resultados nas avaliações

Pontos frágeis:

Muitos alunos não levam a sério o processo avaliativo

O que fazer para melhorar?

Conscientizar os alunos para que eles entendam o processo avaliativo

Participação dos pais na construção dos processos de avaliação?

REGULAR

Pontos positivos:

Que alguns pais participam da vida escolar dos filhos e até colaboram com os professores;

Pontos frágeis:

Pouca interação da família com a escola/professores

O que fazer para melhorar?

Realizar mais atividades na escola e envolver mais os pais dos alunos;

Participação dos pais no acompanhamento dos processos de avaliação?

BOM

Pontos positivos:

Alguns pais participam sim no processo avaliativo

Pontos frágeis:

A fraca participação dos pais no processo avaliativo

O que fazer para melhorar?

Envolver mais os pais nas atividades escolares

Utilização de instrumentos de avaliação que considerem a aprendizagem de valores comportamentais relativos tanto à vivência quanto à diversidade?

BOM

Pontos positivos:

Aquando o professor consegue ver o aluno na sua singularidade;

Pontos frágeis:

Quando se pensa apenas em conteúdo e esquece a parte humana

O que fazer para melhorar?

Que o professor precisa fazer uma auto-avaliação para tentar um equilíbrio na sua prática pedagógica

Acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem dos alunos

Acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem dos alunos pelos professores?

BOM

Pontos positivos:

A dedicação de cada professor; O bom relacionamento entre professor e aluno;

Pontos frágeis:

sala numerosa que dificulta o professor fazer um bom acompanhamento individualizado;

O que fazer para melhorar?

Menos alunos por sala; Maior dedicação dos professores com alunos que apresentam maiores problema de aprendizagem;

Acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem dos alunos pelos coordenadores?

BOM

Pontos positivos:

Identificar os casos de defasagem na aprendizagem e assim poder colaborar com os professores; A boa assessoria aos trabalhos dos pedagogos e dos demais educadores;



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Pontos frágeis:

Atendimento de casos de indisciplina e alunos com problemas de saúde;

O que fazer para melhorar?

Contratar mais profissionais para atender os diferentes casos envolvendo alunos no período de estudo no ambiente escolar;

Nível de socialização do desempenho escolar?

BOM

Pontos positivos:

Possibilidade de todos ficarem sabendo os resultados do desempenho escolar;

Pontos frágeis:

Nem todos participam das reuniões, e por isso, acontece que alguns ficam sem esta informação;

O que fazer para melhorar?

Ter mais momentos para socializar as informações de interesse de todos;

Articulação entre o controle de frequência e o desempenho dos alunos que assegure a permanência com sucesso?

BOM

Pontos positivos:

A ficha do FICAI; A comunicação com os pais ou responsável;

Pontos frágeis:

Muitos pais não participam da vida escolar de seus filhos; Outros não tem telefone dificultando a comunicação;

O que fazer para melhorar?

Maior participação dos pais na vida escolar dos filhos; Incentivar os alunos a manter a assiduidade;

Qual(is) a(s) disciplina(s) que apresenta(m) menor desempenho escolar?

BOM

Pontos positivos:

A Olimpíada de Matemática; A Provinha Brasil

Pontos frágeis:

A Matemática e Português

O que fazer para melhorar?

Maior empenho dos professores aos alunos de menos rendimento escolar nestas Disciplinas.

Qual(is) a(s) área(s) de conhecimento que apresenta(m) menor desempenho escolar?

BOM

Pontos positivos:

Identificação da Área em que deve ser mais atacada para resolver os problemas de aprendizagem de nossos alunos;

Pontos frágeis:

A Área de Ciência da Natureza;

O que fazer para melhorar?

Maior dedicação dos professores e demais profissionais da respectiva Área e escola como um todo;

Participação dos pais ou responsáveis no desempenho de ensino-aprendizagem dos alunos, em consonância com os professores e coordenadores?

REGULAR

Pontos positivos:

Há pais que participam da vida escolar dos filhos;

Pontos frágeis:

A fraca participação dos pais na vida escolar dos filhos;

O que fazer para melhorar?

Incentivar os pais a participar mais efetivamente da vida da escola;

Correção das defasagens

Relação entre as avaliações e a identificação das defasagens?

BOM



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Pontos positivos:

através das avaliações são detectados os problemas apresentados no ensino aprendizagem;

Pontos frágeis:

É que nem sempre conseguimos alcançar os objetivos propostos na intervenção;

O que fazer para melhorar?

Melhor desempenho dos profissionais atacando os pontos frágeis e maior responsabilidade dos pais;

Qualidade das ações pedagógicas de acompanhamento das defasagens?

BOM

Pontos positivos:

As intervenções dos articuladores e professores nas aulas de apoio diversificados

Pontos frágeis:

Falta espaço físico mesmo com a reforma da escola, não temos sala de articulação para melhor qualidade no trabalho de apoio pedagógico;

O que fazer para melhorar?

Implantar e implementar espaços físicos e tecnológicos

Qualidade das ações pedagógicas de correção das defasagens?

BOM

Pontos positivos:

A Enturmação, a intervenção dos Articuladores no apoio pedagógico; A dedicação dos professores;

Pontos frágeis:

Na Enturmação o ponto frágil é que respeita o faixa etária mas não respeita a qualidade e desempenho dos alunos, pressupondo que devemos partir da realidade do educando;

O que fazer para melhorar?

Contratar um profissional como monitor para a sala de Enturmação

Socialização dos resultados das ações pedagógicas de correção das defasagens?

BOM

Pontos positivos:

trocadas de experiências entre os professores nas reuniões pedagógicas

Pontos frágeis:

Poucos Encontros designados para esta proposta;

O que fazer para melhorar?

Que haja mais reuniões pedagógicas para os profissionais interagirem com sugestões e trocas de experiências;

Compreensão e uso dos indicadores oficiais de avaliação da escola e das redes de ensino

Utilização dos indicadores de desempenho escolar?

BOM

Pontos positivos:

Que através do IDEB é possível identificar o nível de aprendizagem dos alunos da escola;

Pontos frágeis:

Que no ano de 2012 o IDEB da Escola caiu, devido o grande transtorno encontrado pelos professores e demais profissionais para desenvolver seus trabalhos, por causa da reforma e ampliação da escola

O que fazer para melhorar?

Desenvolver os projetos, e aproveitar bem os espaços físicos reformados para alcançar os objetivos propostos pela escola;

Articulação entre os dados indicadores de desempenho e as ações que visam a melhoria da qualidade de educação?

BOM

Pontos positivos:

A implantação do Projeto Integral (Mais Educação), O acompanhamento no Reforço dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, comunicação com os pais dos alunos que necessitam de reforço;

Pontos frágeis:



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Muita rotatividade no Projeto Mais Educação; apesar de serem convocados pela escola, muitos alunos não comparecem às aulas de Apoio de Pedagógico;

O que fazer para melhorar?

Mais conscientização dos pais, melhor conhecimento de como funciona o Projeto Mais Educação;

Relação entre a identificação das necessidades de ensino aprendizagem dos alunos e a proposição de metas de desempenho?

BOM

Pontos positivos:

O SIGA, ALFABELETAR, PACTO, que vem de encontro com as necessidades do processo aprendizagem

Pontos frágeis:

muita informação a curto prazo para os professores;

O que fazer para melhorar?

Que o CEFAPRO tenha mais profissionais para desenvolver estes projetos

Dimensão gestão escolar democrática

Democratização da informação

Nível de circulação das informações na comunidade escolar?

BOM

Pontos positivos:

Uso do mural de recados, comunicados na sala dos professores antes do início das aulas;

Pontos frágeis:

Nem sempre verificamos o que tem no mural;

O que fazer para melhorar?

Implantar um sistema de sonorização em todas as salas de aulas para facilitar a comunicação;

Desenvolver o Projeto Rádio Escola;

Nível de socialização das informações pela gestão escolar?

BOM

Pontos positivos:

Utilização dos murais da escola, principalmente o da sala dos professores;

Pontos frágeis:

falta de alguns não ter o hábito de ler notícias em murais;

O que fazer para melhorar?

Ter mais reuniões para acontecer a socialização das informações; Desenvolver o projeto Rádio Escola; instalar nas salas e corredores um sistema de som;

Qualidade dos canais de comunicação?

BOM

Pontos positivos:

A confiança que há no outro;

Pontos frágeis:

A grande quantidade de profissionais e alunos, pode dificultar a seriedade da comunicação;

O que fazer para melhorar?

Utilizar os murais da escola e desenvolver o projeto da criação de um Jornalzinho Informativo Escolar;

Acessibilidade aos documentos públicos para a comunidade escolar?

REGULAR

Pontos positivos:

Escola está sempre aberta a comunidade;

Pontos frágeis:

Nem todos conhecem os documentos públicos e sua importância na vida de cada profissional;

O que fazer para melhorar?

Maior conscientização do bom uso dos documentos públicos e os cuidados para com os mesmos;

Conselhos escolares atuantes



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Qualidade da sensibilização e da mobilização para a participação dos membros da comunidade e da sociedade no CDCE e no Conselho fiscal?

BOM

Pontos positivos:

As reuniões mensais ou extraordinárias para a resolução dos problemas;

Pontos frágeis:

Nem todos os membros do Conselho participam das reuniões

O que fazer para melhorar?

Cobrar a participação de todos os membros do Conselho

Qualidade da organização e funcionamento do CDCE?

BOM

Pontos positivos:

Regularidade das reuniões

Pontos frágeis:

Falta de representantes do Segmento aluno nas reuniões do Conselho

O que fazer para melhorar?

Fazer uma convocação para que todos participem das reuniões.

Acessibilidade aos documentos e informações para os membros do CDCE?

BOM

Pontos positivos:

Bom acesso as informações

Pontos frágeis:

Falta de documentos impressos

O que fazer para melhorar?

Imprimir os documentos e repassar para os membros do Conselho quando necessário

Qualidade das ações de capacitação dos membros do CDCE?

BOM

Pontos positivos:

Capacitação no início do mandato

Pontos frágeis:

Nem todos participaram da capacitação no início, pois entraram depois

O que fazer para melhorar?

Propor que tenha mais capacitação para os membros do Conselho escolar

Participação do Conselho Fiscal no processo de prestação de contas?

BOM

Pontos positivos:

Sempre estão a disposição, principalmente quando solicitado

Pontos frágeis:

É fraca a participação dos membros dos conselheiros fiscais

O que fazer para melhorar?

Ter mais participação efetiva nas questões pertinentes a seus cargos

Responsabilidade do CDCE nas prestações de contas, bem como na divulgação das mesmas a toda a comunidade escolar?

BOM

Pontos positivos:

Está sempre presente nos processos de compra e prestação de contas da escola

Pontos frágeis:

A divulgação da prestação de contas é falha, pois nem temos local apropriado para a divulgação da prestação de contas.

O que fazer para melhorar?

Expor a prestação de contas em um mural para que todos possam ter acesso a esta informação.

Participação da comunidade escolar e sociedade

Participação da comunidade escolar na construção do PPP?



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

BOM

Pontos positivos:

todos se interagem do PPP;

Pontos frágeis:

Mas nem todos levam a sério o PPP;

O que fazer para melhorar?

Que seja determinado momentos para estudar e construir o PPP com a participação de todos;

Participação da comunidade escolar e sociedade na organização, planejamento e funcionamento da escola?

BOM

Pontos positivos:

Semana Pedagógica e reuniões administrativas e outras;

Pontos frágeis:

Nem sempre acontece a socialização de tudo que acontece na escola; Falta empenho de muitos para participar da organização da escola;

O que fazer para melhorar?

Planejar as reuniões de organização e distribuir bem as tarefas de cada um;

Atuação dos colegiados na construção, desenvolvimento e na avaliação do PPP?

BOM

Pontos positivos:

todos são convidados a participar;

Pontos frágeis:

Muitos não levam a sério o PPP

O que fazer para melhorar?

Ter momentos determinados para a Avaliação do PPP mais para o final do ano;

Participação da comunidade escolar e da sociedade no planejamento e fiscalização da utilização dos recursos financeiros?

BOM

Pontos positivos:

As reuniões do CDCE;

Pontos frágeis:

Nem todos tem interesse em saber sobre os recursos financeiros da escola

O que fazer para melhorar?

Fazer mais reuniões e fazer a prestação de contas com a comunidade escolar

Qualidade da prestação de contas dos recursos financeiros da escola (SEDUC, PDE/MEC, PDDE, RECURSOS PRÓPRIOS, etc.) à comunidade escolar e sociedade?

BOM

Pontos positivos:

Prestação de contas sempre em dia;

Pontos frágeis:

A fraca participação da comunidade na vida escolar

O que fazer para melhorar?

Organizar uma boa equipe para divulgar as ações da escola, mesmos os recursos financeiros

Articulação e parcerias com as famílias, demais serviços públicos, associações, empresas, visando à melhoria da gestão escolar?

BOM

Pontos positivos:

As parcerias; o bom relacionamento;

Pontos frágeis:

A pouca participação da sociedade na vida da escola

O que fazer para melhorar?

Buscar parcerias com a comunidade

Qualidade da promoção de integração entre os profissionais da escola, pais/responsáveis e alunos, visando a uma concepção comum de educação na escola?



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

BOM

Pontos positivos:

A dedicação dos profissionais e alunos por uma educação de qualidade;

Pontos frágeis:

A falta de envolvimento de alguns tanto alunos, como professor nas ações da escola;

O que fazer para melhorar?

organizar estratégias para que mais gente possa participar da vida da escola

Acessibilidade aos espaços da escola pela sociedade?

MUITO BOM

Pontos positivos:

A escola aberta para a comunidade;

Pontos frágeis:

Falta de um ginásio de esportes equipado

O que fazer para melhorar?

Construção de um Ginásio de Esportes

Há inclusão qualificada no PPP da dimensão curricular incluindo as diversidades de conhecimentos e saberes locais?

BOM

Pontos positivos:

A Enturmação de alunos com idade fora da faixa etária

Pontos frágeis:

Falta de planejamento coletivo sobre esta questão: Estudar a cultura local e contemplá-la no PPP

O que fazer para melhorar?

Empenho de todos na construção do PPP

Articulação e participação de movimentos sociais na escola?

REGULAR

Pontos positivos:

A escola é um espaço público aberto a todos;

Pontos frágeis:

Pouco utilizado por movimentos sociais;

O que fazer para melhorar?

desenvolver parcerias com a sociedade;

Organização

Qualidade da realização de reuniões pedagógicas?

MUITO BOM

Pontos positivos:

momento de organizar a vida coletiva da escola;

Pontos frágeis:

pouca reuniões pedagógicas

O que fazer para melhorar?

Que tenha mais reuniões ao longo do ano; e que todos participem

Qualidade da realização de reuniões administrativas?

BOM

Pontos positivos:

É respeitado o direito de todos falarem o que pensa; Há boa participação dos profissionais;

Pontos frágeis:

Encontrar momentos para realizar reuniões para que todos possam participar;

O que fazer para melhorar?

Que tenham mais reuniões e que tenha a participação de todos os segmentos da escola; planejar as reuniões com antecedência;

Qualidade da realização de reuniões de pais/responsáveis?

BOM

Pontos positivos:



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Há presença de um bom número de pais ou responsável;

Pontos frágeis:

A ausência de muitos pais nas reuniões

O que fazer para melhorar?

Ver estratégias para que mais pais participam das reuniões;

Qualidade da realização de assembleias?

BOM

Pontos positivos:

Respeito pela fala do outro;

Pontos frágeis:

A ausência de muitos pais nas Assembleias;

O que fazer para melhorar?

Ver melhor data para que haja maior participação de todos;

Contribuição das reuniões para a melhoria das práticas pedagógicas?

BOM

Pontos positivos:

Momento de reflexão sobre a prática pedagógica;

Pontos frágeis:

Dificuldades que muitos têm é colocar em prática a teoria ou alguma decisão do coletivo;

O que fazer para melhorar?

Mais empenho e participação de todos; Fazer reuniões pedagógica para trocas de experiências entre os professores;

Qualidade na utilização da hora atividade?

MUITO BOM

Pontos positivos:

A grande maioria cumpre com fidelidade o seu compromisso;

Pontos frágeis:

Alguns casos de descuido no cumprimento das Horas atividades;

O que fazer para melhorar?

Acompanhar melhor os casos de não cumprimento das Horas Atividades;

Qualidade na participação dos gestores nas questões pedagógicas?

ÓTIMO

Pontos positivos:

Empenho e dedicação para fazer o melhor para resolver os problemas pedagógicos;

Pontos frágeis:

Muitos problemas que muitas vezes dificultam a desenvolver a própria função;

O que fazer para melhorar?

Mais união, e melhor organizar os trabalhos;

Qualidade da atuação dos assessores pedagógicos nas escolas?

BOM

Pontos positivos:

Sempre está a disposição da escola;

Pontos frágeis:

Excesso de trabalho ou seja escola para atender;

O que fazer para melhorar?

dinamizar as escolas para que haja mais união entre elas; Facilitar a comunicação entre escola e SEDUC;

Qualidade da atuação dos CEFAPROS nas escolas?

BOM

Pontos positivos:

A presença do CEFAPRO na Sala do Educador;

Pontos frágeis:

CEFAPRO não atender todas as Áreas de conhecimento;



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

O que fazer para melhorar?

Que haja formadores de todas as Áreas; Que haja mais união entre escolas e CEFAPRO

Qualidade das práticas de observância da legislação, do regimento e das demais normas legais que orientam os direitos e deveres dos profissionais, pais/responsáveis e alunos?

BOM

Pontos positivos:

Há boa observância por parte de todos da Legislação;

Pontos frágeis:

Há Leis confusas que precisam ser esclarecidas;

O que fazer para melhorar?

Esclarecimento de certas Leis como o Estatuto da Criança e do Adolescente;

Clima organizacional

Promoção de dinâmicas e ações para desenvolver equipes e lideranças?

BOM

Pontos positivos:

Os trabalhos com alunos líderes de cada sala; o envolvimento dos alunos e profissionais em jogos e outras ações;

Pontos frágeis:

A falta de empenho e a disposição de muitos em aceitar assumir compromisso;

O que fazer para melhorar?

• Maior envolvimento de professores e alunos em atividades culturais extra às atividades de rotina escolar; Trabalhar a formação de liderança;

Qualidade das ações para elevar a motivação e a autoestima dos profissionais?

MUITO BOM

Pontos positivos:

O bom relacionamento dos profissionais entre si e com os alunos e também com os pais;

Pontos frágeis:

A falta de participação de alguns nas ações promovidas pela escola;

O que fazer para melhorar?

Incentivar que todos possam participar das ações da escola;

Ações de mediação de conflitos para se desenvolver um clima de compromisso ético, cooperativo e solidário?

BOM

Pontos positivos:

Realização de projetos com o objetivo de levar os alunos a assumir a responsabilidade pela escola e ter uma conduta adequada com o ambiente escolar;

Pontos frágeis:

A indisciplina de muitos alunos; a falta de preparo de profissionais para resolver certos casos;

O que fazer para melhorar?

Desenvolver palestras para os profissionais; Mais apoio da SEDUC sobre como resolver os casos de conflitos no mundo de hoje dentro da escola;

Avaliação do desempenho

Qualidade da avaliação dos profissionais que atuam na escola?

BOM

Pontos positivos:

É feita de forma coletiva;

Pontos frágeis:

É que sempre temos dificuldades de avaliar;

O que fazer para melhorar?

Que seja planejada e informado a forma que se dará a avaliação;

Relação da avaliação dos profissionais com o desempenho em cumprimento de objetivos e metas educacionais?

BOM

Pontos positivos:



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Aceitação dos profissionais dos resultados da avaliação;

Pontos frágeis:

O desenvolvimento na prática daquilo que é planejado;

O que fazer para melhorar?

que tivesse mais empenho de todos os alunos;

Qualidade das práticas de valorização e de reconhecimento do trabalho, esforço dos professores e demais profissionais da escola, no sentido de reforçar ações voltadas para a melhoria de qualidade do ensino?

BOM

Pontos positivos:

Há preocupação dos professores em desenvolver bem a aprendizagem dos seus alunos;

Pontos frágeis:

Nem todos se interessam pelas aulas ou por qualquer atividades desenvolvidas em sala;

O que fazer para melhorar?

Que todos participassem com interesse das ações em favor de sua aprendizagem;

Dimensão formação e condições de trabalho dos profissionais da escola

Perfil profissional

Número de professores com nível superior (graduação)

49

Número de professores com especialização

31

Número de professores com mestrado
Número de professores com doutorado

Número de professores que atuam fora da área de formação

6

Número de professores que atuam na área de formação

43

Número de professores efetivos

25

Número de professores contratados

24

Número de funcionários efetivos

12

Número de funcionários contratados

11

Número de funcionários profissionalizados

10

Número de funcionários não-profissionalizados

2

Índice do hábito de leitura dos professores

70 %

Índice do hábito de leitura dos funcionários

30 %

Índice de acesso à internet pelos professores em casa

80 %

Índice de acesso à internet pelos professores em outros ambientes

100 %

Índice de acesso à internet pelos funcionários em casa

50 %

Índice de acesso à internet pelos funcionários em outros ambientes

50 %

Formação continuada



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Atendimento das necessidades de formação continuada dos profissionais na escola?

BOM

Pontos positivos:

Respaldo do CEFAPRO e outras instituições, como a UNEMAT e profissionais liberais

Pontos frágeis:

Poucos profissionais do CEFAPRO para atendimento dos temas da Sala do Educador

O que fazer para melhorar?

Abrir teste seletivo para os profissionais capacitados nas Áreas para maior apoio às escolas

Qualidade da organização da formação continuada dos profissionais da escola?

MUITO BOM

Pontos positivos:

Atuação da maioria dos profissionais nos estudos na fundamentação teórica e execução das oficinas pedagógicas;

Pontos frágeis:

A fase de adaptação do Projeto

O que fazer para melhorar?

Resolver no coletivo os problemas detectados no projeto na Sala do Educador

Atuação dos Cefapros (Centros de Formação dos Profissionais da Educação Básica) junto ao projeto de formação continuada da escola?

BOM

Pontos positivos:

Realização de Seminários integrados com professores das Áreas e Pedagogos

Pontos frágeis:

A falta de recursos humanos do CEFAPRO para atendimento nas escolas (Sala do Educador)

O que fazer para melhorar?

Contratação de pessoal especializados nas Áreas afins pelo SEDUC/CEFAPRO;

Relação entre as necessidades da escola, as políticas públicas do estado e o projeto Sala do Educador?

BOM

Pontos positivos:

Boa Interação entre SEDUC/CEFAPRO e Escola

Pontos frágeis:

Resposta ou Devolutivas em tempos imediatos;

O que fazer para melhorar?

Maior envolvimento do CEFAPRO, Comunidade escolar no desempenho dos projetos;

Condições de trabalho

Qualidade do espaço educativo para oferecer condições favoráveis ao desempenho dos profissionais?

BOM

Pontos positivos:

Ambiente reformado; material pedagógico razoável para todos; Cada professor tem sua sala de aula;

Pontos frágeis:

Salas quentes; salas pequenas;

O que fazer para melhorar?

climatizar todas as salas;

Qualidade do espaço educativo, recreativo oferece condições favoráveis ao desempenho de um ensino-aprendizagem de qualidade aos alunos?

BOM

Pontos positivos:

Sala de vídeo; pátio amplo para fazer certas dinâmicas;

Pontos frágeis:

falta alguns recursos pedagógicos; alguns alunos tem comportamento inadequado para o ambiente escolar;

O que fazer para melhorar?



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Adquirir mais recursos pedagógicos; desenvolver projetinhos para estimular os alunos a leitura e a escrita;
Qualidade da Biblioteca para melhoria da qualidade de ensino-aprendizagem do aluno?

BOM

Pontos positivos:

Muitos livros de literatura e outros; espaço amplo e climatizado; Uma bibliotecária a disposição;

Pontos frágeis:

Falta mais armário; curso para atendente de biblioteca;

O que fazer para melhorar?

CEFAPRO desenvolver curso para servidores de biblioteca; Organizar o horário para que haja melhor aproveitamento da mesma;

Qualidade do Laboratório de Informática e/ou Ciências da Natureza?

MUITO BOM

Pontos positivos:

Ambiente climatizado; sala adequada com mobiliário de boa qualidade, computadores novos, impressora e internet; uma técnica de laboratório de informática;

Pontos frágeis:

Internet deixa a desejar; quantidade insuficiente de computadores;

O que fazer para melhorar?

Adquirir mais computadores, mesas e cadeiras para suprir as necessidades da escola;

Qualidade da quadra Poliesportiva?

RUIM

Pontos positivos:

Existe o sonho de todos da comunidade escolar que um dia tenha no pátio da mesma uma Quadra Poliesportiva;

Pontos frágeis:

Falta de uma Quadra coberta para a prática de esportes e outras atividades;

O que fazer para melhorar?

Que a Escola Iara seja contemplada, assim como as demais, com a construção de Quadra Poliesportiva;

Dimensão organização administrativa

Secretaria da escola

Organização dos registros escolares?

BOM

Pontos positivos:

Ficou de fácil acesso; Maior agilidade na elaboração dos documentos

Pontos frágeis:

Internet não adequada para uma tecnologia avançada;

O que fazer para melhorar?

Implantar uma Internet de melhor qualidade;

Organização e o funcionamento da secretaria da escola (em relação à expedição de documentos, arquivamento, histórico escolar, controle e conservação de patrimônio)?

MUITO BOM

Pontos positivos:

A reforma da escola fez com que melhorasse o ambiente e organização da Documentação e recepção da comunidade;

Pontos frágeis:

Falta de alguns equipamentos

O que fazer para melhorar?

Adquirir os equipamentos que faltam;

Acessibilidade aos documentos da secretaria escolar para a comunidade escolar?

BOM



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Pontos positivos:

Com o programa SIGeduca ficou mais fácil de elaborar os documentos para a comunidade;

Pontos frágeis:

A lentidão da Internet

O que fazer para melhorar?

Implantar uma Internet de melhor qualidade;

Acompanhamento da frequência dos alunos pela secretaria escolar?

BOM

Pontos positivos:

com o diário eletrônico ficou mais acessível as estas informações;

Pontos frágeis:

A dificuldade que alguns professores têm de manter atualizado o Diário Eletrônico;

O que fazer para melhorar?

que todos os professores tenham o comprometimento de manter atualizado o diário Eletrônico;

Aquisição de materiais

Realização do processo de aquisição de materiais pedagógicos, materiais para a secretaria, materiais de higiene e limpeza e a alimentação escolar?

BOM

Pontos positivos:

Verbas do PDE e PDDE para a aquisição dos materiais da escola;

Pontos frágeis:

Dificuldade de entender o que é material permanente e de consumo; como efetuar as compras de acordo com as normas exigidas pela SEDUC;

O que fazer para melhorar?

Que os Diretores tenham melhor apoio nas questões financeiras e prestação de Contas da Verbas Estaduais e Federais;

Organização do processo de aquisição da alimentação escolar de maneira que todos da comunidade escolar participem democraticamente do processo de escolha?

BOM

Pontos positivos:

Há diversidade de alimentos para a elaboração do Cardápio da Merenda escolar com a participação de muitas pessoas da comunidade escolar;

Pontos frágeis:

Que nem todos os profissionais participam da escolha dos tipos de alimentos para fazer o Cardápio da merenda escolar;

O que fazer para melhorar?

Maior incentivo para que todos possam participar das escolhas do Cardápio da merenda escolar; Aumentar os recursos para que os alunos tenham melhor quantidade e qualidade de merenda escolar

Incentivo na aquisição de materiais diversos visando uma escola sustentável?

BOM

Pontos positivos:

O projeto Horta; Os projetos desenvolvidos pelos próprios alunos; As promoções realizadas pela escola;

Pontos frágeis:

Dificuldade de realização dos serviços e a falta de recursos para contratar pessoas capacitadas para desenvolver trabalhos em favor de uma escola sustentável;

O que fazer para melhorar?

Que a SEDUC de mais apoio as escolas nas questões legais;

Aquisição de materiais para subsidiar a prática do educador?

BOM

Pontos positivos:

Com a Verbas do PDE dá-se para adquirir muito material pedagógico,



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Pontos frágeis:

Os recursos financeiros não são suficientes para atender toda a demanda com boa qualidade;

O que fazer para melhorar?

Que seja destinado maior recursos para a Educação;

Patrimônio escolar

Qualidade do levantamento, registro e organização do patrimônio?

BOM

Pontos positivos:

Verificar realmente quais são os bens da escola;

Pontos frágeis:

Ter um almoxarifado adequado para guardar os equipamentos da escola;

O que fazer para melhorar?

Conservar o barracão da obra da Reforma da escola, dando a ele melhor condições de segurança para guardar os objetos da escola;

Utilização e manutenção dos equipamentos e mobiliários da escola?

BOM

Pontos positivos:

Bom uso que se faz dos equipamentos e mobiliários da escola;

Pontos frágeis:

Quantidade insuficiente para atender toda a demanda da escola;

O que fazer para melhorar?

Adquirir mais equipamentos e mobiliário para a escola;

Utilização sustentável dos equipamentos e materiais presentes dentro da unidade escolar garantindo a possibilidade do reaproveitamento?

BOM

Pontos positivos:

Muitos móveis são reutilizados para o bom funcionamento da escola;

Pontos frágeis:

nem sempre a escola tem os recursos necessários para fazer o reaproveitamento de certos objetos escolares;
O que fazer para melhorar?

Desenvolver com aos alunos projetos para a reciclagem de materiais utilizados na escola; e incentivar mais os alunos a aproveitar aquilo que ainda possa ser utilizados;

Dimensão ambiente físico escolar

Estrutura física

Qualidade e utilização da estrutura física da escola (espaço recreativo, quantidade, arborização, etc.)?

BOM

Pontos positivos:

Reforma da escola;

Pontos frágeis:

falta de espaço físico para Articulação para trabalhar Apoio Pedagógico; Falta de um Parque Infantil; Um ginásio poliesportivo;

O que fazer para melhorar?

construção de um Ginásio Poliesportivo; melhorar a arborização; ter um parque infantil; sala de jogos, cultivar plantas e canteiro de jardinagem;

Organização e estado de conservação dos espaços da escola (salas, laboratórios de informática e de Ciências, quadras, biblioteca, refeitórios, banheiros, etc.)?

BOM

Pontos positivos:

alguns espaços mencionados todos reformados;

Pontos frágeis:



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

falta de uma quadra própria para desenvolver as aulas de Educação Física e as atividades do Projeto Mais Educação; Falta de responsabilidade de muitos na conservação do prédio recém-reformado;

O que fazer para melhorar?

Construção de um Ginásio de Esportes; maior conscientização para a conservação do prédio escolar; equipar melhor a Biblioteca, o Laboratório, o Refeitório e as salas de aulas;

Na organização e estrutura do espaço, são contemplados os aspectos culturais e sociais do local?

BOM

Pontos positivos:

Há participação da comunidade local nos Eventos escolares;

Pontos frágeis:

Pouco comprometimento dos responsáveis pelos educandos

O que fazer para melhorar?

Maior envolvimento entre Comunidade e Escola nos eventos culturais e projetos;

Equipamentos

Utilização dos equipamentos, materiais e recursos pedagógicos da escola?

BOM

Pontos positivos:

Os repasses das Verbas para a escola; O bom uso dos equipamentos pedagógicos e tecnológicos;

Pontos frágeis:

nem sempre os recursos são suficientes para toda a demanda;

O que fazer para melhorar?

Maior recursos financeiros para as escolas;

Qualidade dos mobiliários e equipamentos da escola?

BOM

Pontos positivos:

Liberdade da escola em efetuar as compras de muitos materiais tanto permente como de consumo;

Pontos frágeis:

falta de recursos para suprir toda a necessidade da escola

O que fazer para melhorar?

Destinar mais recursos para as Unidade Escolares;

Quantidade dos mobiliários e equipamentos da escola?

BOM

Pontos positivos:

Boa quantidade de mobiliario para certas necessidades;

Pontos frágeis:

Para outras necessidades a quantidade já não é suficiente para todos;

O que fazer para melhorar?

que a SEDUC atendesse com mais rapidez as necessidades das escolas;

Organização dos mobiliários e equipamentos da escola?

BOM

Pontos positivos:

Responsabilidade dos gestores em cuidar bem dos materiais da escola;

Pontos frágeis:

Nem sempre há lugares adequados para guardar os equipamentos e outros materiais;

O que fazer para melhorar?

Construir almoraxifados e adquirir mais armários

Controle dos mobiliários e equipamentos da escola?

BOM

Pontos positivos:

Muitos são conservados e muitos mobiliarios novos.

Pontos frágeis:



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

insuficiência de espaços para armazenamento dos equipamentos

O que fazer para melhorar?

construir almoxarifados, e ter mais mobiliários

Conservação dos mobiliários e equipamentos da escola?

BOM

Pontos positivos:

muitos estão bem conservados

Pontos frágeis:

Muitos mobiliários estão com defeitos,

O que fazer para melhorar?

Consertar aqueles que precisam ser consertados e adquirir outros novos

Reutilização dos equipamentos, mobiliários e recursos pedagógicos da escola?

BOM

Pontos positivos:

preocupação do pessoal em aproveitar bem os recursos enquanto é possível

Pontos frágeis:

falta de um planejamento para aproveitar melhor os recursos que temos

O que fazer para melhorar?

fazer um bom planejamento com toda a equipe escolar e até mesmo com as famílias dos alunos para melhor aproveitar os recursos da que a escola oferece

Tecnologias de Informação e Comunicação

Qualidade dos serviços e equipamentos de informação e comunicação na escola?

BOM

Pontos positivos:

Que viabilizam com maior velocidade as informações;

Pontos frágeis:

Quantidade insuficiente para atender a demanda

O que fazer para melhorar?

Maior comprometimento dos governantes na implantação/implementação de equipamentos que vem de encontro a necessidade da instituição escolar.

Qualidade do acervo de informações e comunicação?

BOM

Pontos positivos:

Facilitam a informação e disseminação do conhecimento científico.

Pontos frágeis:

quantidade insuficiente para atender a demanda;

O que fazer para melhorar?

Ampliar e atualizar o acervo a respeito das informações;

Acessibilidade aos meios de informação e comunicação na escola pela comunidade escolar?

BOM

Pontos positivos:

Os murais da escola, as reuniões administrativas,

Pontos frágeis:

Nem todos verificam as informações expostas nos murais todos os dias;

O que fazer para melhorar?

Usar melhor os espaços de informação; conscientizar o pessoal pra observar mais o quadro de recados; desenvolver na escola um jornalzinho;

Síntese do Diagnóstico

PAINEL DE INDICADORES

PLANEJAMENTO



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Validar Planejamento

Plano de Demanda

Tipo de Demanda: AQUISIÇÃO DE MOBILIÁRIOS			
Ação: Aquisição de carteiras escolares			
Objetivo:			
Material/Equip.:	CONJUNTO ESCOLAR NOVO	Qtde.:	60,00
Tipo de Demanda: AQUISIÇÃO DE MOBILIÁRIOS			
Ação: instalação de ar condicionado			
Objetivo:			
Material/Equip.:	INSTALACAO DE AR CONDICIONADO SPLIT	Qtde.:	38,00
Tipo de Demanda: SERVIÇOS DE REFORMA, AMPLIAÇÃO DA UNIDADE ESCOLAR			
Ação: construção de almoxarifado			
Objetivo:			
construção de um almoxarifado para acomodar materias da unidade escolar como carteiras, instrumentos da fanfarra, cortador de grama entre outros.			
Material/Equip.:	SERVIÇO DE PEDREIRO	Qtde.:	1,00
Tipo de Demanda: SERVIÇOS DE REFORMA, AMPLIAÇÃO DA UNIDADE ESCOLAR			
Ação: Construção de Quadra Poliesportiva coberta			
Objetivo:			
a quadra que a escola possui esta em péssimas condições de uso por ser descoberta e sua conservação pela unidade está inviável.			
Material/Equip.:	SERVIÇO DE PEDREIRO	Qtde.:	1,00
Tipo de Demanda: AQUISIÇÃO DE MOBILIÁRIOS			
Ação: AQUISIÇÃO DE APARELHO DE AR CONDICIONADO			
Objetivo:			
os aparelhos devem ser 220 volts			
Material/Equip.:	AR CONDICIONADO 24.000 BTU'S - SPLIT	Qtde.:	38,00
Tipo de Demanda: AQUISIÇÃO DE MOBILIÁRIOS			
Ação: ADQUIRIR ARMÁRIO PARA COZINHA			
Objetivo:			
Material/Equip.:	ARMARIO P/ COZINHA	Qtde.:	10,00
Tipo de Demanda: AQUISIÇÃO DE MOBILIÁRIOS			
Ação: adquirir armario para sala de aula			
Objetivo:			
com a reforma, os armarios das salas de aula foram descartados			
Material/Equip.:	ARMARIO DE AÇO	Qtde.:	16,00
Tipo de Demanda: AQUISIÇÃO DE MOBILIÁRIOS			
Ação: adquirir cadeiras estofadas para sala de video			
Objetivo:			
Material/Equip.:	CADEIRA FIXA SEM BRAÇO	Qtde.:	30,00
Tipo de Demanda: AQUISIÇÃO DE MOBILIÁRIOS			
Ação: MESAS GRANDES COM CADEIRAS PARA LEITURA NA BIBLIOTECA.			
Objetivo:			
Material/Equip.:	AQUISIÇÃO DE MESA	Qtde.:	4,00
Tipo de Demanda: AQUISIÇÃO DE MOBILIÁRIOS			
Ação: Mesa para sala dos professores			
Objetivo:			
Material/Equip.:	MESA DE REUNIÃO	Qtde.:	3,00

Plano de Ações



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Ação: FORTALECIMENTO DA GESTÃO ESCOLAR E DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Objetivo:

MELHORAR OS ÍNDICES NO PROCESSO APRENDIZAGEM E CONSEQUENTEMENTE A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO.

Procedimento: Aquisição de Material Pedagógico

Responsável: Maria José da Silva

Período: 01/01/2013

à 31/12/2013

Gera Custo?

SIM

Tipo de Despesa: MATERIAL PEDAGÓGICO

CUSTEIO

Programa/Projeto:

Origem de Recurso: PDE - SEDUC

Valor:

9.810,00

Procedimento: Aquisição de Material de Expediente

Responsável: Cláudio Rezer

Período: 01/01/2013

à 31/12/2013

Gera Custo?

SIM

Tipo de Despesa: MATERIAL DE EXPEDIENTE

CUSTEIO

Programa/Projeto:

Origem de Recurso: PDE - SEDUC

Valor:

4.527,16

Procedimento: AQUISIÇÃO DE COMPUTADOR

Responsável: Márcia Silvério Salles

Período: 01/07/2013

à 31/12/2013

Gera Custo?

SIM

Tipo de Despesa: EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA

CAPITAL

Programa/Projeto:

Origem de Recurso: PDE - SEDUC

Valor:

1.569,40

Procedimento: Aquisição de material de limpeza

Responsável: Antonia de Souza Silveria

Período: 01/01/2013

à 31/12/2013

Gera Custo?

SIM

Tipo de Despesa: MATERIAL DE LIMPEZA

CUSTEIO

Programa/Projeto:

Origem de Recurso: PDE - SEDUC

Valor:

4.042,20

Procedimento: Adquirir recarga de gás 13k

Responsável: Cláudio Rezer

Período: 01/01/2013

à 31/12/2013

Gera Custo?

SIM

Tipo de Despesa: COMBUSTÍVEL

CUSTEIO

Programa/Projeto:

Origem de Recurso: PDE - SEDUC

Valor:

1.375,00

Procedimento: Aquisição de painéis de alumínio para cozinha

Responsável: Vera Lucia Rodrigues Pinto

Período: 01/07/2013

à 31/12/2013

Gera Custo?

SIM

Tipo de Despesa: MÁQUINAS UTENSÍLIOS E EQUIPAMENTOS DIVERSOS

CAPITAL

Programa/Projeto:

Origem de Recurso: PDE - SEDUC

Valor:

579,80

Procedimento: AQUISIÇÃO DE PRATELEIRAS PARA BIBLIOTECA

Responsável: Márcia Silvério Salles

Período: 01/01/2013

à 30/06/2013

Gera Custo?

SIM

Tipo de Despesa: MOBILIÁRIO EM GERAL

CAPITAL

Programa/Projeto:

Origem de Recurso: PDE - SEDUC

Valor:

1.961,10

Procedimento: Adquirir mesa de ping-pong

Responsável: Antonio Marcos de Almeida Pessoa

Período: 01/01/2013

à 30/06/2013

Gera Custo?

SIM

Tipo de Despesa: MOBILIÁRIO EM GERAL

CAPITAL

Programa/Projeto:

Origem de Recurso: PDE - SEDUC

Valor:

1.290,00

Procedimento: Aquisição material instalação bebedouro

Responsável: Márcia Silvério Salles

Período: 01/01/2013

à 30/06/2013

Gera Custo?

SIM

Tipo de Despesa: MANUTENÇÃO DE ESTRUTURA FÍSICA

CUSTEIO

Programa/Projeto:

Origem de Recurso: PDE - SEDUC

Valor:

1.500,00

Procedimento: ADQUIRIR MATERIAL PERMANENTE

Responsável: MARCIA

Período: 01/01/2013

à 31/12/2013

Gera Custo?

SIM

Tipo de Despesa: MOBILIÁRIO EM GERAL

CAPITAL

Programa/Projeto:

Origem de Recurso: PDE - SEDUC

Valor:

2.442,61



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Procedimento:	Adquirir um kit de manutenção elétrica			Gera Custo?	SIM
Responsável:	Márcia Silvério Salles	Período:	01/01/2013 à 30/06/2013		
Tipo de Despesa:	MATERIAL ELÉTRICO			CUSTEIO	
Programa/Projeto:					
Origem de Recurso:	PDE - SEDUC			Valor:	1.024,00
Procedimento:	AQUISIÇÃO DE JOGOS PEDAGÓGICOS			Gera Custo?	SIM
Responsável:	Maria José da Silva	Período:	01/01/2013 à 31/12/2013		
Tipo de Despesa:	MATERIAL PEDAGÓGICO			CUSTEIO	
Programa/Projeto:					
Origem de Recurso:	PDE - SEDUC			Valor:	3.248,24
Procedimento:	Adquirir máquina de lavar tipo tanquinho			Gera Custo?	SIM
Responsável:	Marlene	Período:	01/07/2013 à 31/12/2013		
Tipo de Despesa:	MÁQUINAS, UTENSÍLIOS E EQUIPAMENTOS DIVERSOS			CAPITAL	
Programa/Projeto:					
Origem de Recurso:	PDE - SEDUC			Valor:	407,80
Procedimento:	contratar serviços de limpeza da caixa de água e dedetização da unidade escolar			Gera Custo?	SIM
Responsável:	Cláudio Rezer	Período:	01/07/2013 à 31/12/2013		
Tipo de Despesa:	MANUTENÇÃO DE ESTRUTURA FÍSICA			CUSTEIO	
Programa/Projeto:					
Origem de Recurso:	PDE - SEDUC			Valor:	2.000,00
Procedimento:	Adquirir vidros para as janelas			Gera Custo?	SIM
Responsável:	Márcia Silvério Salles	Período:	01/01/2013 à 30/06/2013		
Tipo de Despesa:	MANUTENÇÃO DE ESTRUTURA FÍSICA			CUSTEIO	
Programa/Projeto:					
Origem de Recurso:	PDE - SEDUC			Valor:	500,00
Procedimento:	Pagamento manutenção ar condicionado split			Gera Custo?	SIM
Responsável:	Cláudio Rezer	Período:	01/01/2013 à 31/12/2013		
Tipo de Despesa:	MANUTENÇÃO DE ESTRUTURA FÍSICA			CUSTEIO	
Programa/Projeto:					
Origem de Recurso:	PDE - SEDUC			Valor:	1.200,00
Procedimento:	Pagar serviços de recarga de tonners			Gera Custo?	SIM
Responsável:	Cláudio Rezer	Período:	01/01/2013 à 31/12/2013		
Tipo de Despesa:	MATERIAL DE EXPEDIENTE			CUSTEIO	
Programa/Projeto:					
Origem de Recurso:	PDE - SEDUC			Valor:	1.500,00
Procedimento:	ADQUIRIR UNIFORMES PARA NUTRIÇÃO ESCOLAR			Gera Custo?	SIM
Responsável:	Vera Lúcia P. Rodrigues	Período:	01/01/2013 à 30/06/2013		
Tipo de Despesa:	UNIFORMES			CUSTEIO	
Programa/Projeto:					
Origem de Recurso:	PDE - SEDUC			Valor:	800,00
Procedimento:	Desenvolver Projeto de Leitura com todos os alunos.			Gera Custo?	NÃO
Responsável:	Alessandra Lens	Período:	01/01/2013 à 31/12/2013		
Tipo de Despesa:				CUSTEIO	
Programa/Projeto:					
Origem de Recurso:				Valor:	0,00
Procedimento:	Dar continuidade ao Projeto Horta			Gera Custo?	NÃO
Responsável:	Carlos Tanassof	Período:	01/01/2013 à 31/12/2013		
Tipo de Despesa:				CUSTEIO	
Programa/Projeto:					
Origem de Recurso:				Valor:	0,00
Procedimento:	AQUISIÇÃO MATERIAL P/ MANUTENÇÃO INFRA ESTRUTURA			Gera Custo?	SIM
Responsável:	Márcia Silvério Salles	Período:	01/01/2013 à 30/06/2013		
Tipo de Despesa:	MANUTENÇÃO DE ESTRUTURA FÍSICA			CUSTEIO	
Programa/Projeto:					
Origem de Recurso:	PDE - SEDUC			Valor:	1.000,00

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

[illegible]



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA ADJUNTA DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
PPP - ESCOLA 2013

RELATÓRIO PARA SIMPLES CONFERÊNCIA

Procedimento: PROJETO ALUNO RECEPCIONISTA				
Responsável: José Batista de Oliveira		Período: 01/01/2013	à 31/12/2013	Gera Custo? NÃO
Tipo de Despesa:			CUSTEIO	
Programa/Projeto:				
Origem de Recurso:			Valor:	0,00
Procedimento: ADQUIRIR LIVROS PARADIDÁTICOS DIVERSOS DE LITERATURA INFANTO JUVENIL				
Responsável: Magali Correia de Lima		Período: 01/01/2013	à 30/06/2013	Gera Custo? SIM
Tipo de Despesa: MATERIAL PEDAGÓGICO			CUSTEIO	
Programa/Projeto:				
Origem de Recurso: PDE - SEDUC			Valor:	2.549,00
Procedimento: ADQUIRIR UM ARMÁRIO GAVETEIRO E UM PARA GUARDAR DVD				
Responsável: Claudio Rezer		Período: 01/01/2013	à 30/06/2013	Gera Custo? SIM
Tipo de Despesa: MOBILIÁRIO EM GERAL			CAPITAL	
Programa/Projeto:				
Origem de Recurso: PDE - SEDUC			Valor:	1.700,00

Previsão de Receitas

Origem de Recurso: PDE - SEDUC	Custeio:	53.949,60	Capital:	28.756,71
SUBTOTAL:		Custeio:	53.949,60	Capital: 28.756,71
TOTAL:				82.706,31

CONSULTA PLANEJAMENTO

ORIGEM DE RECURSO	RECEITAS PREVISTAS		DESPESAS PLANEJADAS		SALDO DE PLANEJAMENTO	
	Custeio	Capital	Custeio	Capital	Custeio	Capital
PDE - SEDUC	53.949,60	28.756,71	53.949,60	28.756,71	0,00	0,00
TOTAL:	53.949,60	28.756,71	53.949,60	28.756,71	0,00	0,00

ANEXOS

Cód. Formador	Descrição Arquivo	Tipo Arquivo
----------------------	--------------------------	---------------------

FINALIZAÇÃO PPP

